

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA

HUGO FARIAS DE SOUSA

A expansão da fronteira de colonização nos Estados Unidos e na Argentina do século XIX; Uma reflexão comparada sob a ótica da narrativa literária.

RIO DE JANEIRO

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA

A expansão da fronteira de colonização nos Estados Unidos e na Argentina do século XIX; Uma reflexão comparada sob a ótica da narrativa literária.

Hugo Farias de Sousa

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGHC/UFRJ, na Linha de Pesquisa Poder e discurso, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História Comparada.

Orientador: Prof. Dr. José Costa D'assunção Barros

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

F696e Farias de Sousa, Hugo
A expansão da fronteira de colonização nos Estados Unidos e na Argentina do século XIX; Uma reflexão comparada sob a ótica da narrativa literária. / Hugo Farias de Sousa. -- Rio de Janeiro, 2024.
193 f.

Orientador: José D'Assunção de Barros.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós Graduação em História Comparada, 2024.

1. História. 2. Literatura. 3. Século XIX. 4. Estados Unidos da América. 5. Argentina. I. D'Assunção de Barros, José , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

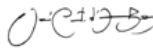
HUGO FARIAS DE SOUSA

A expansão da fronteira de colonização nos Estados Unidos e na Argentina do
século XIX; Uma reflexão comparada sob a ótica da narrativa literária

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Comparada no
Instituto de História da UFRJ, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
História Comparada.

Data da provação: 08 de ABRIL de 2024.

Banca examinadora

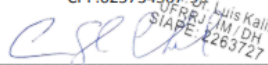


Orientador(a): Prof. Dr. José Costa d'Assunção Barros (PPGHC/UFRJ)
CPF: 785.299.477-34

Documento assinado digitalmente
gov.br FERNANDO LUIZ VALE CASTRO
Data: 12/06/2024 17:00:15-0300
Verifique em <https://validar.jl.gov.br>

Prof. Dr. Fernando Luiz Vale Castro (PPGHC/UFRJ)

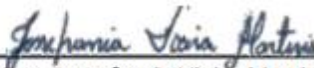
CPF: 025734367-99



UFRJ: LM/DH
SIAPE: 2263727

Prof. Dr. Luis Guilherme Assis Kalil (UFRJ)

CPF: 31999057813



Profa. Dra. Josssefrania Vieira Martins (IFRN)

CPF: 05843831426



Profa. Dra. Danieli Machado Bezerra (UFF)

CPF: 05843831426

Suplente

Prof. Dr. Vitor Andrade de Melo (UFRJ)

Agradecimentos

Agradeço a meu orientador José D'Assunção Barros e a Professora Doutora Débora El Jackie, por todo apoio, conselhos, compreensão e correção, sem isso não poderia chegar a realização desta tese. Agradeço ao PPGHC/UFRJ pelas disciplinas oferecidas, eventos e toda estrutura para pesquisa. Agradeço ao setor administrativo do PPGHC/UFRJ, por todo trabalho e orientação sobre a organização de tudo relacionado a tese e pesquisa. Deixo um agradecimento aos meus familiares, amigos e em especial dedico a força para a realização desta pesquisa e principalmente, para sua finalização, a minha filha Aurora, que veio para renascer a esperança no trabalho e na vida.

Resumo

SOUSA, Hugo Farias. **A expansão da fronteira de colonização nos Estados Unidos e na Argentina do século XIX**; Uma reflexão comparada sob a ótica da narrativa literária. Tese (Doutorado em História Comparada)- Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A proposta deste trabalho é fazer uma reflexão comparada das experiências de Argentina e Estados Unidos em relação à expansão territorial que estes países tiveram durante o século XIX. Para tanto, vamos analisar as similaridades e as diferenças das duas vivências em busca de entender os contextos aos quais estavam ligadas e principalmente aos projetos de construção de nações. Estas experiências serão observadas, além das lentes de seus contextos históricos, mas também pela ótica da narrativa literária. Entendemos que a literatura pode ter influência significativa para justificar e legitimar aspectos destas expansões territoriais, sendo assim se torna fundamental observar a construção dos discursos literários e refletir sobre as ligações que podemos realizar através deles. Para este estudo vamos analisar as obras *“Facundo: Civilização e Barbárie”* de Domingos Faustino Sarmiento que foca na experiência argentina e a obra *“The Last of The Mohicans”* de James Fernimore Cooper, que foca na experiência estadunidense. Estas serão as obras principais em que vamos focar, mas podemos trazer contribuições de outras obras que consideramos importantes e que tragam contribuições importantes para o desenvolvimento do trabalho proposto na tese.

Palavras-chave: Literatura; Expansão territorial; Memória; Narrativa; Imaginários.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 LITERATURA E HISTÓRIA; ENTRE MEMÓRIA, TEMPORALIDADE, DISPUTAS DE PODER E PÓS-COLONIALIDADE.....	15
3 A LITERATURA NA EXPERIÊNCIA DA EXPANSÃO TERRITORIAL DOS EUA E ARGENTINA DURANTE O SÉCULO XIX; A EXPERIMENTAÇÃO DA COMPARAÇÃO COMO MÉTODO DE ANÁLISE.....	33
3.1-O TERRITÓRIO, A LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA.....	45
3.2 FACUNDO E O PROJETO DE NAÇÃO DA ARGENTINA.....	56
4 A EXPERIÊNCIA DA EXPANSÃO TERRITORIAL DA ARGENTINA NO SÉCULO XIX.....	76
4.1CIRCULAÇÃO DE IDEIAS ;OS VIAJANTES BRITÂNICOS.....	81
4.2-A CENTRALIZAÇÃO POLÍTICA E A CONQUISTA DOS PAMPAS.....	95
4.3-A GUERRA DO PARAGUAI E A LEGITIMAÇÃO DOS LIBERAIS NO PODER NA ARGENTINA.....	99
4.4-OS INDÍGENAS E A UNIÃO PELA EXISTÊNCIA.....	103
5 A EXPANSÃO TERRITORIAL DOS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XIX E O ENCONTRO COM OS POVOS NATIVOS.....	114

5.1 A EXPANSÃO TERRITORIAL E O IMAGINÁRIO DE UMA TERRA DE OPORTUNIDADES; PARA QUEM?.....	127
5.2 OS NATIVOS E A EXPANSÃO TERRITORIAL.....	136
6 OS LIMITES DOS AUTORES E A QUESTÃO PÓS-COLONIAL/DECOLONIAL.....	143
6.1 DOMINGOS FAUSTINO SARMIENTO SUA FORMAÇÃO E LUGAR SOCIAL.....	144
6.1.1 DOMINGOS FAUSTINO SARMIENTO.....	145
6.1.2 PEQUENA REFLEXÃO SOBRE OS ESTUDOS PÓS COLONIAIS E SUA APLICAÇÃO PARA ANÁLISE DA OBRA ‘FACUNDO; CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE’ COMO FONTE DE PESQUISA.....	154
6.2 JAMES FERNIMORE COOPER E THE LAST OF THE MOHICANS.....	160
6.2.1 JAMES FERNIMORE COOPER	151
6.2.2 PEQUENA REFLEXÃO SOBRE OS ESTUDOS PÓS COLONIAIS E SUA APLICAÇÃO PARA ANÁLISE DA OBRA ‘THE LAST OF THE MOHICANS’ COMO FONTE DE PESQUISA.....	168
7 DESDOBRAMENTOS FUTUROS	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
FONTES.....	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	186

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01.....176

Dedico este trabalho à minha filha Aurora. Ser seu pai mudou completamente a minha visão sobre a vida. Obrigado por me salvar.

1 Introdução:

Durante a pesquisa historiográfica podemos nos deparar com diversos desafios que as marcas históricas deixaram em nossas sociedades. Analisando o tema desta pesquisa podemos observar os imaginários relacionados aos povos originários da América e aos territórios em que viviam, assim como para com os modos de vida que quase sempre ficam associados ao primitivo e não civilizado, ou seja, ao que deve ser ultrapassado.

Esta forma de observação fica ligada à colonização dos espaços antes intocados pelos povos brancos europeus, que a partir da colonização destes espaços os modificam geograficamente, economicamente, socialmente e culturalmente. Esta modificação e disputa do uso destas terras e dos projetos associados ao futuro delas, vai além dos limites das independências das nações que se formam no continente e a exploração destas terras está associada a várias experiências que afetam direta ou indiretamente a constituição de parte das relações globais contemporâneas.

A proposta deste trabalho é fazer uma reflexão comparada das experiências de Argentina e Estados Unidos em relação à expansão territorial que estes países tiveram durante o século XIX. Para tanto, vamos analisar as similaridades e as diferenças das duas vivências em busca de entender os contextos aos quais estavam ligadas e principalmente aos projetos de construção de nações. Estas experiências serão observadas, além das lentes de seus contextos históricos, mas também pela ótica da narrativa literária. Entendemos que a literatura pode ter influência significativa para justificar e legitimar aspectos destas expansões territoriais, sendo assim se torna fundamental observar a construção dos discursos literários e refletir sobre as ligações que podemos realizar através deles. Para este estudo vamos analisar as obras *“Facundo: Civilização e Barbárie”* de Domingos Faustino Sarmiento que foca na experiência argentina e a obra *“The Last of The Mohicans”* de James Fernimore Cooper, que foca na experiência estadunidense. Estas serão as obras principais em que vamos focar, mas podemos trazer contribuições de outras obras que consideramos importantes e que tragam contribuições importantes para o desenvolvimento do trabalho proposto nesta tese. Em face ao exposto, cabe agora apresentar o que vamos encontrar em cada capítulo da tese.

No capítulo *“Literatura e História; Entre Memória, temporalidade, disputas de poder e decolonialidade”*, buscamos fazer uma breve discussão sobre os aspectos relacionados à disputa da construção da narrativa da memória em uma sociedade, observando e refletindo

sobre o uso destes discursos em relação ao poder e suas relações dentro da sociedade. Além disso, buscamos introduzir uma reflexão sobre o pensamento colonial/Pós colonial em relação a construção de discursos que passam, em nossa pesquisa, pela narrativa literária. Neste capítulo vamos debater ideias de autores como Tzvetan Todorov (1991), em suas reflexões sobre a construção da narrativa literária e suas ideias sobre a relação da ficção e da verdade, com sistemas de identificação presentes no texto que podem indicar ações no real, e apresentar um novo real, que pode ter mais força que o real concreto. Desta forma buscamos refletir sobre os imaginários e a força da literatura em ações concretas nas sociedades. Para esta discussão, observando as questões de representação vamos agregar autores como Pesavento (2006) e Paul Ricoeur (1982) por exemplo. Além destas discussões vamos observar questões da construção da Hegemonia baseados nas ideias de Raymond Williams (1980), que se relacionam com tudo trabalhado nesta pesquisa, como na formação dos imaginários, que temos como referências Anderson (1983). Além disso, neste capítulo vamos começar a traçar algumas possibilidades, ou não, do uso de reflexões Pós coloniais/ Decoloniais para a nossa pesquisa, utilizando autores como Ballestrini (2013), Quijano (2005) e Spivak (2010).

No capítulo “*A literatura na experiência da expansão territorial dos EUA e Argentina durante o século XIX; A experimentação da comparação como método de análise*”, temos a intenção de observar a expansão territorial valorizando a ótica dos textos literários que tratam sobre o assunto, tanto na Argentina quanto nos Estados Unidos. A proposta aqui é comparar as semelhanças e diferenças dos dois processos, e observar se há qualquer interação, influência ou troca entre as duas experiências. Temos em ambos os processos, figuras e imagens criadas que são muito interessantes para todo o estudo, principalmente o encontro com os nativos que viviam nas terras que foram colonizadas e anexadas aos projetos nacionais que estes dois países vivenciaram durante o século XIX.

No capítulo “*A experiência da expansão territorial da Argentina no século XIX*”, vamos apresentar um panorama do contexto histórico, social e cultural da Argentina do século XIX, apresentando os grupos que estavam em disputa de poder para aplicação do projeto de nação para a sociedade. A reflexão sobre isso será feita observando a expansão territorial, principalmente em direção aos Pampas, onde vamos ter o encontro com nativos e embate pela colonização destas terras, assim como as consequências dessa expansão territorial. Neste capítulo vamos nos basear em trabalhos e reflexões importantes como as de Passetii (2010), e de observação de legislação e criação do Estado Argentino durante o século XIX, pensando sempre na relação estabelecida com os povos nativos, principalmente dos Pampas.

No capítulo “*A expansão territorial dos Estados Unidos no século XIX e o encontro com os povos nativos*” temos um trabalho dedicado à análise do processo de expansão territorial dos Estados Unidos durante o século XIX. Da mesma forma como foi feito para a Argentina, buscamos observar as disputas de poder, o imaginário criado a esta experiência e os encontros com os povos nativos que estavam nas terras do Oeste, figuras centrais no processo de colonização e aumento territorial durante o século XIX. Este trabalho terá como base de reflexão trabalhos como os de Smith(1950) e Limerick (1988), que tratam sobre a expansão territorial e a ocupação das terras do Oeste, observando também os povos nativos presentes nestas regiões.

No capítulo “*Os limites dos autores e a questão pós-colonial/decolonial*” estudamos as possibilidades de reflexão das obras literárias utilizadas como fontes, a partir da ótica dos estudos pós-coloniais e decoloniais. Vamos observar autores como Spivak (2010) e Quijano (2005), para tentar perceber os limites que o ambiente literário, a formação e constituição social e histórica dos autores têm para nos permitir ou não esta possibilidade de análise das obras.

No capítulo “*Desdobramentos futuros*” trabalhamos as ideias e reflexões sobre a comparação das duas experiências. Neste ponto, temos a percepção das utilizações das obras literárias em cada experiência, assim como as trocas e influências que eles têm sobre o meio. Neste ponto, vamos tratar mais das possibilidades que encontros culturais podem exercer sobre direções sociais futuras. Sendo assim, temos variadas possibilidades de reflexão que vão trazer a necessidade de analisar mais a fundo o que pode vir a ser um encontro cultural.

Desta forma, devemos analisar os imaginários criados a respeito das terras, dos seus habitantes e daqueles que se aventuravam vivendo nos limites desses territórios. Isto é parte importante para se refletir nesta pesquisa. Para tanto, vamos utilizar a comparação, e pensar este método de análise com um enfoque de uma História Comparada que se centre nas especificidades culturais. O historiador belga **Marcel Detienne** apresenta algumas ideias sobre a comparação como um possível campo de experimentação, onde podemos retirar hierarquias culturais e pensar múltiplas perspectivas para a análise.

O método comparativo, deste ponto de vista, pode proporcionar uma abordagem que incita o questionamento e que pode nos trazer novas experiências. As questões do passado, que podem ser inúmeras, nos mostram que podemos estar a frente de objetos férteis, que podem apresentar interpretações complexas se permitirmos, por nossa análise, observar isto. É possível que estejamos impregnados dos métodos de fazer história ocidental, que segundo as

ideias de Detienne pode padronizar, o que retira a oportunidade de interpretações mais complexas, não valorizando a memória das sociedades e povos que estão à margem.

Além desta possibilidade de análise, vamos valorizar alguns conceitos e buscar a sua aplicação em nossa análise. conceitos estes como Memória de Catroga(2001), onde temos a memória como o resultado de uma disputa entre grupos de poder, ou conceitos como Comunidades Imaginadas de Anderson (1983), para a observação dos imaginários criados em relação às experiências e sua relação com as obras literárias selecionadas para o nosso trabalho comparativo. Outros conceitos que serão utilizados são os de Hegemonia de Willians (1980) e as questões de verdade e ficção de Todorov (1991), além de buscar observar uma pequena análise sobre os encontros sociais baseada em reflexões próprias do autor desta tese.

2 Literatura e História; Entre Memória, temporalidade, disputas de poder e Decolonialidade/Pós-Colonialidade.

A relação da Literatura com a História é um dos pontos fundamentais desta pesquisa. Buscaremos observar as impressões, as criações, conexões com a realidade concreta e as integrações através de semelhanças e diferenças sobre a narrativa da Literatura e a narrativa da História. Seguindo esta diretriz, podemos buscar observar as questões acerca dos grupos e comunidades indígenas que viviam, durante o século XIX, nas terras que hoje conhecemos como pertencentes aos Estados Unidos da América, e os grupos e comunidades indígenas que viviam no mesmo período, porém no território que hoje pertence a Argentina. Essa observação visa traçar uma comparação entre esses dois países com foco nos habitantes dos territórios que estavam sendo conquistados e integrados a estas nações. Este foco vai dar atenção especial para a figura do indígena apresentado na narrativa literária dos dois países, que vivem um intenso período de expansão territorial durante o século XIX. Antes de entrar nas análises das obras literárias, acreditamos ser valioso estabelecer os critérios que iremos seguir para refletir sobre a Literatura ser figura de uso como fonte para esta pesquisa historiográfica.

Compreendemos que o primeiro passo para se discutir essa relação deva ser a reflexão sobre a relação da ficção com a verdade. Neste ponto, devemos nos atentar para o que apreciamos, que é a verossimilhança, não a verdade. Pois é algo próximo ao real, algo que se aproxima da realidade, que pode ser definido como a impressão da verdade ou real que o texto transmite ao leitor. Segundo Tzvetan Todorov (1991) no texto literário temos a impressão da verdade, do real, e não a própria realidade e a própria verdade. Esse, segundo Todorov, seria um sentimento comum a diversos autores modernos, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, o que se faz muito importante para a nossa reflexão.

Observando essas implicações sobre a narrativa histórica e a narrativa literária, podemos estabelecer que não há nenhum sinal textual que nos garanta a verdade do texto. Todorov (1991) busca refletir sobre algumas ideias de Platão, em que a figura da verdade, dos fatos e interpretações se mostram pertinentes para a nossa reflexão inicial sobre a relação da Literatura com a História. Segundo o autor, Platão afirma que em tribunais, os juízes lidam com discursos e versões, e nunca ou quase nunca com os fatos. Temos aqui uma produção de uma impressão da verdade concreta, que para Platão, era mais apreciada que a própria verdade. Por conta disso vemos, segundo ele, os sofistas com tanta importância, pois seriam

eles os mestres da eloquência. Desta forma, Platão não busca um elogio aos poetas, pois seriam estes as testemunhas do imaginário, sendo assim, recomenda a sua expulsão da cidade, pois entende que seria perigoso, talvez, dar mais valor a impressão da verdade do que observar a própria verdade concreta.

Todorov (1991) nos traz a ideia de que a modernidade vai conhecer uma outra forma de interpretar a relação entre ficção e verdade, de que elas não são indiscerníveis, mas que a ficção pode ser mais verdadeira do que a História. Temos aqui uma distinção mantida, mas que hierarquicamente é invertida. O romancista, que não tem superstição da palavra verdadeira, pode aceder a uma verdade superior, para além da verdade do pormenor. O romance permite ir além do factual, não deixa de lado o particular, sabe manter-se no pormenor. Aristóteles dizia que a poesia podia ser mais nobre e filosófica que a História. Desta maneira, podemos pensar na História como se recusando a um privilégio em relação à ficção.

Esta observação sobre a verdade pode nos apresentar duas maneiras para seu entendimento, segundo afirma o autor. Temos a verdade adequação e a verdade desvendamento. O primeiro admite como medida o tudo e o nada, já o segundo o mais e o menos. Desta forma podemos compreender o romancista enquadrado na segunda forma de se refletir sobre a verdade, mas mesmo assim não apresenta nenhuma lição para dar ao historiador quanto ao primeiro modo de entendimento da verdade. Mas essa distinção, para Todorov, não é suficiente, pois devemos nos atentar para a noção de que se o romancista só quer a verdade como desvendamento, o historiador não pode contentar-se com o simples estabelecimento de fatos incontestáveis.

Desta forma, Todorov afirma que o historiador está perante um dilema; Limitar-se aos fatos, inatacáveis, mas pouco eloquentes, ou procurar interpretá-los e então oferecer o flanco às críticas de seus pares. Acreditamos que são poucos os que se contentaram com o primeiro, mas ficamos com uma dúvida, que Todorov faz para atentar a nossa reflexão sobre a discussão de ficção e verdade, que seria como passar da primeira para a segunda noção de verdade? Para buscar qualquer resposta para a questão proposta, devemos pensar mais além, que se evitarmos a subordinação de um tipo de verdade ao outro, ou mesmo qualquer continuidade entre os dois, como faríamos para situá-los num quadro único?

Para tanto, o autor afirma que temos a necessidade de refletir mais profundamente sobre conceitos e a sua renovação a cada geração, sendo neste caso a análise sobre conceitos relacionados a imaginários, representação e o simbólico no estudo da cultura. Pois estes termos têm efeito sobre a escrita da História e a sua recepção, que estabelecem nos estudos sobre o imaginário uma abertura de portas para a recuperação das formas de ver, sentir e

expressar o real dos tempos passados. Temos que iniciar, refletindo sobre o imaginário representar o abstrato, o não visto, o não experimentado. Todorov (1991) nos traz a reflexão de que podemos encontrar um sistema de identificação, valorização e classificação do real, que pode ou não inspirar ações, sendo visto e entendido como um real mais real que o real concreto. Este sistema é reprodutor de imagens e ideias que suporta duas formas de apreensão do mundo: Racional e Conceitual, que forma o que nós entendemos como conhecimento científico.

Pensar essa ideia sobre o conceito de imaginário, nos traz a concepção de ter sua base de entendimento na representação, sendo um sistema representativo, se colocando no mundo sem se confundir com a realidade, mas tendo ela como referência. A autora Sandra Jatahy Pesavento (2006) tem a ideia de que temos apenas o pressuposto de que o real é construído pelo olhar enquanto significado, que permite que ele seja visualizado, vivenciado e sentido de forma diferente, no tempo e espaço. Isto pode nos levar a refletir sobre a sociedade ser como é enunciada, as significações são estabelecidas através do pensamento. Pesavento (2006) busca refletir na condição de que temos que estabelecer estratégias para ter acesso a esta espécie de mundo do imaginário, para que seja possível fazer uma reflexão da relação entre Literatura e História.

Para ajudar na compreensão destas definições, podemos buscar apoio nas afirmações de Jacques LeGoff, que nos apresenta os imaginários como construções sociais, ou seja, são construções históricas e datadas com especificidades, assumindo configurações e sentidos diferentes. Os imaginários tem uma força em sua capacidade de associar configurações mentais com especificidades de cada temporalidade, o que permite estabelecer um contato quase que particular com quem se debruça sobre a narrativa ficcional, encontrando nela aspectos quase individuais de seu cotidiano. Assim podemos afirmar que Literatura e História são tipos de narrativas que explicam o real, se renovam em seu tempo e espaço, em uma expressão dos homens através da linguagem, o mundo visto, sentido, vivido e o mundo não visto, não sentido e não vivido. Para Pesavento(2006), temos na Oralidade, na Escrita, na Imagem e na Música todas essas questões acerca da possibilidade de expressar o mundo pela linguagem. Para a autora, temos a necessidade de estabelecer algumas posturas epistemológicas que diluem fronteiras e que em parte, relativizam a dualidade verdade/ficção ou as oposições real e não real, ciência e arte. Pois temos que observar que são apenas duas formas de apreensão do mundo que se encontram face a face.

Sobre as especificidades da relação Literatura e História, podemos observar que ambas têm o real como referente para confirmá-lo ou negá-lo. Para a História Cultural a Literatura

não é igual a História, pois se entende que é um discurso privilegiado que possui acesso ao imaginário das diferentes épocas e espaços. Temos uma espécie de utilização do não acontecido para ter acesso ao que aconteceu. Desta forma, podemos ver o uso da Literatura como fonte de pesquisa histórica, onde vamos buscar observar como o relato de um, pode servir como traço, rastro, indício, marca de historicidade, ser utilizado como uma fonte, enfim, para algo que aconteceu.

Pesavento (2006) utiliza alguns exemplos para falar sobre a Literatura, que nos mostram que personagens fictícios como Capitu, da obra Dom Casmurro de Machado de Assis, existiram como possibilidades, como perfis que retratam sensibilidades de um tempo e espaço. Temos o simbólico que expressam, não no acontecer da vida. Paul Ricoeur (1982) nos faz refletir sobre os fatos narrados na trama literária que existiram de fato para a voz do narrador. Esta figura é importante também na História, o narrador historiador tem tarefas narrativas a cumprir. Ele reúne dados, seleciona informações, nos convence estabelecendo relações, cruzamentos e conexões, para buscar estabelecer uma versão o mais próximo possível do real acontecido. O historiador não é um criador de personagens ou fatos, para Pesavento (2006) ele tem a capacidade de "descobrir", os retirando muitas vezes da invisibilidade. Temos como exemplo o negro assumindo um papel de ator e agente na História, assim com a mulher, o indígena e os mais diversos grupos entendidos como minorias.

Seguindo este caminho que buscamos traçar para observar a relação entre Literatura e História, podemos estabelecer alguns parâmetros sobre os aspectos do estudo das relações estruturais nas questões culturais, que são muito exploradas no uso da Literatura como fonte de pesquisa histórica. Isso se faz importante para a reflexão do que vamos chamar de superestrutura, no sentido de ser uma área unitária, dentro da qual as atividades culturais e ideológicas poderiam ser colocadas e pensadas. Temos aqui uma questão interessante da figura do indígena na literatura dos Estados Unidos da América e da Argentina durante o século XIX. Podemos destacar alguns questionamentos acerca disso, tais como o indígena é caracterizado nas obras literárias como *Facundo; Civilização e Barbárie* e *The Last of the Mohicans*? Que lugar têm as comunidades indígenas dentro das sociedades em construção nos dois exemplos? Como os interesses dos povos indígenas são retratados pela Literatura em relação ao contexto histórico e social vigente?

É importante visualizar como se relacionam as partes, como se moldam e constroem os imaginários sobre as comunidades indígenas. Além disso, podemos analisar isso que Raymond Williams (1980), e outros autores Marxistas, chamou de superestrutura, atuando e

pensando a nação em construção e a visão sobre os grupos indígenas que estão no caminho do avanço territorial.

Para se refletir estas relações, encontramos um chamado pensamento hegemônico, que se faz como um sistema central de práticas em qualquer sociedade e época. Sendo assim, os grupos indígenas nos Estados Unidos da América e na Argentina, estavam, no entendimento de quem planejou os projetos de nação, submetidos a esta hegemonia e não tinham seus interesses visualizados.

Um conceito interessante, que Willians (1980) nos apresenta, para refletir sobre as relações sociais e a questão da hegemonia é a Base. Este conceito se mostra importante nesse momento de nosso estudo, pois é um conceito que se liga a compreender as realidades do processo cultural. A base seria a existência social real do homem. Algumas relações reais das produções na sociedade correspondem a uma fase do desenvolvimento das forças produtivas materiais. É um modo de produção em um determinado estágio de seu desenvolvimento.

Outra questão importante para se avaliar a relação Literatura e História em seu contexto social específico em cada exemplo, é o conceito de Totalidade social. Quando pensamos em totalidade temos que observar que na teoria da cultura essa noção inclui a de intenção.

Essas intenções são importantes, pois nos deixam rastros e vestígios sobre como a organização de determinadas estruturas podem ser analisadas como intenções regidas por uma classe ou grupo dentro da sociedade. Esses conceitos são interessantes para essa reflexão, no tocante a observar a circulação de ideias e a realidade da dominação em relação a hegemonia, de um sistema central de práticas em qualquer sociedade e época. A hegemonia se relaciona com o sentido da realidade para a maior parte dos indivíduos na sociedade, pois se trata de uma espécie de realidade vivida, que abrange muitas áreas de suas vidas.

A questão da hegemonia tem relação quase que direta com a construção dos imaginários, pois se estabelece uma interação entre as intenções sociais e políticas com as ideias que se espalham socialmente sobre determinadas esferas e grupos. Para tanto podemos observar as ideias sobre imaginários e suas criações a partir da obra **“Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism”** (1983) de Benedict Anderson. Nesta obra o autor nos apresenta um estudo do Nacionalismo, do nacional como o fator de maior valor na legitimidade universal e na vida política de nossos tempos. Esta condição nacional, assim como os nacionalismos, seriam produtos culturais específicos. Seguindo este aspecto, temos a definição de nação como uma comunidade política imaginada. Esta comunidade imaginada seria intrinsecamente limitada e ,ao mesmo tempo, soberana.

Para ele, qualquer comunidade maior do que o contato face a face, é uma comunidade imaginada.

Um conjunto de fatores são importantes para se perceber esta trajetória para a formação desta comunidade imaginada. Com o Capitalismo Editorial temos uma nova ordem sendo instituída, juntamente com a queda dos reinos dinásticos. Segundo o autor, temos a imprensa na difusão de dados e informações. As grandes comunidades religiosas passam a estar mais decadentes, e frente a fatalidade humana temos uma continuidade de um aspecto nacional. Neste ponto temos a desintegração de um sistema cultural através de processos históricos de países diferentes. A força de um imaginário nacional tem relação também com os descobrimentos, no momento de crescimento do Estado Moderno, pois traz mudanças em relação a visão sobre o mundo ser mais do que as grandes comunidades religiosas

Para ele, os imaginários modificam a ideia de o que é um Estado. Neste caminho a territorialidade passa a ser importante na concepção temporal, bem marcada temporal e territorialmente. Se entende este conjunto nacional, como um organismo sociológico, um coletivo que é imaginado pelo tempo e pela ação humana dentro de um tempo homogêneo dos compatriotas. Para Anderson (1983), temos aqui a importância do Capitalismo midiático, que vai representar esse novo modo de pensamento. Podemos refletir sobre exemplos de romances, jornais e revistas, que teriam a função de reproduzir este novo imaginário, com características plurais, onde autores descrevem locais e características que busquem a noção de unidade. Além disso, as línguas vernáculas estimulam o nacionalismo, claro que devemos refletir cada caso e suas especificidades, mas devemos entender que as escolhas são feitas e estimuladas por este caminho, segundo afirma Anderson (1983). O território mais fixo e a fixidez na língua trazem sistematização e centralização para este Estado, fazendo com que a noção de homogeneidade seja amplamente aceita.

Seguindo esta linha de pensamento, devemos refletir sobre a observação de que na Argentina do XIX vamos encontrar uma produção de imagens para atender demandas, para suprir grupos e disputas de poder. Refletindo sobre a figura dos Pampas, vamos ter um território que não era considerado parte integrante dos limites ou possessões das províncias por uma lei de 1862. As viagens aos pampas eram para integrar e reconhecer, na intenção de tornar aquele enorme espaço vazio e desconhecido em um lugar. A integração começa por sua descrição e narração. No caso de Facundo, vamos ter sempre a oposição entre civilização e barbárie, cidade e campo, escrita e oralidade.

Facundo vem representar este conflito entre regiões, entre culturas antagônicas. Os espaços incivilizados, intocados na verdade pela modernização intensa que ocorre no

continente neste período. Existiam fronteiras inferiores que precisavam ser conquistadas pelos países em formação. Aqui a literatura acaba se voltando para estas regiões, em busca de respostas pela natureza do que seria o ser nacional, no caso analisado, o ser argentino.

Temos essa construção de imaginários argentinos no século XIX. A Pampa se divide entre a imagem do cativo que impugna o amor nacional em *La cautiva* de 1837 de Esteban Echeverría¹ e a ilimitada liberdade do gaúcho, cantador de *Martin Fierro* em 1872 de J. Hernández.² Entre esses imaginários se encontra o que obteve mais lugar e discussão no pensamento argentino no XIX, a condenação da extensão territorial de Sarmiento em *Facundo*, imagem que ajudará a definir políticas estatais para a região.

Neste ponto, vemos que o que seria chamado de civilizado é aquilo que está enquadrado dentro de uma visão de mundo. Podemos nomeá-lo de pensamento ocidental, que se encontra como o oposto a selvageria, ao incivilizado e sem razão, que estaria, por exemplo, ligado às terras dos Pampas e a tudo que habitava esta região, como os variados povos nativos.

A literatura contribui muito para a construção do que vai definir o que está neste lugar, que podemos entender como o vazio. Temos uma necessidade na sociedade argentina em formação, ligada a interesses econômicos e políticos, de dominar as terras dos Pampas. Desta forma, a construção de um espaço vazio para a dominação é importante. Segundo Passetti (2010), as conhecidas campanhas do deserto foram responsáveis por liberar mais de 550 mil km² para a pecuária, para a especulação imobiliária e para a imigração européia. A questão espacial, também é social e cultural, o deserto se torna importante para a legitimação de políticas para esta região.

Temos um exemplo interessante para refletir sobre o aspecto do deserto vazio que se faz nos imaginários, para legitimar a dominação e civilização de territórios. Em *Facundo* nos é apresentado a questão da travessia, que seria uma região de aspecto triste, desamparado entre San Luis e San Juan. Nesta região, já pertencente ao chamado deserto, haveria escassez, aridez, seria um lugar violento, perigoso, uma região onde a figura da morte se faria presente. Temos a presença do que chamam de tigre, que seria a metáfora do que na história pode nos representar bem a figura do aspecto do deserto, perigoso, que cria armadilhas, que nos machuca, e busca a nossa morte. Para que a Pampa estivesse livre, era necessário matar o tigre, assim a barbárie estaria fora e esta região poderia ser civilizada.

¹ Esteban Echeverría (1805 - 1851) foi um escritor argentino.

² José Hernández (1834 - 1886) foi um poeta, político e jornalista argentino, conhecido, principalmente, pelo livro *Martín Fierro*, considerado o livro pátrio da Argentina.

Esta pequena análise pode nos ligar a formação de um projeto nacional, de um plano de nação, que passa pelo controle político e econômico das regiões pampeanas. Essa força em direção a um projeto, vai de encontro com o que habita a Pampa, ligando isto a todos os imaginários acerca desta região, a apresentando como "vazia e deserta". Facundo vem no sentido de realizar essa travessia, sendo o sonho da razão fecundar a terra nova e construir uma nova realidade. Seria a cidade letrada e civilizada contra a barbárie, que se apresentaria como tempo sem escrita.

O indígena é quem habita esta região, seria quem estaria ligado a este vazio, a este deserto, sem racionalidade, impuro, agressivo, violento, que traria a morte. Assim, Sarmiento apresenta a figura do nativo, que estaria no caminho do progresso e da civilização, ou seja, deveria ser ultrapassado para que o projeto nacional pudesse ser efetivo. Estes indígenas e seus interesses eram um empecilho ao controle argentino sobre os Pampas. Estas figuras eram um incômodo aos que se entendiam como raça e civilização superiores. A transformação do indígena em bárbaro foi essencial para poder recorrer ao uso das armas, conquistando seus territórios e suas redes de comércio, além de impor dominação e poder. Havia aqui uma intenção de aniquilar fisicamente e culturalmente a existência das comunidades indígenas, e portanto, a figuração destes como selvagens, bárbaros, contrários ao projeto de civilização era fundamental para a legitimação das ações para com os indígenas, em prol de uma Argentina que se projetava ter.

A literatura, na experiência Argentina, tem um papel fundamental de expandir, legitimar ou divulgar o ideário a respeito do binômio civilização x barbárie, que faz parte do projeto político e ideológico liberal argentino no século XIX, principalmente depois da chegada dos Unitários³ ao poder. Raymond Williams (1980) nos faz entender que a literatura tem a capacidade de incorporar, ordenar e representar certos significados e valores, que tem uma contribuição efetiva para o projeto cultural dominante. Com os seus dispositivos de ficcionalização, a obra literária pode gerar a maior disseminação destes valores e significados. Esses valores e significados que são projetados para a nação Argentina em construção, podem ser aspectos inventados ou criados para que os interesses e existências contrárias não se sustentem por mais tempo.

A literatura, e a obra de arte em geral, não pode ser observada separada do processo social mais amplo, de onde responde, questiona, se inspira, transgredir e aplica significados em

³ Unitários era um partido político de tendência liberal, aliado à Grã-Bretanha, que defendia a necessidade de um governo centralizado nas Províncias Unidas do Rio da Prata, chamadas Províncias Unidas em Sud América na Declaração da Independência depois da denominada República Argentina, no século XIX.

sua prática. No caso de Facundo, temos uma ação política e ideológica, por parte de Sarmiento⁴, para que os interesses indígenas não sejam vistos, ou sequer sejam tomados como existentes, pelo simples fato de não possuírem civilidade e portanto, não possuir voz de igualdade para com a sociedade argentina que se pretende colocar em prática.

Temos uma ideia de nação sem a presença dos nativos do território, onde não há o pensamento em uso produtivo da terra, tradições culturais e ancestrais, mas um embate entre interesses políticos e econômicos com a transformação do nativo em bárbaro. Desta maneira seus interesses não estarão em discussão e serão apagados da História se possível. A figura que se constrói do indígena o aproxima de um ser sem vontade, sem um querer. Segundo Gabriel Passetti(2010), a historiografia argentina ajudou a dar continuidade e força a essa ideia. Historiadores como Marta Bechis afirmavam que os indígenas não possuíam interesses próprios, e que eram controlados por “tiranos”, como Juan Calfucurá foi definido. Desta forma se perpetua o discurso acerca de grupos indígenas e estes permanecem sem voz.

Segundo Passetti (2010), podemos entender que os interesses das comunidades indígenas eram perceptíveis, e temos diversos tratados, cartas e acordos feitos por Caciques com o governo argentino que nos apresentam isso. Todos estes tratados são explorados por pesquisas feitas por grande parte da historiografia argentina que trata deste tema, todavia Passetti (2010) afirma que o olhar para os interesses próprios dos grupos indígenas não é explorado e desenvolvido.

A figura do indígena na Literatura Argentina do século XIX que busca tratar deste tema, como em Facundo, vai nos levar a observar um ser sem vontade própria, inferior, por vezes selvagem, bárbaro e avesso à civilização e a modernidade, e que portanto, deveria ser aniquilado física e culturalmente, para que a nação, ou a ideia de nação Argentina projetada pelos liberais fosse colocada em prática e todo o território e suas riquezas fossem controladas pelo Estado Argentino centralizado. A figura do indígena apresentada desta forma, nos leva a determinadas intenções políticas e ideológicas acerca da construção da Argentina. Cabe a pesquisa historiográfica refletir a voz do nativo, o seu querer, seus interesses e como observar isso através de obras literárias como Facundo, para que esses interesses e as vozes destes grupos sejam compreendidos e analisados como ativos nas relações sociais estabelecidas em diferentes períodos e localidades.

Pensar na experiência dos Estados Unidos da América e fazer a relação do avanço territorial durante o século XIX e a construção de imaginários nas obras literárias como The

⁴ Domingo Faustino Sarmiento Albarracín (1811 - 1888) foi um jornalista, escritor e Presidente da Argentina.

Last of the Mohicans de James Fernimore Cooper ou The Adventures of Daniel Boone de John Filson, é refletir de forma semelhante, porém não igual, à reflexão sobre a Argentina. Nestas obras temos o indígena como um ser traiçoeiro, bárbaro, selvagem, sem civilidade e ligado a figuras entendidas como malignas na concepção cristã, como uma cobra, assim como aparece na obra sobre Daniel Boone. Devemos recordar que a cobra figura como um ser maligno que foi o responsável por convencer Eva a comer do fruto proibido no Paraíso, o que, segundo a mitologia cristã, resultou na expulsão de Adão e Eva do Paraíso por Deus. Sendo assim, temos uma visão religiosa, se unindo a preconceitos que fazem parte dos imaginários criados em relação aos grupos indígenas que viviam nos territórios que estavam no caminho do avanço da fronteira e colonização dos Estados Unidos da América durante o século XIX.

Além dessa imagem dos indígenas como bárbaros, malignos, traiçoeiros, temos também a figura de um ser sem querer próprio, sem palavras, que necessita ser tutelado ou superado. Pensando as questões da hegemonia podemos observar que eles estão no caminho dos interesses do Estado Americano em formação, e portanto indo contra a ideia que se faz ou quer se fazer hegemônica no sentido de ser Americano, no que se pretende projetar e praticar como cidadania nos Estados Unidos da América.

Pensando nesse sentido, é importante observar que a reflexão sobre a relação Literatura e História tem uma ligação que pode, em determinados casos, como o de Facundo e o projeto de nação Argentina, ter um cunho político e econômico muito forte. Sabemos que Sarmiento foi um político, opositor de Rosas no período de seu governo na Argentina. Sarmiento foi exilado no Chile e por fim acabou se tornando presidente da Argentina em uma ascensão dos unitários, ajudando a colocar em prática o projeto liberal para o país. Fazendo uma reflexão sobre o caso dos Estados Unidos e focando sobre as obras citadas anteriormente, podemos não ter uma ligação direta com ações políticas ou econômicas, mas uma linha de legitimação quase que direta com a cultura tida como hegemônica no país em formação durante o século XIX. Desta forma podemos pensar na reflexão sobre as obras literárias como fonte para a observação da figura dos grupos indígenas nas duas experiências propostas por esta pesquisa.

Existe uma relação dos imaginários criados sobre os grupos indígenas como o modo dominante, que segundo Raymond Willians (1980), funciona como um seleção consciente e organização do meio social e das concepções relacionadas à cultura em um determinado meio.

Willians (1980) nos faz refletir que não podemos separar a literatura e outras expressões artísticas do processo social geral. Ela não aparece de forma alguma apenas em setores emergentes. A maior parte da escrita literária em qualquer período é uma fonte de

contribuição para a cultura dominante efetiva. Pois como foi dito anteriormente, a Literatura tem a capacidade de incorporar e ordenar e representar certos significados e valores. Sendo assim, podemos refletir que ela vai atingir lugares e trazer sentimentos que outros discursos talvez não consigam. Para tanto, devemos buscar analisar que uma possibilidade interessante é romper com o isolamento do objeto, que segundo Willians (1980) vai nos levar a descobrir seus componentes, a natureza de determinadas práticas e suas condições, que podem nos levar a observação da realidade das práticas.

Essa relação da condição da Literatura com a História que quer se contar sobre um território e seu povo, como nos casos de Argentina e Estados Unidos da América, é bastante interessante e conveniente para a reflexão pretendida nesta pesquisa, pois a partir do momento que entendemos que as obras literárias estão ligadas de alguma forma, seja ela política, econômica ou de cunho cultural com a ideia hegemônica do projeto que se pretende firmar nesses países em pleno desenvolvimento territorial durante o XIX, temos a consciência de buscar um caminho que apresente as vontades próprias, as vozes, o querer de grupos tidos como minoritários, como no nosso caso os grupos indígenas. Esses grupos ou etnias são minoritários em relação a oposição ou resistência ao projeto dominante hegemônico. É extremamente importante salientar que a própria existência desses grupos, suas práticas e ritos, já se apresentam como oposição aos projetos de nação e identidade cultural e de cidadania em prática nessas duas experiências.

É importante trazer para esta discussão a questão dos estudos Pós-coloniais/Decoloniais, que nos apresentam contribuições muito interessantes para as intenções deste trabalho. O termo Pós-colonial é utilizado, pela autora Spivak⁵, para designar um conjunto de contribuições teóricas originárias principalmente dos estudos literários culturais e que ganharam evidência em Universidades dos Estados Unidos e Inglaterra, principalmente a partir dos anos 1980. Colonialismo tem relação com situações de opressões diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais. Pós-colonialismo partilha em meio a suas diferentes perspectivas do caráter, o discurso social de descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos do método da desconstrução dos essencialismos e da proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes da modernidade.

É fundamental, seguindo estas concepções, fazer uma busca por um pensamento que leve a uma crítica à colonialidade do saber e do poder. Ballestrin (2013), nos fala sobre a superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade. Spivak (2010) em seu

⁵ Intelectual indiana, nascida em 1942. Muito importante para os estudos Decoloniais.

trabalho “*Pode o subalterno falar?*”, se refere aos subalternos para falar das camadas mais baixas da sociedade, constituídas dos mais específicos mecanismos de exclusão, que passam pelo mercado, política e até as leis. Este sujeito subalterno colonizado é, segundo a autora, heterogêneo. Se torna importante refletir o papel do intelectual nesta questão. Pois podemos observar um lugar incômodo da cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro, e desta maneira cria um discurso de resistência que muitas vezes não tem a voz daquele que está sendo oprimido, o que de certa maneira pode também ser visto com uma espécie de tutela. Esta condição, seria a reprodução das estruturas de opressão, mantendo o subalterno sempre silenciado.

A problemática que se encontra na forma de falar por outros, traz riscos para os protagonistas reais, que podem passar a ser apenas objetos da pesquisa realizada, sendo silenciados e tutelados, onde um discurso é construído e apresentado como a melhor condição para a resistência deste subalterno. Um exemplo disto são os povos originários do continente Americano, que no geral são tutelados, tratados como indivíduos que não tem seus interesses apresentados e sua voz fica quase sempre em segundo plano na narrativa apresentada sobre sua existência. Temos uma relação intrínseca entre o “falar por” e o “representar”. Para tanto, temos a pressuposição de um falante e de um ouvinte. Aqui vemos a voz do subalterno sempre sendo intermediada. Desta forma devemos chamar atenção para que o intelectual pós colonial crie os espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar. Esta atitude deve ser refletida pelos construtores das narrativas a fim de buscar que o subalterno possa ser ouvido quando falar. O intelectual deve trabalhar contra a condição da subalternidade.

Pensando desta forma, podemos refletir sobre o processo histórico americano, onde as diferenças entre conquistados e conquistadores se dá pela ideia de inferioridade natural, que é um dos pilares da dominação européia. A classificação social foi difundida pela noção de raça, que surge com força a partir das ideias de dominação colonial da Europa. A modernidade na Europa foi uma operação de possibilidades que abriu a centralidade na História mundial. Temos um continente, a Europa, se colocando como centro do mundo, atuando com influência política, econômica e cultural. A ideia de hegemonização da história européia, com a marginalização das histórias locais colonizadas.

Quijano(2005) dá ênfase em seu estudo sobre a racionalidade como forma de dominar e classificar os povos americanos e africanos dominados. O eurocentrismo foi difundido como único caminho a ser seguido. Quijano (2005) aponta a articulação do poder em torno da noção de raça. A classificação em raças se origina com o descobrimento da América, com a imposição da dominação européia pelo mundo.

Para o autor, o conceito de raça se torna mais evidente, pois o eixo fundamental do poder é a classificação social da população. Desta forma o conceito de raça se torna relevante com o conceito de poder. A noção de que existem raças superiores e outras inferiores se torna mais forte, e os europeus sempre estão à frente dos outros. A diferenciação racial se mostrou um meio muito eficiente de dominação social, com um total desprezo pela cultura e visão de mundo dos colonizados. A classificação em raças ajudou a estruturar o capitalismo mundial.

O branco europeu ficava em um lugar de regente do privilégio epistêmico. Os povos colonizados afastados de suas singularidades, não tinham participação na produção cultural histórica. Os meios de comunicação, como a mídia impressa, tiveram sua importância neste aspecto, no sentido da manutenção da rede de poder. A colonialidade do poder se tornou um meio de consolidar o capitalismo. Esta consolidação se dá entre os séculos XV e XIX, entre os anos de 1450 e 1850. Esta dominação tem como consequência o genocídio dos povos originários da América, utilizando a noção recém criada de raça, para fundamentar o controle europeu sobre a cultura, a subjetividade, o pensamento e a produção de conhecimento.

Segundo Quijano (2005), o “mal” estava em todo o processo de dominação, que segmentava o controle e a imposição do dominador sobre o dominado. O colonialismo representou o início da ocupação efetiva, ações políticas e militares para expansão do capitalismo ao poder global hegemônico e eurocêntrico.

Estas questões são de importância para se refletir sobre as imagens criadas da América e de seus habitantes. Devemos observar que a formação do Estado-Nação, que é uma formação típica da modernidade, cria uma sociedade individualizada, organizada com suas instituições de cidadania e democracia. A democracia vai depender de quem será considerado cidadão, e se este cidadão se enquadra no projeto nacional. Estes Estados começam a aparecer na América, no pós-independência. São novos estados ligados a violência militar que impõe uma ligação a modelos europeus do Estado Nacional. Os imaginários são perpetuados e as noções de superioridades também, a humanidade estaria dividida e classificada entre superiores e inferiores.

Esta noção passa pela produção de conhecimento, que afeta diretamente a visão sobre os povos originários no continente americano. As obras literárias são profundamente influenciadas por visões que apresentam os povos nativos como inferiores ou selvagens. As mesmas obras que são utilizadas para ajudar a legitimar e expandir o ideário e políticas de dominação e de extermínio desses povos. Os exemplos que vamos tratar nesta pesquisa nos apresentam alguns aspectos disto. A produção do conhecimento é marcada com a tradição

colonial, que não desaparece com as independências, mas que faz a manutenção de vários aspectos, como a visão superior dos grupos indígenas.

A legitimação da superioridade está presente nos discursos e nas narrativas, inclusive na literatura. Estas narrativas produziram, assim como a História também produziu, discursos e saberes hegemônicos, considerados universais. Deste modo a decolonialidade, toma importância no ponto em que considera fulcral observar o recorte espacial epistêmico da América Latina. A produção de metodologias e teorias plurais se faz fundamental para a compreensão da História do continente.

Devemos refletir e pensar epistemologias a partir das especificidades estudadas. Seguindo este aspecto vemos que a História essencialmente se debruça sobre os homens no tempo/espaço, junto de suas relações dinâmicas, sócio-culturais, políticas, econômicas, etc. A História tem a característica de avaliar estes aspectos e a maneira como se integram, como interação para a compreensão do homem no tempo/espaço.

Desta forma, temos a construção, através das fontes, do que chamamos de História ou até mesmo de Memória. O problema desta construção está no ponto em que a narrativa atribui a outros povos o papel de lugar de inferiores. Permanecendo com narrativas eurocêntricas, que retiram a pluralidade do discurso e apresentam um centro ao qual deveria funcionar como eixo de produção de conhecimento e ditar os caminhos que o mundo deveria seguir.

Temos que avaliar a tarefa de fazer uma reflexão sobre a lógica eurocêntrica, de se pensar a ciência que permeou os trabalhos da Filosofia dos séculos XVIII e XIX como em Hegel e do pensamento historiográfico, como em Jules Michelet e Ranke, ao propor a história científica.

A decolonialidade consiste em uma postura teórica que denuncia o poder imperial como fator que determina a criação de subjetividades e rompe a visão eurocêntrica, que é muito presente nas ciências sociais e humanas. Desta forma, nossa reflexão sobre encontrar meios para quebrar os silêncios historiográficos e aplicar a ótica dos subalternizados, onde devemos buscar uma visão crítica à epistemologia moderna e buscar romper com a noção de evolucionismo.

Segundo Spivak (2010) muitos sujeitos históricos não têm espaço para contar suas histórias. Além disso as representações destas histórias acabam servindo a interesses de grupos ou agentes sociais que as utilizam para buscar legitimação de projetos próprios.

O fato da proposta decolonial problematizar as questões referentes aos afrobrasileiros e indígenas, não se resume apenas por se tratar da maior parcela da sociedade brasileira, ou por serem vítimas de segregações raciais, ou as mais

diversas formas de preconceitos até hoje, ou negação do racismo muitas vezes velado ou não, o que já julgamos pertinência suficiente. Mas, também pela possibilidade de transgredir as legitimidades do racismo que foram historicamente construídas, podendo então reler e problematizar temas passados da História e a potência das representações e dos discursos nunca neutros, mas instrumentos políticos para atender a interesses, sendo muitas vezes responsável pela construção do imaginário social e coletivo, que pode proporcionar tanto a manutenção das perspectivas colonizadoras quanto o seu rompimento. Outro aspecto relevante é a contribuição para as reflexões e estudos historiográficos que poderão ser posteriormente desenvolvidos, percorrendo os caminhos decoloniais e a possibilidade de munir os historiadores (e demais pesquisadores) com outros gestos de leitura e aparato teórico para problematizarem e desvelarem os conflitos sociais, na maneira em que esses conflitos são construídos e representados (NASCIMENTO, 2020, p. 167).

Desta maneira, podemos entender que a colonialidade do saber é um fator importante que necessitamos enfrentar, para que as vozes sociais sejam realmente plurais e diversas. Este processo de colonialidade do saber é uma ação calcada pelos países colonizadores europeus, que buscam impor sua mentalidade perante as mentalidades locais. A mentalidade fica ligada a um conjunto de interesses definidos pela modernidade em torno da construção de uma noção da ciência como um produto da modernidade, um produto perfeito que deveria ser atingido através de uma rota única de conhecimento.

Através disso podemos observar como algumas categorias foram impostas em prol do projeto europeu de mundo. As categorias teológicas servem de base da ética e da política. Desta forma, vemos o idioma sendo imposto, o que nos leva a uma reflexão sobre a imposição do modo de pensar, ser, organizar, compreender, etc. Esta é uma maneira de suprimir os modos sociais e culturais dos povos colonizados.

A colonização imperialista apresenta traços do período colonial e permanece mesmo com o fim do período de dominação territorial, através da dominação cultural. A partir disso, podemos começar a entender a importância de tornar os saberes dos povos subalternos acessíveis e que dar espaço para que façam parte das discussões sobre a cultura local, para ouvir as vozes que não são ouvidas e rememorar conhecimentos que não eram valorizados.

Com a Colonialidade/Pós-colonialidade temos a proposta de um conjunto de alternativas políticas heterogêneas, onde vemos que a revisão de discursos homogeneizantes e totalizantes é muito importante, pois assim podemos promover a decolonização epistêmica.

A desconstrução da diferença colonial e o apagar da geopolítica diferencial estruturada em saberes hegemônicos é de muita importância para a construção da saber de maneira plural. Por exemplo, as concepções de tempo/espaço que foram impostas, devem ser revistas

com a promoção de saberes e modos de ver o mundo de povos colonizados que tiveram seus saberes quase que exterminados.

A proposta desta visão passa também por encontrar outras maneiras de viver e se posicionar no espaço/tempo. Esta condição permitiria o encontro com formas alternativas de resolução para variadas questões e problemas sociais, econômicos, culturais, entre outros. Devemos buscar este esforço para conseguir romper com o modelo homogeneizante e totalizante do saber ocidental.

A decolonização deve atingir vários pontos e modos de subjetivação. Desta forma, temos interesses da unidade coletiva em primeiro plano, o que ao nosso ver, deveria reger o sistema e não interesses individuais ou de grupos específicos em detrimento de povos inteiros. É fundamental para esta discussão, o fato da decolonização não tomar um caminho parecido e se tornar hegemônica no sentido de ser universal. Devemos buscar um olhar para cada trajetória, para cada História, de cada povo, comunidade, localidade, para cada região e suas especificidades e seus saberes. É muito importante a busca por caminhos que nos permitam ouvir a pluralidade de vozes sociais e deixá-las em condições de igualdade para a construção do conhecimento mais diverso.

Com a observação atenta aos casos analisados nesta pesquisa, podemos utilizar e tentar estudar as imagens criadas sobre os povos nativos da Argentina e dos Estados Unidos. Para isso, podemos utilizar a Literatura e o uso da ciência, para legitimar a dominação territorial e a aplicação dos projetos de nação para estas duas experiências. Devemos observar como a posição de inferiores retirou dos indígenas a condição de igualdade, onde seus saberes, culturas e sagrados não foram levados em conta, foram desprezados em prol da centralidade da mentalidade européia que ainda permanecia mesmo com as nações sendo independentes e colocando em prática projetos de nação próprios. As estruturas mentais e sociais de construção destas nações estavam ainda ligadas ao conhecimento e o saber da modernidade européia.

Portanto, devemos buscar nesta análise decolonial a abertura de caminhos para refletir uma outra maneira de construir e escrever as histórias. Esta maneira diferente de construir o saber deve divergir da noção de norte e sul global, com o norte como o teorizador das experiências do sul. Pretendemos focar nosso olhar para o trabalho da escrita de obras literárias que tratam sobre aspectos da conquista de territórios na construção de duas nações durante o século XIX. A partir disso, vamos observar como essas obras foram capazes de apresentar visões totalizantes e universais sobre os povos indígenas.

Devemos refletir que as influências entre as duas experiências podem ser reais e fundamentais, ao refletir o exemplo de que Sarmiento foi leitor de Cooper e de sua obra “The Last of the Mohicans”. Esta condição pode ser interessante para analisar como a visão dos nativos apresentada nesta obra, influencia a visão adotada no projeto nacional defendido por Sarmiento para a Argentina. Este aspecto apresenta o caráter totalizante sobre o conhecimento em relação aos povos nativos americanos, os colocando em um mesmo lugar de ser, sem levar em conta as diferenças de geografia, cultura, economia e práticas que moldam quem são e a visão de mundo que têm.

O conhecimento eurocentrado, se pretende totalizante com base em uma geopolítica de dominação, que foi construída durante a modernidade européia. É através disso que temos justificativas para o que podemos chamar de genocídio cometido pelos colonizadores europeus contra os povos nativos no continente americano. A permanência deste saber eurocentrado fez com que as práticas de violência fossem justificadas, inclusive no pós independência, como nas “Campanhas do Deserto” na Argentina ou nas chamadas “Trilhas das lágrimas” nos Estados Unidos, que foram ações violentas que se justificavam com visões e imaginários de superioridade em relação aos povos originários do continente.

Estes são exemplos de como a busca por teorias totalizantes podem gerar atos violentos em justificativa a aplicação de projetos de alguns grupos em detrimento de outros. Devemos trabalhar para trazer cosmologias e epistemologias dos subalternos, para superar o saber da modernidade eurocentrada, com o eixo do saber no continente europeu.

As multiplicidades de saberes e de respostas críticas decoloniais/ pós-coloniais devem fazer parte e ser uma das buscas do nosso trabalho.

A história que os cristãos ocidentais consideravam a única verdadeira e aplicável a todos os habitantes do planeta levou ao estabelecimento de uma matriz colonial de poder, como definiu Aníbal Quijano. Determinados povos foram deixados de fora da história para “justificar a violência em nome da evangelização, da civilização e, mais recentemente, o desenvolvimento e a democracia de mercado”. (MIGNOLO, 2005, p. 30) Diante desses acontecimentos que conduziram ao surgimento da ideia de “América” uma outra maneira de pensar coexistia, o pensamento fronteiro. A matriz colonial do saber busca desqualificar suas manifestações, evitando a publicação de escritos, tentando gerar a descredibilidade dessas narrativas, demonizando-as ou colocando obstáculo nas suas difusões. Mas essas ideias sobrevivem nos corpos, nas maneiras de conviver e viver no mundo, nos modos de fazer e saber, pois são parte da vida.(NOGUEIRA, 2020, p.46)

Esta citação de Nogueira (2020) nos faz refletir sobre as buscas e os questionamentos da existência de tantas outras maneiras de ser e pensar o mundo à sua volta. No continente americano temos muitos saberes dos povos originários que resistiram, apesar da opressão para o seu apagamento. Desta forma cabe a nossa leitura sobre como essas vozes foram apagadas e como ainda continuam sendo tuteladas, com a finalidade de buscar caminhos para dar voz a esses saberes sem intermediários. As histórias locais são importantes e devem ser valorizadas em suas especificidades. Devemos buscar abrir um caminho para uma racionalidade não eurocentrada.

Tendo em vista esta discussão, podemos afirmar que pretendemos trabalhar a construção de algum caminho para uma pesquisa mais plural, diversa, que possa tentar construir um caminho da reflexão para o olhar diverso, daquele que foi apagado e silenciado. No nosso caso vamos tentar utilizar a comparação para analisar duas experiências, Argentina e Estados Unidos durante a expansão territorial de ambos os países em construção durante o século XIX, e os encontros com os povos originários de cada território. Esta comparação vai ser feita utilizando obras literárias que são relacionadas a fronteira de colonização e a apresentação de imaginários acerca da vida nestes territórios, assim como “The Last of the Mohicans” de James Fernimore Cooper e “Facundo; Civilização e Barbárie” de Sarmineto.

Desta forma, pretendemos fazer um estudo comparado destas duas experiências durante o século XIX. É importante deixar claro que no Brasil e por uma amplitude em boa parte dos países da América do Sul, podemos afirmar que as sociedades indígenas também são vistas de uma forma inferior, sem muito poder de voz e sofrendo tentativas de deslegitimar sua existência e importância social, cultural e histórica de muitas formas, e até mesmo por parte de governos, demonstrando a sua não inclusão nos projetos de cidadania nacional, presentes nos países Sul-Americanos.

3 A literatura na experiência da expansão territorial dos EUA e Argentina durante o século XIX; A experimentação da comparação como método de análise.

Refletir sobre a literatura exercendo papel de importância na legitimação da expansão territorial dos EUA e da Argentina no século XIX, é fundamental para observar a figura dos povos nativos e seu lugar como agentes ativos e com interesses estabelecidos nestes encontros. A literatura pode nos apresentar diversos mecanismos que estruturam as relações, que focam nos meios sociais em construção, que estavam em jogo. Para tanto, devemos trazer para estas reflexões discussões sobre o papel das expressões artísticas no meio social, as disputas apresentadas por elas, as rupturas e as permanências, pois desta forma vamos conseguir estabelecer o contato com diversos conceitos que são importantes para esta análise. No nosso caso temos que trabalhar com memória, temporalidades, identidade cultural, tradições, encontro, nacionalismos e a relação obra de arte e sociedade, neste caso específico temos a literatura. Vamos buscar o uso do campo comparativo como lugar de experimentação para a análise histórica sobre as duas experiências. Deste modo, vamos iniciar a reflexão sobre as obras literárias e a figura dos nativos nas duas experiências citadas, buscando observar sempre os interesses dos nativos, que ajudaram inclusive a criar imaginários a seu respeito.

Vamos trabalhar a relação Literatura e História, e podemos trazer a concepção que vem da História cultural, que tem se debruçado muito sobre o estudo dos diversos tipos de textos, de fontes textuais, sobre os aspectos de linguagem, escrita e leitura. Sendo assim, podemos refletir como o estudo da criação dos objetos culturais, com suas intencionalidades, da produção de sentidos, da intertextualidade e a sua recepção, pode ser importante para trazer as necessidades de cada meio, da influência da recepção para a produção destes objetos, assim como a Literatura.

Devemos caminhar para a importante questão da Narrativa Literária construir uma representação da realidade, e que a determinado ponto esta representação pode, e deve, se ligar a um ponto específico onde está a escrita, que se relaciona com linguagem e leitura, formando o texto, que possui o papel intermediário entre produtor e leitor. Isto articula a comunicação e a legitimação de determinado conjunto de ideias.

Segundo Pesavento (2006) temos, como historiadores, que observar alguns pontos para este estudo, que são as questões relacionadas à escrita, pois devemos observar quem

escreve, de onde escreve e que linguagem utiliza. Outro ponto deveria ser o da leitura, para que a recepção seja uma parte de importância neste encontro, pois os grupos receptores e sua expectativa em relação ao texto é fundamental, podem legitimar ou ser resistência ao que está presente no texto.

Temos a necessidade de pensar as forças estabelecidas na produção textual, pois o seu lugar de produção dentro da sociedade apresenta determinada força ou direção de um vetor de força, para a qual se pretende seguir. Encontros são determinantes neste processo, visto desta forma, por esta lente de análise. Sendo assim, buscar a comparação pode nos fornecer determinados pontos de escuta e modos de diálogo em produção ou vigentes em um meio social, assim como Le Goff (1990) nos traz sobre a questão do “documento monumento” que seria um produto da sociedade em que está presente. Chartier (1990) nos leva a ampliar esta noção, afirmando que todo documento, seja literário ou não, é uma representação da realidade, temos um indivíduo que cria um real dentro da historicidade de sua produção.

Podemos observar condições de construção de um texto, refletir sobre aspectos da realidade e da ficção, com a finalidade de buscar a formação de um pensamento hegemônico que se relaciona com disputas de poder socialmente estabelecidas, que por sua vez se relacionam com os projetos de nação em curso nas duas experiências analisadas nesta tese. Além disso, podemos e devemos refletir aqui sobre as condições de análise da obra literária por si mesma, como produtora de significados em relação às palavras e seu poder, principalmente quando observamos a ação do leitor.

Desta forma é importante inicialmente refletir brevemente sobre as condições de escrita das obras que pretendemos analisar para refletir sobre as duas experiências de expansão territorial no século XIX.

Se observarmos a experiência dos EUA, vamos encontrar duas figuras interessantes. Para pensarmos a obra “The Last of the Mohicans”, encontramos o autor James Fenimore Cooper, que foi um escritor que viveu entre 1759 e 1851 e tem como sua obra prima a citada acima. Cooper faz parte de um movimento que faz uso do mito criado sobre o caminho para o Oeste. Digo caminho, pois não se tratava somente de pensar um lugar de chegada, mas de modificar todo e qualquer lugar que estivesse pelo caminho, com a noção de fazer parte de um povo escolhido para cumprir uma missão divina, algo que vem desde os chamados “Pais fundadores” da nação.

O mito do Oeste é criado com ideia que pode vir diretamente da ideia de povo escolhido, com um ideal civilizatório que colocava este homem americano em primeiro lugar, indo de Leste a Oeste levando progresso e construindo uma nação. Neste lugar de divulgar e

criar o imaginário temos Cooper. A historiografia americana, de forma mais geral, afirma que no século XIX temos a estruturação deste mito ou imaginário em relação ao Oeste. Desta forma a Literatura toma papel importante para isso. Neste ponto, podemos fazer uma pequena reflexão e aproximação com as ideias de Todorov (1991) sobre a verdade, sua impressão e o texto literário. Esta questão de o texto literário passar a impressão da verdade, e não da própria realidade é, segundo o autor, uma preocupação comum aos autores principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Sendo assim, temos algo que poderia estar dentro da obra de Cooper, apresentar uma impressão da realidade, aquilo que poderia ajudar a construir um discurso e relações sociais que beneficiaram o projeto de nação em curso. Temos uma reflexão do autor que nos traz a ideia de que a ficção pode ser entendida como mais verdadeira do que a própria História. Sendo assim, podemos ter no texto, mecanismos que ajudam a definir imagens, discursos e criar ações práticas que levam ao desenvolvimento de pensamentos que podem ser disseminados pelas sociedades. Observar a força que o texto literário pode ter se torna fundamental para construção de narrativas sociais, observando as possibilidades de que as categorias estabelecidas se tornem mais verdadeiras do que a própria realidade, assim como Todorov (1991) sinaliza, tendo o texto a chance de ter força para realizar mudanças reais em ideias sobre territórios e povos, como as obras de Cooper nos apresentam imaginários que podem ter se tornado “verdades” no pensamento social dos estadunidenses, que se relacionaria com o projeto de nação em curso durante o século XIX.

A ficção pode apresentar fatos “incontestáveis”, verdades que passam a ser quase que absolutas, claro se utilizada desta forma. Desta forma, devemos observar como podemos utilizar as verdades estabelecidas no texto ficcional e as verdades factuais, presentes na realidade, Segundo Todorov(1991), não devemos estabelecer um tipo de hierarquia entre as verdades, pois entendemos que elas não se anulam, mas podem gerar reflexões sobre suas marcas, principalmente se observarmos, como nesta tese, o desenvolvimento de sociedades que podem sofrer influências de discursos disseminados por obras literárias.

Para a reflexão em relação a uma construção dos aspectos culturais e da realidade, temos em Cooper um dos primeiros, se não o primeiro a buscar estabelecer linguagem de símbolos e a narrativa que segue o mito da fronteira americana além dos limites do século XIX, e neste aspecto podemos observar algumas questões do real apresentado na ficção, que segundo Todorov (1991) pode se tornar mais real que o real concreto. Os chamados *Leatherstocking Tales*, série de contos escritos pelo autor, foram fundamentais para o desenvolvimento dos imaginários a respeito do Oeste. Segundo Slotkin (1994) ainda no século XIX Cooper consegue ficar popular como escritor. Os cinco romances que fizeram ele

ficar conhecido internacionalmente⁶ são; *The pioneers* (Os Pioneiros), de 1823; *The last of the mohicans* (O último dos moicanos), de 1826; *The prairie* (A pradaria), de 1827; *The pathfinder* (O desbravador), de 1840 e *The deerslayer* (O caçador de veados), de 1841.

O primeiro livro foi “*The Pioneers*”, lançado em 1823. Este teve uma boa aceitação com a temática do Oeste. Desta forma a editora teve o interesse de lançar mais obras com a mesma temática, e ao fazer isto teve início a famosa série de contos. Temos que ter em mente todo o processo de expansão territorial dos Estados Unidos durante o século XIX, mas devemos entender que este processo não se inicia no século XIX, ele se torna mais intenso neste período, ele se inicia antes e durante o XVII já tem algum efeito real nos territórios anexados. Podemos afirmar que entre 1787 e 1848 já temos todo o território que conhecemos hoje como dos Estados Unidos mapeado e em processo de ocupação e colonização, que assim como a experiência Argentina de expansão territorial, foi intensa e violenta. No momento do lançamento do primeiro livro temos a conquista do Oeste chegando ao Mississipi, portanto a obra pode ser tratada como uma espécie de ferramenta de legitimação e justificação, intencional ou não, e também de discussão sobre as questões dos valores culturais que estavam sendo desenvolvidos. Um exemplo para isso é a questão da propriedade privada em discussão neste período (White, 1991).

O pioneiro que primeiro vai se aventurar nestas terras é visto nas obras de Cooper como o caçador e comerciante de peles. Era o primeiro a abrir trilhas, mapear o território e fazer os contatos com os habitantes originários dessas regiões. Segundo Junqueira (2003) Cooper era;

Filho de dono de terras no Estado de Nova York e profundamente influenciado pelo romantismo europeu, James Fenimore Cooper é considerado o primeiro escritor norte-americano a viver exclusivamente da profissão. Nasceu em 1789, em Burlington, New Jersey, e morreu em 1851. Durante a vida, acompanhou e opinou ativamente sobre as mudanças de vida no país. É possível perceber através dos romances de Cooper a atmosfera cultural do período, na qual trata das transformações políticas e da conquista territorial em que os Estados Unidos se lançavam (JUNQUEIRA, 2001, p. 3)

Sendo filho de donos de terras, ele esteve envolvido, mesmo que indiretamente, nas questões fundamentais que envolviam a política de terras nos Estados Unidos. A sua família era parte do grupo religioso Quaker, sendo o pai atuante na política do Estado de Nova York

⁶ Devemos observar que Sarmiento, na Argentina, foi um de seus leitores, e também foi muito influenciado pela visão dos indígenas trazida por Cooper.

e do país. Segundo Junqueira (2001), Cooper era um federalista e participava de discussões sobre a formação do Estado Nacional dos Estados Unidos, recém instaurado. Depois da morte de seus irmãos e de ter que vender parte das terras da família para saldar dívidas que estes deixaram, viu na literatura, a qual já praticava inclusive com contos navais, uma chance de ganhar dinheiro. Tornando-se famoso nos Estados Unidos e Europa, faz contato com muitos escritores europeus e chega a se tornar cônsul dos Estados Unidos na França.

Segundo Junqueira (2001), temos que observar a questão das terras como importante para a formação dos Estados Unidos. Ela afirma que “ O caso de Cooper é revelador. Pode-se afirmar que o nosso autor usufruiu a vida de gentleman. Era um cavalheiro rural, pertencente ao segmento dos grandes proprietários de terras que dirigiam o país.”(JUNQUEIRA, 2003, p. 15)

Para observar a conjuntura que influencia seus contos, devemos levar em conta o seu empobrecimento, com a perda de terras, que o leva para locais mais no interior onde tem contato com grupos indígenas e com os desbravadores. Tanto que em seu primeiro romance, *The Pioneers*, ele menciona que a obra, apesar de ser uma ficção, tem relação direta com sua experiência e História pessoal.

Junqueira (2001) nos traz uma importante informação sobre alguns dos movimentos feitos pelos contos de Cooper. Na primeira obra dos chamados *Leatherstocking Tales* *The Pioneers*, temos a fronteira de civilização postada nos limites do Estado de Nova York, já na obra *The Prairie* que é lançada em 1827, a fronteira de civilização, onde ocorre o romance, está localizada após o rio Mississippi. Isso demonstra como a obra vai registrando o avanço da fronteira, que ocorria de maneira muito intensa durante o século XIX. Isso nos traz a uma reflexão sobre como, nas obras de Cooper, podemos buscar encontrar de forma muito clara e o contexto histórico do período, com seus valores de uma sociedade em formação, aplicando projetos que iam de encontro com o avanço da fronteira e com os encontros por ela estabelecidos, como com os povos nativos. Sendo assim, acreditamos que podemos fazer uma reflexão em conjunto com as ideias de Todorov (1991) em que estabelece a criação de um real que pode ser até mesmo mais real que o real concreto. Pensando o avanço territorial, o projeto nacional em curso, as ligações com este projeto, os grupos de poder que o autor poderia fazer parte e também as questões dos valores que poderia buscar para a sua sociedade em formação, as obras de Cooper poderiam nos apresentar um real, mesmo que sendo ficção poderia se tornar simbolicamente uma representação da realidade, que poderia ajudar a legitimar ações em relação aos territórios que iam sendo anexados à nação em expansão. As categorias apresentadas poderiam fixar no pensamento social estereótipos sobre os territórios e sobre os

povos que viviam neles. Este ponto se faz importante para nossa pesquisa, pois desejamos observar o encontro com os povos nativos e a relação de interesse para com eles. Além disso, temos um tipo de negação daquilo que se entende como não pertencente ao projeto de nação em curso, que incluía territórios e excluía povos, etnias e culturas diversas e práticas consideradas antigas e ultrapassadas para a República em construção apresentada nas obras de Cooper.

Uma das questões que são interessantes de tratar nas obras de Cooper é a oposição à Monarquia X República. Podemos ver isso bem claro na obra *The Last of The Mohicans*, com a questão da Guerra contra os ingleses e na oposição de personagens na obra *The Pioneers*, com os personagens Temple que era de espírito empreendedor e Edward sendo indolente e preguiçoso, sendo este último representante da elite de oficiais Ingleses nos Estados Unidos. Vemos aqui a posição entre a República, voltada para as questões da realização individual e da Monarquia com característica atrasada e antigas, ligadas inclusive ao ócio.

Junqueira afirma que em *The Pioneers* ;

O escritor colocava-se ao lado dos patriotas que fizeram a Independência do país, a elite colonial que, após a emancipação, parte para construir uma “república em moldes modernos” e que procurava atuar no capitalismo mundial, sem a interferência da monarquia inglesa. Por outro lado, critica a Monarquia, que se envergonhava de lidar com o comércio e optava pelo ócio. (JUNQUEIRA, 2001, p. 16)

Se observarmos a questão da oposição monarquia x república sob a ótica das ideias de Todorov (1991), podemos ter uma reflexão sobre a criação de um discurso que pode se tornar real no imaginário social, onde temos a apresentação de uma definição generalizada sobre a Monarquia ser algo ligado a preguiça e ócio de seus líderes e representantes. Aqui podemos observar que personagens foram criados e seus comportamentos refletem os valores que o autor quer estabelecer para as duas diferentes formas de governo. Esta noção pode criar um “real” sobre o comportamento daqueles que faziam parte das burocracias monárquicas, que vão de encontro com o avanço das ideias republicanas e a expansão do território nacional dos Estados Unidos durante o século XIX.

Outra questão interessante se dá pelo fato de o autor tratar de questões que estavam ocorrendo no momento nos Estados Unidos. Como a questão da propriedade privada, que é tratada desde o primeiro romance destes contos. Terras e mais terras estavam sendo anexadas e se discutia as formas de tornar aquilo juridicamente formal, pois temos terras que antes eram habitadas por nativos sendo tomadas e transferidas para colonos vindos do Leste.

Com esta discussão sobre a temática da ocupação das terras que Cooper trata em suas obras, temos um detalhe importante a chamar atenção, que é o fato de os nativos ou os pioneiros que chegaram antes nestas terras não teriam direito à posse delas, e sim os grandes proprietários como o Juiz Temple em *The Pioneers*. Cooper nos mostra que as terras eram controladas em sua maioria por homens como o Juiz Temple, que decidia quem poderia viver nestas terras e quem não poderia viver. Neste ponto temos o contato com os nativos sendo explorados e a construção do homem da fronteira sendo formada com o personagem mais importante desta série, Natty Bumppo ou *Hank-eye*. Este teria sido um homem branco que foi criado com os indígenas. Ele teria o que de mais nobre poderíamos encontrar no homem branco e nos guerreiros indígenas. Ele tinha um amigo que se chamava John ou Chingachgook, que seria um Delaware aculturado. Isto demonstra a afinidade de *Hank-eye* com os grupos e modo de viver indígena.

Segundo Junqueira temos a seguinte definição de *Leatherstocking*:

O *leatherstocking* era o homem que tinha aprendido a viver em harmonia com a natureza e estava desvinculado das modernizações e da cobiça da época. Embora fosse inculto, representava a perfeição moral e a sabedoria superior natural. Esse é um dos tipos centrais da mitologia do Oeste que continua a exercer influência na cultura norte-americana: o homem solitário e armado, sem grandes recursos, mas com sentimentos nobres e princípios morais, que vive em meio à natureza, sem os confortos da civilização. (JUNQUEIRA, 2001, p. 19)

O *leatherstocking* vivia da caça, para se vestir e comer, apresentava a condição daquele que primeiro foi as terras “inabitadas” e “selvagens” para abrir caminhos para a civilização. Porém, temos a questão da propriedade e de sua posse como um dos temas presentes nas discussões das obras de Cooper, assim como os embates de visões de mundo diferentes. A aplicação das leis era uma discussão presente, pois estava no centro de embates entre os homens de fronteiras e a civilização que chegava para se instaurar. Mas Cooper era um defensor das leis, para a necessidade de regular alguns segmentos da sociedade, principalmente aqueles que demonstram mais diversidade em relação ao projeto de nação para os Estados Unidos. Desta forma a criação de um discurso literário que apresentasse uma dita realidade para a definição de propriedades poderia ser de vital importância para aplicação prática e concreta de ações sobre a ocupação territorial.

Para Cooper o pequeno agricultor deveria ser mais controlado, pois era um arrivista, buscando lucro fácil, não educado e sem princípios morais que caracterizam a elite agrária a qual se colocava ao lado. Ele buscava evitar a desagregação das grandes propriedades em benefício dos pequenos proprietários. Isso ocorreu principalmente a partir de 1829 com a chegada de Andrew Jackson à presidência dos Estados Unidos e de sua relação com as causas dos pequenos fazendeiros. Jackson foi um dos líderes que mais transferiu indígenas para as terras das reservas e ajudou a destruir suas comunidades e culturas, para liberar terras para a chegada de colonos.

Segundo Junqueira, Cooper seria ;

Cooper era, assim, um conservador que temia as mudanças do período. Acreditava que o mundo dos cavalheiros desapareceria a partir da pressão dos segmentos menos favorecidos da sociedade. Não duvidava que a elite - os gentleman – era a única força que poderia conter as pretensões dos homens que lutavam por terra e ao mesmo tempo poderia garantir a vida de desbravadores e índios que viviam por ali em contato com o homem branco.(JUNQUEIRA, 2001, p. 22)

Ele se apresenta com muita semelhança ao Tocqueville que lançou a obra “ Da Democracia na América” (1835). Este autor também acreditava que a aristocracia era a única capaz de conter os avanços dos segmentos menos favorecidos, o que evitaria a igualdade, entendida como perigosa. A autora Junqueira (2003) nos traz um última informação muito interessante para pensar Cooper e também o mito do Oeste, que estão de acordo com as ideias de Patrica Nelson Limerick:

Assim podemos concluir que, enquanto o mito do Oeste nos pareça hoje uma construção cultural, na qual se valoriza o pequeno fazendeiro (o self made man), suas bases, linguagem simbólica e estrutura narrativa foram estabelecidas por James Fenimore Cooper, autor que defendia exatamente o contrário do que se tornou usual acreditar. As bases do mito foram estruturadas defendendo inicialmente a grande propriedade privada norte-americana. Em 1838, o autor firmava a sua posição no texto *The American Democrat*, desgostoso com os feitos do presidente Andrew Jackson, que considerava um demagogo, e com os rumos da sociedade norte-americana.(JUNQUEIRA, 2001, p. 22)

Com base no exposto acima, temos uma ideia de onde Cooper estava inserido e quais as suas ideias e valores que iriam percorrer por suas obras, assim como a obra que vamos observar de sua autoria *The Last of the Mohicans* lançada em 1826. Mas antes de observarmos as obras, cabe conhecer a cada autor, assim como apresentamos brevemente

Cooper, faremos com John Filson e a sua obra que seria *The Adventures of Daniel Boone*; *The Kentucky Rifleman*. Esta obra não é fundamental para esta pesquisa, não está no centro das discussões, mas por ser uma obra que vai nos trazer muitos exemplos práticos para nossa análise, achamos interessante trazer uma pequena reflexão sobre seu autor, apresentando também a sua origem e trajetória de maneira simples.

John Filson ficou conhecido como um historiador e pioneiro, muito importante para a região do Kentucky, sendo até mesmo nomeado como o primeiro historiador do Kentucky. Ele tem em sua marca a possível companhia de Daniel Boone em suas aventuras pelas terras desconhecidas que se tornaram o estado americano citado acima. Isto tem uma importância grande, pois Daniel Boone se tornou uma figura de muito sucesso, ultrapassando o século XVII e o XIX e chegando a ter um seriado televisivo durante a década de 1960.

John Filson nasceu em 1747 e morreu em 1788. Em sua juventude Filson estudou com o reverendo Samuel Finley, que foi do College of New Jersey, que se tornaria mais tarde Princeton. Segundo registro de Oficiais dos tempos coloniais, ele serviu como alferes no Batalhão do Flying Camp. Ele, segundo estes relatos, foi feito prisioneiro em Fort Washington em novembro de 1776, durante a Batalha de Nova York.

Temos aqui uma informação importante sobre Filson, ele lutou pela independência dos Estados Unidos da América, sendo feito prisioneiro durante uma batalha, o que apresenta que em sua vida estaria envolto por questões de valorização da liberdade para os estadunidenses.

Ele foi professor e acabou adquirindo terras na região do Kentucky, onde desenvolveu trabalhos de ensino e pesquisa em Lexington. Além disso, sempre foi reivindicando terras que aos poucos ia desbravando. Ele fez muitas incursões pelas terras “selvagens” e não habitadas. Ele escreveu a obra *The Discovery, Settlement and Present State of Kentucky* e foi publicado em 1784, o qual também continha registros cartográficos do Kentucky.

Esta obra foi traduzida para o francês e publicada em 1785 em Paris, que teve boa repercussão. Neste livro temos um apêndice onde são relatadas as aventuras de Daniel Boone se tornou muito popular, chegando a ser citado por Lord Byron em *Don Juan*.

Além deste trabalho, ele possui uma extensa obra de topografia e cartografia, que vinha de viagens e tentativas de incursões em terras onde somente os desbravadores e pioneiros estavam. Passou bastante tempo dando aulas no Kentucky e depois de comprar terras onde futuramente seria Cincinnati. Segundo relatos, ele desapareceu em 1788 após um ataque dos Shawnees próximo ao Rio Miami, enquanto fazia mais uma de suas expedições. Seu corpo nunca foi encontrado.

Para a reflexão a ser feita sobre o caso argentino, vamos primeiro nos deparar com a figura de Domingos Faustino Sarmiento, que é autor da obra “Facundo; Civilização e barbárie” lançada em 1845, que é a obra a ser observada para tratar das questões da expansão territorial argentina durante o século XIX.

Sarmiento nasceu em 1811 e morreu em 1888, foi o 5º presidente da Argentina e um dos mais importantes escritores e jornalistas do país no século XIX. Sarmiento esteve durante a década de 1840 exilado no Chile, foi onde escreveu esta obra. Ele era um opositor do governo de Juan Manuel de Rosas, e utilizou a obra Facundo para apresentar seus ideais sobre o projeto de nação para a Argentina, com fortes valores liberais e apresentou também um estudo sobre o caudilhismo, levando a um olhar profundo sobre o regime de Rosas.

Outra constatação interessante sobre Sarmiento era o fato de ter feito estudos sobre educação em viagens para a Europa e Estados Unidos, no intuito de aprimorar o sistema de educação do Chile, isto a pedido do ministro do interior Manuel Montt. Estas viagens são importantes para a construção de seus valores e ideias, principalmente sua influência por parte dos Estados Unidos.

Sarmiento foi opositor de Rosas e fez parte do exército que derrubou seu regime em 1852. Em 1860 torna-se governador de San Juan e depois foi embaixador da Argentina nos Estados Unidos, mas uma vez aqui podemos chamar atenção para o fato do contato com os Estados Unidos ter influência em seus ideais. No ano de 1868 foi eleito presidente da Argentina, cargo no qual ficou até 1874.

Foi um construtor de escolas públicas, em seu governo foram erguidas centenas de escolas e bibliotecas públicas. Ele foi um grande incentivador e influenciador da imigração européia para a ocupação das terras na Argentina, visando um plano de nação que estava de acordo com o projeto liberal para aquela nação.

Sarmiento apresenta um projeto de nação liberal para a Argentina, contestando a formação social vigente no país e trazendo uma opção nova que contava com toda uma influência por parte dos valores formadores dos Estados Unidos e pelo liberalismo, principalmente vindo da Inglaterra. Nesta obra temos a criação de uma realidade no seu texto literário. Esta realidade criada está ligada, no caso de Sarmiento, ao projeto de nação em expansão e construção durante o século XIX na Argentina. Temos na obra sobre Facundo, um exemplo de como o texto literário pode auxiliar a criar ações que vão ter resultados práticos no real concreto, assim como Todorov(1991) nos apresenta em sua reflexão sobre a construção do texto literário.

A obra sobre Facundo se torna um verdadeiro clássico do pensamento político na América Latina. Esta obra tem um ideal de buscar compreender as lutas políticas e econômicas, além de refletir as questões sociais de um dos países latinoamericanos que acabavam de surgir e começavam a projetar seu desenvolvimento, além de planejar as estruturas sociais e disputas de poder interno. Temos com esta obra vários imaginários sendo trabalhados, conjunto de ideias e memórias em disputa, a fim de dar projeção ao seu ideal nacional argentino.

Um dos pontos interessantes de observação na obra de Sarmiento e sua trajetória, é a sua ligação com o chamado pensamento hegemônico, ou a tentativa de criação e disseminação de uma hegemonia cultural na sociedade argentina planejada. O pensamento hegemônico se faz como um sistema central de práticas em toda sociedade e tempo, sendo assim, coloca toda a estrutura social sob o seu padrão. E todo aquele que divergir desse pensamento e de suas práticas sociais deve ser silenciado socialmente. Willians (1980), nos traz uma reflexão sobre aspectos relacionadas às estruturas presentes dentro das sociedades e de suas organizações, que podem estar diretamente ligadas a determinados grupos, nos apresentando suas relações de poder e de dominação, além da circulação das ideias presentes nas obras literárias que podem estar ligadas aos grupos e os projetos de poder hegemônicos.

Estas questões podem ser observadas nas obras literárias, com a finalidade de tentar expor o ambiente político e social das nações em construção no caso de nossa tese. Refletindo sobre o caso de Sarmiento, podemos ter um contato com os conceitos de hegemonia trabalhados por Willians (1980), onde nossa reflexão fica voltada para a construção e disseminação de um discurso que é construído fora da narrativa literária, mas que o autor utilizando o texto literário, pode auxiliar em sua legitimação social. Da mesma forma, podemos observar o uso da construção de uma dita realidade no texto ficcional, sobre os territórios e as práticas culturais de seus habitantes, com a finalidade de legitimar o discurso hegemônico, aqui podemos refletir sobre as ideias de Todorov(1991) sobre o texto literário ter o poder de apresentar um real mais real que a realidade concreta, e este discurso pode levar ou não a ações práticas. Desta forma, se faz interessante observar esses discursos e refletir sobre como podem ter sido utilizados para influenciar determinadas práticas na construção da nação argentina durante o século XIX.

Um ponto importante é pensar sobre como as duas experiências, por acontecerem em períodos parecidos temporalmente, podem ter se relacionado de alguma forma, o que pode nos sugerir uma espécie de análise cruzada ou transnacional. Alguns dos imaginários apresentados por Sarmiento, principalmente a respeito das nações indígenas presentes nas terras dos

Pampas argentinos, por exemplo, segundo alguns relatos, influência das obras de Cooper, como *The Last of the Mohicans*. Sarmiento teria sido um leitor das obras de Cooper, e trazia algumas influências na criação de seus imaginários sobre os povos nativos. Essa questão pode ser interessante, pois nos faz refletir sobre as possibilidades de comparação em relação a uma possível influência de ideias, valores e até mesmo na construção do discurso que influenciava o desenvolvimento nacional.

Deste modo, ao relatar de maneira curta um pouco da vida destes autores, vamos poder agora refletir sobre suas obras e importância que têm para a valorização de determinadas ideias e a desvalorização de outras. Devemos ter em mente sempre as discussões acerca da relação da Literatura com História, sendo esta expressão artística de importância fundamental para refletirmos sobre imaginários e estereótipos criados para legitimar e implantar valores que se pretendiam realizar para as nações que estavam em construção.

3.1 O território, a Literatura e a construção de memória

A relação da literatura com a construção de memória nas experiências dos Estados Unidos e Argentina está integrada ao avanço territorial, à terra, ao território e seus habitantes, neste casos os grupos nativos. A construção de imaginários a respeito dos povos nativos é parte importante nas obras dos autores citados acima, desta forma ela vai de encontro aos projetos de nação que passaram a ser postos em prática durante o século XIX.

Para pensarmos a questão destas construções, feitas em cada experiência, cabe inicialmente refletirmos em como são moldadas as memórias presentes nas narrativas literárias que decidimos aqui analisar.

Para falar de memória, vamos nos debruçar sobre as ideias de Fernando Catroga, que é professor catedrático da Universidade de Coimbra, onde atua nas áreas de letras, teoria das ideias e História. Ele nos apresenta em sua obra “*Memória, história e historiografia*”¹ entre outros temas, o conceito de memória e como se faz a sua construção pela historiografia. Segundo o autor há uma relação muito tênue entre lembrança/ esquecimento/ memória e historiografia, pois o meio social ou grupo tem a sua maneira de pensar e observar o que historicamente considera mais importante, e para isso se fazem utilizar de ferramentas para que se possa manter, o que Catroga afirma ser, todo um imaginário cultural, que são moldados em valores, ideias e costumes. O autor nos mostra que as culturas são moldadas a partir destas relações entre lembrança e esquecimento, e neste ponto se faz importante observar os afetos na escrita da História. Segundo Catroga, a construção da memória passa pelos afetos, ou seja, estaria sempre lotada em relações éticas e estéticas, que seriam opções feitas pelo historiador ou impostas pelo meio social a que se escreve. A memória seria seletiva, ou seja, passaria pelos afetos, e poderia nesta “seleção afetiva” deixar fora uma série de outras relações que não seriam postas como importantes para se construir a ideia de unidade identitária de um grupo social por exemplo. “Os seus nexos são ditados por afinidades eletivas, e estas determinam que cada presente construa a sua própria história, não só em função da onticidade do que ocorreu, mas também das necessidades e lutas do presente. (Catroga 2001: 22)”.

Catroga nos ajuda a entender como a escrita é fundamental para a memória e sua legitimação, ele nos traz questões sobre a historiografia, que podemos estender para a narrativa literária. No nosso caso, podemos observar como os textos escolhidos para esta

análise se mostram como legitimadores e disseminadores de valores e ideias, voltadas para um projeto nacional em voga nos casos estudados. Podemos fazer uma reflexão desse conceito de memória observando as ideias de Todorov (1991) sobre a construção de discursos literários que podem criar realidades, que chegam a ter mais força do que a própria realidade concreta, fazendo o uso das obras literárias como meios de disseminar um ideário que pode ser ligado aos projetos de poder estabelecidos e em disputas tanto nos Estados Unidos quanto na Argentina. A criação de determinados discursos, como o de apresentar os territórios como as regiões dos Pampas sendo terras sem vida, perigosas, primitivas, onde a morte é uma constante para os homens, nos faz refletir sobre como essa narrativa se faz significativa para os planos de ocupação territorial e expansão do projeto liberal de nação na Argentina, sendo criada uma realidade ficcional, que está presente no texto literário e toma força em sua disseminação, apresentando o território que seria ocupado como um lugar deserto, sem vida “desenvolvida”, como um lugar sem civilidade, bruto e que, portanto, deveria ser ocupado por aqueles que poderiam lhe trazer desenvolvimento e civilidade.

Essa criação de uma narrativa pode ser entendida como um meio para aplicação ou preparação da aplicação de um projeto de nação, como nos casos de Argentina e Estados Unidos. Nessas experiências temos ainda o fato de os autores estarem ligados diretamente às estruturas de poder. No caso de Cooper, cresceu fazendo parte da aristocracia fundiária e já adulto se tornou parte da diplomacia do governo dos Estados Unidos. No caso da Argentina temos Sarmiento como um dos principais opositores de Rosas, tendo inclusive que se exilar fora do país, e por fim acaba se tornando presidente do país. Por esta ótica podemos observar uma aproximação dos textos literários ao pensamento hegemônico presente em cada projeto de nação em desenvolvimento nas duas experiências analisadas. Aqui podemos trazer as ideias de Willians (1980) sobre Hegemonia e da criação de um sistema de significações, que deveria apresentar as práticas sociais do meio e de seu tempo. Tudo que estivesse dentro do território que estaria nos projetos de nação das experiências analisadas seria posto sob a hegemonia construída pelos grupos no poder. Como dito anteriormente, os grupos nativos também deveriam estar submetidos a essas hegemonias, e portanto deveriam seguir a ideia homogeneizante de cultura, de práticas e ritos sociais. Aqui não temos o respeito à ideia de diversidade, o que temos é a imposição de valores, cultura, práticas, religião, moralidade e conhecimento.

A nossa observação vai de encontro a essas ideias, ao ponto que refletimos sobre a obra literária ser utilizada aqui como uma ferramenta para a disseminação de valores presentes na constituição de projetos de poder. O que ajudaria a aniquilar as possibilidades de

construções sociais diversas e plurais com a presença das culturas dos povos nativos dos territórios que estavam sendo ocupados nas duas experiências analisadas. Tanto nos Estados Unidos como na Argentina, se fez uma imposição cultural, baseada em construções narrativas prévias sobre quem eram os povos e o território que estava sendo ocupado. Nesse ponto, a Literatura tem um papel interessante, pois nos apresenta como os discursos são construídos e legitimados, através da construção de realidades que se fugiram quase que presentes na realidade concreta, auxiliando em ações como as “Campanhas do Deserto”, que foram ações baseadas em legislação que tinham o objetivo de aniquilar povos nativos resistentes ao avanço territorial da nação Argentina sobre seus territórios de origem. A observação dos discursos criados em relação a determinados povos e territórios é de importância para a formação das nações que estamos observando, nossa reflexão é baseada nisso, e busca refletir sobre o texto literário como uma fonte de análise para os momentos de expansão territorial e como eles eram entendidos e tratados pelas nações em questão.

Entendemos que o texto literário pode ter um contato maior com os imaginários de determinadas épocas e espaços, de forma proposital ou não. Como fonte de estudo é privilegiada por nos dar acesso a esses imaginários, o que é importante para a reflexão de sociedades, culturas, ações políticas, entre outras questões importantes para uma análise social. Temos, como dito anteriormente, um indício, um traço que vai marcar a historicidade que nos leva à observação de fatos e projetos que tinham objetivos sociais e culturais específicos.

Se refletirmos sobre as ideias de Pesavento (2006) sobre a criação de determinados tipos de personagens nas obras literárias, podemos observar as sensibilidades de um tempo e lugar. Temos possíveis perfis sociais, cheios dos valores presentes em cada meio, ou valores que deveriam ser disseminados e poderiam ser discutidos nos textos. Seguindo a nossa ótica de análise, que observa as obras literárias como ferramentas para a disseminação de imaginários e legitimação dos projetos nacionais nas nações observadas, podemos refletir sobre a criação de personagem ou valorização de determinadas visões sobre eles e seus grupos, com a finalidade de fazer com que realidades fossem criadas nos textos literários, que rompam as barreiras do texto e fizessem parte do pensamento em relação aos territórios, por exemplo. Desta forma, se cria imaginários, assim como Anderson (1983) nos apresenta. Esses imaginários são estimulados para se tornarem homogêneos em toda a sociedade, o que facilitaria ações concretas. No nosso caso, temos os territórios e os povos que viviam nesses locais sendo observados. Criar uma espécie de unidade no pensar é importante para se dominar, para controlar, para estabelecer a maneira como determinadas coisas devem ser

vistas, compreendidas. A Literatura pode ter um papel importante em nossa reflexão, ao ponto que ajuda a formatar esses imaginários sobre os territórios e os povos nos caminhos dos processos de expansão territorial dos Estados Unidos e da Argentina no século XIX. Sendo assim, podemos iniciar uma observação em trechos de algumas obras, que consideramos interessantes para tanto. Como dito antes, vamos ter o foco em duas obras, mas podemos utilizar outras que podem nos trazer contribuições interessantes.

Um bom exemplo para começar a refletir sobre o uso da literatura para a construção de imaginários e memórias, é observar algumas questões da obra “The Adventures of Daniel Boone” e como os nativos são descritos nela.

Nesta obra, a única preocupação real que Daniel Boone, e qualquer homem branco que estivesse na fronteira deveria ter, seriam os nativos. Aqui eles aparecem sempre como seres cheios de maldade, assassinos e sempre muito perigosos .

Temos os nativos nesta obra ligados a barbárie, e isso fica evidente quando vemos uma comparação com cobras : "In this sneaking mode of warface, men, women and children, were killed in many places; and unfrequently whole drove a cattle were cut off."⁷

Neste trecho podemos observar como os povos nativos eram vistos. A comparação a uma cobra, ou a ter ações parecidas com este animal, não é uma comparação inocente ou sem intenções. A cobra é uma figura bíblica importante, se observarmos a história contada sobre o mito do jardim do Éden, onde a cobra teria influenciado a atitude de Eva a comer do fruto proibido, o que por consequência fez com que Adão e Eva fossem expulsos do Jardim, sendo deixados a viver com as dores do mundo. Desta forma, podemos entender que existe uma forte depreciação na criação do imaginário dos nativos nos Estados Unidos, em sua experiência do avanço territorial durante o século XIX.

É importante observar como o discurso é criado. Pensar que ele pode ser utilizado para a criação de imaginários, como os apresenta Anderson (1983), é fundamental para as reflexões sobre os processos existentes nas sociedades que analisamos. Se observarmos a comparação dos nativos com cobras, que são seres vistos, inclusive de maneira religiosa, como algo ruim ou mau, podemos entender que a noção que se quer passar sobre aquela parcela de indivíduos, é que todos eles têm maldade quase inerente às suas práticas, em sua existência. Temos uma determinação de um tipo de comportamento sendo criado para aqueles grupos. Isto também pode ser observado pela ótica da criação de realidades pelo texto

⁷ “Em sua modo furtivo de guerra, homens, mulheres e crianças eram mortas em vários lugares, é poucas vezes alguma coisa eram levada e o gado cortado.” página 68. Tradução livre Hugo Farias de Sousa.

literário, como nos apresenta Todorov (1991) onde podemos observar a construção do que ele chama de sistemas de identificação, que ajudam nessa construção de realidades que podem ter impacto direto na realidade concreta. construir uma narrativa que apresenta os personagens nativos com atitudes semelhantes a de cobras, cria um imaginário que pode se fazer totalizante dentro de uma sociedade. Desta forma, estes indivíduos são colocados em posição de estar de um lado contrário aos valores estabelecidos para aquela determinada sociedade, o que pode facilitar na aplicação de ações reais em relação a esses grupos. Cabe observar outra obra para refletir sobre a figura dos nativos e a criação de imaginários.

Na obra de Cooper “The Last of the Mohicans”, o nativo é um importante personagem, pois já vemos em seu título o nome de uma tribo que viveu onde hoje é o estado de Nova York, tendo seu primeiro contato com os Europeus em 1609. Segundo Sousa (2012) com o tempo, por conta de conflitos com europeus e outras tribos, acabaram migrando e até mesmo se misturando com tribos diferentes. Isso fez com que fossem considerados extintos, pois acabaram perdendo suas características. Por isso temos o título do livro de *Cooper* como *O Último dos Moicanos*.

A imagem apresentada dos indígenas nesta obra, não difere em quase nada do que temos da obra sobre Daniel Boone. Segundo Sousa (2012) temos uma figura pejorativa, inferior, seja ele aliado ou inimigo;

Por exemplo, *Uncas e Chingachgook* que eram os índios que acompanhavam *Hankeye*, apesar de demonstrarem sempre estar do lado do explorador, nunca aparecem em posição de tomada de decisões, sempre consultam o caçador branco para tudo. Apesar de *Hankeye* não ser um indígena ele se apresenta como grande conhecedor do território e toma sempre uma posição de liderança em relação aos moicanos. Isso pode não parecer muito importante, mas é, tendo em vista o que *Nicolau Sevcenko* analisa sobre a literatura. Para ele a obra literária nos traz a revelação dos focos mais candentes de tensão e conflitos da sociedade. No caso da sociedade que viria mais tarde a se tornar a nação americana, mas que ainda permanecia em situação de colônia da Inglaterra, temos o índio como um sério problema que necessitaria ser resolvido. (SOUSA, 2012, p. 69)

Os personagens nativos que acompanhavam o protagonista da história são sempre colocados em condição de seguirem. Eles são apresentados como aliados, mas, mesmo assim, são postos em uma posição de seguidores e nunca de líderes, nunca dos que tomam as decisões. A presença e comportamento *Hawkeye*, um homem não nativo, que chega como um

estranho às terras dos indígenas, nos mostra como a construção da figura do homem colonizador é feita para demonstrar superioridade e controle quase que natural. Isso pode servir para apresentar sempre a noção de algum tipo de hierarquia natural entre os homens, em que os nativos que estariam (dentro das concepções do período) vivendo em estágio primitivo, deveriam seguir a orientação e tutela do homem branco para levar o desenvolvimento e civilização para os territórios que viviam. Desta forma se faz muito interessante construir um discurso que se torna uma verdade para o leitor, sobre inclusive o comportamento de determinados povos. Temos nesse ponto, uma das questões mais tensas do período, que é essa relação com os povos nativos, que é o encontro dessas forças e da subjugação cultural implantada pelos colonos aos nativos. O texto literário nos apresenta isso, nos traz essas realidades que são criadas dentro do discurso, nos apresenta os jogos e disputas de poder na construção de memórias.

Se voltarmos nossos olhos para a obra *Facundo* de Sarmiento, desta vez observando o caso da Argentina, vamos encontrar uma visão também depreciativa ligada à barbárie. O autor entende que os sujeitos da nação, de que todos os cidadãos eram os habitantes do território, os gaúchos, mestiços, homens do campo, habitantes das cidades, só temos uma exceção para o entendimento de Sarmiento como cidadãos, os nativos. Para ele, os nativos eram habitantes do “deserto”, populações consideradas “razas prehistóricas”, não adaptadas à civilização. Portanto, deveriam deixar de existir. A palavra deserto utilizada para designar o território onde os nativos viviam já nos mostra a construção da narrativa que quer ser feita para estes indivíduos. Seres que vivem em um lugar onde no senso comum não há vida, ou existe pouca possibilidade de se propagar a vida.

Temos, nas duas experiências, a construção de imaginários semelhantes em relação aos nativos. Eles aparecem como inferiores, incivilizados, bárbaros, selvagens e sempre como uma espécie de obstáculo para o avanço territorial e a construção das nações em questão. Pensando no que vimos acima sobre o conceito de memória cunhado por Catroga(2001), podemos entender que as disputas de poder estão presentes na escrita literária, pois os obstáculos ao desenvolvimento dos projetos de nação que neste caso podem ser definidos como os povos nativos destes territórios, são apresentados como inimigos, com a criação de imaginários que transformam os nativos em seres lotados de maldades e que não seriam parte das novas nações que estavam em desenvolvimento.

Devemos refletir que esses imaginários não são necessariamente criados nessas

experiências. Uma boa questão é compreender que temos muitas ideias que são cunhadas de forma anterior. Podemos remontar imaginários, preconceitos que chegam junto com os europeus ao território americano. Todorov na obra “*A conquista da América: A questão do outro*” de 1982 nos fala sobre as concepções acerca do território que acabava de ser descoberto pelos europeus. Temos a apresentação de trechos de cartas de Colombo, onde vemos os nativos sendo descritos juntamente com os animais, no mesmo plano e da mesma forma, fazendo com que esses sejam colocados de forma rebaixada, como algo selvagem, animalesco e primitivo. Nesta obra podemos observar descrições que não apresentam de fato o outro, e sim buscam através de conceitos determinados anteriormente trazer explicação e definição de lugares para a imposição cultural e dominação de territórios. É importante citar que estes imaginários já estão presentes de certa forma no senso comum e que são reforçados e ressignificados pelos textos literários nos processos de expansão territorial durante o século XIX nas duas experiências analisadas.

Seguindo a nossa análise das experiências das duas nações, podemos observar que as disputas de poder são fundamentais na experiência da Argentina. Vimos no capítulo anterior que houve no período pós independência, várias disputas de poder, onde estavam em jogo os interesses de grupos políticos e econômicos que estavam em voga naquele período, como os interesses dos liberais portenhos, dos grupos econômicos ingleses, dos latifundiários e dos nativos, que estavam habitando as terras do pampas que passavam pelo centro desta disputa.

Da mesma forma temos disputas de poder presentes na experiência dos Estados Unidos. As obras de Cooper, como a obra que é uma das fontes de nosso estudo, *The Last of the Mohicans*, nos apresentam questões da ocupação da terra, superação de valores do período colonial, apresentado em disputas com os ingleses, e claro nos apresenta os nativos como obstáculos a serem vencidos, pois além de estar ocupando os territórios que eram de interesses para a construção da nação, eram apresentados como não civilizados e não pertencentes aos valores cristãos.

Se voltarmos para observar a obra sobre Daniel Boone, de John Filson, podemos refletir o que Sousa (2012) nos apresenta sobre a obra literária, em que ;

Por ser a construção literária uma necessidade de representação do mundo, que deve ser observada e entendida por seu contexto social, o que afeta fortemente a produção cultural e refletindo um estado de ânimo social, podemos perceber que através da construção na obra de Boone, do índio como bárbaro e inimigo, temos a expectativa

Utilizando a obra sobre Boone como exemplo, vemos a criação desse imaginário, onde o nativo é sempre apresentado com as piores características. Uma citação interessante e que apresenta este imaginário segue abaixo;

As this party had brought in no prisoners, he did not now witness their horrible mode of torture. Before he left them, however, he saw enough of their awful cruelty in this way. Sometimes the poor prisoner would be tied to a stake, a pile of green wood placed around him, fire applied, and the poor wretch left to his horrible fate, while, amid shouts and yells, the Indians departed. Sometimes he would be forced to run the gauntlet between two rows of Indians, each one striking at him with a club until he fell dead. Others would be fastened between two stakes, their arms and legs stretched to each of them, and then quickly burnt by a blazing fire. A common mode was to pinion the arms of the prisoner, and then tie one end of a grape-vine around his neck, while the other was fastened to the stake. A fire was then kindled, and the poor wretch would walk a circle; this gave the savages the comfort of seeing the poor creature literally roasting while his agony was prolonged. Perhaps this was the most popular, too, because all the women and children could join in it. They were there, with their bundles of dry sticks, to keep the fire blazing, and their long switches, to beat the prisoner. Fearful that their victim might die too soon, and thus escape their cruelty, the women would knead cakes of clay and put them on the skull of the poor sufferer, that the fire might not reach his brain and instantly kill him... At other times, a poor prisoner would be tied, and then scalding water would be poured upon him from time to time till he died. It was amazing too, to see how the warriors would sometimes bear these tortures. Tied to the stake, they would chant their war-songs, threaten their captors with the awful vengeance of their tribe, boast of how many of their nation they had scalped, and tell their tormentors how they might increase their torture.”⁸

Aqui temos o nativo sendo apresentado como cruel e dotado de maldade, até mesmo as crianças, segundo a narrativa apresentada, ficavam felizes e apreciavam assistir momentos de torturas de prisioneiros. Isto é algo importante a se chamar a atenção, pois apreciar a tortura é algo que podemos definir como extremamente cruel e desumano, e aqui nesta

⁸ “Ele chegou a testemunhar o modo terrível de tortura dos índios. com muita crueldade pobres prisioneiros eram amarrados a uma pilha de madeira verde e o fogo era aplicado enquanto os índios comemoravam. As vezes era forçado a um desafio de luta com dois índios que não paravam de bater até cair morto. Outra maneira era amarrar o pobre prisioneiro entre duas estacas e acender uma fogueira no meio, e ver enquanto o homem era literalmente assado, isso deixava os índios felizes. As crianças e mulheres também assistiam a isso e gostavam, sendo estas torturas muito populares. As mulheres faziam massas com barro que eram colocadas nos prisioneiros para que o fogo não chegasse rápido ao cérebro e o matasse rápido. As vezes água fervente era jogada em cima dele para mostrar a vingança da tribo para com seus inimigos, cantando canções de guerra e torturando seus algozes.” Página 86. Tradução livre Hugo Farias de Sousa.

citação, até as crianças nativas apreciavam ver um ser humano sendo torturado. Temos a criação de uma verdade dentro da obra literária que pode ser tomada com muita força para se refletir as ações realizadas em direção aos povos nativos nos Estados Unidos. É importante refletir sobre a criação de narrativas sobre os territórios e os habitantes deles, pois assim podemos entender que a obra literária pode sim ser usada como uma ferramenta para legitimação de projetos hegemônicos de poder.

Observar esta narrativa sobre os nativos nessas duas experiências, nos leva também a uma das reflexões que fazemos neste trabalho, que além de observar como os imaginários dos nativos são construídos com a ajuda da literatura, para legitimar os projetos planejados para as nações em destaque, é tentar identificar a possibilidade de conseguir entender as intenções e interesses dos grupos nativos envolvidos nestes processos de avanço territorial, que estavam diretamente ligados a eles, pois estavam no caminho deste avanço, que ocorria sobre suas terras nativas.

Na obra de Cooper temos uma interessante passagem, onde conseguimos entender um pouco da visão dos nativos sobre os homens que estariam avançando sobre suas terras e afetando diretamente suas vidas.

Aqui temos o discurso de *Magua* em relação ao homem branco:

Magua was born a chief and a warrior among the red Hurons of the lakes; he saw the suns of twenty summers make the snows of twenty winters run off in the streams before he saw a pale face; and he was happy! Then his Canada fathers came into the woods, and taught him to drink the fire-water, and he became a rascal. The Hurons drove him from the graves of his fathers, as they would chase the hunted buffalo. He ran down the shores of the lakes, and followed their outlet to the 'city of cannon' There he hunted and fished, till the people chased him again through the woods into the arms of his enemies. The chief, who was born a Huron, was at last a warrior among the Mohawks! 'when his English and French fathers dug up the hatchet, Le Renard struck the war-post of the Mohawks, and went out against his own nation. The pale faces have driven the red-skins from their hunting grounds, and now when they fight, a white man leads the way. The old chief at Horican, your father, was the great captain of our war-party. He said to the Mohawks do this, and do that, and he was minded. He made a law, that if an Indian swallowed the firewater, and came into the cloth wigwams of his warriors, it should not be forgotten. Magua foolishly opened his mouth, and the hot liquor led him into the cabin of Munro. What did the gray-head? let his daughter say.' 'He forgot not his words, and did justice, by punishing the offender,' said the undaunted daughter. 'Justice!' repeated the Indian, casting an oblique glance of the most ferocious expression at her unyielding countenance 'is it justice to make evil and then punish for it? Magua was not himself; it was the fire-water that spoke and acted for him! but Munro did believe it. The Huron chief was tied up before all the pale-faced warriors, and whipped like a dog.' Cora remained silent, for she knew not how to palliate this imprudent severity

on the part of her father in a manner to suit the comprehension of an Indian.⁹

O personagem *Magua* nos traz aqui uma narrativa interessante sobre o impacto da presença do chamado “homem branco” nas terras nativas. Em sua fala ele nos traz a ideia do que chegou junto do avanço de colonizadores em suas terras. *Magua* fala do álcool e de como o uso dele fez mal a sua vida, o tornando um indígena desonrado, que não pode mais viver na sua tribo de origem. Se torna interessante falar sobre isso e destacar este trecho, por conta da observação do autor sobre como é a visão de um nativo sobre a chegada daqueles que avançavam sobre suas terras. Vemos na obra de Cooper uma importante questão para refletir, que é a visão nativa, ou a noção do autor de um ponto sobre como os nativos foram afetados pelos colonos.

Apesar disso, não temos a real fala do nativo, mas um momento em que o autor abre um espaço em sua narrativa para apresentar a construção daquele personagem, e se refletirmos sobre essa construção, podemos observar como a figura do nativo apresentado pode ser ligada a ações que não vão de encontro aos valores estabelecidos para o projeto de nação que estava em curso. Temos o nativo apresentando problemas com o álcool, e por conta disso é expulso até mesmo de sua comunidade de origem. Essa narrativa pode ser ligada a construção dos imaginários dos nativos, apresentando esse personagem como propício aos vícios. Esta pode ser uma interpretação da intenção da narrativa do autor, de construir verdades no texto literário que possam levar a ações na realidade concreta. Seguindo nossa observação em relação a obra poder ser vista como ferramenta para o processo de expansão territorial, podemos ter uma interpretação de alguma intenção relacionada ao desenvolvimento desse personagem. Entretanto, é interessante observar como isso nos dá um ponto de vista diferente, de como o processo de colonização pode ter modificado as práticas de vários povos nativos, e interferido diretamente em seu modo de vida. Porém, não temos aqui a visão e voz do nativo, mas sim o desenvolvimento de um personagem a partir da narrativa do autor, que como já vimos está ligado de alguma forma aos valores da aplicação do projeto de nação, que passa pela expansão territorial dos Estados Unidos no século XIX.

⁹ “Magua nasceu um chefe e um guerreiro entre os Hurons dos lagos vermelhos, viu 20 sóis de verão fazerem a neve de 20 invernos correrem como riachos antes de ver qualquer cara pálida, e ele era feliz. Então os pais do Canadá vieram pela floresta e lhe ensinaram a beber a água de fogo e ele se tornou um patife.” Tradução livre Hugo Farias de Sousa. Aqui Magua faz uma descrição dos efeitos que o álcool trazido pelo homem branco tiveram no índio em sua vida.

Para questão de informação, se observarmos a obra sobre Boone, não temos nenhum trecho em que se apresente a visão dos nativos sobre o avanço territorial dos colonos brancos, assim como também não vemos trechos semelhantes na obra de Sarmiento relacionada a experiência argentina. Pensando na obra de Sarmiento, cabe agora dar destaque a esta experiência em específico, para observar a construção da narrativa do autor e o imaginário e as questões dos interesses dos grupos indígenas envolvidos nesta experiência.

3.2 Facundo e o projeto de nação da Argentina.

Devemos observar que durante o século XIX o continente americano se tornou um dos campos de batalha para a construção de projetos nacionais, que envolveriam memórias e imaginários. Temos um objeto que sofre colonização do real pelo imaginário, aqui nos deparamos com questões sobre o reconhecimento que existe uma falsidade essencial em qualquer representação. Observando a construção da narrativa literária, o nacional ou o latinoamericano, passa a deitar raízes e ao mesmo tempo deslocar-se em direção aos movimentos mais gerais da cultura ocidental.

No continente americano temos duas questões extremamente sensíveis e problemáticas, que trazem até a atualidade conflitos e muita tensão social; a posse da terra e a letra que sustenta a posse da terra. Este é um problema que vem junto com o processo de colonização, dessa forma o continente foi sendo configurado sob a ótica do atraso, sendo assim tem a importação de modelos culturais, econômicos e políticos. Na América, temos o embate do oral com o escrito, a partir da chegada dos europeus o livro passa a ser um instrumento de colonização e se torna um veículo de poder.

O livro deixou de ser sinônimo de texto para incorporar uma construção imaginária, sendo a escrita como horizonte da ordem e autoridade. A América não é descrita, mas inscrita no horizonte do conhecimento ocidental. A escrituração do novo mundo seria como um signo de apropriação não apenas linguístico e cultural, mas também territorial. Temos uma construção do imaginário a respeito da terra nova, onde a conquista se traduz numa série de operações escriturais destinadas a negar as culturas nativas, que envolvem a fusão de interesses que podem vir da Igreja e dos Estados Ibéricos.

O que chamamos de “Descobrimento”, pode ser compreendido como a entrada do continente em um sistema discursivo, que é dominado por países europeus que decidem pela demarcação das terras, assim como seus nomes e destinos. A inclusão do continente neste discurso de expropriação, acaba por reinscrever o evento em outra totalidade, que seria a ‘cultura do ocidente’. Cabe aqui, refletir que fazer parte do ocidente não deu para a América, principalmente para a América Latina, a partilha do privilégio do enunciado, o que suporia reconhecer a capacidade de contribuir para o progresso do próprio ocidente, pois apesar da penetração do desígnio ocidental ter ocorrido nessa região de maneira indubitável, não interiorizou completamente a razão ocidental como fez principalmente com a América Anglo-Saxônica.

Segundo Alto(2005), o continente não tem controle para dirigir o veículo de racionalidade ocidental, sendo assim teríamos um elevado grau de falta de autenticidade nas estruturas sociais e políticas, o que passa a exigir respostas de que a imaginação literária não tardaria em responder. Segundo este autor, temos um problema relacionado ao pensamento dependente, que estaria diretamente ligado à condição colonial.

Aqui temos uma discussão interessante, ao ponto que temos, de maneira geral, o território, ou parte dele, sendo definido antes da nação. Vemos que o problema da questão geográfica fica no centro da busca pelo sentido da nacionalidade. Deste modo temos a criação de imaginários coletivos, com projetos homogeneizantes e de caráter vinculatório. Há aqui uma consciência de espaço, de territorialidade em contrapartida, a qual forneceu as bases da integração necessária ao estabelecimento da fórmula de um projeto de nação. Estes projetos têm em seu benefício a produção de imagens para atender as demandas de cada época ou grupos e disputas de poder. Por conta disso, devemos ter em mente que a nação que surge não é uma totalidade homogênea.

Com a leitura da narrativa de Sarmiento, temos uma questão que se torna importante para a reflexão desta experiência, que é a travessia e a violência que se cria em volta disso. Segundo Alto (2005) a travessia se faz como uma chave de leitura para a escrita de uma nova história da literatura latina americana, sendo um termo que talvez tivesse uma natureza nômade. Seguindo esta linha, vemos que a modernidade no continente pode ter sido construída sem uma reflexão interna, onde surgem as chamadas regiões vazias, associadas ao atraso, arcaico, em uma real oposição às regiões plenas, que tem nas cidades o seu símbolo maior.

Na obra de Sarmiento, há uma descrição de um lugar que se situa entre as cidades de San Luis e San Juan, neste momento temos o nome de travessia, como era conhecido este caminho. Este lugar, como dito, era desértico, triste, desamparado, com aspecto de escassez e aridez. Esta travessia era um lugar perigoso, violento, onde havia uma crescente da fuga, de uma figura da morte, uma espécie de reação sobrenatural.

Temos desejos que se juntam à criação de imaginários da nação. Nesta travessia, onde viveria o tigre, que é realização da violência e barbárie, temos a noção do que deveria ser feito para a aplicação do projeto nacional. Facundo deveria matar o tigre, e deixar a pampa livre da barbárie, além disso ocuparia lugar um imaginário com este projeto nacional. Sarmiento vai nomear a barbárie e vai associar ao estado natural do ser argentino das províncias do interior,

como o gaúcho, a fim de construir um arquétipo do marginal que deveria ser expurgado da nação.

A travessia, como um lugar de passagem, onde ocorre uma inversão de sentido na realidade, não era o melhor lugar para atravessar a região. Utilizando isso, Sarmiento inventa esta nação Argentina, como resultado de uma travessia que descreve com tintas fortes. O autor reconstrói uma trajetória em sua direção, um novo guia, como um mapa da nação. Desta forma, devemos ter em mente que o deserto não era existente como uma figura geológica.

Facundo necessita realizar a travessia para conseguir o sonho da razão, onde fecundar a terra e construir uma nova realidade, com a cidade letrada com símbolo maior disso. A cidade se torna aqui a norma civilizadora, ela deveria indicar os caminhos para regiões nunca visitadas antes pela palavra escrita. A barbárie aqui é tratada como tempo sem escrita, vazio e contra o qual se levanta o livro. Sarmiento tem a façanha de unir o país em torno de sua leitura, ou faz esta tentativa. Isto também ocorre, principalmente, com a obra de Cooper na experiência dos Estados Unidos, onde através dos contos de Leatherstocking temos uma espécie de união nacional, ou tentativa disso, em torno dos valores apresentados pelas obras.

Retornando a observação da obra de Sarmiento, temos no livro uma performance do redescobrimento do continente latino-americano. Apresenta inclusive a violência como elemento constitutivo de sua vocação civilizadora, ao se colocar como única medida de saber e redenção. A nação aqui, se constituía na língua e não no sangue. Sarmiento publica Facundo sob formas de folhetins no “El Progreso”, a partir de 1845. Era uma resistência ao Governo de Rosas. Temos aqui o “Capitalismo impresso” auxiliando e tomando importância para a repercussão de seus ideais e projetos para a nação. Isto nos lembra o que nos afirmou Anderson (1983) sobre o uso dos documentos impressos, assim como jornais e livros para a difusão de ideias e valores., pois temos um alcance maior e quase simultâneo, ou mais próximo de ser simultâneo.

Facundo trata de refundar a história da Argentina, excluindo memórias que estivessem fora de seu projeto europeizante. Aqui vemos muitas disputas da construção do imaginário social do povo. A construção de imagens, que segundo Martinez Estrada, fez levantar pontes sobre a realidade. Sarmiento superpõe a racionalidade européia sobre a realidade americana e a isso chamou de civilização, com uma clara retirada da diversidade cultural das regiões argentinas. Havia uma indiferença com a realidade social concreta, e se buscava a imagem construída. Interessante aqui observar a criação de realidades pelo texto literário, realidades

que podem estimular ações na realidade concreta. Esta é uma das faces pelas quais estamos observando e buscando refletir sobre a atuação das obras literárias nesses processos de expansão durante o século XIX, entendendo a obra literária como uma das ferramentas utilizadas para a disseminação do ideário necessário para a aplicação do projeto de nação.

A paisagem descrita é um discurso sobre outro discurso, como uma dupla mediação. Por um lado relatos de viajantes e exilados e por outro lado o discurso científico. Temos um discurso nacional forjado de fora, externo à realidade que suas palavras criam. Mais uma vez podemos observar as ideias de Todorov (1991) sobre o texto de ficção criar um real mais real que o real concreto, o que nos leva a possibilidades de entender como o discurso nacional, do projeto de nação pode ser forjado, criando tradições, valores e identidades que são externas ao território e sua diversidade cultural, a fim de aplicar padrões culturais sob um pensamento hegemônico. A questão da homogeneidade da qual Anderson (1983) nos fala, fica evidente aqui. A argumentação de Sarmiento passa por civilização e barbárie como a expressão do vazio.

O uso binário deste par de termos opostos, civilização e barbárie, nos traz a operação semântica delicada de Sarmiento sobre a vida de Facundo Quiroga, um caudilho violento que dominava parte do país após a independência da Argentina. Para o autor, os Unitários eram civilização e progresso e os Federais representavam a barbárie e o atraso. Na mão de Sarmiento, estes dois termos se tornam um conceito de ‘significação paradigmática e insuficiente’ para nomear a América Latina. Temos como bárbaro tudo que se diz ao americano, e civilizado ao europeu, como uma espécie de representação de progresso e vida culta. Vemos uma espécie de pêndulo, onde temos europeu colonizador contra herança indígena.

Sarmiento tem um projeto nacionalista de estruturas conceituadas com as coordenadas tempo e espaço, por um olhar historicista sobre os termos civilização e barbárie. Temos uma associação de um termo com um território. O termo civilização aqui, tem resultado de um agente externo, que atua ao longo do processo, o que justifica a natureza violenta dos processos.

A barbaridade se torna o princípio de construção estética. Facundo seria como o significante vazio, e funciona como um sistema de significações, cujo interior contém variáveis como o terreno argentino, colonização ibérica, herança indígena, ausência de leis e a natureza selvagem. Facundo é apresentado como oposição à ciência, ao progresso e a

civilização européia, assim como as cidades, leis e a força da cultura. Desta forma vemos como Sarmiento apresenta os nativos dos Pampas, como seres impuros racialmente.

O desenvolvimento desta característica, de relacionar os Pampas e o território com alguma problemática com as raças é muito importante para a nossa reflexão. com isso temos a criação de uma narrativa que envolve imaginários que relacionam a mistura de raças a falta de desenvolvimento da região, colocando os homens em uma hierarquia quase que natural. Desenvolver uma narrativa que afirme que uma das problemáticas da região é a mistura de raças e as práticas que as raças tidas como inferiores tinham em seu cotidiano, é trabalhar para criar realidades que neguem a existência destas práticas e destas “raças inferiores”. Desenvolver imaginários a respeito de etnias que não estão no projeto de nação, pode funcionar aqui como um exemplo da utilização do texto literário como ferramenta para auxiliar na disseminação de ideias que facilitem a criação de ações para a aplicação do projeto nacional.

“El pueblo que habita estas extensas comarcas se compone de dos razas diversas, que, mezclándose, forman medios tintes imperceptibles, españoles e indígenas. En las campañas de Córdoba y San Luis predomina la raza española pura, y es común encontrar en los campos, pastoreando ovejas, muchachas tan blancas, tan rosadas y hermosas, como querrían serlo las elegantes de una capital. En Santiago del Estero, el grueso de la población campesina habla aún la quichua, que revela su origen indio. En Corrientes, los campesinos usan un dialecto español muy gracioso. -Dame, general, un chiripá- decían a Lavalle sus soldados”.(SARMIENTO, 1952, p. 27)

Nessa citação acima, feita por Sarmiento, temos a observação de que o sistema colonial foi responsável pelo uso de nativos para o trabalho e com a sua falta de adaptação a estas estruturas de trabalho forçado, foram introduzidos os escravos africanos. Desta forma temos o início da criação de um discurso que apresenta isso como um problema para o progresso da nação Argentina.

“Mucho debe haber contribuido a producir este resultado desgraciado la incorporación de indígenas que hizo la colonización. Las razas americanas viven en la ociosidad, y se muestran incapaces, aun por medio de la compulsión, para dedicarse a un trabajo duro y seguido.”(SARMIENTO 1952, P. 28)

Aqui temos uma afirmação de um discurso que leva à incorporação de imaginários sobre os povos nativos, o de não serem adeptos ao trabalho e portanto, incapazes de colaborar com o progresso de uma nação com projetos liberais em curso. Temos uma afirmação muito

interessante para se pensar a criação ou reafirmação de uma narrativa sobre os povos nativos do continente americano, de que vivem pela ociosidade. Temos aqui a apresentação do encontro de visões de mundo diversas, onde formas diferentes de se relacionar com o ambiente e de práticas sociais distintas não são observadas e sim tratadas como problemas para a nação projetada. Temos a construção de uma narrativa na obra literária, que apresenta os nativos como ociosos e que não se ligam ao trabalho duro, muito valorizado na formação social que se busca para a Argentina. As disputas de poder podem ser observadas nessa construção de memória, assim como vemos em Catroga (2001), onde se monta uma narrativa para valorizar os grupos que pretendem estabelecer determinadas direções para a futura nação.

“Esto sugirió la idea de introducir negros en América, que tan fatales resultados ha producido. Pero no se ha mostrado mejor dotada de acción la raza española, cuando se ha visto en los desiertos americanos abandonada a sus propios instintos.”
(SARMIENTO, 1952 p. 28)

Nesta outra citação, vemos Sarmiento demonstrar também a ideia de que a escravidão africana trouxe resultados fatais para o continente americano. Vemos uma inclinação clara para a afirmação da superioridade da raça branca em relação às outras. Além disso, fica um tanto velada a demonstração de que os europeus teriam também uma hierarquia entre eles, onde os meridionais seriam inferiores aos nórdicos. Isso fica mais evidente ao falar da colonização da América do Norte, principalmente a dos Estados Unidos.

Esta observação se faz importante, pois nos apresenta a relação com os que poderiam estar presentes nas áreas que deveriam ser dominadas e para demonstrar as práticas culturais que deveriam ser superadas, para a implantação do projeto hegemônico de nação que se buscava para a Argentina. Falar de quem vivia nas terras que estavam sob litígio e interesse para o projeto nacional que Sarmiento representava, é pensar na construção do território como vazio, como espaços vazios ou selvagens. Temos uma relação destes espaços com a falta de escrita, sem representação e ideia de espaços fora da História. Sarmiento utiliza a imagem da barbárie para prefigurar o fim de uma época, fixando na memória nacional tipos e costumes que serão extintos, pois o progresso e a civilização deveriam ‘devorar’ tudo em seu caminho.

A questão racial passa por este “devorar”, onde o progresso era visto como a busca por reconfigurar a população, afastando as misturas e buscando o branqueamento populacional, com moldes europeus. Uma nova onda de imigração européia era necessária para o projeto

civilizatório, como era também necessário para a aplicação deste projeto de nação, o controle de territórios e a retirada dele dos povos nativos que não eram interessantes culturalmente e racialmente para a nação que se projetava. Podemos observar pontos de influência entre a experiência dos Estados Unidos com a tomada das Grandes Planícies e das Campanhas de dominação dos Pampas na Argentina.

Desta forma, a Pampa se converte de um enorme espaço ‘vazio’ desconhecido para um lugar, em que primeiro para quem se escreve e depois para o conjunto social que representa. A nação começava a se integrar territorialmente, juridicamente e economicamente. A nova representação que as nações latino-americanas projetam de si, como urbanização e mudança na estrutura produtiva, com a costa desenvolvida e o interior atrasado. Aqui temos os termos sempre em oposição, civilização e barbárie, cidade e campo e etc. Os primeiros termos estariam sempre associados aos benefícios da civilização ocidental e os segundos definidos como arcaicos culturalmente. Temos aqui as disputas de projetos e territórios.

Em Facundo, temos o conflito entre regiões culturais antagônicas, onde temos espaços ‘vazios’, ‘incivilizados’, que eram na verdade regiões intocadas frente aos períodos de intensa modernização que aconteceram no continente. As fronteiras inferiores a serem conquistadas por países latino americanos. Aqui, a Literatura se volta para essas regiões em busca de respostas pela natureza do ser nacional, onde algumas paisagens estavam como matrizes fundamentais, em uma ligação sobre origem e representação do vazio e de suas figurações.

Com essas figurações, podemos entender como que na Argentina, temos a Pampa não sendo considerada integrante dos limites ou possessões das províncias argentinas. Através de viagens de reconhecimento destas áreas, temos uma espécie de tentativa de converter estes espaços “vazios” em lugares. Se observarmos a narrativa literária destas experiências, vamos entender que podemos ver uma escrita desta atitude de converter em lugar, que é voltada para o conjunto social a que se escreve ou que se faz parte.

“La inmensa extensión de país que está en sus extremos es enteramente despoblada, y ríos navegables posee que no ha surcado aún el frágil barquichuelo. El mal que aqueja a la República Argentina es la extensión: el desierto la rodea por todas partes, y se le insinúa en las entrañas; la soledad, el despoblado sin una habitación humana, son, por lo general, los límites incuestionables entre unas y otras provincias. Allí, la inmensidad por todas partes: inmensa la llanura, inmensos los bosques, inmensos los ríos, el horizonte siempre incierto, siempre confundiéndose con la tierra, entre celajes y vapores tenues, que no dejan, en la lejana perspectiva, señalar el punto en que el mundo acaba y principia el cielo. Al sur y al norte, acéchanla los salvajes, que aguardan las noches de luna para caer, cual enjambre de hienas, sobre los ganados

que pacen en los campos y sobre las indefensas poblaciones. En la solitaria caravana de carretas que atraviesa pesadamente las pampas, y que se detiene a reposar por momentos, la tripulación, reunida en torno del escaso fuego, vuelve maquinalmente la vista hacia el sur, al más ligero susurro del viento que agita las yerbas secas, para hundir sus miradas en las tinieblas profundas de la noche, en busca de los bultos siniestros de la horda salvaje que puede, de un momento a otro, sorprenderla desapercibida. Si el oído no escucha rumor alguno, si la vista no alcanza a calar el velo oscuro que cubre la callada soledad, vuelve sus miradas, para tranquilizarse del todo, a las orejas de algún caballo que está inmediato al fogón, para observar si están inmóviles y negligentemente inclinadas hacia atrás. Entonces continúa la conversación interrumpida, o lleva a la boca el tasajo de carne, medio sollamado, de que se alimenta. Si no es la proximidad del salvaje lo que inquieta al hombre del campo, es el temor de un tigre que lo acecha, de una víbora que no puede pisar. Esta inseguridad de la vida, que es habitual y permanente en las campañas, imprime, a mi parecer, en el carácter argentino, cierta resignación estoica para la muerte violenta, que hace de ella uno de los percances inseparables de la vida, una manera de morir como cualquiera otra, y puede, quizá, explicar, en parte, la indiferencia con que dan y reciben la muerte, sin dejar en los que sobreviven impresiones profundas y duraderas.”(SARMIENTO, 1952 p. 21 e 22)

Pensar o território é refletir sobre a criação narrativa sobre ele, e como se torna um problema para a nação a extensão e a suposta falta de presença humana nos territórios. Podemos observar questões que figuram sobre a criação de memórias que nos apresentem o ambiente e como ele seria problemático sendo como era. Temos a construção e uso dos opostos civilização e barbárie, onde nos apresenta os problemas relacionados aos territórios, tratados até mesmo como desertos.

Essas escritas têm uma nova representação que as nações como a Argentina, projetam de si, com modernização, urbanização, mudanças de estruturas produtivas, onde vemos a ideia de regiões costeiras desenvolvidas e o interior atrasado. Podemos enquadrar isto na questão da dualidade civilização x barbárie, onde temos cidade x campo, escrita x oralidade. Aqui as culturas nativas são consideradas arcaicas e contraditórias ao projeto de poder, temos disputas de projetos, com o objetivo de controle de terras.

Estas questões relacionadas diretamente à escrita da narrativa literária, ajudam a criar os imaginários argentinos no século XIX, onde a Pampa se divide entre a imagem do cativo que impugna o amor nacional em *La Cautiva* (1837) de Esteban Echeverría, e a ilimitada liberdade do gaúcho cantador de *Martín Fierro* (1872) de José Hernández. Entre estas, se encontra Facundo, com sua condenação da extensão territorial, que Sarmiento ajuda a tornar hegemônica no pensamento argentino no século XIX. Isto leva à definição de políticas estatais para a região baseadas nas ideias de Sarmiento, muitas delas apresentadas em Facundo. Estes relatos, chegam a buscar questões de origem sobre o mundo, o que demarca linha de fronteira onde o conhecido, que se daria como o pensamento ocidental se encontra

com seu oposto, o pensamento selvagem.

Trazer este tipo de afirmação, tem relação direta com os interesses projetados sobre estas regiões. Temos a imagem de lugares inóspitos, onde transformá-los em espaço operava mediante a ação de um sujeito colonizador, que define a ocupação e fixação dos imaginários nacionais em relação a este espaço.

Segundo Alto (2005), a noção de espaços vazios no continente, obedece a mudanças na ordem internacional, na força de produção, em que exige uma resposta em nível nacional por novos territórios, que podem ser definidos como mercado e matéria prima. Na Argentina, esta experiência, tem relação com a ocupação da Pampa, que ocorre de maneira final em 1884, em meio ao governo Roca, onde temos prisão ou simples execução sumária de nativos, o que libera mais de 550 mil KM² de território para pecuária, imigrantes, especulação imobiliária e entre outras coisas. Estas questões se relacionam diretamente com a narrativa literária, pois estes textos respondem pela imagem de vazio que marcam definitivamente essas regiões.

A produção e conquista do vazio se relaciona com o conhecer para agir, onde o vazio aparece como algo construído, associado ao esvaziamento de sentido de certas expressões vinculadas ao interesse na apropriação de territórios. Desta forma podemos observar o que Carla Mariana Lois afirma em “La invención del desierto” (), em que temos na experiência argentina a união entre organismos militares e instituições geográficas, como elemento de coesão que fez o possível para a ocupação da zona desejada, e isto foi feito com o extermínio de seus habitantes naturais. Aqui a figura do deserto é utilizada e ressemantizada, associada ao aspecto natural, espacial, e também social, na afirmação de ter ausência de civilização. Isto é de muita importância para legitimar as políticas de ocupação. Se cria imaginários populares, relacionados à esfera sociocultural, que nos apresenta um vazio para ocupar, a fim de nos levar à transformação do deserto em território.

Sarmiento ajuda a associar a imagem da Pampa “vazia” como o inferno em terra, onde nesta condição, seria o mal para o país em formação. Alto (2005), nos afirma que o isolamento dessas regiões criou as condições para criar e reproduzir, de certa forma, culturas originais, de matrizes orais e de grande apego às formas locais de expressão, que sofreram um duro golpe frente a migração, ofensivas capitalistas ao território e com a massificação dos meios de comunicação, pois começaram a perder força e correr o risco de extinção. Neste ponto, podemos identificar os escritores e ou a literatura como mediadores culturais, que

ficavam entre âmbitos geográficos, sociais e literários desconhecidos e diferentes entre si. Para esta experiência, a argentina (podemos levar esta consideração também para a experiência dos Estados Unidos a fim de uma pequena comparação), podemos entender que o trabalho da escrita cria os locais de resistência ao poder totalizante do Estado Nação, se não cria, ao menos dá luz a eles, os apresentando com os valores de quem escreve, e para quem escreve.

Os imaginários criados, são interessados em espaços “vazios”, pois são influenciados pelo projeto de nação a escrever desta forma, para o fim de legitimar e tornar real o projetado. Temos uma força simbólica na literatura, que é fundamental para a aplicação do projeto de nação na Argentina, assim como nos Estados Unidos.

Temos a criação de narrativas sobre esses espaços, que os associam a valores que não eram priorizados para a nova nação em construção. Essas narrativas criadas são fundamentais para disseminar imaginários e que se relacionam diretamente com as disputas de poder e o pensamento hegemônico que se buscava para a sociedade argentina.

Observando a obra de Sarmiento, podemos perceber o projeto de nação a ser justificado na Argentina, e como isso vai de encontro direto com os habitantes dos Pampas. Assim como nos Estados Unidos, onde vemos a justificativa se dando também nas obras literárias, nas quais podemos encontrar a criação de imaginários a respeito dos habitantes das terras do chamado Oeste Americano, para onde a colonização estava se expandindo.

Observando de forma comparada a duas experiências, vemos através da obra literária algumas diferenças em duas figuras que podemos aproximar; O Gaúcho argentino e o Leatherstoking estadunidense. O primeiro é retratado por Sarmiento em Facundo como um representante do atraso, assim como as suas práticas e modo de vida que o rodeava.

Segundo Sarmiento, a vida e cultura dos Pampas, levaria a uma espécie de repetição e retorno de costumes e práticas, pois teríamos ali uma sociedade obtusa, atrasada, sem compromisso, em que as questões físicas seriam mais valorizadas, o que estaria em desacordo com os valores civilizatórios modernos. Seria a cultura da oralidade em que o Gaúcho estaria mergulhado, sendo visto por Sarmiento como algo primitivo.

La falta de todos los medios de civilización del progreso, que sólo pueden desarrollarse a condición de que los hombres estén unidos en numerosas sociedades,

ésta es la educación del hombre del campo. Las mujeres cuidan la casa, preparan la comida, esquilan las ovejas, ordeñan las vacas, hacen queso y tejen la tela basta con que se visten; todas las ocupaciones domésticas, todas las industrias pesan mucho sobre las mujeres. Los muchachos ejercitan su fuerza y se entrenan por placer en el manejo del lazo y las boleadeiras, con las que acosan y persiguen incansablemente a los terneros de las cabras; cuando saben montar, y esto sucede en cuanto aprenden a montar, hacen algunos recados a caballo; luego, cuando ya son fuertes, vagan por los campos, saltando precipicios y amansando ganado. Con la primera juventud viene la independencia completa y la falta de ocupación. Aquí empieza la vida pública, diría yo, del gaucho, porque su educación está acabada.” (SARMIENTO, 1952 P. 78)

Aqui podemos compreender que a imagem construída por Sarmiento a respeito do Gaúcho e do ambiente ao qual ele vive, nos mostra que o processo civilizatório não se faz presente, indicando questões que chegam quase a vida privada, para demonstrar que este modo de vida necessitava ser ultrapassado para a legitimação da civilização. Devemos entender que por não ter feito sua educação nas instituições que representam o Estado, o Gaúcho representa o que está fora da noção de civilização. Ele não tem acesso aos pensadores modernos, às instituições de ensino, que se encontram na cidade, onde o projeto de nação pensado por Sarmiento se organiza e se forma como eixo de controle e organização.

O Gaúcho, assim como o Leatherstocking, na experiência dos Estados Unidos, tem sua cultura voltada para o aprendizado prático da manutenção da vida. Isto é o bastante para a sua sobrevivência e a propagação de seu modo de vida. Nas duas experiências que estudamos aqui, temos uma similaridade interessante para refletir: a diversidade cultural presente nos territórios que estavam sendo alvo de interesse para os projetos de nação em vigência de construção. Esta diversidade estava relacionada ao Gaúcho na Argentina, e a sua manutenção da sobrevivência relacionada ao aprendizado oral, dos mestres que não estavam dentro de universidades ou escolas, mas na vida cotidiana, e que passavam seus saberes através da oralidade, por experiência prévia. Encontramos a diversidade, também, nos diferentes Leatherstockings nos Estados Unidos, que poderiam vir de comunidades religiosas, ser fugitivos da lei, ou somente pessoas comuns tentando a realização do sonho de conquistar o território e lograr na vida. Além disso, temos também a diversidade nos diferentes povos indígenas que habitavam os territórios tanto dos Pampas Argentinos, como os povos nativos que habitavam os territórios do Oeste dos Estados Unidos, que apesar de serem representados como algo igual na criação dos imaginários relacionados a eles, apresentavam diversidade de práticas, crenças e relações, tanto que temos diversos povos que eram inimigos uns dos outros, o que figurava disputas de territórios, entre outras coisas.

Desta forma podemos entender que nas duas experiências temos a diversidade dos

nativos habitantes das terras que estavam sendo objeto de colonização, como algo a ser extirpado pelos colonizadores, que tinham um projeto, ou projetos que poderiam estar em disputa, mas que intencionavam ser aplicados nas nações em construção, e que visavam um tipo de cidadão, que não estava representado pela diversidade cultural. A diversidade é algo que podemos compreender como perigoso na compreensão dos grupos que traçaram as direções destes projetos, como os Grupos liberais portenhos na Argentina.

Se voltarmos nossa reflexão para o que a questão da Hegemonia, como nos apresenta Williams(1980), onde temos uma relação quase que direta com a construção dos imaginários, onde vamos buscar o estabelecimento de uma interação na sociedade, entre as intenções sociais e políticas com aquilo que é disseminado socialmente sobre partes e grupos dessa sociedade. As relações da construção da memória e dos imaginários em relação aos habitantes das zonas de fronteira nas experiências de Estados Unidos e Argentina, nos apresenta esta construção de memória, através de imaginários, que a literatura carrega e dissemina, ajudando a legitimar projetos de nação em construção.

Aqui podemos refletir sobre o que Anderson (1983) fala sobre comunidades imaginadas e as questões do nacionalismo e da nação. Esta última, para este autor, se trata mais de uma comunidade política imaginada, do que de um meio de relações estabelecidas na realidade do dia a dia, ela é intrinsecamente limitada e ao mesmo tempo soberana, passando uma imagem de uma viva comunhão entre todos os atores sociais envolvidos em sua teia de relações. Aqui cabe a historiografia fazer esta ponte para que se tenha uma imagem de viva comunhão social, construindo fatos e acontecimentos sociais, históricos e culturais que relatam uma memória em comum àquela sociedade.

A construção de imaginários, que no caso de nosso trabalho observa a Literatura com esta função, pode nos apresentar o caminho para o qual se pretende levar a nação. Os projetos nacionais em via de aplicação nas experiências estudadas, utilizam as vias culturais para a legitimação de seus valores sociais, desta forma podemos nos dar conta de suas intenções. Podemos até mesmo entender as políticas que seriam aplicadas observando as imagens criadas de determinados grupos, como os indígenas na Argentina, e sua noção de barbárie. Isto, pode ter auxiliado a manter políticas de extermínio como as aplicadas nas “Campanhas do Deserto”.

Esta justificação, de determinadas políticas e práticas, que se fizeram agressivas as populações nativas, com extermínio de parte dessas populações praticado de forma livre

muitas vezes. Desta forma Sarmiento, faz a construção de imaginários sobre a população que vive nas regiões de fronteira, ou simplesmente regiões rurais. Ele as caracteriza, com a finalidade de apresentar suas ideias modernizadoras para a Argentina, que não contavam com a presença destas populações, onde estes representam o atraso para a nação em construção.

“Los niños ejercitan sus fuerzas y se adiestran por placer, en el manejo del lazo y de las bolas, con que molestan y persiguen sin descanso a las terneras y cabras; cuando son jinetes, y esto sucede luego de aprender a caminar, sirven a caballo en algunos quehaceres; más tarde, y cuando ya son fuertes, recorren los campos, cayendo y levantando, rodando a designio en las vizcacheras, salvando precipicios y adiestrándose en el manejo del caballo; cuando la pubertad asoma, se consagran a domar potros salvajes, y la muerte es el castigo menor que les aguarda, si un momento les faltan las fuerzas o el coraje. Con la juventud primera viene la completa independencia y la desocupación.” (SARMIENTO 1952, p. 35)

As atividades realizadas pelas pessoas destas regiões eram ligadas sempre ao trabalho manual e ao manejo com as coisas do campo e as coisas naturais. Temos uma figuração que pode ser compreendida como uma busca por levar esses indivíduos a serem mais próximos do que podemos chamar de homem natural, mais primitivo, talvez em estágios inferiores, ligado à oralidade. O autor nos dá uma sensação de que a vida no chamado deserto não mudou, o que levava os fazendeiros a terem que lidar com práticas entendidas como selvagens, ligadas aos povos nativos.

Podemos entender que além da questão racial e do sentimento de inferioridade dos povos que habitavam a América, Sarmiento também expande a narrativa de que o ambiente, o território físico em si era um fator para tornar os homens selvagens, inferiores, primitivos e resistentes às práticas civilizatórias. Desta forma, Sarmiento atua de forma a demonstrar as práticas culturais, tradições, ritos e os valores. Aqui o gaúcho é tratado por Sarmiento como sendo um representante do atraso, um produto e como um produtor da barbárie. Sarmiento traz informações sobre características do que seria este gaúcho. Temos o vaqueano, o rastreador, o cantor e o gaúcho mau.

Observando os aspectos destas características, relacionando a isso o discurso sobre a modernidade, podemos observar um pouco do que estava em campo no jogo político na Argentina no século XIX. Com isso, podemos entender que o pensamento de Sarmiento se liga a uma proposta de nação ligada ao progresso e a civilização. Para falar das populações que viviam nos Pampas, o autor nos apresenta a dicotomia Civilização X Barbárie, onde o

gaúcho é inserido como um bárbaro, a melhor expressão do atraso do campo Argentino. Assim temos as comunidades dos Pampas sendo vistas de forma depreciativa.

As províncias rurais, relacionadas aos Pampas, estavam sendo ligadas pelos imaginários criados por Sarmiento ao atraso, a barbárie e a violência. Já as cidades, teriam instituições, universidades, política, cultura moderna e seriam um símbolo de civilização. Os Pampas eram representados como vazios, despovoados, perigosos e violentos, onde todo seu habitante teria um tipo de vida tribal, primitivo, sendo ele indígena ou não. Sarmiento afirma que no campo, tudo que está ligado a civilização, a modernidade, é menosprezado pelo gaúcho, e tratado como ruim por ele. Não há Estado, Lei ou instituição que possa servir de guia para a vida destes homens.

As características do gaúcho, que foram destacadas por Sarmiento, não teriam espaço na nova nação. Estas características somente teriam espaço, segundo o autor, na vida que os gaúchos levaram, sem regras ligadas ao meio rural, onde teria desordem e falta de lei. Para Sarmiento a nova Argentina deveria ter sua modernidade baseada e construída com valores vindos dos centros urbanos, principalmente dos de Buenos Aires, onde o poder dos Caudilhos não chegava, para assim levar a modernidade para todo o território.

Segundo Sarmiento, o maior problema da Argentina no pós-independência seria a polarização, caracterizada por disputas entre Federalistas e Unitários. Estes últimos representados por Caudilhos como Facundo e Rosas, sendo eles representantes também da barbárie dos campos, que se não controlada acabaria por destruir as instituições que levavam a civilização, que estariam situadas nas cidades. Para Sarmiento Facundo Quiroga era o exemplo do gaúcho mal, do que carregava em si a maldade, a barbárie. Além disso, o autor afirma que Facundo seria contrário a civilização e tudo que fosse ao lado da modernidade européia, que segundo Sarmiento lutava para se instalar nas cidades argentinas. Esta representação de Facundo, pode ser lida como a representação da política caudilhista, que tomava a imagem de agregar desordem, violência e ódio às instituições civis.

Facundo, ignorante, bárbaro, que llevó una vida errante durante muchos años, que sólo de vez en cuando ilumina los reflejos siniestros del puñal que gira a su alrededor; Valiente hasta la temeridad, dotado de fuerza hercúlea, gaucho a caballo, dominando todo por la violencia y el terror, no conoce otro poder que el de la fuerza bruta, no en la fe sino en su caballo; todo lo espera de su coraje, de la lanza que empuña, del terrible ímpetu de sus cargas de caballería.” (SARMIENTO 1952 P.143)

Para Sarmiento, devemos entender que Facundo e Rosas são quase o mesmo. Apesar dos dois, à época, estarem disputando poder político, temos que observar que eram representantes do mesmo lado político. Rosas governou a Província de Buenos Aires por aproximadamente 20 anos. Apesar de não haver unidade nacional, ou uma República Argentina, a província de Buenos Aires influenciava as províncias do interior, até mesmo por ser um importante ponto de distribuição de mercadorias, tendo em vista a sua região portuária. Sendo assim, Rosas tinha forte influência em todas as províncias e atuou de maneira autoritária, perseguindo inimigos políticos, fechando universidades e atuando contra pensamentos antagônicos ao seu governo. Com isso vemos Sarmiento com um dos exilados, que como ele afirmava, estavam em contato com a modernidade e ideais civilizados que um dia retornaram à Argentina para aplicar um projeto de nação que fosse ao encontro desses ideais.

A elite letrada de Buenos Aires, onde Sarmiento se encontra, estava inteirada de construir um Estado “Democrático”. Porém, deveria, segundo os seus ideais, vencer os valores “bárbaros” do antigo regime, que era representado pelos caudilhos, onde havia manutenção de costumes da aristocracia.

Outra importante questão para observar os imaginários a respeito das regiões rurais que estavam em torno dos Pampas é a preocupação com a educação pública. Para Sarmiento a educação deveria ser pública e servir para auxiliar a levar a cultura e modernidade desejadas para acabar com os valores presentes do Antigo Regime. O projeto de nação visado por Sarmiento seria uma junção de uma nação que receberia imigrantes europeus e teria a noção de espírito público dos Estados Unidos. Devemos levar em conta que Sarmiento tinha forte influência dos valores estadunidenses, onde teria em mente levar para a Argentina as instituições democráticas e a imprensa livre.

O governo de Rosas, era um representante do atraso, segundo Sarmiento, durante os anos 1840 ele foi para o exílio no Chile, assim como muitos inimigos políticos de Rosas. Durante este período Sarmiento escreve Facundo, onde apresenta os imaginários a respeito dos territórios rurais e dos Pampas, dos seus habitantes e apresenta o projeto para a nação Argentina. Fica claro a posição de Sarmiento sobre Rosas e o estado em que se encontrava a Argentina;

“El terror es un medio de gobierno que produce mayores resultados que el patriotismo y la espontaneidad... Es cierto que degrada a los hombres, los empobrece, le quita al Estado lo que podría dar en diez años, pero ¿qué importa todo eso?, de los bandidos. , o al caudillo argentino.” (SARMIENTO 1952 P. 150)

Sarmiento utiliza Facundo Quiroga como exemplo em sua obra, para criticar a influência política dos caudilhos, e nos apresenta um estudo sobre o caudilhismo, onde utiliza a dicotomia civilização x barbárie, que teria a o choque entre os centros iluminados e modernos que seriam personificados pela cidade de Buenos Aires e os lugares atrasados, que teriam como imagem o campo e tudo que estivesse ligado a ele.

Estes ideais representavam uma quebra com o que pudesse ser ligado às tradições do passado, às questões orais, populares, a figuras que representavam atraso com o Gaúcho e figuras que eram entendidas como não desejadas para a nação, como os nativos. A República Argentina seria construída sem a presença do que era significativo destas regiões renegadas no projeto para a nação Argentina.

Sarmiento nos apresenta alguns imaginários a respeito dos Pampas e de seus habitantes, que vai de encontro com os interesses sobre as terras para a integração e criação de uma nação Argentina que tivesse os valores e ideias liberais como norte para o seu desenvolvimento. Temos aqui a visualização de grupos políticos disputando poder, e portanto criando condições para legitimar seus projetos. Sarmiento traz em sua narrativa as visões políticas para a Argentina.

Neste ponto se faz interessante dar atenção à noção de “tradições inventadas” que podemos observar com o que nos elucida Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) . Os autores apresentam uma reflexão sobre as tradições das sociedades, suas origens e invenções, em que os interesses relacionados à criação de determinadas tradições com a manutenção de práticas e a eliminação de outras, devem ser observadas tendo relação direta com a historiografia e as narrativas, como as da literatura, que podem ser utilizadas para a legitimação disso.

Essas tradições e valores que são criados têm relação direta com a construção da memória, uma memória que deveria ser rememorada sem a presença de grupos que

representassem o que seria antagônico ao projeto de nação que os grupos liberais estavam planejando para a Argentina. Podemos ver uma clara disputa de poder, que revela interesses econômicos e políticos principalmente em relação às terras dos Pampas, com todo seu potencial produtivo e de ocupação por imigrantes europeus.

A invenção de tradições se liga à construção de memórias, assim como nos apresenta Catroga (2001). Segundo o autor, há uma relação muito tênue entre lembrança/esquecimento/memória e historiografia, pois o meio social ou grupo tem a sua maneira de pensar e observar as questões historicamente consideradas mais importantes e, para isso, se fazem utilizar de ferramentas para que se possa manter o que Catroga afirma ser todo um imaginário cultural, que são moldados em valores, ideias e costumes. O autor nos mostra que as culturas são moldadas a partir destas relações entre lembrança e esquecimento, e neste ponto se faz importante observar a questão dos afetos na escrita da História. Segundo Catroga, a construção da memória passa pelos afetos, ou seja, estaria sempre lotada com questões éticas e estéticas, que seriam opções feitas pelo historiador ou impostas pelo meio social a que se escreve. A memória seria seletiva, ou seja, passaria pelos afetos, onde uma série de questões que não seriam postas como importantes para se construir a ideia de unidade identitária, de um grupo social por exemplo, seriam deixadas de lado por esta história.

A observação da seletividade na construção de tradições e memórias, daquilo que deveria ser rememorado e o que deveria ser esquecido e posto no não dito, no negado, no rejeitado da história, é visível na obra de Sarmiento. Este autor faz em sua narrativa a demonstração do que deveria ser entendido como ruim, como negativo à construção de uma nação Argentina moderna e civilizada, com base nas ideias liberais européias e a democracia dos Estados Unidos.

Desta forma podemos entender que Sarmiento utiliza a obra Facundo para levar os ideias de seu projeto de nação para a Argentina, com a finalidade de legitimar e fazer valer os seus interesses e de seu grupo a fim de tomar o poder da direção da nação Argentina. Assim entendemos que os habitantes tradicionais das regiões pampeanas não teriam espaço para continuar vivendo em suas estruturas culturais, pois a modernidade deveria se espalhar por todo o território argentino. Pelo ideário reproduzido por Sarmiento, vamos ter os valores "retrógrados" de sociedade retirados pelos ideais de civilidade e modernidade que seria aplicado em toda Argentina, a fim de modificar os grupos estabelecidos no poder.

É muito importante afirmar que Sarmiento estava muito influenciado por teorias

políticas e filosóficas, principalmente de Augusto Comte (1798-1857), de quem trouxe o conceito de Positivismo, onde a Ordem e o Progresso poderiam ser os preceitos que poderiam ser usados para colocar em prática o projeto liberal na Argentina. Desta forma a educação tem papel fundamental em disseminar esses valores. Sarmiento afirma que a educação pode ser uma maneira de apresentar a nação, seus valores, memória e tradições.

Para o autor, o exemplo da Europa e Estados Unidos deveria ser implantado na Argentina. Portanto, para os grupos intelectuais seriam importantes neste projeto, para ajudar a disseminar os valores desejados. Temos a política e as letras em integração, para a formação do Estado nacional: o Político e o educador se encontrariam na mesma pessoa, sendo responsáveis pelo processo de modernização da nação.

Para Sarmiento a educação seria uma ferramenta para a construção da modificação da vida em comunidades rurais, levando o Gaúcho a alterar seu modo de vida, sendo um gerador de civilização. Para tanto deveria haver o ‘Espírito Público’. Esta noção vem da influência da sociedade dos Estados Unidos, onde haveria uma noção pública que iria além de questões religiosas e levaria mais igualdade a todos os homens, levando uma linguagem educativa científica a todos.

Além disso, é interessante observar que indo à frente das influências por ideais e valores dos Estados Unidos e Europa, temos também o incentivo à imigração européia, o que traria mais modernidade, civilização e ocupação de terras para produção agrícola. Este planejamento estaria ligado à noção de eliminar da sociedade os hábitos e grupos que eram entendidos como responsáveis pelo atraso da nação. Assim os imigrantes teriam papel importante, pois eliminariam o deserto, as áreas não povoadas Pampeanas. Assim o desenvolvimento seria levado para as áreas rurais, onde haveria o maior contato com a barbárie.

“¿Hemos de cerrar voluntariamente la puerta a la inmigración europea que llama con golpes repetidos para poblar nuestros desiertos, y hacernos, a la sombra de nuestro pabellón, pueblo innumerable como las arenas del mar? ¿Hemos de dejar, ilusorios y vanos, los sueños de desenvolvimiento, de poder y de gloria, con que nos han mecido desde la infancia, los pronósticos que con envidia nos dirigen los que en Europa estudian las necesidades de la humanidad? Después de la Europa, ¿hay otro mundo cristiano civilizable y desierto que la América? ¿Hay en la América muchos pueblos que estén, como el argentino, llamados, por lo pronto, a recibir la población europea que desborda como el líquido en un vaso? ¿No queréis, en fin, que vayamos a invocar la ciencia y la industria en nuestro auxilio, a llamarlas con todas nuestras fuerzas, para que vengan a sentarse en medio de nosotros, libre la una de toda traba

puesta al pensamiento, segura la otra de toda violencia y de toda coacción? ¡Oh! ¡Este porvenir no se renuncia así no más! No se renuncia porque un ejército de 20.000 hombres guarde la entrada de la patria: los soldados mueren en los combates, desertan o cambian de bandera. No se renuncia porque la fortuna haya favorecido a un tirano durante largos y pesados años: la fortuna es ciega, y un día que no acierte a encontrar a su favorito, entre el humo denso y la polvareda sofocante de los combates, ¡adiós tirano!; ¡adiós tiranía! No se renuncia porque todas las brutales e ignorantes tradiciones coloniales hayan podido más, en un momento de extravío, en el ánimo de masas inexpertas: las convulsiones políticas traen también la experiencia y la luz, y es ley de la humanidad que los intereses nuevos, las ideas fecundas, el progreso, triunfen al fin de las tradiciones envejecidas, de los hábitos ignorantes y de las preocupaciones estacionarias.” (SARMIENTO 1952 P.12)

Para Sarmiento a imigração européia representava parte fundamental de seu projeto de nação na Argentina. Pois a sua compreensão de povoar não estava relacionada com a presença física de seres humanos, mas com a presença de homens que pudessem representar e carregar os valores e hábitos que ele compreendia como civilizados e modernos. Este tipo de avaliação e observação de sua prática através do texto literário se faz importante para refletir sobre o ideário reafirmado a respeito dos habitantes dos Pampas, tanto gaúchos como nativos, estes últimos sendo ainda mais relacionados à questão da barbárie.

Desta forma caberia ao Estado a função de trazer a modernidade para a nação em construção, sendo assim, deveríamos observar que grupos seriam exterminados, ou quase completamente ignorados socialmente e culturalmente, com a finalidade de afirmar a modernidade, do qual estes grupos, como as diversas etnias nativas presentes nas terras dos Pampas, não estariam ligados.

Esta modernidade seria aplicada por uma elite letrada, que controlaria o país, em uma interação entre trabalho e letras, onde o crescimento econômico, garantia dos direitos civis àqueles vistos como cidadãos, a ordem republicana e a propriedade privada seriam o norte para o desenvolvimento do país. Todavia, para concretizar este projeto, Sarmiento necessitava criar as condições para a aplicação do Estado Liberal, e para isso era necessário tirar o poder dos líderes Caudilhos, como o próprio Facundo Quiroga. Sendo assim ele faz o uso da obra sobre Facundo para ajudar a disseminar as ideias sobre este regime que estava presente na Argentina.

Para Sarmiento o Caudilhismo representava o atraso, a barbárie e o distanciamento da modernidade liberal. Ele descreve assim os caudilhos e suas linhas de poder, onde nos apresenta a necessidade de modificação das condições políticas argentinas para o

desenvolvimento nacional. Assim podemos observar a construção da narrativa que envolve o leitor em aspectos onde o habitante da região pampeana, ou da região tida como rural, onde estes habitantes e seus valores e cultura são vistos como representantes do atraso, que pode ser figurado como o Antigo Regime, onde a modernidade e a civilização não têm vez. Para Facundo o homem resulta do meio em que vive, sendo assim fica interessante para nós, abordarmos a seguinte afirmação de Sarmiento sobre Facundo, “Seu tipo de primitivismo, seu barbarismo, seu instintivo ódio às leis, sua vida de perigos, sua ferocidade, que o aproximavam de um animal selvagem, constituíam os típicos produtos do campo argentino, onde não havia associação nem espírito público” (SARMIENTO, 1996, P 131)

Sarmiento vai nos apresentar seu ideário a respeito da criação da narrativa que estabelece a dicotomia civilização x barbárie. Segundo ele, temos na primeira a libertação da Argentina dos modelos primitivos de política e sociedade, que eram levados a cabo pelos caudilhos que estavam presentes em terras dos Pampas, ou em suas redondezas. Para ele, como dito anteriormente, a cidade é o local escolhido para a representatividade da civilização, através de suas instituições, letras e luzes. Para ele, o campo/Pampa está repleto do atraso, seja nos hábitos ou nos seus habitantes, em seu território sem aproveitamento racional de seus recursos e até mesmo na condição de uma enorme porção de terras sem a “devida” ocupação.

Temos uma reflexão da obra de Sarmiento e de seu ideário que pode nos levar a uma interpretação de que a obra literária pode (e nesse caso é) ser utilizada como uma ferramenta para a disseminação de valores e da implantação de uma hegemonia do pensar, que faz parte da aplicação de projetos de nação. No caso estudado temos a nação Argentina sendo projetada e seus valores sendo construídos e disseminados. A obra sobre Facundo pode ser vista como uma ferramenta para tal propósito. Não que esta seja a utilidade da obra literária, que pode ser vista e analisada de diversas formas, todavia a nossa análise busca esta relação da obra literária, com seu autor e meio, onde pode ser utilizada para disseminação de valores, de forma mais ou menos subjetiva.

Cabe agora, fazer uma análise dos contextos históricos de cada experiência. Desta forma, vamos poder refletir sobre os ambientes de criação das obras, a formação dos autores, os projetos de nação em disputa e as figuras históricas que podem ser determinantes para a construção das narrativas literárias.

4 A experiência da expansão territorial da Argentina no século XIX.

Na Argentina do pós-independência, podemos analisar a criação de muitas alianças entre os nativos e os criollos brancos. Estas alianças nos apresentam algumas violentas disputas, como as disputas pelo controle de redes de trocas, que se estabeleceram em regiões como as dos Pampas desde o período colonial.

Deste modo, podemos visualizar o início da demonstração, mais intensa, de interesse pelos Pampas para fazer parte do território que seria a nação Argentina. Os interesses aqui são fundiários, econômicos e políticos, colocando os criollos e os indígenas em conflitos e alianças que se faziam para a disputa do controle da terra e de suas riquezas.

Na Argentina do pós-independência temos um importante fator para a reflexão deste trabalho. Podemos observar uma intensa série de movimentos, vindo principalmente dos grupos Portenhos, sobre as terras dos Pampas. Desta forma, se faz necessário observar de forma mais geral a compreensão que os nativos tinham destes movimentos, pois havia um projeto de Argentina que estava começando a ser construído e colocado em prática, e os grupos nativos tinham que buscar entender este projeto e observar as possibilidades de convivência e participação nesta Argentina em construção.

Entretanto, vemos a construção de imaginários sobre os nativos americanos da região da Argentina, que não era o ideal para a sua participação nesta nova nação. A imagem de um ser violento, sem humanidade, e que deveria ser desintegrado culturalmente e socialmente, é construída e usada principalmente na segunda metade do século XIX. Estas imagens geram a legitimação de políticas bélicas ofensivas e intensas como as “Campanhas do desertos”, que tinham respaldo em lei para ocorrer. Temos a difusão da ideia do indígena como um ser bárbaro, que deveria ser combatido, e isto é propagado junto de interesses cada vez mais claros de grandes proprietários nas terras das fronteiras dos Pampas.

Para tanto, cabe observar que os grupos portenhos, ou seja, oriundos da província de Buenos Aires, disputavam o poderio econômico e político que atravessava o século XIX. As elites portenhas disputavam poder principalmente com os grupos do interior. Neste ponto, devemos compreender que haviam grupos muito diferentes que passaram a viver sob a mesma ideia de nação, ou de projeto de nação. Porém, é importante frisar que nem todos estes grupos, principalmente os do interior, estavam incluídos neste projeto. Passetti (2010) afirma que temos as oposições de Republicanismo/ Catolicismo, Democracia / Absolutismo,

Portenho/ Interior, Federalistas/Unitários, Criollos/Indígenas, estas oposições podem ser sintetizadas, segundo o autor, pela oposição Civilização /Barbárie. Portanto, é necessário a percepção de que o projeto de nação vai incluir esta oposição em seu plano de ação.

Desta forma, vemos que os grupos indígenas não estavam incluídos no projeto de nação que poderia ser posto em prática pelos grupos portenhos. Os indígenas dominavam as terras dos Pampas ao sul e o Chaco ao norte. Os portenhos, influenciados por ideias liberais, principalmente de origem britânica, demonstravam um interesse muito grande nos Pampas, principalmente a partir de 1810, quando tomam poder na Argentina.

Este interesse nas terras dos Pampas, vem de encontro ao desenvolvimento econômico projetado nos moldes liberais pelos grupos portenhos, influenciados pelos britânicos. As tensões que podemos observar nas zonas de fronteira nos remetem ao controle das rotas de comércio, que vem desde o período colonial. Estas tensões, que começam a ter mais intensidade a partir do início do século XIX, nos apresentam a imagem que os nativos passam a ter. Os problemas que os grandes proprietários de terras das fronteiras com os Pampas tinham passaram a ser ligados quase que de forma integral aos grupos indígenas e seus interesses “escusos”. Esta ideia é uma forma de perceber a oposição civilização/barbárie, onde a barbárie estava junto dos grupos indígenas. Sendo assim, o uso das armas para derrubar estes adversários poderia e deveria ser feito pelos portenhos, a fim de consolidar a sua base de poder econômico.

Segundo Passetti(2010), no território que hoje se encontra a Argentina haviam variados grupos indígenas, e eles controlavam regiões diversas. Dentre eles temos os Ranquel de San Luís e Mendonza; os Pehuenche das Serras pré andinas e os Tehuelche da Patagônia. Temos os Mapuche que originalmente eram de Araucania no Chile, mas estes iam aos pampas caçar gado selvagem, e segundo Passetti(2010), a partir do século XVIII se instalam definitivamente nos Pampas. Podemos observar que houve miscigenação com os povos que já viviam nos Pampas, com trocas culturais e manutenções de ritos e práticas. Todos estes grupos apresentavam suas semelhanças e peculiaridades, o que permitiu a criação de grandes cacicados, que eram ligados por parentescos e alianças em atividades guerreiras.

Estes grupos indígenas tinham no chamado Malón , que era a prática de saques a estâncias para roubo de gado, mercadorias e mulheres, como a sua principal fonte de riquezas. Eles faziam as trocas e vendas do que saqueavam nas chamadas rastrilladas. Estas eram espécies de rotas/trilhas de comércio, que eram controladas e muito utilizadas pelos nativos. Passetti (2010), afirma que devemos ter o cuidado para não compreender que toda a que a

economia indígena se reduzia somente a estas ações, a economia indígena era mais complexa e rica do que isto, apesar de ser um importante pilar em suas ações.

Nas *rastrilladas* passava grande parte do comércio que estava em torno de trocas de gado, armas, cavalos, objetos saqueados e até mulheres. Estas trocas eram feitas em espécies de feiras que se formavam nos cruzamentos destas rotas. Passetti (2010) afirma que em 1820, podemos observar uma destas feiras se tornando um importante e grande ponto de trocas comerciais. Esta feira estava geograficamente muito próxima a Tandí, na província de Buenos Aires, o que deixa evidente que os grupos indígenas detinham um grande poder de controle dos territórios que interessavam aos portenhos, por seu potencial econômico.

Os indígenas se organizaram em grandes *cacicados*. Isto fazia com que um cacique principal estivesse em diálogo com caciques intermediários, que eram os que controlavam os *caciquillos* (Os líderes locais) de cada etnia. Esta organização se dava para os ataques aos *criollos* que viviam nas fronteiras, a fim de garantir a sobrevivência dos indígenas.

Podemos nos debruçar sobre alguns aspectos importantes para esta pesquisa. Os interesses dos indígenas estão presentes em sua forma de se organizar, nos ataques aos *criollos* e no controle das rotas de comércio. Devemos observar isto a fim da análise da imagem que é criada acerca dos nativos durante o século XIX, principalmente na literatura, ajudando a legitimar políticas de controle e extermínio dos nativos.

Voltando para os grupos indígenas e suas relações com os *criollos*, temos que observar os "índios amigos" e os "índios aliados". Os primeiros, segundo Passetti (2010), eram os que dependiam economicamente dos *Criollos*, vivendo em suas terras ou os arredores, e prestando serviços para eles. Já os segundos eram os que eram independentes economicamente, mas viviam na zona de terra indígena e garantiam resistência aos *malones* vindos das terras dos pampas, por exemplo. Eles trocavam regalos por paz e informação para os *criollos*.

Essas relações são formalizadas com a presença de Rosas no poder. Foram feitos acordos de grande duração, com regalos fixos em troca de não invasão e proteção contra *malones*¹⁰ de outros grupos. Passetti (2010) chama atenção para o fato de que isso não era uma ação civilizatória para com os indígenas, mas uma opção de cunho pragmático, a fim de garantir certa ordem econômica. Desta maneira, o interior da província de Buenos Aires ficava em segurança em relação aos *malones*.

¹⁰ O *malón* foi uma tática militar ofensiva utilizada pelos povos indígenas da América do Sul, bem como pelas etnias Mapuche e Charrúa nos atuais territórios da Argentina, Uruguai e Chile, que consistiu no ataque rápido e surpreendente de guerreiros da cavalaria contra um grupo inimigo, percorriam cidades ou vilas, fortificações e assentamentos crioulos, com o objetivo de matar os adversários e saquear gado, alimentos e prisioneiros, especialmente mulheres jovens e crianças.

Em 1830 temos duas grandes confederações nos Pampas. Podemos observar uma grande unidade composta pelos Ranquel, com a família Guor no comando. Outra grande confederação era das Salinas grandes, integradas pelos Araucanos. Aqui temos o poder nas mãos de Calfurucá, que liderava pela violência através de malones. Devemos trazer a informação de que o líder da confederação das Salinas grandes, Calfurucá era associado a Rosas, por conta de tratados e alianças para estabelecer a paz na região.

Esta situação se dá pela busca da paz que Rosas e Calfurucá objetivaram, com a finalidade de consolidar os seus poderes. Podemos entender esta situação na facilidade de negociar com apenas um cacique, e também na opção de responsabilizar apenas um líder, se por algum motivo os acordos forem desfeitos. Devemos entender que nas regiões de fronteira os criollos tinham muita debilidade econômica e demográfica, fazendo com que a opção da paz através de regalos e entrega de gado para os indígenas fosse a melhor opção para a manutenção do modo de vida.

A situação de paz interessava a grande parte dos grupos envolvidos, os nativos, caciques e governantes, mas interessava muito aos pecuaristas, pois possibilitava maior ganho de tempo para se fortalecer economicamente. O retorno de Rosas ao poder, deu a possibilidade para uma tranquilidade econômica às elites agrárias.

Os nativos controlavam uma região muito extensa dos pampas úmidos, que eram muito férteis para a agricultura e pecuária. Estas terras despertavam muito interesse dos grupos pecuaristas, portanto a paz com os indígenas era importante para fortalecer os grupos criollos nas fronteiras, evitando as perdas dos malones. Com isso temos um mercado criollo sendo abastecido pelo controle de rotas dos indígenas.

Devemos observar que esta situação era interessante naquele momento para todos. Aos indígenas, trazia a riqueza pelo abastecimento dos mercados criollos e pelos regalos. Para os grupos pecuaristas, dava tempo para o fortalecimento econômico. A reflexão aqui deve estar sobre as tensões criadas com as disputas entre caciques e criadores de gado das regiões de fronteira, pois nestas disputas, segundo Passeti (2010), temos a resignificação da imagem do que chamamos de barbárie, com oposições que vem desde o período colonial, como novos temores e interesses, desde as questões geopolíticas se integrando a questões raciais, o que deveria ajudar a legitimar a aniquilação dos grupos adversários, que poderiam ser obstáculos para o poderio político e econômico das elites envolvidas no projeto planejado para a nação Argentina.

Se observarmos já na década de 1820, temos o início da expansão militar da Zona ocupada pelos criollos de Buenos Aires. Essa expansão se dá no sentido da defesa territorial,

que passa pela maior ocupação das terras férteis. Esta situação faz com que se tenha um grande investimento na região, que na prática é a ampliação da província de Buenos Aires.

Isto passa a ser mais intensificado com a presença de Juan Manoel de Rosas e suas políticas de convivência. Temos aqui um latifundiário estanceiro, buscando ampliar as terras no pós independência. Esta ampliação se dava à base da força bélica. Em 1829 Rosas tornou-se governador de Buenos Aires, colocando o grupo pecuarista federalista no poder, o que afastou adversários políticos. Com isso, vemos o problema em relação aos conflitos com os indígenas sendo amenizado. Com a “paz” estabelecida através de tratados ou guerras com os caciques, chegamos a um momento de prosperidade e manutenção de alguma ordem social, que não se estendia totalmente ao povos nativos.

4.1 Circulação de ideias ; Os viajantes Britânicos.

A importância da observação e análise da questão da circulação de ideias, para se observar o contexto argentino no século XIX, refletindo sobre a criação de imaginários e a relação com os grupos étnico- indígenas, é fundamental para a compreensão dos sentimentos relacionados a estes grupos étnicos, principalmente a grupos que viviam na região dos Pampas. Esta região era foco dos principais interesses dos grupos liberais portenhos, além de representar possibilidades de fortalecimento do poder econômico britânico na região.

Para iniciar a reflexão sobre a chamada circulação de ideias, se faz importante observar algumas descrições feitas por viajantes britânicos que publicaram seus relatos sobre a Argentina, sua natureza e habitantes do território. Estes relatos também foram consumidos pelo público leitor argentino, auxiliando na construção de uma série de imaginários que dominaram a opinião pública argentina do século XIX, e indo além dele. Segundo o autor Martin Servelli em sua obra "Viajeros la plata", isso fazia parte de uma espécie de ação do expansionismo comercial europeu, onde ciência, exploração e narrativa se uniam em um método científico, que possibilitou um controle que por sua vez submeteu a diversidade cultural e a história das outras sociedades ao universo natural. Nessa perspectiva, muitos povos foram privados de suas histórias e da sua terra. Esta terra, que é o continente sul americano, foi descrita como pura, ou seja, disponível para a intervenção transformadora da Europa.

A autora Mary Louise Pratt, na obra " Os olhos do Império", chama atenção para os viajantes de vanguarda capitalista . Esses foram os que exploraram o território e abriram linhas de comércio, além de publicarem impressões dos novos mercados. Entre os anos de 1810 e 1820, temos o que pode ser entendido como viajantes britânicos batedores do capital, ou seja, representantes de mineradoras, engenheiros e militares enviados por empresas de investidores europeus, a fim de observar o potencial mercado e ganhos econômicos que poderiam possibilitar.

Temos no estudo de Ricardo Cicerchia " Viajeros ilustrados y romanticos en la imaginación nacional", uma análise na qual encontramos afirmações de que os relatos dos viajantes fazem parte de um movimento político, econômico e cultural, que estaria vinculado a um projeto civilizatório de grande escala, apresentando inclusive um tipo de revolução editorial, por possuir marcas específicas em distintos discursos literários. O autor afirma que os viajantes e seus relatos tinham características distintas, seguindo diferentes linhas teóricas

dos narradores. Isto revela seus vínculos, que são entre interesses econômicos, políticos e pessoais, que estabelecem conexões culturais.

Esses escritos eram baseados em modelos pré-fabricados de América. Os autores escreviam pensando em seu público específico e em anseios, moldando o que escreveram e relataram. Difundiram a ideia de uma sociedade pobre, incivilizada e sem os costumes europeus, marcada pelo atraso.

Essas questões são discutidas por Cicerchia, em que a visão demonstrada pelos viajantes britânicos trouxe marcas nacionais perpetuadas nos imaginários coletivos, apresentando uma espécie de tédio acerca do "oceano" pampeano, da ignorância católica, a rusticidade camponesa, a majestade dos Andes, com certa liturgia ao exílio. Isto fez com que o público entendesse esses como textos fundadores da literatura nacional argentina, sendo uma espécie de músculo do projeto nacional modernizador. Devemos observar este projeto com uma visão nas ideias e conceitos assimilados por grupos que lutavam pela construção de uma Argentina, onde territórios eram inseridos na esfera administrativa e política, que era centrada na bacia da Prata.

Os relatos eram baseados em públicos específicos, temos alguns que por serem de autores que podem ser definidos como viajantes investidores, buscam estabelecer acordos com elites adeptas ao liberalismo, como às elites portenhas. Grupos estes, que são relatados por estes viajantes escritores de forma positiva, abrindo o caminho de transformação e modernização para a Argentina. Em contraponto a esta maneira de relatar, temos as elites locais, principalmente as ligadas às terras fora de Buenos Aires, que por serem desinteressadas em produtos europeus foram criticadas como ineficientes, atrasadas, retrógradas e responsabilizadas pelos atrasos associados à vida desregrada do campo e a figura dos gaúchos. Essas figuras, são foco de longas narrativas sobre vida e força pelo ritmo da natureza, assim como a presença de uma figura que é sustentada como ameaçadora nos relatos feitos pelos viajantes.

Podemos começar a observar o que alguns destes relatos nos apresentam. John Miers¹¹ descreve os gaúchos como sendo indivíduos sem higiene. Neste ponto, podemos refletir sobre em que lugar esses relatos podem se encontrar, ao afirmar que um indivíduo é sem higiene, ele nos leva a um questionamento que atinge o nível individual, o particular, demonstrando o caráter parecido com a ficção, se aproximando dela. Seguindo a observação e reflexão sobre o relato de Miers, temos os índios descritos como seres cruéis, despreparados e violentos. Ele

¹¹ John Miers (1789 - 1879) foi um botânico e engenheiro britânico.

relata os Malones e a violência com que isso ocorria. Mas é interessante observar que é pouco provável que Miers de fato tenha convivido com grupos maloneros.

Podemos começar a refletir sobre a condição de recepção e de criação dos relatos, que nos levam a observar como a visão criolla dos nativos foi levada pelos viajantes para a Grã-Bretanha e retornava à Argentina, dando legitimidade às críticas, preconceitos, expropriações e combates. Temos que considerar melhor que a imagem do bom selvagem vem distorcida aqui, os viajantes reproduzem imagens feitas por Philip Parker King¹² e Robert Fitzroy¹³, por exemplo, onde os nativos foram corrompidos pelos ibéricos católicos, apresentando uma imagem emblemática da ineficiência Hispânica.

Para os viajantes europeus e para a elites locais há uma clara distinção entre o indígena idealizado, símbolo de resistência americana aos atrasos ibéricos e o índio real, com interesses próprios, objetivos e inoportunos para a expansão territorial. Este ponto é importante para pensarmos uma das questões mais fundamentais para esta pesquisa, que é observar os imaginários criados sobre os grupos indígenas como seres sem "querer", sem vontade, sem desejos, sempre com a necessidade de tutela. Visão que atinge a atualidade, principalmente se refletirmos sobre a questão indígena no Brasil, em relação a demarcação de terras, sobre a definição de etnias e como se autodeclarar indígena.

Encontramos um embate entre a Argentina a ser modernizada e civilizada pelos ingleses e a barbárie associada aos indígenas e aos que rodeavam seus territórios. Esta situação pode ser caracterizada como tendo um grande marco inicial, que leva a uma obra prima da literatura argentina; o Poema La Cautiva de Echeverría¹⁴. A história se passa em um grupo de maloneros, no qual se encontra cativa uma criolla, com seu marido inglês e o filho. Esta narrativa apresenta uma espécie de futuro idealizado, onde vemos a intenção contra as chamadas forças brutas da Argentina, representada aqui por Caciques, Gaúchos e Federalistas. Este ideal é representativo da união de britânicos com liberais portenhos, que buscam o seu projeto de modernização e civilização para a Argentina.

Desta forma, se faz interessante observar como a adoção de imagens que foram disseminadas pela Europa, por viajantes, foi importante para a legitimação de práticas na América, onde foram estabelecidos diversos modelos imaginados sobre questões relativas a

¹² Phillip Parker King, (1791 - 1856) foi um dos primeiros exploradores das costas australiana e patagônica.

¹³Robert FitzRoy (1805 -1865) foi o capitão do navio HMS *Beagle*, durante a famosa viagem de Charles Darwin. Foi um pioneiro na área da meteorologia, tendo desenvolvido métodos precisos para a previsão do tempo. Foi explorador e hidrógrafo. Também exerceu tarefas desenhando diversos mapas e aquarelas. Serviu como Governador Geral da Nova Zelândia de 1843 até 1845, onde buscou proteger os Maori de vendas ilegais de terras reivindicadas pelos colonizadores britânicos, eventualmente entrando em conflito com os nativos.

¹⁴ Esteban Echeverría (1805 - 1851) foi um escritor argentino. Importante na chamada geração de 1937.

civilização e barbárie. Temos uma busca por transformar a “antiga América” no modelo britânico. Segundo Svampa (1994), os liberais portenhos entendiam que a liberdade na América-Espanhola, deveria ser conquistada à força. Pois desta maneira, o ideal de progresso das ideias, as mudanças de costumes e instituições seria posta em prática na realidade cotidiana. Lembrando que as elites letradas tinham a ideia de levar a encarnação da civilização, que era o reflexo da Europa (Inglaterra + França).

Nas imagens disseminadas temos inúmeras críticas aos indígenas maloneros, que segundo o entendimento dos liberais portenhos, atrapalhavam e impediam o avanço da civilização em direção aos Pampas. Um exemplo fundamental para esta pesquisa é Domingos Faustino Sarmiento¹⁵, que escreveu a obra *Facundo; Civilização e barbárie*, que foi publicada a partir de 1845. O autor escreveu essa obra sem nunca ter visitado os Pampas e usou muitas referências externas para refletir sobre a região e seus habitantes. Em determinados momentos da obra, Sarmiento faz comparações dos habitantes da região com os seus opositores políticos, dando muita ênfase ao par civilização e barbárie. Sarmiento apresenta seu grupo como uma espécie de modernidade. Já os federalistas, caudilhos, gaúchos e indígenas como as barreiras a serem eliminadas. É necessário afirmar que ele não cria a oposição civilização x barbárie, apenas se utiliza de imagens criadas e as reforça. Ele provavelmente foi leitor de James Fernimore Cooper, e de sua obra prima “*The Last of the Mohicans*”, pois se utiliza de alguns ideais de uma iminente derrota indígena, assim como apresentada por Cooper.

Aqui podemos refletir sobre as oposições políticas, onde federalistas e unitários estavam em embate, apresentando projetos diferentes, onde visões de mundo e aspectos culturais estavam em oposição. Há uma imagem forte, que é a do mundo letrado contra a tradição oral. Isto é explorado em *Facundo*, fazendo desta obra um marco na ideia de construção da Argentina e o par opositor por ela apresentada. Segundo Passetti (2010), Sarmiento trabalha com evidência de modos históricos, em que as redes textuais operam na configuração das fronteiras de uma comunidade nacional em formação.

Com a ascensão política dos unitários temos a possibilidade de buscar observar o projeto político liberal portenho e suas alternativas para uma “nova Argentina” em busca de modernidade. Para este, Juan Manuel de Rosas foi eleito segundo as regras da democracia liberal. Porém, permaneceu no poder por quase duas décadas, em um governo ditatorial, não modificando ou rompendo com a estrutura hierárquica herdada da América-Hispânica.

¹⁵ Domingo Faustino Sarmiento Albarracín (1811-1888). Foi um escritor, jornalista e presidente da Argentina.

Para refletir sobre esta situação, a oposição que foi explorada por Sarmiento na obra *Facundo*, fica interessante observar o que significava ser um *Vecino*. Este termo era utilizado para distinguir os espanhóis dos criollos no período colonial. Todavia, a partir do período independente, a participação política passa a ser delimitada também por este termo. Ser *Vecino* era ser um grande proprietário de terras, estancieiro. Em um país rural, a cidadania não esteve restrita aos centros urbanos, sendo muito importante a observação da questão da terra para se pensar a Argentina em formação no século XIX.

Durante o século XIX, surge uma chamada *Nova Vencidad*, que é central, portadora da legitimidade institucional, que traz poderes políticos, habilitações individuais, ou seja, a prática da cidadania, restrita em muitos casos a estes grupos. Somente os *Vecinos* reclamavam perante as autoridades, onde davam a vida ao sistema de coerção. Os *Vecinos* eram os comandantes da guarda nacional. Seguindo esta linha, podemos afirmar que Rosas era o retrato do sistema que seus inimigos queriam superar. Ele deu manutenção às relações estabelecidas na colônia espanhola, aos gaúchos e aos pecuaristas.

Rosas, durante seu governo, combateu seus opositores, conviveu com rebeliões, se associou a políticos do interior e fortaleceu sua base de apoio entre os pecuaristas. Políticos e liberais como Sarmiento e Mitre, são baseados em Buenos Aires. Isto demonstra a busca por um governo federal centralizado e forte, trabalhando em reformas liberais e modernizadoras, sintetizadas no mote “civilização”.

Em 1852 Rosas é deposto, e os grupos adversários tomam o poder. Com Sarmiento a repressão aos adversários mudou de lado.

Nesta nova conjuntura, a repressão aos adversários apenas mudou de mãos: “na visão de Sarmiento, da mesma forma que a barbárie liquidara a civilização nascente, iniciada com as idéias da independência, a próxima vitória dos liberais significaria a submissão total do gaúcho, do campo, da parte „negativa” da sociedade. A unidade nascia a partir da destruição do inimigo e logo se investiu contra cada uma das barbáries, iniciando-se pelo combate aos caudilhos.” (Passetti, 2010, p.272)

Os grupos nativos participaram ativamente dos embates que resultaram na deposição de Rosas. Vários caciques iniciaram invasões para exibir força, notando a desestruturação da defesa militar, voltando a frequentar as zonas pecuaristas. Esta situação, leva à busca por parte do Governo da Argentina de acertar acordos de paz com estes caciques, ajustando alianças com os criollos, com a finalidade de manter a ocupação e produção econômica da região. Após Rosas temos uma frágil estruturação do Estado Argentino, que se divide entre Estado de Buenos Aires e Confederação Argentina. Neste cenário, podemos observar a demonstração de

força militar dos grupos indígenas, que não podem ser vistos como passivos ao processo que ocorre na Argentina neste período. Eles apresentam interesses próprios, o que pode ser visto pela conciliação de malones, além de novos tratados com grupos criollos. Podemos interpretar esta situação como uma demonstração de força para os novos governantes, em uma espécie de pressão para ampliar tratados assinados no período Rosas. Estes grupos indígenas estavam conscientes dos conflitos entre os criollos, e portanto, buscavam potencializar suas forças para tirar vantagem disso.

O ano de 1853 foi decisivo para definir alianças e oposições. Temos movimentos opostos referentes aos indígenas. Um exemplo são correspondências de militares portenhos, que evidenciam muita tensão e indisposição, ao se verem obrigados a negociar com Caciques. Estas cartas evidenciando esta sensação podem ser encontradas nos arquivos (AHC), em relação a confederação e no AGN em relação a Buenos Aires.

Para exemplificar estes tratados e toda esta situação, podemos observar as solicitações de Calfurucá¹⁶, que chegavam a uma arroba de cada classe e 30 frascos de aguardente. Isto nos apresenta insegurança para os criollos, pois Calfurucá não assinou nenhum acordo de paz formal, mas recorreu a negociações constantes, dependendo de seus interesses, o que o levou a nunca se comprometer com a paz na fronteira.

O grupo controlado pelo cacique Catriel, os miscigenados dos Pampas e Tehuelche, que eram os mais próximos da fronteira com Buenos Aires, buscavam revitalizar antigas alianças. Temos uma espécie de jogo de interesses, que se apresenta ao ponto de que determinados grupos indígenas, se apresentavam como aliados dos portenhos, o que levou a uma identificação do chefe dos Ranquel (Cachul) e o de salinas grandes (Calfurucá) como aliados do principal inimigo dos portenhos, o chefe Urquiza. Catriel se apresenta como um tipo de fonte de informação privilegiada, com a intenção de ser o único aliado confiável. Este ponto demonstra os interesses indígenas, pois no caso de Catriel, ele trata diretamente com os medos e temores dos portenhos, o que o leva a conseguir melhores posições diante dos criollos (Temos um tipo de negociação parecida entre os Ranquel e a Confederação Argentina).

Neste ponto, com a sua ascensão ao poder, temos os portenhos apresentando uma mudança em relação à sua estratégia, que deixa de lado as negociações e presentes pela paz e passa a não necessidade dos nativos. Podemos interpretar isto como um exemplo da noção de superioridade racial e civilizatória, que os Portenhos liberais tinham frente aos indígenas. Por

¹⁶ Calfucurá também conhecido como Juan Calfucurá ou Cufulcurá, foi um líder mapuche lonco e figura militar na Patagônia no século 19.

conta deste comportamento, a maior parte dos Caciques se aproximou da confederação em um tipo de paz controlada, submissa e cristianizada. A confederação confere poder, autoridade e territórios aos grupos indígenas.

Os comandantes de Buenos Aires estavam reproduzindo uma retórica bélica, afirmando terem oferecido paz, trabalho e comércio. Segundo o que consta, seriam os princípios de uma vida “civilizada” e ordeira do liberalismo, que seguindo esta lógica, somente não era aceita por “Bárbaros”.

Os militares portenhos se encontravam conscientes do óbvio desenrolar dessas negociações e dos resultados da aproximação dos caciques com a Confederação: “ouvi dizer, pelos índios, que Calfucurá enviou emissários para receber notícias e verificar a situação em Santa Fé; que com Urquiza combinou que a indiarada seria mantida pronta para, ao primeiro aviso, invadir esta Província [Buenos Aires]. Naquele momento, os comandantes, aparentemente, instigaram o conflito, crentes em sua superioridade racial e bélica, desejosos da batalha contra aqueles que chamavam de “nossos amigos do deserto, que tanto custam ao Estado a quem já haviam oferecido uma paz não aceita: estimulando-os a abandonar essa vida errante e ociosa que tanto os avilta, e a se dedicarem ao trabalho, como homens honrados e pacíficos, comerciando com os habitantes dos nossos interiores (Passetti, 2010, p. 276)

Os militares portenhos acreditavam que poderiam ter uma vitória fácil sobre os indígenas, como nas campanhas de 1833. Sendo assim, os comandantes dos fortes das regiões de fronteira não seriam os únicos interessados na militarização da fronteira. Também haveria interesse de vecinos, colonos e pecuaristas. Temos um interesse em comum de todos esses grupos, que eram as terras que os indígenas habitavam. Deste modo, a guerra seria positiva para eles naquele momento. Para observarmos este sentimento temos a citação abaixo;

Nós, vecinos de Saladillo e Las Flores que assinam, nos apresentamos e dizemos que faz muitos anos que estamos sofrendo e lamentando as contínuas depredações e roubos de todo gênero que se fazem contra nós os Índios Selvagens, umas vezes pelos que se intitulam amigos e outras pelos que não o são, pois que todos eles nos saquearam as casas, roubaram as fazendas, degolaram os homens. (AGN, Sala X, Legajos 18-7-6, 10/12/1853)¹⁷

Para os colonos, todos os indígenas, sejam eles amigos ou não, eram selvagens. Segundo essa lógica, eles eram naturalmente bárbaros, violentos e somente haveria duas possibilidades para eles: a morte ou a guerra. O desejo de seu desaparecimento fica evidente, ao ponto que o interesse pelos territórios dos Pampas cresce. Os políticos de Buenos Aires sabiam que derrotar os indígenas naquele momento era impossível, visto o poderio indígena. Temos que recordar da divisão entre Buenos Aires e Confederação Argentina, que ainda

¹⁷ Ver Passetti 2010.

levava a alianças diversas de criollos com grupos liderados por caciques. Nos anos de 1850 os grupos portenhos no poder sabiam que era impossível confrontar o poder indígena.

O cacique Calfurucá era reconhecido como tendo uma habilidade política de astúcia. Ele tinha poder político, militar e econômico, e através de acordos e manobras políticas controlava de certa forma as rivalidades entre Buenos Aires e a Confederação Argentina. Segundo a historiadora estadunidense Kristine L. Jones, Calfurucá teria até umas espécie de “embaixada” em Buenos Aires e possuía um selo oficial. Toda esta força, principalmente militar e política de Calfurucá, permitiu que pudesse manter relações próximas com os dois lados dos grupos criollos em disputa. Podemos observar a situação vista pelos criollos através da citação abaixo;

Para satisfazer as demandas desta comitiva e na esperança de, com este meio, comprar a paz dos caciques (...), dispõe o Governo de que V. Excelência leve a cabo esta missão, celebrando com eles um tratado para que, se possível, se submetam ao Cel. Baigorria, reconhecendo-o como seu chefe; e que eles ofereçam ao menos uma sólida garantia de que, na seqüência, nenhuma de suas hordas invadirá Província alguma da Confederação (...). Ao fixar estes acertos, não deixe de insistir e manifestar os sérios castigos que o Governo está firmemente disposto a fazer cair sobre eles, de um modo perseverante se, traidores da fê prometida, voltem com seus latrocínios a se converter no suplício desolador e sangrento da República. V. Excelência compreenderá que, se o Governo Nacional, conhecedor das muitas e urgentes necessidades dos diferentes ramos administrativos da República, resolve desviar fundos consideráveis para alimentar homens cuja amizade e inimizade são quase igualmente custosas e destruidoras, isto ocorre somente em troca de uma paz duradoura e a fim de tentar, pela última vez, um meio que até aqui se mostrou mais efetivo. Pois, de outro modo, os custosos e indevidos presentes que eles exigem em troca de uma metida amizade, não fariam mais do que aumentar os estragos que até hoje causaram seus infames e carnicieiros assaltos. (AHC, 1856)

Podemos estabelecer que havia uma falta de controle criollo da situação. O governo estava acuado pela pressão exercida pelos caciques e a citação acima demonstra um pouco disso, revelando os princípios básicos da política mantida pela confederação com os indígenas. Os caciques e sua associação com a confederação mostraram estar em pé de igualdade com o Governo Argentino. Uma informação que deve ficar clara já aqui, é da visão dos indígenas como seres sem vontade, sem interesses e desejos, e que a todo momento devem ser tutelados ou então retirados do caminho em prol de uma modernidade nacional. Entretanto, temos nestes poucos exemplos, a observação dos interesses de grupos indígenas, que demonstram a vontade de controlar os Pampas e os Andes, assim como suas rotas de comércio, e fazem isso se aproveitando de um momento de conflito por disputa de poder entre os grupos criollos.

Os caciques foram muito perspicazes ao notar a situação, no momento ideal, pela assinatura de tratados onde jogavam com as rivalidades dos criollos e lutavam por seus interesses. Por exemplo, a paz com a Confederação possibilitou o enriquecimento dos indígenas, prosperidade na agricultura e anos de fartura e tranquilidade, tendo como os únicos inimigos identificados os portenhos.

Para alguns historiadores argentinos, os interesses dos indígenas não foram observados nesta relação e os criollos é que buscaram aproximação. A historiadora Marcela Tamagnini afirma que o controle da situação estava nas mãos da confederação e que houve uma manipulação dos interesses indígenas¹⁸. Esta visão deve ser refletida e debatida, pois os interesses dos indígenas estavam em jogo e os caciques se aproveitavam para que suas intenções fossem concretizadas. Entendemos que não podemos desqualificar a inteligência dos povos indígenas, de que seriam manipulados e não sabiam se aproveitar de conflitos para fazer com que seus interesses fossem postos em prática. A visão que temos é de que parte dos imaginários criados a respeito dos indígenas permanece, inclusive em obras da historiográficas que tratam do tema. Aqui permanece a visão do indígena como um ser que deve ser tutelado e portanto fácil de ser manipulado.

Após a pequena reflexão sobre a figura do indígena como um ser que deve ser tutelado, podemos observar que havia do lado dos grupos liderados pelos caciques uma desconfiança de que a paz pudesse ser duradoura. Este sentimento também estava presente no lado dos criollos e fica mais claro a partir de 1854, quando alianças são mantidas em relação a políticas de aspectos pessoais.

O indígena, apesar de aliado e copartícipe, não somente evita abandonar suas regras e técnicas, como luta sua guerra. Aprende até quem e onde pode chegar, mas aproveita todas as ambigüidades e debilidades de seus camaradas. Excessos poderiam custar caro (...), mas não se pode esquecer que seu inimigo era o inimigo de quatro séculos. (BECHIS, 2006, p. 303).

Apesar dessa aliança, devemos ter em mente o que Bechis chama atenção, de que cada um lutava a sua própria guerra. Portanto, os interesses dos grupos envolvidos estavam sim presentes, e não devemos buscar propagar o discurso dos indígenas como sendo entes a serem tutelados todo o tempo.

Seguindo esta linha, podemos estabelecer que a assinatura e propostas de tratados nos moldes ocidentais, nos apresenta uma ideia de supremacia criolla, que se faz aqui com a

¹⁸ Ver: TAMAGNINI, Marcela. Fragmentación, equilibrio político y relaciones interétnicas (1851-1862).

escrita acima da oralidade. Neste aspecto temos caciques passando a assinar como generais, buscando uma espécie de igualdade de condições estabelecidas por termos não oriundos dos grupos indígenas. Esses tratados são responsáveis por criar uma espécie de zona livre de comércio, que permanecia entre as toldeiras, as rotas comerciais e o mercado criollo.

Estes acordos acabam por estabelecer a visão acerca do indígena e a sua afirmação como um ser de segundo nível, ou que deve ser orientado a um caminho e lugar específico dentro da sociedade, quando este faz parte dos projetos de sociedade. Este tipo de visão nos é passada a todo tempo, e portanto devemos ter em mente que este imaginário ou modo de afirmar estes grupos nos atinge de formas diversas, porém com um *modus operandi* parecido. Portanto, a comparação é algo importante para se observar como essas experiências se fazem presentes nas sociedades em formação nas Américas. Podemos observar as experiências Argentinas e dos Estados Unidos da América, mas poderíamos estabelecer isso na sociedade brasileira, boliviana, venezuelana, etc. Portanto, se torna um tema de sensível interesse, visto os conflitos e questões tensas que envolvem as demarcações de terras indígenas, por exemplo.

Retomando as considerações sobre a Argentina e seus grupos indígenas no XIX, temos entre os anos de 1854 e 1855 muitas invasões às zonas pecuaristas de Buenos Aires. As ações de Calfurucá eram muito intensas, cerca de 5000 maloneros contra a região de Azul. Até os índios tradicionalmente vistos como amigos dos portenhos, os catriel, debandaram para o lado dos maloneros, o que nos traz uma desproporção muito grande de forças. Para os militares esta situação era apenas passageira. Na citação do comandante da Fronteira Central de Buenos Aires vemos como se fazia isso na visão dos militares: “(...) talvez salvássemos nosso país dos vândalos dos pampas, que tanto nos afligem hoje se tivéssemos a sorte de reunir todos os elementos que acredito necessários (...). Penso que Calfucurá não escaparia do golpe que lhe preparo”(AGN, Sala X, Legajos 19-5-4, 23/10/1856)

Segundo o antropólogo Carlos Martinez Sarasola a aliança e aproximação com a confederação foi momentânea e não programática, pois indígenas não teriam a opção explícita de ouvir os dois lados criollos, e a partir disso compreender a oposição e se aliar com quem efetivamente se aproximava de seus próprios interesses. Mais uma vez temos a visão do indígena como quem não conseguia interpretar o contexto e se aliar, mesmo que momentaneamente, a quem estivesse mais alinhado a seus interesses próprios.

Seguindo a realidade das comunidades de fronteira, podemos entender que a vida estava difícil nestas áreas, pois os malones eram constantes, o que fez com que grupos pecuaristas fossem à falência, em consequência o governo também não conseguia arcar com a

defesa militar efetiva da região. Tampouco a guarda nacional conseguia, pois não contava com cavalos suficientes, armamento e munição.

Os malones aconteceram com tanta intensidade que os indígenas conseguiram recuperar terras perdidas para os criollos nas campanhas de 1833. Desta forma, a imagem de que eram seres bárbaros estava cada vez mais disseminada, pois serviria bem para a justificativa do momento passado e das opções futuras dentro do projeto nacional portenho. Sendo bárbaros ou selvagens, eram taxados como impossíveis de serem controlados ou combatidos. O governo estava neste momento pressionado para estabelecer paz.

Nesta caótica situação, os vecinos ameaçaram debandar com o que restava de suas posses, para as províncias confederadas, como foi alertado pelo comandante do forte de San Nicolás, dois anos após o início da sequência de malones: “(...) vários produtores estão dispostos a levar seu gado à Província vizinha, por considerá-la mais segura contra as incursões dos bárbaros (AGN, Sala X, Legajos 19-6-5, 13/10/1857.)

O Governo de Buenos Aires teve de buscar alianças com os chamados índios amigos, como o grupo dos catriel. Não foi reconhecimento de igualdade ou pertencimento social, mas um tipo de desespero para reunir forças para poder conter os malones. Buenos Aires não conseguiu desestruturar a aliança entre a confederação de salinas grandes, Leuvucó e a Argentina. Calfurucá, que era um inimigo comum aos portenhos, explicitou esta união para os portenhos. Em maio de 1857 ele se dirige ao comandante militar da fronteira e afirma “Calfucurá manda dizer que se reuniu com Urquiza e que com este queria ser amigo para com ele lutar contra este governo para que Urquiza governe Buenos Aires” (AGN, Sala X, Legajos 19-6-5, 02/04/1857.)

Os anos de 1850 foram anos de muita força para a confederação, ao ponto em que assumiu um único e claro objetivo que era de retirar os liberais unitários do poder em Buenos Aires. É interessante observar que na historiografia sobre este tema na Argentina encontramos historiadores como Juan Carlos Walte, que afirma que os interesses indígenas não estavam presentes nas alianças estabelecidas com os criollos. O argumento utilizado é de que eram movimentos individuais e tirânicos de um cacique estrangeiro, no caso Calfurucá.

Este argumento, como já dissemos antes, pode ser problemático ao ponto que assume o indígena como um ser tutelado, que não conta com vontade própria, que não pode apresentar interesses próprios e que deve ser entendido a partir de uma espécie de condição natural do indígena, que não poderia ter interesses fora do que os de viver de uma maneira

que seria a sua forma natural de viver. Ao nosso entendimento, esta visão nada mais é do que uma afirmação dos imaginários criados sobre a condição dos grupos indígenas, e a não afirmação da existência de interesses de etnias indígenas nos tratados e nas alianças, percebendo os momentos político e tirando proveito disso. É um indício de uma manutenção da forma de observar os povos indígenas, com uma espécie de condição de indivíduos que devem ser guiados e postos sob alguma espécie de tutela a todo tempo. Esta visão se liga ao projeto dos portenhos para a Argentina, um projeto que não contava com a presença indígena ou que não contava com a sua participação ativa dentro da sociedade.

Os portenhos tinham o Império Britânico como alternativa para vencer os indígenas. Eles entendiam que o exército do Império Britânico era a melhor forma de vencer os grupos indígenas que se apresentavam como inimigos, se colocando como uma barreira para o avanço e modernidade dos argentinos, segundo o projeto nacional dos portenhos.

Podemos observar no discurso feito por Bartolomeu Mitre¹⁹ na câmara em 1857 como era essa ideia e escolha de modelo civilizatório;

A situação dos ingleses na Índia parece desesperada e, contudo cremos que a Inglaterra saberá dominar essa crise, como dominou outras mais sérias em momentos mais solenes (...). Não faltam os que façam votos pela destruição do Império Britânico na Índia. Este é um voto bárbaro e anti-social, como se em nossa guerra com os pampas houvesse alguém que desejasse o triunfo de Calfucurá sobre os defensores da civilização e do cristianismo. Quaisquer que tenham sido as injustiças e mesmo atos de verdadeira crueldade que a Inglaterra cometeu na Índia para manter sua influência e afirmar seu poder, não se pode desconhecer que a volta ao domínio dos reis bárbaros e sanguinários que a oprimiam, a civilização retroagiria imensamente naquelas regiões, que crimes mais espantosos que os que estremeceram a humanidade sob a dominação tirânica de Rosas escandalizariam o mundo... É de se esperar que a Inglaterra com a energia de um povo livre, com seu espírito público e por um desses esforços supremos de que só são capazes as nações nos momentos solenes de sua vida, domine a insurreição da Índia, ainda que sangrando sobre o solo que protege (...). Não fazer votos pelo triunfo da Inglaterra na Índia, seria simpatizar com o crime, com a barbárie e com a tirania. Algum dia chegará o momento em que a Índia mais civilizada, herdeira das instituições do povo inglês, se emancipe de sua metrópole sem convulsões, ou pelo menos em uma luta regular como as colônias norte-americanas, então ao invés de aqueles povos retroagirem à barbárie, alçará um astro novo no horizonte da civilização (PASSETTI, 2010 p.280)

Mitre faz associação da Argentina com a Grã-Bretanha, refletindo que os nativos seriam uma barreira para o avanço e que também seriam arredios à sua própria civilização.

¹⁹ Bartolomé Mitre Martínez foi um político, escritor e militar argentino, foi presidente da Argentina de 1862 a 1868. Filho de Ambrosio Estanislao de la Concepción Mitre e Josefa Martínez Whertherton, seus irmãos eram Emilio e Federico

Segundo essa premissa, sangue bárbaro e civilizado deveria cair sobre as terras argentinas até que a civilização estivesse sobre a barbárie. Nesse ponto, podemos entender que qualquer violência seria legítima em nome do progresso pela ideia civilizatória chamada de ocidental.

A partir da segunda metade do XIX temos a justificativa do uso com menos pudor de tropas militares para forçar a “civilização”, afinal, a riqueza que as terras dos Pampas poderiam fornecer justificavam o uso até mesmo excessivo da força em prol do progresso civilizatório. Temos a demonstração de um projeto nacional que não suportava a ideia de conviver, comercializar e lidar com gente tida como selvagem. Começava de forma muito intensa a oposição de colonos contra nativos. Para tanto, era necessário o controle dos grupos indígenas e um primeiro passo deveria ser dado, que era o de mapear o território.

O controle indígena nos Pampas se dava também pelo domínio do conhecimento do território, a região sem o uso de mapas era perigosa para viajantes e criollos. Desta forma expedições científicas foram feitas para construir representações cartográficas da região. Esta situação se assemelha muito a expedição de Lewis e Clark patrocinada pelo Governo dos Estados Unidos para o reconhecimento e mapeamento da região, a fim de levantar dados sobre as potencialidades econômicas, observação de grupos indígenas, suas terras e abrir caminhos para a chegada até o Pacífico. Interessante observar como as expedições científicas se juntam a militares para o domínio de territórios e grupos étnicos, em prol de um progresso visto como mais favorável para o projeto nacional desenvolvido, que tem aqui ligação com grupos políticos e econômicos.

Com os malones intensificados, desgastes de tropas, perda de gado, desgaste econômico e o empobrecimento de Buenos Aires como consequência, temos uma grande e importante disputa pelo poder, onde os grupos indígenas são fundamentais para o peso sobre o vencedor. A ascensão política dos liberais unitários portenhos em 1861, transformou as relações dos governos com os indígenas. Temos que entender isso como uma derrota para os grupos do interior e para os cacicados. Pois no período entre 1852 e 1861, temos a marca por uma centralização política em grandes cacicados, nas chamadas confederações indígenas junto com os grupos criollos do interior que pareciam mais próximos de seus planos. Passetti (2010), chama este tipo de relação de integracionismo, que é derrotado na década de 1860, anulando os interesses indígenas, que tiveram antes efetiva participação nas decisões políticas.

Naqueles anos de intensos contatos, a tensão era recorrente e somente a partir da negociação e do conflito foi possível pressionar por tratados de paz claramente favoráveis às confederações indígenas. Esta estratégia evidenciou a nítida

compreensão que se tinha do modo de viver e pensar criollo e significou uma defesa eficiente de seus interesses políticos, econômicos, territoriais e culturais. Não foi uma manipulação por parte de Urquiza, nem realização de interesses pessoais e ocultos de alguns caciques, mas uma efetiva participação política e tomada de decisões com objetivos claros, vinculados à defesa de um tipo de situação que se pretendia manter ou aprofundar. E isto não representava viver apartado dos criollos.(PASSETTI, 2010, p. 291).

Sendo assim, vemos que para os caciques os embates após a queda de Rosas não foram pelo isolamento, mas pelo controle do contato com os criollos e pela manutenção de suas redes de comércio, ou seja, os interesses de grupos e não de a simples manipulação, estava presente e pode ser vista com certa clareza, se não tomarmos o indígena no mesmo discurso que o coloca como um ser que deve se comportar de uma determinada maneira prévia e estabelecida em um imaginário que entendemos como prejudicial ao respeito com a cultura e existência dessas etnias indígenas, que se estende de maneiras diversas por todo o continente americano.

A centralização indígena e a sua militarização foram um caso sintomático, uma espécie de resposta a constante beligerância na fronteira.Sendo que os indígenas e seus interesses eram um empecilho ao controle Argentino sobre os Pampas, um incômodo aos que se entendiam como a raça superior e a civilização a ser empregada. A transformação do indígena em um ser bárbaro foi um recurso para poder recorrer às armas e conquistar seus territórios e redes de comércio, além de impor seu poder e dominação.Mesmo no auge da tensão e do enfraquecimento dos portenhos na década de 1850, temos um sentimento de postura avessa ao reconhecimento dos indígenas e sua força. Isto serve mais a frente para justificar a expansão territorial sobre os Pampas, lembrando os anos “sombrios” que viveram sob o ataque dos bárbaros.

4.2 A centralização política e a conquista dos Pampas.

Em 1861 tivemos, através da vitória militar das tropas de Emílio Mitre²⁰, a conquista e centralização do poder na Argentina. Podemos observar o início do projeto de poder unitário liderado pelos liberais portenhos. Mitre foi eleito presidente da Argentina, assim aplicando o projeto de um governo forte, central, com um exército mais forte, aumento de impostos, criação de correios e bancos nacionais.

A primeira atitude foi de aniquilar e perseguir os grupos rivais. Podemos entender que esses grupos estavam nas categorias descritas por Sarmiento, ou seja, Caudilhos, Gaúchos e Indígenas. Segundo Maristela Svampa, "a burguesia sobe ao poder em nome do progresso, mas sua legitimação não foi o povo, contra o qual lutou e estigmatizou como bárbaro. O progresso, a civilização prometida, serão a fonte deste poder e o princípio a partir do qual se combaterá a barbárie"²¹

Assim, temos em Facundo uma espécie de manifesto contra o governo de Rosas, contra aquelas categorias, onde vemos ser delineado os princípios que nortearam o liberalismo dos unitários.

Por que em quinze anos ele [Rosas] não quis assegurar as fronteiras do sul e do norte por meio de uma linha de fortes (...), o novo governo situará o exército permanente no sul e garantirá territórios para estabelecer colônias militares (...). Por que ele perseguiu o nome europeu e hostilizou a imigração (...), o novo governo estabelecerá grandes associações para introduzir população (...) e em vinte anos sucederá o que sucedeu na América do Norte (...), onde (...) surgiram cidades (...) nos desertos (...). Por que ele destruiu os colégios (...), o novo governo organizará a educação pública em toda a República (...), porque o saber é riqueza, e um povo que vegeta na ignorância é pobre e bárbaro, como o são os da costa da África ou os selvagens de nossos pampas. (SARMIENTO, 1997, p. 321-322)

Temos a solução para o problema dos indígenas, que seria o uso das armas para a sua superação, que em seu lugar estariam imigrantes europeus. Sarmiento, baseado e respaldado em escritos de viajantes europeus, principalmente britânicos, ressignificou os indígenas, a fim de dar justificativa para uma futura ocupação dos Pampas, levando militares e imigrantes.

O objetivo manifesto era o de fazer prosperar, no sul da Argentina, situação semelhante à que se pretendia construir no oeste dos EUA – supressão de indígenas, repartição de terras e o rápido surgimento de fazendas, riqueza, prosperidade, modo

²⁰ Emilio Máximo Mitre (1824 - 1893) foi um militar argentino, irmão do presidente Bartolomé Mitre, que participou das guerras civis argentinas, da Guerra do Paraguai e das campanhas contra os povos indígenas do sul do seu país.

²¹ Ver :SVAMPA, Maristela: El dilema argentino.

de vida ocidental e a certeza do pertencimento daqueles povos e terras à jurisdição nacional. Neste caso, a comparação estabelecida é com uma ex-colônia inglesa – e esta característica foi ressaltada – para apresentar um modelo a ser seguido de fartura, cultura e civilização. (PASSETTI,2010. p. 294)

Entre 1862 e 1864 Domingos Faustino Sarmiento foi governador da província de San Juan e em 1868 foi eleito presidente. Sendo assim, as confederações indígenas permaneceram atentas, pois seriam combatidas, seguindo o plano político de poder dos unitários portenhos. Porém não havia ainda a possibilidade de o governo combater tantos inimigos ao mesmo tempo, o que fez com que estabelecesse tratados para diminuir os malones dos caciques controlados por Calfurucá. Esta atitude fez com que os pecuaristas portenhos tivessem uma retomada de produção. Porém, houve muita resistência, como a dos Ranquel no interior, que não se alinharam ao projeto unitário.

Para os grupos indígenas os Malones não possuíam somente uma função comercial, pelo gado roubado, mas também representavam um prestígio social. Os malones eram uma espécie de manutenção de sua ordem cultural e social. A política centralizada nos caciques se dava pelo prestígio pessoal e familiar do chefe principal, sendo sempre o que tivesse melhores habilidades de guerreiro e negociador. A adesão a confederação indígena iria depender de afinidades pessoais e interesses em comum, pois deveriam ser submetidos aos caciques principais. Assim, fica interessante perceber o que Passetti afirma sobre os grupos que permaneciam por conta própria.

Muitos se mantiveram independentes de Salinas Grandes ou Leuvucó e, geralmente, amarguraram situações de pobreza que levaram à aceitação de tratados pouco vantajosos com os criollos, com perda territorial e sedentarização. Fazer parte de uma confederação foi, a partir da metade do século XIX, a possibilidade de compartilhar forças e fazer frente aos criollos. (PASSETTI,2010, p. 296.)

Alguns caciques intermediários tentavam neutralidade, lidando com o governo e com a confederação apenas em relação ao comércio. Temos aqui um exemplo de um tratado fixado entre o governo e o cacique Valentín Saygüequé que controlava algumas florestas próximas aos Andes. Este acordo é assinado em maio de 1863, e podemos observar alguns de seus artigos abaixo:

Art. 1o: A tribo e os índios do Cacique Seihueque, e os amigos dele poderão vir comercializar no povoado de Carmen de Patagones. De igual modo, todo habitante da República Argentina que queira ir comercializar com a dita tribo e os índios, poderá fazê-lo livremente.

Art. 2o: Se o Governo da República Argentina determinar explorar o rio Negro ou ocupar algum ponto militar em todo o curso dele, o Cacique Seihueque lhe prestará todos os auxílios que lhe sejam possíveis .

Art. 3o: O Cacique Seihueque se obriga a estar sempre pronto com seus índios para proteger e apoiar a defesa de Patagones .

Art. 4o: Fica obrigado o Cacique Seihueque a transmitir ao comandante de Patagones e a quantas autoridades lhe seja possível, toda notícia acerca de intentos ou movimentos de índios inimigos.

Art. 5o: ... serão inimigos do Cacique Seihueque todos os índios que sejam inimigos do Governo.

Art. 6o: Em caso de resolução do Governo de atacar ou fazer expedições contra índios inimigos, estará obrigado o Cacique Seihueque a participar da campanha com todos os seus índios .

Art. 8o: O Cacique Seihueque gozará de seiscentos pesos mensais, devendo constar na mesma lista onde estão Chingoleo e Huincabal . (LEVAGGI, 2001, P .330-332).

Este tratado não é vinculado à produção pecuarista, mas sim ao domínio de territórios. Ele fazia parte de um plano geopolítico do governo, que vai levando aos poucos a esfera jurídica argentina aos territórios dos Pampas, uma espécie de legitimidade do governo argentino. A partir disso podemos ver que os unitários tinham uma meta clara, e a confiança em seu projeto futuro. Para isso deveriam pacificar o interior e combater os caudilhos. O governo estabeleceu paz nos Pampas e manteve quase todos os caciques entre seus fornecedores de gado, isso trouxe paz e prosperidade para as estâncias, o que acarretou um aumento de arrecadação alfandegária, e trouxe uma satisfação com o novo regime. O governo investiu nos caciques intermediários, e aos poucos criou uma espécie de cinturão de índios amigos. A paz na fronteira era algo muito lucrativo.

O retorno da paz e da prosperidade, trouxe consigo propostas de colonização das terras dos Pampas. Na década de 1860 temos propostas mais fundamentadas para o uso da guarda nacional, com criollos e mestiços criando milícias armadas pelo governo para combater indígenas. A questão da terra, sendo um dos maiores causadores de tensões e conflitos na América do Sul, em relação a donos de terras e indígenas. Sendo assim, importante observar as questões sobre a ocupação e a visão dos grupos indígenas que é veiculada.

Ao armar os moradores da região, o governo incentivou a radicalização de posições, pois colocou em embate direto e autorizado os colonos e moradores das zonas de contato. Diante das lutas, agressões e violências transcorridas nas batalhas, estes homens passaram a pressionar pela adoção maciça de soldados contra os maloneros, associando qualquer indígena à violência, selvageria e barbárie. Os antigos parceiros comerciais foram, aos poucos, transformados, pelo convívio beligerante contínuo e interesses pessoais na ocupação de terras, em bárbaros a serem combatidos e exterminados. (PASSETTI, 2010, p. 299)

A convivência era conflituosa, porém pacífica entre os criollos e os indígenas, mas a partir do momento de criação de milícias, e a criação de uma demanda por controle territorial, temos expressa uma força criolla contra os caciques.

Nos combates foram gestadas e difundidas as ideias de supremacia civilizacional e necessidade de supressão do poder nativo através das armas. Pouco a pouco, ganhava cada vez mais adeptos a opção bélica ofensiva, que supunha a conquista territorial e a supressão do poder dos caciques.(PASSETTI,2010. p. 299).

Somente a Guerra do Paraguai freou este ímpeto dos criollos em relação aos Pampas, o que deu mais tempo aos indígenas, já que o governo se preocupava agora com um inimigo externo, que no momento era mais perigoso para o projeto portenho do que os grupos indígenas do interior.

4.3 A Guerra do Paraguai e a legitimação dos liberais no poder na Argentina.

A ascensão política dos unitários em 1862, alterou as relações de força entre os indígenas e os criollos. Os caciques permaneceram por mais de uma década atacando Buenos Aires, se unindo aos opositores dos portenhos, o que dificultava a aplicação do projeto liberal. Mas a partir de 1862, temos esses grupos combatidos pelo ideal da consolidação de um Estado Argentino.

A Guerra do Paraguai modificou essas relações, enfraqueceu as fronteiras e infligiu às forças armadas centralização e novas tecnologias. Temos a ciência chegando à colonização dos pampas, juntamente com capitais e imigrantes. Podemos observar a intensificação da imagem dos indígenas como bárbaros e selvagens que deveriam ser combatidos. Com o conflito entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai na segunda metade da década de 1860, são criadas alianças e oposições de grupos políticos de cada um dos países envolvidos.

De uma forma simplificada, pode-se dizer que o Império Brasileiro apoiou as reivindicações de pecuaristas gaúchos indignados com impostos cobrados na fronteira uruguaia para a transferência de gado, indispondo-se com os Colorados então no poder naquele país. Este partido era adversário dos Blancos, aliados de última hora dos brasileiros, e recolocados no poder pelas tropas imperiais invasoras. Por sua vez, eles eram adversários do atual governo paraguaio, simbolizado pela figura de seu presidente Francisco Solano Lopez, aliado aos caudilhos do Interior e de Urquiza, portanto inimigo dos unitários encabeçados por Mitre. (PASSETTI, 2010. p. 302)

O Paraguai, controlado por Solano Lopez invade o Mato Grosso, no Brasil, e invade a Argentina contando com o apoio dos opositores de Buenos Aires no interior. Deste modo, são criadas duas frentes de guerra para o Paraguai dar conta.

O que mais nos interessa em relação a Guerra do Paraguai para o tema em questão é o desenvolvimento da indústria bélica e como os grupos indígenas observaram e agiram em relação a este conflito para com o Governo Portenho.

Em julho de 1862, as correspondências de comandantes da fronteira alertavam para o perigo dos indígenas, que demonstravam saber que a Argentina se envolvia em um conflito externo e que por conta disso se encontrava com suas forças um tanto fragilizadas. Portanto, estes comandantes alertavam para invasões como os malones. Estas correspondências demonstram que os caciques procuraram explorar a situação para benefício

próprio dos grupos indígenas. Eles observaram a oportunidade de retomar malones e em consequência, algum tipo de poder.

Os alertas demonstravam que os tratados de paz assinados antes estavam rompidos e as notícias de malones feitos por todos os caciques, exceto Catriel, chegavam a todo o momento.

A rápida e massiva resposta indígena ao súbito enfraquecimento criollo e à fronteira desguarnecida comprova a diferença entre os tratados assinados na década de 1850, com Urquiza, e a situação da primeira metade da década seguinte. Neste caso, não havia uma aliança programática, interesses em comum nem o reconhecimento mútuo, mas uma estratégia de controle promovida pelo governo nacional com base na oferta de muito gado e víveres, momentaneamente interessante aos caciques. (PASSETTI, 2010. p. 305)

Com a fronteira sem proteção e com os recursos sendo enviados para o exterior na ofensiva contra o Paraguai, os criollos da fronteira interna ficaram à própria sorte. Este foi um momento de muita afirmação de adjetivos para com os indígenas como seres selvagens.

Já os caciques, estavam esperando por tratados de paz, com benefícios grandes vindos do Governo de Mitre, tendo em vista que neste momento interessava mais o embate contra o Paraguai. Mitre tem que ceder e oferece um novo tratado de paz assinado por Bernardo Namurucá. Esse tratado era na verdade um armistício, por conta do momento vivido em relação ao conflito externo. Este tratado, apesar de remontar paz e amizade, demonstra a força dos grupos indígenas, principalmente os que seguiam Calfurucá, atendendo interesses indígenas mesmo que a contragosto dos criollos.²²

Os Ranquel não aderiram a paz momentânea, devemos lembrar que eles eram aliados dos caudilhos, que eram opositores do Governo unitário liberal portenho. Calfurucá estava atento às discussões que ocorriam no congresso. Essas discussões interessavam diretamente a confederação indígena, pois através delas surge a Lei nº 215 de 13 de agosto de 1867. Podemos definir isto como um marco de transformação das relações entre indígenas e criollos na Argentina.

²² Para ver os artigos do tratado ver: SHE, 12/10/1866; também disponível em: LEVAGGI, Abelardo. Paz en la frontera. Historia de las relaciones diplomáticas con las comunidades indígenas en la Argentina (siglos XVI – XIX). Buenos Aires: Universidad del Museo Social Argentino, 2001, pp. 362-363.

Art. 1o: Se ocupará por forças do exército da República o Rio „Neuquén“, desde seu nascimento nos Andes até sua confluência no Rio Negro, no Oceano Atlântico, estabelecendo a linha na margem setentrional do citado rio da cordilheira ao mar.

Art. 2o: Às tribos nômades existentes no território nacional compreendido entre a atual linha de fronteira e a fixada pelo artigo 1o desta lei, se lhes concederá tudo o que seja necessário para sua existência fixa e pacífica.

Art. 3o: A extensão e limite dos territórios que se outorguem em virtude do artigo anterior, serão fixados por convênios entre as tribos que se submetam voluntariamente e o Executivo da Nação. Ficará exclusivamente ao arbítrio do Governo Nacional fixar a extensão e o limite das terras outorgadas às tribos submetidas pela força

Art. 4o: Em caso de todas ou algumas das tribos resistirem à submissão pacífica à autoridade nacional, se organizará contra elas uma expedição geral até que sejam submetidas e empurradas para o sul dos rios „Negro“ e „Neuquén“.

Art.5o: À margem esquerda ou setentrional dos citados rios e sobretudo nos vales e caminhos que possam dar acesso às incursões dos índios, se formarão estabelecimentos militares no número e na distância que julgue conveniente o Poder Executivo para sua completa segurança.”²³

O texto da lei evidencia os interesses liberais na região. Temos também menções para a aplicação de navios a vapor no rio Negro e a construção de linhas telegráficas, para facilitar a comunicação nas regiões e assim o controle do que ocorre. Os legisladores definiram aquela região como sendo por direito da República Argentina, e não dos indígenas. Como na experiência dos Estados Unidos, a noção da tradição e da produtividade do uso da terra não foi vista e tampouco pensada como uma possibilidade para os grupos nativos.

Esta lei nos apresenta uma outra questão importante para aquele momento, a ciência e a tecnologia juntas para a facilitação do controle territorial, como telégrafo e navios a vapor. Estes últimos podem ser utilizados como um símbolo de civilização e de uma Argentina que se pretendia construir. Quando a vitória sobre o Paraguai já era iminente, os militares começaram a estudar formas de adaptar o que experimentaram na guerra e analisar como utilizar contra os indígenas.

A promulgação desta lei foi considerada pelos caciques como uma atitude hostil, contribuindo para a definição de estratégias unificadas de defesa. Conscientes do proposto pelo governo, procuraram se antecipar, organizando-se para atacar os criollos antes de serem atacados. A movimentação que se seguiu, contraditoriamente fortaleceu ainda mais o discurso dos partidários das ações hostis com o uso de soldados. A dinâmica da guerra é esta e os indígenas a sabiam. Se aguardassem em paz, seriam atacados; caso se antecipassem, ofereceriam ainda mais justificativas para seus inimigos. (PASSETTI, 2010, p. 309-310)

²³ Ley No 215 de 13 de Agosto de 1867. Disponível também em: WALTHER, Juan Carlos. La conquista del Desierto. Buenos Aires: Círculo Militar, 1964, p. 775-776.

Esta situação se tornou inevitável. A partir disso, os colonos da fronteira iniciaram um processo mais intenso para obter terras de forma gratuita. O Governo portenho, principalmente a partir da eleição de Sarmiento, teve de conter estes ânimos principalmente por conta do receio da grande capacidade de organização e coordenação de Calfurucá. Este avanço, em relação às terras do pampas e o domínio das riquezas que essas terras poderiam oferecer, vem em conjunto com o capital europeu, principalmente britânico, que a partir dos anos de 1850 chegava cada vez mais na América do Sul. Este capital vem em forma de investimento em ferrovias, portos, minas e para desenvolver algum tipo de indústria mais primária.

Temos um exemplo sobre a Ferrocarril Central Argentino, que tinha como diretor o investidor britânico Thomas Armstrong, que pressionava o Governo Argentino a solucionar problemas relacionados a malones que poderiam prejudicar a lucratividade e a aplicação dos investimentos da companhia. Neste ponto temos a percepção de como os investimentos de capital externo, serviam para influenciar a aplicação de leis e também para a disseminação de imaginários e discursos relativos aos nativos, que facilitavam o combate e até mesmo o extermínio desses grupos, para a aplicação do projeto nacional liberal.

Devemos lembrar que a ferrovia era entendida como um símbolo de civilização, conciliava ciência e economia. A locomotiva a vapor era um transporte mais rápido e eficiente e sobretudo, mais previsível. Aqui se tinha uma certeza de superação da natureza e da selvageria, que seria um indicativo da vitória da civilização, que se relacionava com a Revolução Industrial e a modernidade.

Esta modernidade junto de civilização, seria representada em uma de suas esferas pela experimentação de colonos britânicos em comunidades como a de Frayle Muerto. Esta foi uma estação da Ferrocarril Central Argentino que estabelecia um experimento de comunidade nos moldes britânicos, com imigrantes brancos europeus e britânicos. Era um modelo de nação futura. Neste ponto, o mais importante era aniquilar os nativos para superar resistências, fazer as terras prosperarem, a riqueza aumentar e “civilizar” a Argentina.

Neste aspecto, temos que observar que Sarmiento aceitou uma paz momentânea, visto que a guerra no exterior tomava muito tempo e recursos. Entretanto, iniciou os preparativos para povoar e ocupar o chamado “deserto” com imigrantes europeus. Esta era uma tentativa de aproximar os argentinos dos britânicos.

4.4 Os indígenas e a união pela existência.

No início de 1870, Calfurucá buscou negociar com outros líderes indígenas para unificar as forças em prol de resistir contra os projetos de expansão da Lei nº 215 de 1868. Ele obteve muito apoio de outros caciques como os de Araucana. Os malones passaram então a ser mais estratégicos e políticos, se tornaram malones de proporções muito grandes.

Um dos exemplos desses malones foi o ataque a Bahía Blanca, que iniciou uma nova estratégia malonera, de erradicar a presença criolla na região. Neste ponto vale relembra a questão da visão do nativo como um ser que deve a todo tempo ser tutelado, como afirma Passetti referindo-se a historiografia argentina. Talvez seja de nossa responsabilidade refletir sobre isso para com a historiografia na América do Sul em geral, e pensar como se referem aos interesses dos grupos indígenas em sua trajetória histórica.

Aqui podemos ver os interesses dos nativos e a sua clara percepção sobre a situação nacional e os projetos futuros, dos quais eles não faziam parte. Sendo assim, os séculos de pressão sobre os indígenas vindo do outro lado da fronteira, serviram para dar aos eles a percepção de que o movimento feito naquele momento, era diferente no ponto que não se fazia como uma luta por um vale mais fértil ou o domínio de algum ponto de fonte de água, mas pelo controle efetivo das terras e por sua existência física e cultural.

O ataque coordenado a “Bahía Blanca” foi fundamental em relação ao citado acima. Uma das preocupações dos militares era a construção de fortes para recuperar as terras que foram perdidas para os grupos indígenas. Esta atitude tem relação direta com a ideia de levar colonos europeus para ocupar as terras de forma efetiva. Os militares iniciaram uma ação de vigilância constante, o que fez com que a resistência indígena perdesse a força com o passar do tempo.

Temos que observar, que ocorreram nos anos de 1860 e 1870 investimentos consistentes para compreender cientificamente os Pampas. Um exemplo para isso é o estudo realizado pelos militares, para obter mais informações sobre invasões de terras e malones, a fim de buscar entender e traçar padrões para isso. O Positivismo passa a ganhar força, temos cientistas e militares unindo forças a políticos para a busca de um sucesso bélico de dominação.

A ciência, a razão e o conhecimento, estavam neste momento sendo utilizados como armas para a dominação deste território, através de sua compreensão. O historiador Walter Delrio, afirma que “neste contexto, era de suma importância estabelecer o pertencimento

étnico de cada grupo nativo. Entre as fontes ministeriais, existiam vários informes que procuravam dar conta do pertencimento e grupo de cada cacique, quais eram suas alianças e o número de pessoas associada a estas figuras”(DELRIO, 2005, p 51)

Esta estratégia, de conhecer para dominar, foi fundamental e se tornou uma nova e forte forma de defesa, que auxiliou na diminuição dos malones. Uma quantidade cada vez maior de indígenas era, desta forma aprisionada nos malones que deram errado. A estratégia criolla foi destinar os prisioneiros para a sua desarticulação cultural e social. Eles foram enviados para territórios distantes dos seus, e principalmente distantes do poder dos caciques. A justificativa utilizada para isso, era a de afastá-los da barbárie. Apareceram neste período diversas propostas de alistamento forçado ou de trabalho forçado para estes prisioneiros. Este seria, segundo os criadores destas propostas, um fim útil para estes que seriam aliados de seu passado ligados à barbárie e à selvageria.

Esta foi sem dúvida uma forma de fazer com que tivessem uma desarticulação como grupo, fazendo com que com o tempo, essas etnias desaparecessem na massa camponesa gaúcha.

Para os criollos os indígenas não poderiam ser proprietários, já que eram vistos como bárbaros, que deveriam ter terras e animais confiscados, além de terem destruído suas moradias, o que era parte da representação de seu modo de vida. Este era o chamado Malón Branco.

Calfurucá tinha uma estratégia anti-criolla. Ele acionou parentes em Arucania para contribuir com esta estratégia. Em 1871 juntou centenas de guerreiros que cruzaram os Andes rumo às Salinas Grandes. Isso deixou os militares em alerta total. Em março de 1872 um número que variou de 2 a 3 mil guerreiros, atacaram a Vila de 25 Mayo, que ficava bem no centro pecuarista portenho. Isso fazia parte dos planos de Calfurucá, de destruir a presença criolla e a sua estrutura produtiva na região. Esta estratégia foi acompanhada da formação de Tolderias provisórias, que serviam para dar apoio logístico e repouso para os guerreiros, em uma organização mais estabelecida do que antes.

Os militares deram uma resposta dura, tendo em vista a oportunidade que se formou por conta da reunião de muitos indígenas de Salinas Grandes, Leuvucó e Araucana. Durante a retirada dos indígenas, que levaram mais de 150 mil cabeças de gado com eles, os militares se aproveitaram da velocidade reduzida por conta da grande quantidade de animais levados e de seus rastros deixados pelos Pampas. Para isso, estabeleceram uma estratégia para um ataque

surpresa. Os criollos seguiram de pontos distintos e usaram a tecnologia a seu favor, como o telégrafo e as armas de fogo mais modernas.

Tivemos assim a conhecida Batalha de San Carlos, onde militares com tecnologia bélica de ponta, tiveram uma estrondosa vitória sobre os indígenas, e que significou um recuo humilhante para os eles. Em 3 de março de 1872 temos o ápice da curva do poder e organização indígena e a partir de 9 março temos a alteração da curva de força e ascensão criolla. Esta vitória representa o início da mudança para os interesses dos liberais.

A primeira década da Argentina unificada foi marcada pela vitória do liberalismo e pela supressão forçada dos opositores. Caudilhos foram combatidos e derrotados por todo interior, gauchos perseguidos em seu modo de vida e trabalho, restando somente os indígenas dentre os inimigos internos caracterizados como a barbárie, por Sarmiento, ainda na década de 1840. (PASSETTI, 2010. p. 320)

Os caciques acompanharam o fortalecimento e o enfraquecimento criollo, bem informados pelos jornais portenhos. Compreenderam a encruzilhada em que foram colocados e partiram para o combate antes de serem aniquilados, investindo em fazer desaparecer a presença demográfica e produtiva inimiga. Pressionados, se uniram e juntos acreditaram ser possível enfrentar os militares e os colonos, mas foram superados numericamente por criollos e imigrantes, e vencidos pela velocidade da comunicação telegráfica e pela eficiência das novas armas. Eles não sabiam, mas a Guerra do Paraguai, que possibilitou seu ponto máximo de força, também proporcionou transformações profundas entre os militares que, de volta aos pampas, não estavam mais interessados na negociação, apenas no conflito, transformando a fórmula sarmientiana de “civilização e barbárie” para “civilização ou barbárie. (PASSETTI, 2010. p. 320-321)

Nessas duas citações de Passetti, temos a demonstração de como se construiu a derrota dos nativos, assim como a perseguição de modos de vida diversos do plano liberal para a Argentina. Um plano que não incluía modos de pensar e viver diversos daquele inspirado em modelos europeus, e amplamente apoiados por grupos financeiros europeus, principalmente britânicos.

A partir deste momento passa a vigorar uma nova relação de forças nos Pampas, com o uso intenso da tecnologia para conter a chamada “barbárie” de povos indígenas. A derrota indígena em San Carlos foi seguida de uma invasão na correlação de forças consolidadas nos Pampas durante pelo menos duas décadas. Neste momento, os caciques passam a solicitar os tratados de paz, que passaram a ter cada vez mais, termos favoráveis aos criollos. Temos relatos de caciques intermediários aceitando autoridade militar e ocupação de suas terras, o que pode ser visto como uma preparação para a aplicação da Lei nº 215, que levaria ocupação territorial até os rios Negro, Limary e Nuquén.

Etnias como a dos Ranquel, passam a buscar mais contato com o governo, em vista de tentar acordos de paz. Isso demonstra uma mudança, uma ruptura definitiva do equilíbrio de poder, estabelecendo subordinação por parte dos nativos ao governo central. O governo passa as decisões centralizadas nos caciques, que segundo a estratégia, eram cooptados por vantagens materiais. Estes acordos deixavam os caciques na condição de colaborar em casos de invasões estrangeiras ou de ataques de outros grupos indígenas.

O Cacique Calfurucá permaneceu como um símbolo da resistência indígena ao avanço criollo nos Pampas. Em uma carta enviada ao presidente Sarmiento em 1873, ele afirma que os nativos são os donos da América e que não seria justo que os deixassem sem os campos²⁴. Desta forma, ele se apresentou como um tipo de representante dos indígenas enquanto povo, mas estava muito fraco militarmente e tentando amparar seu discurso em uma moral antiga, que foi trazida por missionários. Todavia, este discurso certamente não foi levado em consideração por seus interlocutores. Desta forma, podemos visualizar uma disputa de poder e autoridade na Argentina, e esta disputa tinha como ponto central a civilização versus barbárie, que se baseava na concepção de superioridade diante de povos que eram entendidos como selvagens.

Calfurucá acaba morrendo em junho de 1873, o que deixa um grande vácuo no poder dos povos indígenas que eram subordinados a ele. Nesse momento, temos uma disputa por este poder, o que torna os grupos indígenas mais divididos em busca do controle das Salinas e do comércio de gado com o Chile. Os filhos de Calfurucá criaram uma maneira que continuar no poder em uma espécie de divisão entre eles, isso foi chamada de Triunvirato. Porém, esta forma de organização de poder foi muito questionada, por caciques intermediários e outros povos indígenas. Sendo assim, a chamada ocupação do deserto foi tomando cada vez mais corpo, tendo engenheiros e cartógrafos como principais agentes mapeadores das trilhas chilenas até as Salinas. O Triunvirato estava sendo muito questionado por caciques menores e não recebeu sinal positivo de algum acordo com o governo central. Junto de tudo isso, temos em 1874 uma grande instabilidade política causada por uma tentativa de golpe de Bartolomé Mitre, que foi derrotado, ainda assim as intrigas internas nos grupos indígenas só aumentavam.

²⁴ Juan Calfucurá ao Presidente Domingo Faustino Sarmiento. 30/01/1873 apud HUX, Meinrado. Caciques huiliches y salineros, p. 100.

Em meio a esta instabilidade, Juan José Catriel, se tornou o cacique chefe e surpreendeu a todos com um Malón, onde milhares de animais foram roubados e criollos mortos. A repressão foi bastante dura e significou novos tratados como a submissão de “índios amigos” ao serviço e disciplina militar. Isto os colocou na infantaria da Guarda Nacional. A condição da disciplina militar, fez com que os indígenas estivessem ainda mais sob a autoridade do Estado Argentino que se instalava.

A partir disso o Governo começa a endurecer a política de ocupação e avanço das terras indígenas. Neste momento temos um projeto curioso e ousado, que foi chamado de Zanja. Se tratava de um projeto de construir trincheiras por mais de 600 km, criando uma espécie de cinturão de proteção contra qualquer tipo de avanço indígena. Este também permitia que os territórios fossem melhor compreendidos e que o avanço do governo fosse feito com mais segurança e certeza sobre as terras indígenas.

Este projeto sofreu muitas críticas dos militares, pois, segundo eles, não impediria de fato avanços e invasões indígenas, assim como não tomava de fato as terras das tolderias. Além disso, teria um avanço muito lento para as expectativas dos militares. Isto tudo se relacionava com a crítica da ação dos criollos para com os indígenas, que no entendimento dos militares os colocava em situação de submissão de sua autoridade, principalmente aos caciques.

O aspecto militar, a guerra contra os indígenas não é o objetivo da campanha de Alsina, senão um aspecto contingente. O aspecto bélico é puramente casual. O objetivo é outro: ocupar com meios pacíficos e com os instrumentos à disposição da ciência, os novos territórios, até conseguir integrar os nativos, conquistando-os à causa da civilização. O gasto econômico da construção da trincheira é alvo de críticas, mas não chega a ser o objeto principal dos ataques. O ponto principal da crítica não é tanto a tática defensiva, mas a estratégia de integração. (BLENINO, 2005, p. 54-55.)

Esta integração era lenta, e tinha duras críticas. Todavia, a Zanja conseguiu apoio presidencial, e o congresso e a população entendiam que ela representava uma vitória contra os indígenas. Em contrapartida, os caciques não se mantiveram passivos diante disso. A Confederação de Salinas Grandes estava criando uma estratégia de unificar os nativos para fazer frente à expansão territorial criolla.

Por outro lado, temos indígenas como Catriel que liberam terras em Buenos Aires e deixaram o governo livre para sedentarizar e “civilizar” índios antes amigos. Por conta dessas

atitudes, temos uma queda nos malones e vemos uma grande onda de ataques dos militares, que tinha um objetivo, o de exterminar os indígenas. A Zanja, levou por onde passou a paz e prosperidade econômica projetada pelos liberais, e permitiu mais facilidade para os Governos provinciais ocuparem as terras com gado e dar tranquilidade para o aumento de produção das zonas pecuaristas.

Os imigrantes sem dúvida fizeram parte deste projeto descrito como de “conquista de terras para a civilização”. Entendendo como “civilização”, brancos, cristãos e trabalhadores no geral, que se enquadraram nesse perfil demográfico idealizado pelos liberais. Os imigrantes foram uma força extra que visava apresentar o modo de vida e de cidadania almejada na Argentina, que visava extirpar os indígenas de seus planos futuros.

A partir desse momento tivemos uma forte desestruturação da organização dos grupos nativos, pois com a trincheira (Zanja), eles ficaram mais isolados na Pampa seca, distantes das zonas pecuaristas. Os malones estavam cada vez menores e menos frequentes, isso deixava os indígenas sem gado para comércio com os chilenos e principalmente para a sua alimentação. A fome e a miséria começaram a ganhar força entre eles, de forma mais forte nas periferias das Tolderias, nos Caciquillos e nos Lanzas.

Os militares conseguiram mudar a ordem, e passaram a usar a mesma tática de malones para atacar. Tinham a trincheira para dar suporte logístico, o que os deixava mais próximos da tolderias e mais fortes para ataques surpresa. Eles tinham no seu foco os caciques, com a ideia de desalojar autoridades que desafiavam os criollos. O plano foi de liquidar com as chefias para desestruturar os indígenas na política, na sociedade e na economia, além é claro de total controle territorial.

Esta estratégia dos militares ficou conhecida como “Malón Branco dos cristãos”, pelos povos indígenas. A principal maneira de atuação neste malones era o uso da violência e da surpresa. O primeiro a ser perseguido foi Juan José Catriel, que se tornava o símbolo da barbárie naquele momento, pois abandonou o apoio ao governo e começou a lutar e resistir. Este ataque a Catriel pode ser considerado o primeiro momento para as campanhas militares, que ficaram conhecidas como “Campanhas do Deserto”. “O pânico produzido nas massas selvagens foi completo, ao lançar os valentes esquadrões com seus bem afiados sabres, causaram efeito aterrorizador nos filhos dos pampas. Todos aqueles que tentaram a sorte das armas, logo encontraram a morte” (SHE, 14/11/1877.) Esta pequena citação demonstra como ficou a situação dos nativos e os objetivos das campanhas, que eram uma política do Estado para exterminar estes grupos e aplicar o plano liberal de nação na Argentina.

Os nativos, neste cenário, eram vistos como uma espécie de caça, e tinham seus corpos se tornando alvos para exposição dessa política. A morte era a regra e estava amplamente amparada pela Lei nº215 e também pela população Argentina. A paz somente era oferecida no papel, em uma inevitável resistência ao avanço sobre as terras indígenas, a força passou a ser autorizada com a justificativa da paz e da civilização. Isto tudo estava alinhado ao pensamento Positivista e a uma análise científica de seu tempo, com os militares buscando dados numéricos para auxiliar em seu projeto e avanço.

Aos indígenas, que foram transformados em números tabulados e absorvidos pelo sistema de informação, restou a morte e o aprisionamento. Na citação abaixo podemos refletir sobre a situação dos indígenas.

Não foram todos os presos que chegaram a sair dos pampas, pois muitos morreram em decorrência de ferimentos ou doenças, ou ainda enfraquecidos pela fome: “para os enviados a Buenos Aires, o itinerário era o seguinte: se o traslado ocorria por terra, os indígenas eram reunidos na fronteira e transportados geralmente por particulares que, mediante contrato, os levavam até os terminais ferroviários. Se o transporte se desse por mar, eram conduzidos até portos de embarque – geralmente o de Carmen de Patagones ou o de Bahía Blanca, ainda que Puerto Deseado também tenha sido eventualmente utilizado. Ao chegar a seu destino, os prisioneiros permaneciam pouco tempo na cidade, sendo quase que imediatamente reembarcados e levados à ilha Martin Garcia, onde ficavam até que se decidisse por sua posterior distribuição.”(MASES,2002, p. 87)

Neste isolamento, na ilha onde ficavam presos, temos relatos de centenas de mortes causadas por doenças como a varíola. Além disso, a fome e a violência também eram fatores que levavam os indígenas à morte. Dessa forma, podemos ver como a vida dos nativos não tinha nenhum valor para aqueles que estavam colocando em prática um projeto nacional liberal na Argentina. Eles eram entendidos apenas como obstáculos a serem vencidos e exterminados, sendo usado a força que fosse necessária para isso.

As “Campanhas do Deserto” foram representadas e lideradas pelos militares. Temos entre eles uma importante figura que era o Roca. Ele era um representante dos militares que construiu sua carreira sob o governo liberal nas fronteiras indígenas. Ele compartilhava da ideia de muitos militares de que a Zanja era lenta e muito demorada para o projeto que os liberais queriam impor na Argentina. Ele foi muito importante para aplicar a Lei nº215.

A sua ascensão marca o prestígio do exército. Os oficiais militares se entendiam como superiores, sendo eles a transformação que a Argentina necessitava naquele momento, sendo figuras de um projeto conservador, autoritário e modernizante que tinha o apoio de

estanceiros, vecinos e pecuaristas, que por sua parte tinham muito interesse nas terras indígenas.

Alguns chefes indígenas tentavam acordos, outros eram atacados a todo momento. Os acordos colocavam os “índios amigos” totalmente sob a autoridade do Governo Argentino. Mas o principal nesta política não era integrar, mas sim exterminar. Enquanto a tropas atacaram tolderias, os cientistas produziram mapas, relatórios e planos para ocupar da forma mais eficiente possível as terras indígenas. Zeballos em “La conquista de quince mil leguas”, produziu muitas imagens sobre os Pampas e sempre indo para a disputa da civilização versus barbárie, como uma espécie de manifesto pelo direito criollo sobre os Pampas.

Essas investidas em direção às terras dos nativos, foram a solução de vários dilemas para o governo da Argentina. Conseguiram ocupar territórios em disputa com o Chile e abriram terras férteis para a ocupação de colonos, trabalhadores e principalmente imigrantes europeus. Este projeto de ocupação acabaria com os problemas argentinos como os malones, as disputas de terras e potencializaria a ideia de civilização nacional.

O General Roca, utilizou o estudo de Zeballos e a sua análise científica da ocupação. Ele utilizou muito a sua ideia de barbárie indígena, que eram tratados como beduínos, sempre associados ao atraso, o que seria um contraposto da Argentina projetado pelo plano dos liberais, de uma Argentina civilizada feita por colonos brancos.

Como se vê, os pampas estão muito longe de se encontrarem cobertos de tribos selvagens, e estas ocupam lugares determinados e precisos. Seu número é insignificante, em relação ao poder e aos meios de que dispõe a Nação. Temos seis mil soldados armados com os últimos inventos modernos da guerra, para opor a dois mil índios que não têm outra defesa que a dispersão, nem outras armas além da lança primitiva e, entretanto, lhes prestigiamos com a iniciativa, idealizando fortificações, como se fossemos um povo pusilânime, contra um punhado de bárbaros²⁵

O Governo central só iria oferecer localidades onde os “índios amigos” poderiam se tornar camponeses da Argentina. Esses “índios amigos” deveriam vir para o lado do Governo ou se entregar de forma pacífica, para a integração. O outro modo seria a prisão e o extermínio. Em seu discurso oficial, o Governo tem sempre expressões que chamam a atenção como “submeter”, “extirpar”, “destruir” e “expulsar”. Essas expressões nos chamam a atenção

²⁵ Ver: Mensaje y proyecto del Señor MGyM, Gal. D. Julio A. Roca, sobre la traslación de la frontera sur a los Rios Negro y Neuquén, apud WALTHER, Juan Carlos. La Conquista del Desierto, op. cit., pp. 804-809.

para o fato de demonstrarem uma descrença pela resolução pacífica, sempre preferindo um desfecho bélico.

Temos na Lei nº 947, Roca buscando um uso para a ocupação das terras tomadas dos indígenas. Nas discussões sobre a aprovação da lei temos debates sobre levantar recursos para a ocupação e financiamento de expedições militares para conquistar definitivamente os pampas. Além disso, a maneira que as terras conquistadas foi distribuída para a ocupação, atendeu a interesses diretos de um seleto grupo, que poderia comprar títulos da dívida pública para conseguir as terras. Estes títulos estavam atrelados diretamente às terras a serem conquistadas. Podemos compreender esta situação como a manutenção da ordem pública social, econômica e política vigente. Devemos refletir que com esta orientação mestiços, criollos pobres, as classes médias urbanas e imigrantes individuais não conseguiriam comprar os títulos e ter acesso a terra. A elite portenha poderia lucrar duplamente com as terras férteis, para agricultura e para especular com os títulos das terras.

A primeira fase das “Campanhas do Deserto” foram de aniquilamento das resistências e a destruição das estruturas políticas, sociais e econômicas indígenas. Em abril de 1879 Roca inicia a fase crucial, que era expulsar os indígenas totalmente do deserto, e se possível aniquilar os inimigos.

A perseguição durou 4 meses, o que garantiu o domínio do Governo aos pampas argentinos. Segundo Roca, foi mais fácil do que esperado. A trincheira foi importante nesse ponto, pois permitiu que um rompimento das redes políticas, sociais e culturais fosse concretizada, facilitando a destruição das comunidades indígenas nos pampas. Entre abril e agosto de 1879 o exército perseguiu os últimos resistentes. O autor Gabriel Passetti em seu trabalho de 2010 relata que 58% das pessoas enfrentadas pelo exército entre 1877 e 1878 foram mortas. Isto demonstra que tipo de projeto os liberais queriam para a unificação do país. Um projeto que passava por destruir, extirpar e eliminar tudo que estivesse fora do enquadramento dado como civilizado.

Na segunda metade da década de 1870, os liberais argentinos puderam colocar em prática idéias gestadas há décadas ou até séculos, utilizando-se das armas para ocupar militarmente os pampas, anexar definitivamente aqueles territórios à jurisdição nacional e suprimir lideranças políticas com quem os criollos se envergonhavam de ter que negociar e aceitar condições. Uma quantidade enorme de terras foi liberada para o gado e o trigo, divididas em sua maior parte pelos oficiais do Exército, famílias estancieras tradicionais e investidores internacionais. Os indígenas estavam divididos entre presos e fugitivos – desalojados de suas terras, alijados de animais, perseguidos pelos militares e derrotados politicamente. (PASSETTI, 2010, p. 343)

Após as “Campanhas do Deserto”, Roca acaba conquistando as eleições e se torna presidente da Argentina em 1880. Isto é um símbolo da vitória dos liberais e de seu projeto, que tinha um caráter unitário, assim como preconizado por Sarmiento em 1845 na obra *Facundo*. Este projeto foi colocado em prática com muita violência em 1852, onde houve o embate entre a civilização e a barbárie. O que 20 anos depois se tornou a hegemonia da “civilização”.

Desde de inícios da década de 1870, ganha força o projeto de imigração europeia em larga escala. Muitas propagandas foram feitas em portos de regiões mais pobres da Itália e Espanha, apresentando muitas terras à espera de trabalhadores para colonizá-las. Entretanto, a realidade era outra, e a maior parte seria trabalhador de grandes proprietários de terras. Com exceção de alguns casos, a maior parte das terras ficava nas mãos das tradicionais elites estancieiras, militares e políticas.

Nesta nova condição de domínio das terras, sobrou aos indígenas uma situação de miséria e submissão. Mais de 20.000 foram presos, e o governo e o clérigo disputavam quem deveria “civilizar” essa massa populacional. Muitos foram presos na ilha de Martin Garcia, e eram vítimas de doenças, fome e da violência. Os Caciques e os Guerreiros eram os que mais ficavam nas prisões.

O governo resolveu pela distribuição dos contingentes de indígenas presos, enviando-os a diferentes destinos longe da fronteira, desmembrando as famílias de maneira que mulheres e crianças foram enviadas para trabalhos domésticos, enquanto os adultos foram alistados no Exército ou na Marinha; alguns contingentes foram enviados às províncias do norte e do litoral fluvial como mão-de-obra para engenhos açucareiros e estabelecimentos rurais. (MASES, 2002 p 50-51)

Aqui vemos como a vida dos nativos passou a ser decidida pelo governo e de certa forma por quem pagasse mais. Podemos observar em uma análise rápida, que os que foram presos passaram a viver como escravos, prestando desde serviços domésticos, até trabalhos nos setores da agricultura e pecuária, além de muitos se tornarem por obrigatoriedade massa para uso militar. A citação abaixo de Passeti (2010), nos apresenta muito bem como os indígenas eram visto dentro deste projeto liberal e como eram as atitudes do governo para com eles durante a dominação de seus territórios e de suas vidas.

Contemporâneos narraram cenas de desolação, marcadas por homens combalidos, mulheres tentando achar seus filhos e crianças chorando desesperadamente. Desde muito tempo havia o costume de ter nas casas ricas indiacitas – criadas domésticas e damas de companhia em regime semi[-]servil. Durante décadas, os comandantes da fronteira forneceram estas mulheres, conquistadas nos ataques às tolderias, a parentes e conhecidos. Após a vitória na Guerra do Paraguai, sua presença se tornou ainda mais recorrente. Com as Campanhas do Deserto, famílias indígenas foram desagregadas durante os ataques, nos centros de reclusão na fronteira, no transporte ou já chegando à capital. Nomes foram mudados e traços familiares perdidos. O governo outorgou à Sociedade de Beneficência o poder para alocar mulheres e crianças entre a elite portenha (PASSETTI, 2010,p 350)

Refletir sobre as tensões constituídas na zona de contato da expansão territorial criolla é muito importante para compreensão das visões que se constituíram acerca dos indígenas. Espanhois, criollos e depois os britânicos, descreveram os pampas como um deserto humano. Isso deu a legitimação para um projeto de dominação, que tem em sua base oportunidades de enriquecimento, junto a um grande sentimento de superioridade cultural, religiosa e racial.

5- A expansão territorial dos Estados Unidos no século XIX e o encontro com os povos nativos.

Até o ano de 1848 os Estados Unidos da América já tinham mais do que dobrado de tamanho e expandido suas fronteiras até o Pacífico. Segundo Sousa (2012), temos na primeira metade do século XIX, junto aos treze estados "originais" mais dezenove estados. No século XIX, com a França enfrentando conflitos na Europa, temos uma ótima oportunidade para Thomas Jefferson, que conseguiu comprar a Louisiana, que era território Francês, por apenas 15 milhões de dólares. Dentre várias expedições para as terras do Oeste incentivadas pelo governo, temos a de Lewis e Clark, que tinha uma justificativa científica, todavia os reais objetivos seriam verificar o potencial econômico e de matérias primas que as terras poderiam oferecer com seus recursos naturais.

Temos no trabalho de Henry Nash Smith intitulado "Virgin Land; The American West as Symbol and Myth" (1950), um capítulo dedicado à análise dos interesses de Jefferson para com as terras do Oeste. O autor mostra que desde muito cedo Thomas Jefferson juntava materiais relativos a terras mais a Oeste como relatórios e diários de colonos da Virgínia.

Desta maneira em 1801, Jefferson enviou Meriwether Lewis e William Clark²⁶ para além do Missouri e das "Rock Mountains". A expedição seria de cunho científico, para catalogar espécies animais, vegetais, tribos indígenas e mapear o território, determinando onde estariam rios, montanhas e florestas. Todavia, esta expedição tinha um caráter oculto, que era o de conhecer o território para a futura dominação.

Observando a importância que Jefferson deu ao domínio dos territórios do Oeste, percebe-se a importância da abertura de um caminho entre as montanhas, rios, florestas e desertos para se chegar ao pacífico e estabelecer a linha de contato entre os Estados Unidos da América e as Índias. Sousa (2012, p. 20) afirma que podemos encontrar em alguns escritos do período, que em um futuro não distante a América do Norte dominaria sem dificuldades as rotas para as Índias. Esse otimismo se caracteriza pelos planos de Jefferson de fazer rotas de ligação entre a Costa Noroeste e a Sibéria. Além da possibilidade de uma rota transcontinental com uma ligação com a China. Temos além de tudo isso instruções privadas de Jefferson para

²⁶ A conquista do Oeste; Do Atlântico ao Pacífico.

Lewis em sua expedição, o que nos mostra perfeitamente a importância para ele de uma ligação com o Oriente;

The object of your mission is to explore de Missouri River, e such principal stream of it as, by it's course e communication with the waters of the Pacific Ocean, may offer the most direct e praticicable communication across this continent, for the purposes of commerce. (SMITH, 1950, p. 20.)

O controle e o acesso a rotas de ligação com o Pacífico, com o propósito de construir linhas futuras de comércio, levaram pessoas como Thomas Hart Benton, seguidor das ideias de Jefferson, a acreditar na força que os Estados Unidos de América poderiam ter perante o mundo com linhas comerciais indo do Atlântico ao Pacífico.

Interessante refletir sobre a ideia que na sociedade Americana sobre a costa Leste , o que podemos ver com Frederick Jackson Turner(1861-1932) em sua análise sobre a Fronteira²⁷ chamada “*The significance of the Frontier in American History*” de 1893. Segundo Sousa (2012) esta análise, é uma das primeiras observações sobre a Fronteira de colonização e a formação da nação americana, além disso é tomada pela historiografia americana como um marco importantíssimo para a História americana. Turner afirma que a Costa Atlântica teria muitas influências Inglesas, da antiga tradição Européia, tendo na experiência de se expandir cada vez mais para o Oeste o símbolo de busca pela liberdade que desde a partida dos puritanos para o novo mundo em busca da terra prometida, estaria dentro de cada americano, e que sem dúvida traria um status de grandeza para a nação Americana.

Sousa (2012) afirma que depois de 1812, com o fim de uma guerra contra a antiga metrópole, a Inglaterra, podemos encontrar um certo clima de paz e segurança em relação a afirmação da nação como independente²⁸, além de se ter consolidado uma relativa paz externa. Isso permitiu que se inicia um desenvolvimento nos Estados Unidos, já que não haveria mais a preocupação com nações estrangeiras no intuito de dominar ou recolonizar o território norte americano. Para assegurar a legitimidade dos EUA James Monroe quando assumiu a presidência tomou uma atitude de não se intrometer em assuntos estrangeiros, de

²⁷ Ver: KNAUSS, Paulo(org). Quatro ensaios sobre a História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner. Niterói. EDUFF. 2004.

²⁸ Ver: KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos*; Das origens ao século XXI. São Paulo. Editora Contexto. 2007.

acordo com que deixassem " a América para os americanos", essa política foi implantada em 1823 e chamada de Doutrina Monroe.

O autor Sousa (2012) nos fala que o “*Destino Manifesto*” é um conceito muito importante quando se trata da História Americana. Ele foi criado pelo jornalista americano John O’ Sullivan em 1845. Este conceito, em resumo, afirma que o povo que viria a ser o povo estadunidense seria escolhido por Deus. Sendo assim teriam o direito de colonizar terras que seriam parte da terra prometida por Deus. Sousa (2021) nos fala de um exemplo disso, que seria o caso de Willian Gilpin²⁹. Segundo Henry Nash Smith em seu trabalho intitulado “*Virgin Land; the american West as symbol and Myth*” de 1950(Que se tornou o primeiro trabalho de PHD em História Americana, dando “início” aos estudos americanos), Gilpin se torna um representante do " Destino Manifesto", chegando a ser indicado para governar um território, o Colorado.

Sousa (2012) nos fala que Gilpin escreveu muito sobre o Oeste e foi um representante do "Destino Manifesto" do povo dos EUA. Em 1873 escreve "The Mission of the North-American people". Esses escritos se aproximavam com as ideias de Benton, com a questão de que o Oeste seria a válvula de escape do Leste.

Walt Whitman³⁰ foi outro autor que teve papel importante para legitimar as ideias do “Destino Manifesto”. Era um poeta que, segundo Sousa (2012), viveu quase toda a sua vida na costa Leste e foi responsável por criar imaginários em relação ao “Destino Manifesto”. Segundo Sousa (2012) ele não se adequava a tradição intelectual do Leste, pois no Leste haveria o passado, a sombra da Europa de cidades e sofisticação. No Oeste haveria liberdade para a nação americana e seu povo “escolhido” construir as bases de seu novo país.

O objetivo dos Estados Unidos da América, era tomar as terras que estavam além dos montes Alegânis e construir a força econômica que a nação americana necessitava para tomar a ponta de liderança mundial, a conquista do oeste foi essencial para isso, e esse era o ideário da expansão para o Oeste na mente da população americana como a possibilidade de obter a liberdade oferecida por Deus em uma terra prometida pelo mesmo é perfeita para que políticas de estado sejam tomadas e recebem forte apoio da população.

²⁹ Ver: SMITH, Henry Nash. *Virgin Land; The American west as symbol and myth*. Harvard university press. Cambridge 1950.

³⁰ Poeta Americano. Considerado o poeta da Revolução Americana. Viveu entre 1819 e 1892.

Segundo Sousa (2012), os territórios que eram foco do objetivo para a colonização, eram conhecidos como wilderness, ou "Wildwest". O autor afirma que esses territórios eram entendidos como um lugar onde apenas os homens mais fortes poderiam sobreviver. Esses homens viveriam na fronteira de colonização, a fronteira mais avançada, até mesmo do que a fronteira agrícola, já que eles seriam responsáveis por abrir caminho para os futuros assentamentos agrícolas. Eles viveriam isolados da "civilização", tendo contado direto com a natureza selvagem, e por conta disso teriam de se fazer por si mesmos.

O autor Frederick Jackson Turner³¹, afirma que a fronteira era o ponto mais rápido de americanização, pois seria o espaço do contato constante com o novo, com a renovação acontecendo a todo instante, tomando sempre o contato com a simplicidade e o "primitivo", cunhando assim o caráter social americano.

Sousa (2012) apresenta uma breve discussão sobre o conceito de "Self made man", ou seja, o homem que se faz por si só. Este termo é muito importante para pensar a história dos Estados Unidos. Essa ideia foi de grande valia para a conquista do oeste, pois como afirma Turner, seria no Oeste o ponto de mais rápida americanização. Este conceito juntamente com o do "Destino Manifesto" auxiliaram na legitimação e impulso da conquista das terras do Oeste.

Estes pioneiros, que também eram conhecidos como "Backwoodsman", teriam características voltadas para a rejeição à vida em sociedade. Eles não eram, ou não queriam fazer parte da sociedade do Leste que tinha influências inglesas. Sousa (2012) afirma que Henry Nash Smith³² nos fala que certa hostilidade a vida em sociedade e ao progresso poderia assustar, pois havia um "culto" oficial ao progresso, e a expansão e colonização das terras do Oeste, com fazendas, ranchos, assentamentos e cidades era o exemplo desse progresso, pois se destruiria o barbarismo e a selvageria, dando lugar a dita civilização.

Para Smith (1950) os homens de fronteira tinham sentimentos particulares para se removerem para o Oeste, assim como Daniel Boone³³. Segundo Sousa (2012), Boone teria

³¹ Ver: KNAUSS, Paulo (org). Quatro ensaios sobre a História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner. Niterói. EDUFF. 2004.

³² Ver: SMITH, Henry Nash. *Virgin Land; The American west as symbol and myth*. Harvard university press. Cambridge 1950.

³³ Um Backwoodsman que ficou famoso, por ter suas aventuras como a colonização do território que hoje é o Kentucky, escritas por John Filson no século XIX.

escolhido viver entre a civilização e a barbárie, na fronteira de colonização mais avançada, isto é, do ponto mais rápido de americanização, segundo Turner.

Sousa (2012) nos fala que Daniel Boone é descrito por Daniel Bryan em "The adventures of Daniel Boone" como alguém com características angelicais, divinas, sendo responsável por construir, ou auxiliar a construir os caminhos para o "Império Americano". Ele fugiria da civilização para o Wilderness, não levando consigo corrupção da vida em sociedade, de instituições e classes sociais. Desta forma poderia construir uma nova nação.

Outro exemplo dos homens que iriam para o Oeste e viveriam longe da sociedade organizada e teriam de se fazer por si mesmos, são os chamados "Leatherstocking" que ficaram conhecidos através dos livros de James Fenimore Cooper³⁴. Sousa (2012) nos traz uma citação importante feita por Timothy Flint sobre eles:

...Renouncing society, casting off fear, and all the common impulses and affections of our nature...finding in their own ingenuity, their knife, gun and traps, all Divinity, of which their stern nature and condition taught them the necessity...became almost as inaccessible to passions and wants, and as sufficient to themselves, as the trees, or the rocks with which they were conversant. (SOUSA, 2012, p. 30)

O encontro com os nativos e os recursos naturais eram atrativos que causaram discussões e o interesse das elites dos Estados Unidos naquele período. Patricia Nelson Limerick nos apresenta em "*The legacy of conquest: the unbroken past of the American west*" (1987) que a conquista do Oeste testou os ideais americanos, sendo profundamente afetada pela experiência do conquistador. Essa conquista é uma rota da memória da nação americana, tendo a fronteira se tornado o lugar do 'nobre selvagem', do "nobre pioneiro".

Limerick nos afirma que os historiadores e pesquisadores do oeste criaram um ponto de ligação para a história do Oeste nos Estados Unidos da América; a abertura e o fechamento da fronteira, dando um significado cronológico para o Oeste dentro dos EUA.

Devemos observar questões antropológicas relacionadas a isso, onde vamos refletir em como pensar nos valores que eram levados pelos homens que iriam em direção ao "Westward". Segundo Limerick os homens que se arriscaram indo para terras desconhecidas

³⁴ Escritor que viveu entre 1759 e 1851, tem como sua obra prima "The last of the Mohicans".

foram em buscas de oportunidades, foram em busca de terras livres, onde pudessem caçar, plantar, construir sua casa e ganhar a vida. Sousa (2012) nos afirma que podemos tirar desses homens suas pré concepções culturais, como a religião, por exemplo, onde podemos entender que haveria um choque entre a cultura ocidental cristã e as culturas dos povos indígenas que se relacionavam de uma maneira diferente com o que seriam deuses, tendo diferentes concepções de o que seria divino.

Sousa (2012) nos apresenta uma interessante questão em relação a como observar e entender estes homens que estavam indo para o Oeste ;

Temos aqui uma questão que devemos analisar. Já que os homens brancos indo para o Oeste levavam consigo seus valores e os implantavam, fazendo com que estes fossem usados como exemplo para que as regras fossem instituídas na sociedade que estariam ajudando a desenvolver, podendo converter índios ao Cristianismo e matar ou punir os que não se convertessem, já que estariam fora das regras da sociedade que estaria sendo criada. Dessa maneira seriam esses homens vilões ou vítimas?(SOUSA, 2012, p. 51)

Limerick(2006), nos fala de Narcisa Prentiss Whitman, uma figura interessante que podemos utilizar para refletir sobre estas questões trazidas acima. Limerick (2006) afirma que Narcisa escreve o seguinte relato em em 1835 "I now offer myself to the American Board to be employed in their service among the heathen..." (Limerick, 1987, p 37) ³⁵. Estes pioneiros do território também tiveram importância na disseminação de imaginários e na implantação de valores sobre os territórios conquistados. Segundo Sousa (2012) os missionários seguiam as trilhas e caminhos que os caçadores faziam com o intuito de levar as pregações para esses homens e mulheres que partiam para o Oeste. Se auto intitulavam agentes de Deus. Narcisa Whitman escreve para uma irmã em 1846 :

...My health has been so poor and family has increased so rapidly, that it has been impossible. You will be astonished to know that we have eleven children in our family, and not one of them our own by birth, but so it is. Seven orphans were brought to our door in Oct., 1844, whose parents both die on the way to this country. Destitute and friendless, there was no other alternative-We must take them in or they must perish³⁶.(LIMERICK, 1987, p. 37)

³⁵ Tradução livre de Hugo Farias de Sousa "Agora me ofereço para ser o conselho americano a ser empregado nos seus serviços entre as nações"

³⁶ ."Minha saúde não tem ido muito bem, e a família aumentou muito rapidamente, isto tem sido impossível.Você ficará surpresa ao saber que temos 11 crianças e que nenhuma delas é nosso filho legítimo de

Sousa(2012) nos traz a seguinte reflexão sobre o que Narcisa escreveu para a irmã;

O trecho apresenta a missão de Narcisa, e dos missionários, de levar a palavra de Deus e ajudar os necessitados que foram vítimas da vida difícil na fronteira de colonização. Se faz interessante observar a trajetória de Narcisa como missionária. Em novembro de 1847, após dez anos com os missionários, uma rebelião de índios acabou matando catorze pessoas, incluindo Narcisa e seu marido Marcus Whitman. Devemos aqui fazer uma reflexão; seria Narcisa uma inocente vítima da ingratidão dos índios Cayuse³⁷? Para chegarmos a uma conclusão devemos perceber o seguinte; com a entrada dos homens brancos nos territórios do Oeste, e até mesmo antes com a chegada na América e o início da colonização, vieram junto a eles guerras, como disputas entre Inglaterra e as Treze colônias, disputas com franceses, houve a entrada de armas de fogo que dizimavam muitos rapidamente. Houve a destruição da natureza que fazia parte dos cultos praticados pelos indígenas, animais mortos, e doenças que até então não existiam na vida dos índios. O homem branco não era visto pelos indígenas como inocente ou amigo, claro que haviam as exceções, porém de uma maneira mais geral era visto como um mal. Devemos observar os pontos de vista, pois apesar de poder entender que muitos propósitos serem realmente inocentes, como a intenção de converter e levar os índios a conhecer o Cristianismo que era entendido como a verdadeira forma de se salvar do sofrimento eterno, os meios para se chegar a isso nem sempre eram inocentes, ou puros. (SOUSA, 2012, p. 30)

Sidney Lens em seu livro intitulado "*A formação do Império Americano: da revolução ao Vietnã*" (2006), fala como os nativos resistiram ao avanço sobre suas terras de origem. O período trabalhado pelo autor se configura na segunda metade do século XIX, que seria o período de tempo onde o mito do Oeste estaria se configurando nos imaginários populares dos estadunidenses. Com isso o autor nos fala sobre o encontro com os povos nativos, que foram em grande parte, removidos de suas terras, como das "Greats Plains" e das montanhas além Mississipi para abrir espaço para agricultura, garimpos e estradas de ferro.

Com a implantação de ferrovias, seria mais fácil e rápido povoar com os colonos brancos as terras do Oeste. Portanto a remoção dos nativos deveria se tornar uma política do Estado Americano, o que de fato ocorreu.

nascimento, sete órfãos foram trazidos à nossa porta em outubro de 1844, cujos pais morreram no caminho até este lugar. Não tinham ninguém para ampará-los, não havia alternativa senão ajudá-los ou iriam perecer." Livre tradução Hugo Farias de Sousa.

³⁷ Cayuse são indígenas que vivem na região do estado do Oregon, mais especificamente nas "Blue Mountains". Para mais informações ver; WWW.umatilla.nsn.us.

Para exemplificar isso vemos que em 1830 Andrew Jackson (presidente americano entre 1829-1837) promulgou a "**Lei de remoção dos índios**", o que faria com que os índios fossem removidos de seus territórios tradicionais para a região de Oklahoma, onde deveria ser criada uma reserva pelo governo. Os indígenas foram obrigados a marchar para lá, por mil e quinhentos quilômetros. Muitos morreram de frio, doentes ou com fome, e essa jornada ficou conhecida na história como "Trail of tears"³⁸. Em 1839 muitos outros milhares de indígenas foram obrigados a ir para o Oeste pelo governo, o que abriria milhares de hectares para a produção agrícola. Isso condenou muitos nativos à morte por não se adequarem às novas condições. Muitos povos indígenas não queriam ou não tinham o costume de resolver seus problemas através de guerras ou massacres, o que faria com que muitos buscassem tratados. Mas os Americanos eram demasiados impacientes em relação ao respeito aos direitos de outros povos, pois como se entendiam como "destinados" a colonizar todo continente e levar a sua civilização, libertando as terras do Oeste da barbárie e da selvageria, "iluminando" os povos que ali estivessem com a sua direção divina, não respeitariam os direitos, se é que pensariam em direitos para outros povos. (SOUSA, 2012, p. 31-32)

A expansão da fronteira trazia muitos problemas para a vida dos nativos. Um exemplo comum para estudos como este que analisam esses prejuízos, é a caça aos búfalos feita pelos colonos brancos. Temos estes animais como fonte de alimentação, vestimentas e parte do cotidiano cultural de várias etnias de extensos territórios. Os colonos brancos faziam a caça indiscriminada desses animais, em sua maior parte por esporte. Temos uma estimativa de cerca de 15 milhões de animais mortos, o que levou a um enorme prejuízo para a vida cotidiana de milhares de nativos.

Sousa (2012) nos apresenta um exemplo destas caçadas em integração com a implantação das ferrovias;

William F. Cody, mais conhecido como "Buffalo Bill"³⁹, ficou conhecido primeiramente por ter supostamente matado 4.280 búfalos em 17 meses, no período em que trabalhava na companhia ferroviária "Kansas Pacific"⁴⁰. Essa informação pode ser um pouco exagerada, porém nos mostra bem a intensidade da matança dos búfalos por simples esporte, destruindo uma parte importante da vida de muitas tribos das pradarias que dependiam dos búfalos para sua sobrevivência. Uma imagem que nos mostra isso é a pintura de Currier e Ives "A caçada de búfalos" de 1862. As estradas de ferro também ajudavam a "empurrar" os índios para fora de seus campos, segundo Lens até 1887 cerca de 252 mil quilômetros de trilhos já haviam sido construídos, fazendo com que os Estados Unidos fossem cruzados

³⁸ Significa trilha das lágrimas. Essa viagem ficou conhecida assim por ser muito dura para os índios, custando à vida de muitos deles. Além de retirá-los dos seus territórios de origem.

³⁹ William Frederick Cody, mais conhecido por Buffalo Bill. Viveu entre 1846 e 1917. Ficou conhecido mundialmente por seu show sobre o Oeste selvagem (Buffalo Bill's Wild West show).

⁴⁰ Foi uma histórica companhia ferroviária que atuou nos EUA no século XIX.

transcontinentalmente pela ferrovia. Junto com isso viam comerciantes, criadores de gado e com descobertas como a de ouro em 1848 na Califórnia, grandes ondas de migração partiam em direção a Oeste em busca de oportunidades de enriquecimento. Além de levar ao surgimento de cidades, como em Nevada com as cidades de "Virginia city" e "Montana." (SOUSA, 2012, p. 33)

Temos outra questão importante para a vida dos nativos, que eram os tratados com o governo dos Estados Unidos. Assim como vimos anteriormente com o caso da Argentina, os nativos tiveram que negociar tratados que traziam algum tipo de segurança para a sua existência e permanência nos territórios. Todavia estes tratados não eram respeitados na maior parte das vezes. Assim como no caso dos nativos das regiões pampeanas sul americanas, os nativos do Oeste dos Estados Unidos tentavam manter seu modo de vida, tentando resistir a cada descoberta que levava cada vez mais a remoção dos nativos de suas terras. eles eram levados para reservar ou simplesmente eram exterminados, por serem vistos como figuras de segundo classe, quase sem humanidade, aliados da barbárie. O autor Sousa (2012) nos fala que a riqueza para os Estados Unidos trazia miséria para os povos nativos.

A guerra contra o México foi outro fator importante para a expansão em direção às terras do Oeste. Sousa (2012) nos fala que o autor Lens (2006) trabalha a forma como os americanos lidaram com as terras que lhe interessavam e que pertenciam ao México. Segundo citação de Sousa (2012) podemos entender a sequência de fatos relacionados a guerra:

Em 1823 o México fez um acordo com dois colonos americanos que garantiu para eles o uso de grande quantidade de terras e permitiu a entrada de muitas pessoas dos Estados Unidos no Texas para servir de colonizadores na região. Mas atritos com o governo mexicano começaram, pois os escravos levados para lá, eram libertos pelos mexicanos, e os colonos eram obrigados a se converter ao catolicismo. Em 1830 por conta de todos esses conflitos o governo mexicano proibiu a entrada de mais imigrantes americanos. Em 1833 Stephen Austin foi até a Cidade do México para apresentar reclamações e tentar conseguir acordos para implantar um governo independente no Texas, ele acabou preso. Houve o início de uma revolta dos colonos americanos no Texas, que declararam independência e fizeram uma constituição baseada na Americana. O governo mexicano reagiu e houve um massacre de colonos americanos. Isso teve repercussão nos EUA, tendo ganhado um sentimento nacional, pois havia sido a morte de colonos americanos que defendiam a sua liberdade e a democracia até a morte. Tropas americanas foram enviadas para resolver a questão, e em 1836 o México cortou relações diplomáticas com os Estados Unidos. O México

não aceitou negociar com os EUA, isso teve uma repercussão de ofensa ou desprezo dos mexicanos para contra os americanos. A única "afronta" que o México fez aos Estados Unidos foi não receber um emissário do governo americano, então o conflito foi iniciado e o México massacrado. O México vencido teve de pagar indenizações de guerra, que foram pagas com terras que iam até o Pacífico, como a Califórnia. Esta não era verdadeiramente interessante para o México, segundo Lens, na parte norte desse território não haveria justiça, tribunais, cortes, polícia e a política seria uma farsa ou muito fraca nessa área. Houve declaração de independência e revolta que resultou na expulsão de mexicanos. A Califórnia tinha grande perspectiva econômica para os Estados Unidos, com a venda de peles para o oriente e a indústria baleeira no Pacífico. Temos que ter em vista que até 1841 não haveria trilha ou rota segura para que americanos pudessem explorar o vale de Sacramento. A Guerra com o México mostra a verdadeira face da questão da fronteira para os EUA. Os mexicanos não invadiram nenhum território americano eles apenas se defendiam de uma invasão. Antes do fim de 1847 todo nordeste mexicano estava sob controle dos americanos, o que certamente abriria caminho para o "destino inegociável" dos Estados Unidos. Do ponto de vista territorial, a Guerra do México teve sem dúvida grande êxito. Tendo em vista os mexicanos o "Destino Manifesto" seria um ataque agressivo ao seu país, o que se explica pelo que apresenta Patricia Nelson Limerick, de que há um esquecimento por parte da história americana de que entre 1846-48 metade do México foi tomado pelos EUA. O que nos traz outra questão sobre as terras de fronteira dos Estados Unidos, os seus desenhos que não foram feitos naturalmente e sim de maneira arbitrária pela ação americana. (SOUSA, 2012, p. 34)

Aqui se faz interessante comparar a experiência dos Estados Unidos com a experiência Argentina. Os Estados Unidos teriam tomado de outra nação parte fundamental de seu território. O México foi muito afetado pelo avanço territorial que ajudou a construir a nação dos Estados Unidos: perdeu quase metade de seu território. Se observarmos a experiência Argentina, não vemos a tomada de território de nenhuma outra nação, mas sim o avanço para terras que não eram dominadas por grupos políticos e econômicos que estavam em Buenos Aires. Esta diferença entre as duas experiências é interessante, pois demonstra a força política e militar que cada nação apresentava.

A Argentina possuía uma influência regional, já os Estados Unidos estavam ampliando seu território de atuação e ultrapassando as fronteiras de sua nação e partindo para o mundo, ao mesmo tempo em que buscava legitimar o seu território do Atlântico ao Pacífico.

Todavia, temos uma semelhança importante que era o tratamento e a visão a respeito dos povos nativos. Nas duas experiências vemos os povos nativos sendo tratados como obstáculos para a expansão e o domínio das terras e de seus recursos, o que levou nas duas experiências, ao combate e extermínio de grande parte destes povos. Neste aspecto podemos definir que os nativos eram vistos da mesma forma, como inferiores, bárbaros, violentos, sem humanidade, entre outras definições que eram usadas para justificar as políticas como a Lei de remoção de índios nos Estados Unidos e a legislação que levou as Campanhas do deserto na Argentina.

Essas políticas eram parte do planejamento que estava no projeto de nação criado para cada uma destas nações. Os grupos que detinham, ou buscavam o poder político e econômico nas duas nações, desejavam ter acesso e controle das terras e de todos os seus recursos. O que no caso dos Estados Unidos garantiria a criação de um Império, que deixaria de influenciar somente localmente e passaria a ser mundialmente dominante.

Não podemos deixar de citar neste trecho de comparação simplificada das duas experiências, que a literatura tem papel fundamental na disseminação e legitimação dos valores que levaram muitas vezes à criação de legislação de extermínio direto de povos nativos, temos o exemplo das Campanhas do Deserto. Na literatura que tratava de temas sobre os territórios ligados à expansão territorial, vemos os estereótipos dos nativos sendo disseminados. Nas obras “Adventures of Daniel Boone” de John filson e “The Last of the Mohicans” de James Fernimore Cooper que tratam da experiência dos Estados Unidos, vemos a figura do indígena sempre em vias de inferioridade, submissão ou de maldade e barbárie. Já em “Facundo; Civilização e barbárie” de Sarmiento, que trata da experiência Argentina, apresentando o que o autor entenderia como sendo os habitantes das zonas que margeiam e que estão dentro das terras dos Pampas, ele nos apresenta uma ligação com a barbárie e a violência, o que deveria ser retirado da experiência da construção da nação Argentina.

Sousa (2012) afirma que a expansão para o Oeste foi muito facilitada por conta das inovações tecnológicas. Isto é um fato que pode ser facilmente comparado à experiência da Argentina e do avanço relacionado com desenvolvimento tecnológico. Sousa (2012) nos traz um dado interessante sobre como estes avanços impactaram as inovações tecnológicas. O exemplo que o autor nos traz é da viagem da Filadélfia até New York, que antes das ferrovias e das melhorias das estradas durava cerca de três dias para ser feita, cerca de 18 horas por dia, sem contar com a difícil comunicação.

Para se ter noção mais clara desta dificuldade que existia antes da Revolução, podemos observar a existência de apenas uma estrada pavimentada com cascalho que ficava em Portsmouth no Maine. Além disso, temos que ter atenção para os perigos que poderiam ser encontrados, como os naturais relacionados às rotas, como montanhas, os animais, e até mesmo o encontro com diferentes etnias de nativos, que poderiam não ser amigáveis a estranhos em seus territórios. Segundo Sousa (2012) após a Revolução temos um maior controle sobre as terras e a criação de legislação para remover nativos de suas terras, o que liberou espaço para colonização e espalhou o povoamento branco no Oeste. Com isso chegamos em 1821 com mais de 4 mil milhas de estradas concluídas.

O isolamento era uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos colonos brancos. Além das viagens que eram demoradas, a comunicação era difícil, os colonos que chegavam ficavam vulneráveis às questões naturais, desta forma se tornava importante o desenvolvimento tecnológico para facilitar a colonização destas terras.

Segundo Sousa (2012), temos a partir de 1820 muitas linhas ferroviárias sendo instaladas, sendo criado um sistema nacional de transporte, que iria ligar o país todo, seguindo os avanços da fronteira de colonização. Para o autor a ferrovia foi de muita importância para ligar todo o país e diminuir o tempo de isolamento social para os colonos. Segundo o autor o governo dos Estados Unidos chegou a ceder mais de 150 milhões de acres de terra para a construção de ferrovias, que traziam junto de si o telégrafo, o que auxiliava na comunicação e no controle do território.

A partir de 1850, e seguindo para a segunda metade do século XIX, não vemos mais o isolamento da região Oeste que podemos encontrar até os dias de hoje nos imaginários populares, pois segundo Sousa (2012) às tecnologias de transporte e de comunicação deram vantagens para os colonos brancos nesse sentido, facilitando um pouco a vida e seu desenvolvimento nessas terras. O autor nos traz uma interessante reflexão sobre este avanço tecnológico e seu impacto na colonização destas terras;

Devemos observar este desenvolvimento tecnológico como algo extremamente necessário para a expansão territorial americana se consolidar no século XIX. A construção de milhares de quilômetros de ferrovias que cortavam todos os territórios que interessavam ao governo americano. A Lei de remoção dos índios de suas terras se faz perfeita para que os territórios ficassem livres para a expansão de ferrovias, o

que tornava o transporte mais rápido e eficiente. Isto é importante para fazer com que o controle de territórios tão grandes se fizesse melhor. Temos que pensar que a remoção indígena e a guerra contra o México ofereceram grandes territórios para os EUA, isto fazia com que novas terras fossem liberadas e para se obter estes territórios para o “povo escolhido” levar sua democracia e liberdade, o controle a essas terras se fazia necessário. Deste modo devemos ver que o desenvolvimento tecnológico com a construção de ferrovias era também uma política de estado americano com o intuito manter o controle de territórios que faziam parte do desejo da expansão americana. (SOUSA, 2012, p 39)

Fazendo uma comparação com a experiência do avanço da fronteira de colonização na Argentina durante o século XIX, podemos observar a união da ciência, com a política e a guerra, a fim de conquistar as terras dos Pampas que tanto interessavam os grupos liberais de Buenos Aires. Assim como nos Estados Unidos, na Argentina temos o desenvolvimento tecnológico sendo utilizado para a conquista total dos territórios em vista e para o extermínio dos nativos, que na visão dos colonos eram obstáculos para os projetos de nação nas duas experiências. Na Argentina, temos o uso do barco a vapor, e principalmente tecnologias de guerra das mais modernas encontradas no período, utilizadas principalmente nos conflitos com os nativos. O governo de Buenos Aires utilizava, além dessas tecnologias, serviços de cientistas como geólogos e cartógrafos, a fim de mapear e entender as possibilidades de recursos que as terras poderiam oferecer. Da mesma forma, temos nos Estados Unidos o uso de tecnologias e da ciência para avaliação e domínio das terras do Oeste.

5.1 A expansão territorial e o imaginário de uma terra de oportunidades; Para quem?

Uma imagem importante a ser debatida aqui, é a de que os Estados Unidos e principalmente as terras do Oeste, trariam oportunidades iguais para todos os homens que para lá fossem. Sousa (2012) afirma que R.A. Burchell e R.J. Gray fazem uma reflexão sobre essa imagem do Oeste como terra das oportunidades. Eles nos mostram como exemplo uma greve de "Cowboys" ocorrida em 1833 no Texas. Para os autores não haveria uma igualdade de oportunidades. Devemos refletir sobre a "Lei de Concessão de terras"⁴¹ de 1862, que dava terras para maiores de 21 anos que eram chefes de família. Entretanto estes homens que ganhavam as terras, não tinham capital para poder fazer a sua manutenção, como produzir, construir, pois não tinham nenhum tipo de apoio do Estado. Desta forma tinham que fazer empréstimos bancários e ficavam com dívidas muito grandes. A maior parte não conseguia realizar os pagamentos, o que acarretava na tomada das terras pelos bancos. Segundo os autores, esta situação gerava uma grande concentração de terras nas mãos de grandes corporações. Esta situação gerava monopólio da concentração de terras e do controle de regiões por parte destas grandes empresas. Isto refletia na formatação de legislação para estas terras e para a população que nele viviam, como os nativos, que ficavam sujeitos às vontades de acumulação de capital e de lucro que são bases para as grandes corporações capitalistas.

Temos uma reflexão importante feita por Alan Trachtenberg⁴², que é um dos autores que não se liga diretamente às ideias da historiografia tradicional dos Estados Unidos, ou seja, que não segue o ideário de Turner, onde a expansão para o Oeste é rodeada por uma onda mística. Segundo o autor haveria um misticismo, onde qualquer pessoa poderia dominar a natureza e ajudar na construção de uma nação poderosa. Sousa (2012) afirma que podemos refletir sobre isso em "The winning of the west" de 1889 escrito por Theodore Roosevelt.

Trachtenberg (1997) nos fala da importância da história americana ser unificada, buscando uma conexão sem relação ao progresso civilizatório, o que traria sentido para esta expansão e desenvolvimento. Segundo o autor, As ideias de Turner tomam muita importância

⁴¹ Conhecida como "Homestead act". Essa lei autorizava todo homem maior de 21 anos e pai de família a receber terras do governo (até 65 hectares) para cultivá-los por no mínimo 5 anos.

⁴² Ver: TRACHTENBERG, Alan. *The incorporation of America*. Nova York. Hill and Wang. 1997.

ao ponto que entendemos o projeto de futuro da nação Estadunidense, com uma espécie de patriotismo, despertar nacional ou consciência de nação. Segundo Sousa (2012) “Turner apresenta a história da fronteira, ele dá a ela um início e um fim, e afirma que o produto da experiência do Oeste seria o domínio do individualismo, dando caráter a composição nacional da história americana”(SOUSA, 2012, p. 40).

Podemos entender que a construção de uma imagem de progresso, de terras livres onde o homem renasceria entre a civilização e o selvagem se fez importante e fundamental para a legitimação da conquista;“...The frontier is the line of the most rapid and effective americanization”⁴³.

Esse imaginário a respeito da fronteira foi construído, abrindo espaço até mesmo para criação de tradições culturais. Os territórios que estavam no Oeste eram muito mais interessantes dentro do jogo político e econômico de dominação e construção de uma nação, que almejava ser influente globalmente. Os recursos que as terras ofereciam serviram muito mais para suprir a indústria e seu desenvolvimento no pós Guerra Civil, do que para dar oportunidades iguais a todos os homens. As terras estavam mais para prestar a um uso ideológico, criando um significado complexo para a imagem do Oeste na História dos Estados Unidos. Refletindo sobre isso podemos entender que essa imagem se liga a um tipo de passagem, uma rota segura para o futuro. Neste aspecto, teríamos uma revitalização das energias nacionais, tornando esta região fundamental para o fortalecimento do espírito nacional, sempre amparado pela ideia de levar o progresso e a civilização para esta região, assim como vemos na experiência da Argentina.

Reforçar os imaginários e utilizar as imagens criadas desta região para justificar seu domínio e fundamentar políticas em relação a seu controle, foi fundamental para a expansão territorial. Sendo assim, os imaginários foram invadidos por aquela visão mística que os pintores davam as suas obras sobre a natureza do "Wilderness", dando sempre um ar de grandiosa, como de fato era. Nas experiências de Clarence King; "Mountaineering in the high sierras" de 1872, há uma legitimação bíblica para os assentamentos no Oeste.

Essas legitimações, muito utilizadas para fundamentar o domínio a todo custos destes

⁴³ Ver: TRACHTENBERG, Alan. *The incorporation of America*. Nova York. Hill and Wang. 1997. Página 16.”A fronteira é a mais rápida e efetiva linha de americanização”. Livre tradução Hugo farias de Sousa.

territórios, levavam ao desenvolvimento de novas tecnologias e indústrias que se favoreceram com esta expansão. A mecanização com ferrovias foi o primeiro instrumento de larga escala na recriação da natureza americana, trazendo muita comodidade para a jornada através do novo império. Com o programa industrial, a vasta imensidão do Oeste de florestas intocadas, montanhas e grandes planícies estava definitivamente dominada, realizando um objetivo que desde o início da nação americana era almejado pelo governo, o de explorar o Oeste, temos que lembrar aqui das expedições de Lewis e Clarck que foram patrocinadas pelo governo com o real objetivo de mapear o território precedendo assentamentos, e também com o intuito de coletar informações detalhadas do terreno para a obtenção de minerais e recursos naturais.

As políticas que visavam influenciar a ida para o Oeste apresentavam contradições, pois apesar de se falar muito em assentamentos agrícolas, havia uma forte campanha industrial em andamento. O Oeste era símbolo de paz e liberdade das complicações europeias, mas era muito mais também o combustível para se colocar em prática o projeto capitalista industrial dos Estados Unidos. Temos grandes investimentos em ferrovias, telégrafos, a liberação de espaço para a produção de matéria prima para o desenvolvimento industrial. A produção agrícola passou a ter um caráter cosmopolita, pois estava ligada ao comércio internacional. O mercado financeiro passava a influenciar nos valores aplicados pelos produtores agrícolas, neste ponto o telégrafo teve importância significativa, pois ajudou a estimular a comunicação e reger os preços em todos os lugares que chegava, ligando toda a cadeia de comércio.

Para o autor Trachtenberg (1997) foi um movimento de industrialização e de destruição. Para que isso fosse um pouco diminuído foram criados parques nacionais, mas sob o controle capitalista do Oeste, a expansão fez com que as terras se tornassem capital, o que para ele seguiu o "script do progresso".

O movimento de expansão americana em direção ao Oeste, "Wilderness" ou "Far West", foi sem dúvida, como nos apresenta Frederick Jackson Turner, de enorme importância para a formação social americana. Um lugar onde o homem deveria se ajustar à realidade da natureza e enfrentar a dura condição do ambiente, um lugar que será transformado pelo homem, se tornando um novo produto, algo que seria para Turner genuinamente americano, se afastando das influências européias;

Parece, então, que disposição universal dos americanos de emigrarem para as plagas de Wilderness no Oeste, visando alargar seu domínio sobre a natureza inanimada, é o resultado concreto de uma capacidade de expansão que lhes é inerente e que, por agitar continuamente todas as classes da sociedade, está levando constantemente uma grande parcela de toda a população para os confins extremos do Estado, a fim de ganhar espaço para o seu desenvolvimento. Dificilmente, um novo Estado ou território se forma antes de o mesmo princípio se manifestar novamente, dando lugar a mais uma emigração; e assim o destino é continuar até onde uma barreira física finalmente vinha a obstruir seu avanço.(KNAUSS,2004 , p. 22)

Temos esta característica que era muito valorizada pela ótica da experiência da fronteira, que seria a experiência dos “Backwoodsman”, que seriam aqueles estariam sozinhos enfrentando os perigos da natureza e levando a liberdade individual fomentando o individualismo que figura como uma característica da fronteira, ajuda a criar a democracia americana, onde se deve fazer o que é necessário fazer.

Para concluir esta reflexão, devemos observar que a História dos Estados Unidos, assim como a da Argentina, é complexa, e que durante o século XIX temos muitas integrações feitas em sua história, o que nos leva a construção da nação e de sua memória, se ligando as histórias do mundo com mais sentido.

A autora Limerick (1987) nos apresenta uma interpretação sobre a conquista das terras do Oeste que vai de encontro com as ideias desta pesquisa. Ela afirma que a tese de Turner torna o Oeste o centro da História americana, todavia ela o “Frontier” é um conceito penetrável em um mundo penetrante. Para ela, a teoria de Turner foi um processo e não um lugar, onde temos abertura e o fechamento da fronteira, dando um significado cronológico para ela. Se refletirmos sobre a situação dos nativos, temos uma questão que não foi respeitada ou pensada, que os territórios denominados como fronteira, não eram limites para os nativos, mas sim o centro de seu mundo, por serem sua terra natal.

Segunda a autora temos que observar com muito cuidado as visões a respeito dos territórios do Oeste e de seus habitantes. Ela nos fala de um pensamento branco americano sobre o Oeste, um pensar antropológico, etnocêntrico em relação aos povos habitantes das terras do Oeste. A visão em relação aos nativos sempre figura com superioridade e inferioridade, com civilização e barbárie, com os nativos sempre sendo colocados como figuras descartáveis, por serem considerados inferiores e bárbaros. Temos uma importante e perspicaz maneira de resistência cultural dos nativos, o que em alguns casos até mesmo os leva a se deslocarem para regiões que hoje fazem parte do Canadá, a fim de manter a sobrevivência.

Para a visão “Branca” do Oeste, temos sempre os fins justificando os meios. Muita força e violência foi utilizada neste domínio das terras. Esta experiência apresentou variados encontros e uma complexa dinâmica de relações raciais, onde temos múltiplos pontos de vistas que muitas vezes são deixados de lado, mas que se fazem interessantes para a observação desta experiência de colonização. Por exemplo, temos o caso que citamos anteriormente sobre a missionária Narcissa Prentiss, onde vemos o encontro e a transformação fazendo parte da experiência de Narcissa com os nativos no Oeste, e de seus conflitos culturais.

Esta visão “Branca” foi de encontro com uma desconfiança para com o governo dos Estados Unidos, em sua política de uma espécie de “proteção mínima” em relação aos direitos dos nativos. Temos que observar que a ideia de que os nativos entendiam isto, e buscavam seus recursos para poder trazer alguma proteção em relação a seu modo de vida e a sua sobrevivência. Esta constatação se dá ao fato de que os recursos naturais e as terras estavam sendo projetadas para a ocupação dos anglo-americanos, que segundo a visão projetada pelos Estadunidenses, a sua nação em formação, somente poderia atingir o desenvolvimento se tivesse estas terras à serviço dos anglo-americanos e sem a influência e ocupação dos povos nativos.

Neste sentido, Limerick (1987) afirma que a história do Oeste dos Estados Unidos foi estruturada em desenhar linhas e criando fronteiras. O “Destino Manifesto” é levado aqui para o direito sobre a propriedade da terra, para aquele desenvolvimento ligado à ocupação dos territórios por colonos brancos. O direito à propriedade é muito importante nessa expansão. A intenção inicial para boa parte das terras era transformar o Wilderness em fazendas. Para tanto era necessário transformar também a legislação sobre a ocupação das novas terras, desta forma podemos entender como temos uma grande quantidade de leis sobre questões fundiárias surgindo entre os anos de 1789 e 1834, segundo Limerick (1987) são 375 leis que tratam exclusivamente sobre questões de terras. Neste sentido, temos uma legislação que criava a todo tempo as condições para a ocupação e domínio do território, passando a imagem de que aquelas terras estavam vazias e prontas para a ocupação, sendo assim colocava os nativos, que viviam nestas terras em condição de não humanidade, de não existência que criava a condição para a ocupação de terras que no projeto para a nação deveriam estar vazias e prontas para a civilização e o progresso.

Desta forma as terras foram sendo ocupadas e seus habitantes nativos sendo expulsos. Limerick (1987) afirma que aqui temos uma importante imagem do Oeste e de sua expansão que foi criada e não que não era real, a de terra das oportunidades iguais para todos. Esta

imagem foi importante para auxiliar na ocupação, com a criação de leis e a legitimação de políticas como o extermínio de nativos e sua expulsão das terras conquistadas. Todavia, a ideia de que qualquer homem que fosse para o Oeste poderia ter acesso a terras com facilidade está equivocada, segundo a autora. Limerick (1987) nos fala sobre as formas de aquisição de terra que em sua grande maioria passava por liberação de créditos por bancos e instituições financeiras. As dificuldades para se manter nas terras e conseguir produzir o suficiente para pagar os financiamentos eram muito grandes e se davam pelas condições de perigo, distância, poucas estruturas montadas para atender os pequenos proprietários, entre outras. Isto levava a falta de pagamentos, que fazia com que as instituições financeiras tomassem as terras de seus devedores. Desta forma, grande quantidade de terras seria concentrada por estas instituições, que as levariam, em grande parte, à criação de alguns monopólios de concentração de terras.

Limerick (1987) afirma que isso levou a problemas como especulação, corrupção na máquina administrativa, além é claro do monopólio que se estabeleceu com isso. Este monopólio levou ao controle dos recursos por parte de poucos, que levava a favorecimentos que atingiam a esfera política e sua estrutura. As Leis de terras tratavam das propriedades e de seus conflitos, afinal, a História do Oeste é marcada por conflitos.

Um exemplo que podemos trazer da obra de Limerick (1987) que trata dos favorecimentos em relação a grandes corporações, é do Senador William Stewart⁴⁴ e de sua relação com a companhia ferroviária “Pacific Railroad”.

Senator Stewart may have received special favors from the railroad, but that did not mean that he had lost his principles or, more to the point, his appearance of principles. One supporter, Russell Elliott has reported, ‘Sent him \$100 for doing a favor’ and received Stewart’s reply along with the returned money :’ I am suprised that you should the money to me and regret that you supposed I would accept it ‘. ‘Stewart, in other words, put a high price on his integrity - a price railroads and mining companies, but not average citizens, could meet. (LIMERICK, 1897, p. 64-65)

Aqui vemos o Senador Stewart favorecendo a ferrovia e também companhias de mineração, através de pagamentos em dinheiro para dar prioridades e criar leis que favorecessem estas companhias. Com isso vemos a especulação de terras e o governo atuando como um intermediário para a obtenção das terras. Isso levava ao controle da água,

⁴⁴ Senador nascido em Nova York em 1825

do transporte, dos animais, do combustível e da agricultura. Quem poderia ser favorecido através de determinados favores teria acesso a mais terras e seus recursos.

Limerick (1987) nos apresenta a relação de conflitos que existia no domínio do Oeste. Temos a propriedade e seu monopólio em relação aos interesses políticos. Estas questões nos levam ao problema relacionado à especulação em relação às terras. O governo e a classe política tinham a função de atuar como intermediários, e esta função delegava ou facilitava através da criação de leis, a quem fosse de seu interesse, ou a quem lhe pudesse oferecer mais, como no caso do senador citado acima. Esta relação tinha em vista o controle da água, o transporte, o combustível, os animais e a agricultura. Temos aqui uma enorme fonte de recursos, e o seu domínio estava em jogo.

A autora segue o debate apresentando que havia problemas de dependência do governo do leste com as terras do oeste e seus colonos. Havia de fato pouco poder de decisão, onde os governadores dos territórios não tinham poder de voto no congresso, onde poderiam apenas falar. Era um sistema ineficiente, mas não insignificante em relação aos líderes do oeste. Limerick (1987) afirma que o papel do Governo Federal era de uma espécie de subsidiário de interesses privados, os negócios e o governo eram interdependentes. O Governo Federal buscava sempre o total controle e dependência dos territórios do oeste. Para isto deveria ter o controle de recursos como a água.

A autora afirma que o Oeste não foi suficiente para romper ou dissolver o passado, e isso seria um fato que os estadunidenses enfrentaram em todos os níveis, desde o pessoal ao nacional. Para Limerick (1987) o empreendimento de ida e domínio do Oeste era incerto, pelo menos para os homens comuns, que eram atraídos pelo sonho americano. As oportunidades no Oeste envolviam trabalho, e este trabalho apresentava limites. O trabalhador tinha o status de temporário, era tratado como um autônomo, pois segundo a autora, era uma forma de maximizar os lucros de empreendimentos de grandes corporações. O Oeste se mostrou e se transformou em um investimento para o capital e o trabalho. Podemos entender que a expansão territorial foi de muito trabalho, algo que foi obscurecido pelos romances e mitos relacionados a esta expansão, que deram um tom mais aventureiro para esta experiência. Desta forma podemos observar que a exploração do trabalho foi fundamental para a conquista destes territórios.

A maior parte dos trabalhos eram para assalariados, onde outras pessoas decidiam sobre o que fazer e como fazer, ou seja, a independência econômica era muito difícil no Oeste. Por exemplo, a mineração era provavelmente a prática mais dependente economicamente, sendo esta prática uma das que teve maior impacto na expansão territorial,

que levou muitas pessoas para esta região, influenciando diretamente na criação de assentamentos brancos com muito rapidez.

A mineração trouxe muitos conflitos com grupos indígenas, por conta da destruição que causava em seus territórios, afetando diretamente seu modo de vida. Além disso as viagens até os locais de mineração eram muito complicadas, pois se enfrentava, doenças, os perigos na natureza e até mesmo a fome. Os trabalhadores ficavam limitados a uma espécie de exílio e ao trabalho pesado. O negócio da mineração era seguro e causava ilusões nos trabalhadores que seguiam para minas, que na grande maioria pertencia a grandes companhias, que controlavam as viagens para as minas e os territórios de mineração. As grandes indústrias acabam monopolizando a extração de ouro e prata.

The operatives...were collected in a large room connected with the engine-room, waiting for the roll-call, which took place at 5 o'clock, each man answering to his name as the same was called by the time keeper, and immediately after staring to his place- and the last name was called, those that had been at work passed out, each one giving his name as he passed, which was checked by the time-keeper. By this means no mistake is made, and punctuality is secured which otherwise could not be done. (LIMERICK, 1987, p. 108)

Este trecho apresenta a realidade para os trabalhadores da extração de ouro e prata, de como o controle para as operações era realizado, mostrando como o trabalho e sua execução eram controlados pelas companhias. A partir disso podemos refletir sobre questões interessantes sobre responsabilidades relacionadas aos acidentes de trabalho, que inevitavelmente ocorriam. A maior parte destas responsabilidades eram direcionadas aos trabalhadores, eles eram responsabilizados e acusados de negligência em relação a fazer o trabalho. Desta forma as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos, não entravam em evidência nesta discussão. Este é um exemplo interessante de como a expansão para o Oeste criou a suposição de ser uma terra de oportunidades.

Esta pequena reflexão sobre a expansão territorial nos Estados Unidos é importante para desmistificar a expansão territorial como sendo uma grande expansão de oportunidades, onde os homens poderiam se tornar iguais e conquistar grandes fortunas e terras. Podemos entender que os romances, ou seja, a Literatura tem papel fundamental nisso, onde leva a mensagem de terra de oportunidades e aventuras para o que tivessem coragem o suficiente para realizar a expansão assim como os homens que aparecem nos romances como Daniel

Boone, por exemplo. Todavia, esta expansão teve muito mais ligação com exploração do trabalho e das expectativas, e controle e monopólio de grandes companhias, bancos e indústrias, com o Governo como intermediário possibilitando a expansão.

5.2 Os nativos e a expansão territorial

A experiência com a expansão para as terras do Oeste foi de grande transformação e desenvolvimento da nação dos Estados Unidos da América. Porém para os nativos, que habitavam as terras que estavam sendo colonizadas, e que eram os habitantes naturais destas localidades, a expansão territorial tem o significado de invasão, que leva a uma catástrofe demográfica.

A imagem que representava os nativos era de seres passivos, inferiores e bárbaros. Neste caso, a Literatura tem papel fundamental, que leva esses imaginários de que os indígenas eram seres inferiores, e portanto deveriam ser superados. No caso da experiência dos Estados Unidos, temos a criação de reservas que não levavam em conta hábitos e práticas culturais das várias etnias que eram levadas a viver em um mesmo território e dividir um mesmo ambiente, que poderia ser muito diferente de seus territórios nativos, o que leva a uma quebra de modo de vida muito grande. Esta prática levou à morte de milhares de indígenas, que muitas vezes morriam de doenças, fome, conflitos com o exército ou outras tribos e na travessia até as reservas. Temos relatos de grupos que para manter seu modo de vida e a própria sobrevivência, foram para o Canadá, onde poderiam ter mudado de nome, isto tudo para manutenção da sobrevivência.

Os nativos não eram passivos ou inferiores, eles tinham seus próprios interesses, e um deles, o mais fundamental, era manter a sua sobrevivência e seu modo de vida. Isso leva a muitos conflitos, principalmente com colonos que tomavam suas terras. O exército foi muito utilizado para combater grupos nativos que não aceitavam se submeter a colonização. Esta condição levou a conflitos que acabavam muitas vezes com a destruição de etnias, com a morte de todos ou quase todos os indivíduos pertencentes a determinados grupos.

A noção do Nobre Selvagem, foi utilizada para justificar as ideias de que não poderiam viver junto da civilização, da sociedade que estava sendo construída. As imagens que chegavam dos indígenas eram sempre para justificar a sua não inclusão na sociedade que estava sendo criada. Aqui temos uma semelhança com a experiência da Argentina, onde as etnias indígenas foram excluídas do projeto de nação que estava sendo desenvolvido no século XIX. Temos o exército sendo utilizado para a destruição e combate dos indígenas e imaginários sendo apresentados através da Literatura, onde os indígenas são descritos como inferiores e bárbaros.

O Pintor George Catlin descreve os indígenas como homens que não sabiam fazer negócios, que não dedicavam seu tempo para aprender profissões, não tinham dinheiro e não pagavam impostos. Para Catlin eles viveriam de forma livre e independente. Desta forma deveria haver uma busca pela civilização dos indígenas do Wilderness.

Para Catlin, existiam dois tipos de nativos; os Primeiros seriam “os Contaminados”, ou seja, os que estavam próximos das zonas de fronteira e se relacionavam com os Frontiersman, os segundos seriam “não contaminados”, que viveriam longe das zonas de fronteira e não teriam práticas ou relação com os homens brancos colonizadores.

A máxima de civilizar os nativos, da forma que fosse necessária para o avanço do progresso, foi criando mais força com imagens como as descritas por Catlin. Para Limerick (1987), os historiadores criam uma noção de cultura em meados do XIX, como um caminho para analisar as relações entre brancos e nativos. Seria essa ideia de cultura, que estaria sendo observada no avanço territorial e nos embates com os nativos.

The very idea of “culture” as a whole system of ideas and behavior- was a creature of the late nineteenth and early twentieth centuries, slow to move from professional anthropological circles to popular thought. Euro- American ways of thinking were dominated by the ideas of civilization and savagery. Carrying associations of both nobility and violence, savagery was mankind’s childhood, a starting stage in which society drew its shape and order from nature, Savagery meant hunting and gathering, not agriculture; common ownership, not individual property owing; pagan superstition, not Christianity; spoken language, not literacy; emotion, not reason. Savagery had its charms but was fated to yield before the higher stage of civilization represented by white Americans...Interpreting Indian/white relations in these terms, Euro-Americans seldom glimpsed the complexity and integrity of Indian cultures.(LIMERICK, 1987, p. 190)

A definição de selvageria, de bárbaros e não civilizados é feita com base naquilo que não representa as práticas dos Europeus e Americanos, onde os nativos são apresentados como praticantes desta selvageria. A religião também faz parte desta criação de imaginários, em que temos reforçada as imagens de não cristãos, o que ajuda a legitimar práticas de retirada de indígenas de suas terras e até mesmo de para guerras de extermínio. Era uma prática de libertar da selvageria para avançar com o progresso da civilização. Interessante aqui observar que esta ideia de cultura civilizada, também está presente na experiência da Argentina, que teve influências diretas das experiências dos Estados Unidos, por exemplo com Sarmiento sendo um leitor das obras de Cooper, como “ The Last of the Mohicans”.

O mais importante de observar é que a libertação da selvageria, abrindo espaço para a civilização, era nada mais do que liberar as terras e seus recursos. Os missionários estavam a

todo momento em uma espécie de paradoxo, onde tinham sempre como interesse salvar almas, mas também conseguir terras, que eram retiradas dos nativos.

Relacionado a isso, temos justificativas que se apresentavam como humanitárias, onde podemos encontrar até algumas afirmações que apresentavam que os indígenas não poderiam conviver com determinados vícios e perigos que os colonos brancos poderiam levar. Desta forma teremos a caberia a “salvação” dos indígenas os retirando do caminho da colonização, com justificativas que seriam tomadas de forma paternal com estes grupos, uma constante na vida dos povos originários em relação às nações que surgiram no continente Americano, onde são, em sua maior parte, tratados como grupos sociais que devem a todo momento ser tutelados, dificultando as relações e impondo uma série de conflitos que em várias experiências levam a uma verdadeira resistência pela sobrevivência.

Andrew Jackson, que foi presidente dos Estados Unidos da América, ajudou a criar as condições ideais para a criação, legitimação e funcionamento do ato de remoção dos indígenas de suas terras naturais, isso no ano de 1830. Essa remoção teria o apoio dos que, como dito anteriormente, se apoiavam em ideias “humanitárias”, no sentido de salvar os indígenas dos riscos da colonização.

Remove hundreds and almost thousands of miles at their own expense, purchase the lands they occupy, and support themselves at their new homes from the moment of their arrival. Can it be cruel in the Government, when by events which it cannot control, the Indian is made discontented in his ancient home- to purchase his lands, to give him a new and expensive territory, to pay the expense of his removal, and support him a year in his new abode? How many thousands of our own people would gladly embrace the opportunity of removing to the West on such conditions? (ROGIN, 1975, p. 215)

A noção de tutela pode ser marcada na fala de Jackson, que foi feita para colonos americanos brancos. Essa noção vai ao encontro da condição paternal, onde os indígenas não teriam condições de decidir sobre seu próprio futuro. A autora Limerick (1987) traz a seguinte afirmação sobre a remoção dos indígenas de seus terras nativas;

Put in practice, Indian removal in the 1830s found its place as one of the greater official acts of inhumanity and cruelty in American History. The impulse to economize characterized much of removal's implementation. Shoddy contractors delivered inadequate food and supplies, while the summer heat and winter cold made the emigrants vulnerable to disease. It was in no official's interest to keep thorough records on deaths; thus, estimates of how many died are still matters of dispute. How many cherokees, for instance, died during the “ Trail of Tears”? The most recent answer takes into account all the contributing factors: “adverse weather,

mistreatment by soldiers, inadequate food, disease, bereavement, and loss of their homes,” noting hardships in the new territory as well as on the trail. Defining population loss as “the difference between actual population size (after removal) and what population size would have been had removal not occurred.” Russel Thornton has raised the numbers of Cherokees lost from the often estimated four thousand to eight thousand.(LIMERICK,1987, p. 194)

Limerick nos apresenta algumas faces da remoção dos indígenas, que na época era tratada como proteção e libertação dos mesmos, mas na essência era apenas a liberação das terras para a colonização pelos brancos americanos.

The wronging was not, however, quite over. Indians held 138 million acres in 1887. In the next forty-seven years, 60 million acres were declared, after allotment, to be surplus land and “sold to white men”. Also in the forty-seven years, 27 million acres left the Indians’ possession through allotment to individuals and then sales to whites. The Friends of Indian had initiated a process that took nearly two-thirds of tribal land away, without doing much to assimilate Indians into a homogeneous mass of American property holders.(LIMERICK, 1987, p. 198-199)

A preocupação com os povos nativos era uma preocupação com os recursos que estavam disponíveis nas terras em que eles viviam. Vamos observar uma série de conflitos gerados por esses interesses em controlar os recursos. Esse interesse foi acobertado por várias justificativas, desde afirmações como a de civilizar ou proteger e até de afirmações de que os indígenas eram “comunistas”, ou tinham as mesmas práticas que os “comunistas”. Estas afirmações aparecem no século XX, a fim de justificar as práticas de remoção para reservas Federais. Estas afirmações colocam sempre os povos nativos como tutelados, sendo a todo momento guiados a realizar o que deveria ser melhor para o projeto de nação que estava em jogo e desenvolvimento. Não temos nenhuma reflexão, por parte do Governo dos Estados Unidos, sobre como estes povos nativos entendiam e se relacionavam com o colonizador de suas terras, não vemos busca para relações ou inclusão, mas sim afirmações de inferioridade e tutela por parte daqueles que “realmente” deveriam guiar o futuro daqueles povos.

Limerick nos apresenta pontos que podem ser importantes para a reflexão e exemplificação dos interesses que estavam por trás das boas intenções da civilização dos indígenas. A autora ainda ressalta, assim como faz Allan Trachtenberg(1997), que as tradições anglo-americanas são afirmadas a todo momento nesta conquista e em suas justificativas.

Os nativos não eram tratados como iguais em sua noção de poder ter voz ativa para afirmar seus interesses. Temos uma série de questões que tampouco foram pensadas para se construir a relação com os povos nativos, como a utilização dos idiomas próprios dos nativos para a comunicação, as demandas destes grupos que não eram observadas, a não permissão de suas práticas religiosas ou sagradas, isso tudo se relacionando ao grande problema da tutela, do paternalismo tutelado que regia essas relações.

Em mais uma afirmação interessante, Limerick nos apresenta as seguintes informações;

The ostensible purpose was to “liberate” the Indians; the hope also was to get the federal government released from the trouble and expense of the Indian business. Implemented with the Menominees in Wisconsin, termination succeeded in turning a moderately prosperous reservation into the poorest county in Wisconsin. The Menominee Restoration Act of 1973 was sign of both a new era of rising Indian activism and a formal federal retreat from the policy of termination. But there was no reason to think that the issue was finally settled; any new era of social conservatism might again bring congressional attempts to cut the ties of history in the interests of homogenizing the American population and saving money. One can ponder the history of federal Indian policy and still not feel wise enough to choose a course for the future. To this day, if one resolves to “help the Indians”, it is not at all clear what one has resolved to do. “Helping the Indians” still puts the beneficiaries at risk of paternalistic interference, the imposition of the helper’s standards of improvement. Ceases meddling, and just let them alone? This suggests termination—the old impulse to cut the obligations and contracts of the past, reject the guilt for past injuries, and let the Indians look out for themselves. In a nation found of simple solutions, loyal to an image of itself as innocent and benevolent, Indian history is a troubling morale to a demoralized people? Temporary expedients drift into permanence in recurrent cycles, officials search for a way to end the government’s obligations....After the conquest, Indians were a population in trouble, with massive unemployment and poor prospects for economic recovery. Having lost many of their opportunities to pursue their traditional subsistence, Indians had literally lost their jobs, and, as every recent case study shows, unemployment can devastate both individual and group morale.(LIMERICK, 1987, p. 210)

Vemos na afirmação de Limerick que os indígenas foram os mais afetados pela conquista e colonização das terras do Oeste. Podemos entender que eles perderam seu modo de vida, suas práticas culturais, territórios de origem, significados sagrados, estrutura social, entre outras coisas. Após a conquista e modificação do território e remoção dos indígenas de suas terras de origem, o desemprego e a miséria foram consequências inevitáveis dentro do sistema que se construiu. Este sistema não era agregador do modo de vida dos povos nativos, mas sim rejeitava suas tradições e negava até mesmo sua existência.

Esta nação projetada que se desenvolveu territorialmente e socialmente durante o século XIX, coloca a existência destes povos de fora de sua formação e estrutura, por mais que nos apresenta questões humanitárias para por exemplo fazer a remoção dos grupos nativos das terras de origem deles. Este ponto já nos apresenta que não há questões humanitárias, civilizatórias ou missionárias, mas sim uma justificativa para a retirada dos nativos e a invasão e conquista de suas terras, o que levou à aniquilação de seu modo de vida, o que em grande parte foi feito através do extermínio. Devemos lembrar que isto se apresenta como uma constante no continente Americano, como vimos antes com a experiência Argentina.

Outra importante reflexão que devemos fazer, é pensar que a maior parte dos estadunidenses brancos, tiveram as suas impressões acerca dos nativos a partir de pinturas, da Literatura, e se entrarmos no século XX, vamos ter estas impressões a partir de filmes e seriados televisivos, como o seriado sobre Daniel Boone e filmes como “The Last of The Mohicans” baseado na obra de James Fernimore Cooper de mesmo nome. As impressões e opiniões sobre os nativos, não são de experiências pessoais ou de reflexões que observem os dois lados da relação, mas sempre as que valorizam o colono branco e desvalorizam os povos nativos.

Seguindo esta reflexão sobre a condição de deixar os povos nativos como inferiores, devemos analisar a desvalorização de questões de tradição oral, que se encontram com o mundo dominado pela escrita, que seria o civilizado. Observando esta questão, devemos observar a construção da História, das impressões destes encontros sendo vistas quase sempre através da visão dos colonos brancos.

One of the few things that characterized all Indian tribes north of the Rio Grande was the practice of an oral culture. Europeans and Americans seemed, by contrast, to be compulsively literate, pausing in the midst of their exploring and colonizing for frequent journal entries, letters, and reports. The result was a vast imbalance in the production of records: a flood of words in which white people said what they thought of Indians, and few chances for Indians to reciprocate. That imbalance of records is only one aspect of Indian history that makes the historian feel, periodically, at sea. (LIMERICK, 1987, p. 213-214)

Neste comentário a autora traz esta questão importante, do não balanceamento dos registros sobre a História da conquista do Oeste. Este não balanceamento vem da maior parte dos registros ser produto de trabalho do olhar do Estadunidense Branco, o que não nos

apresenta, ou dificulta a apresentação da visão dos povos nativos para este processo e encontro durante o século XIX. É importante frisar, que esta questão se faz presente em praticamente todo o continente Americano, assim como vemos na experiência Argentina durante o processo de expansão territorial durante o século XIX.

6 Os limites dos autores e a questão Pós-colonial/Decolonial

A observação dos chamados estudos pós-coloniais é importante para a reflexão dos limites que várias pesquisas podem ter, principalmente se tomarmos como objetos e fontes obras que estejam ligadas a determinados projetos de poder, por exemplo. Sendo assim, é fundamental refletir sobre os limites que algumas fontes podem nos colocar para realizar os estudos sob uma ótica pós colonial ou decolonial, por exemplo.

Deste modo, refletindo as obras literárias que tenham como tema os territórios dentro das nações em desenvolvimento no continente americano durante o século XIX, vamos observar uma série de questões que devem ser observadas e refletidas por pesquisadores que desejam trabalhar com este viés.

No caso desta pesquisa, decidimos observar a obra “Facundo; Civilização e Barbárie” de Domingos Faustino Sarmiento. Esta obra é do século XIX e nos traz visões acerca de determinados territórios e seus nativos, que estavam no centro do projeto de nação, principalmente a partir dos processos de independência do país de onde escreve o autor, a Argentina

A obra citada acima tem suas questões próprias, seus limites, suas visões de mundo, objetivos e interesses, que se apresentam em suas linhas através do lugar em que o autor escreve, de onde, e para onde se direciona a escrita. O autor, sua formação, relações políticas e intelectuais são fundamentais para refletirmos sobre os limites da utilização de um viés pós colonial para a análise da obra citada. Pois além de correr risco do anacronismo, podemos acabar forçando uma visão onde não podemos encontrá-la. Desta forma se torna importante refletir sobre os limites e possibilidades do uso de determinadas fontes, como as literárias, para criar uma relação com questões advindas dos estudos pós-coloniais, observando isso com uma visão crítica e respeitando as questões históricas apresentadas. Para tanto, se faz necessário compreender quem é o autor, como é a obra, o que são os estudos Pós-coloniais e relacionar as possibilidades e limites para tanto.

6. 1 Domingos Faustino Sarmiento sua formação e lugar social.

Compreender bem de onde vem um texto é fundamental para o entendimento do que está contido nele. Desta forma, é evidentemente importante estudar a autoria dos textos. Pois esta autoria pode conter interesses específicos, políticos, econômicos, sociais e culturais. O grupo que o autor faz parte nos diz muito sobre as intenções da obra, pois temos uma relação de influência mútua, daquilo que o meio leva pra obra e aquilo que a obra devolve para este meio.

Na obra selecionada podemos perceber uma ligação direta com a experiência e projeto de nação da Argentina durante o século XIX, e a expansão territorial que ocorria no país naquele momento. Deste modo, podemos refletir sobre como o autor estava envolvido com os projeto nacional e como o seu lugar social foi importante para os objetivos, alegorias, imaginários, entre outras questões que possam estar presentes em sua obra, que foram importantes para a legitimação das ações e dos processos em ação durante o século XIX na Argentina.

6.1.1 Domingos Faustino Sarmiento.

O autor da obra “Facundo; civilização e Barbárie” se chama Domingos Faustino Sarmiento. Ele foi um político, chegando a se tornar presidente da Argentina, foi também escritor. Estas duas ocupações de Sarmiento são de muito interesse nosso para este texto, pois podem nos apresentar muito sobre o lugar ocupado por ele dentro da sociedade, além de seus interesses, relações e influências que carrega e que pretende deixar para seus objetivos.

Sarmiento nasceu em 1811 na cidade de San Juan e morreu em Assunção em 1888. Era filho de Paula Albarracín e José Clemente Quiroga Sarmiento, vem de uma família tradicional de sua cidade, mas não fazia parte das Oligarquias locais, o que já retirava algumas possibilidades sociais e políticas, além disso não tinha condições financeiras muito favoráveis durante a infância, o que tornava esse processo mais complicado.

Em sua infância ele ingressou em uma “Escuela de la Patria”. Ele tentou por diversas vezes ingressar em instituições de ensino mais privilegiadas, a fim de obter uma boa formação, porém não teve êxito. Desta forma, se tornou um de autodidata, que obteve a educação que desejava através de iniciativas particulares. Este fato da vida de Sarmiento é muito interessante, visto que teve durante sua vida uma preocupação com a questão educacional.

Durante sua vida, Sarmiento esteve diretamente envolvido com a vida política. Por conta desta militância foi exilado no Chile por perseguição de seus opositores. Sobre isso é importante refletir sobre o que nos apresenta Prado (1999). Segundo a autora, Sarmiento vai construir uma imagem da Argentina carregada de símbolos, ideias e imagens, que vão nos apresentar a dualidade Civilização x Barbárie. A produção desta obra que, segundo a autora, pode ser considerada meio ficção, meio biografia, meio História política e meio manifesto, pode ser situada em um período de uma Argentina politicamente dividida entre Unitários, que desejavam um governo centralizado e os Federalistas, que buscavam autonomia para as províncias.

Segundo Prado(1999), temos divergências tão grandes, que não talvez não possamos falar em Estado Argentino, antes de 1862, depois de Mitre assumir a presidência nacional. Antes disso, havia conflitos civis por todo o território argentino. Esses conflitos estavam entre os unitários que eram a favor de ideias como a de criação de um estado dentro do sistema federalista, ou que cada província deveria primeiro se estabilizar e se organizar para fazer

parte de uma federação, posteriormente. Já os liberais que se opunham a esse primeiro grupo, pensavam a formação de um Estado guiados pelas luzes da razão que moldaram a constituição a ser seguida e respeitada, pondo fim às lutas internas na Argentina.

Rosas governava Buenos Aires com plenos poderes, e perseguia seus opositores. Seus adversários foram empurrados para o exílio, principalmente Chile ou Uruguai. Esses exilados e seus apoiadores escreveram muitos escritos em oposição ao governador. Esse grupo ficou conhecido como geração de 1837. A primeira de uma série de gerações de exilados políticos argentinos. Temos aqui nomes como Juan Bautista Alberdi e Esteban Echeverría.

Refletindo sobre a figura de Sarmiento nesta experiência, temos ele já aos 20 anos partindo, junto de sua família, para o exílio, no Chile, no momento em que Facundo dominou toda a província de Cuyo em 1831. Com uma aparente calma, ele retorna e vai para San Juan em 1836, onde funda uma Sociedade Literária. Em 1840, foi preso acusado de participar de ações conspiratórias contra o Governo. Após esse momento, ele foi exílio no Chile. Foi para Valparaíso, onde aos poucos se integrou em grupos intelectuais.

Segundo Prado (1999), Sarmiento seria um grande apoiador de políticos conservadores no Chile, apresentando apoio para a eleição de Manuel Montt (1809-1880) à presidência. Segundo a autora, isso faria com que Montt enviasse Sarmiento para missões diplomáticas aos EUA, representando o Chile.

O grupo intelectual que Sarmiento se integra no Chile, cria o 1º diário de Santiago, “El Progreso”. A obra “Facundo” passou a ser publicada neste jornal como folhetim, a partir de 1845. A autora chama a atenção de que neste ponto, Sarmiento nunca tinha visto os Pampas, ou viajado para Buenos Aires. Prado (1999), nos apresenta que Sarmiento tem pretensões de ultrapassar os limites individuais da personagem e construir uma interpretação mais abrangente e generalizadora que alcançasse toda a sociedade argentina.

Como vimos, apesar do exílio, continuou sua atividade política. Foi colaborador em alguns periódicos, com textos de cunho político e educacional. Por conta de sua preocupação e atuação em relação à educação, acabou sendo indicado para diretor da ‘Escuela Normal’. Teve grande destaque em relação ao desenvolvimento pedagógico daquela país. Sendo assim, com o reconhecimento que lhe foi dado, teve suporte financeiro do Chile para poder realizar viagens para Europa e Estados Unidos, com o objetivo de observar os sistemas de educação dos respectivos lugares. Esta viagem aconteceu em 1845, e foi retratada em dois volumes de “Viajes por Europa, Africa e América” que foram publicados em 1849 e 1851.

Aqui temos um importante ponto na formação pessoal de Sarmiento, que foi viajar pela Europa e Estados Unidos para a observação de seus sistemas de ensino. Esta experiência

é um ponto importante para nossa reflexão, pela influência que as ideias que estava absorvendo tiveram sobre sua visão de mundo, que nos é apresentada em sua obra sobre Facundo. Temos aqui um pequeno primeiro exemplo da importância de se refletir sobre a autoria das obras literárias, pois no autor podemos observar intenções, veladas ou não, para com o texto ao qual escreve. Devemos observar que o texto é carregado de intenções, de influências, de objetivos, de valores, de memórias e de construção de imaginários.

Na Argentina ele se integra a políticos e intelectuais da geração liberal que funda a Literatura argentina, durante este exílio no Chile, no período de Governo de Juan Manuel de Rosas (1829-1852). Neste período o país se dividia entre unitários, que eram favoráveis a uma unificação com Buenos Aires, e os federalistas, que eram caudilhos ou liderados por caudilhos, que defendiam a federação com autonomia para as províncias .

Pensando o regime de Rosas, Sarmiento foi um grande incentivador e contribuiu com o levante de José de Urquiza , que levou à queda de Rosas em 1852. Com isso Sarmiento teve muitos cargos políticos e administrativos, e em 1868 acabou se tornando presidente da Argentina.

Prado (1999) afirma que Sarmiento faz uma oposição entre Letra X Tradição Oral, que era representada pelas figuras rurais e dos Pampas X as figuras da cidade letrada e da província de Buenos Aires.

“Para Sarmiento, a República Argentina era constituída geograficamente, de tal maneira, que havia de ser sempre unitária, pois a despeito dos acidentes geográficos peculiares, predominava nela uma feição “geral, uniforme e constante”. A planície era contínua, e os rios confluíam num porto único, fazendo a República argentina ser “una e indivisível”. Mas essa terra continha uma grande mal, sua enorme vastidão, quase despovoada, o que, na perspectiva de nosso autor, criava o terreno apropriado para as tendências autoritárias dominantes” (Prado, 1999, pag 162)

Sarmiento fez estudos sobre a realidade da América Latina, atuando teórica e empiricamente. Teve diversos pontos de atuação, tanto na esfera jornalística, literária e política. Sarmiento foi um dos principais nomes da literatura argentina, lembrando que chegou a ser presidente da Argentina de 1868-1874. Ele foi um incentivador e criador de escolas por toda a Argentina, e tinha um caráter homogeneizador das políticas aplicadas na nação em seu governo. Ele foi um influente e teve destaque como jornalista, principalmente em sua oposição a Rosas e ao projeto nacional dos Caudilhos. Isso fica evidente em sua obra sobre Facundo Quiroga.

Guazzelli (2008) nos apresenta que Sarmiento visava buscar uma afirmação e legitimação da luta de uma civilização contra a barbárie. Para tanto a ocupação dos espaços estava relacionada ao progresso, ocupação essa que deveria ser feita pela imigração europeia.

“Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, que viveram neste meio como os principais representantes da chamada A geração de 1837 procuraram pioneiramente as causas para o atraso da Argentina (e da América) em relação às nações desenvolvidas. Suas obras justificavam o modelo liberal de desenvolvimento nacional, e eram muito originais para a época ao tentarem provar “cientificamente” suas ideias. Os dois foram ainda muito atuantes na política: primeiro aliados na luta contra Rosas; mais tarde como adversários ferrenhos no período que se seguiu à queda do poderoso governador de Buenos Aires.”(Guazzelli, 2008, pag 260)

O movimento intelectual do qual Sarmiento fez parte, tinha outros importantes nomes, como Júlio Roca e Carlos Pellegrini, que também foram presidentes da República Argentina. Além disso, cabe ressaltar a importância desse movimento para o que chamamos de pensamento social e cultural argentino na virada do XIX para o XX, auxiliando a formação e legitimação do projeto de nação que o grupo liberal. esse movimento tinha caráter intelectual, filosófico, histórico e político.

É interessante apresentar um pouco do chamado ambiente literário na Argentina do século XIX, ambiente esse que nosso autor estava inserido e que estabeleceu trocas. Temos como ponto central na fundação da literatura argentina, a obra “ O Matadouro” de Esteban Echeverría (1805-1851), escritor e político liberal, de tendência romântica. Estamos no período chamado de Romantismo que contribuiu para a transformação do papel dos escritores latino-americanos em intérpretes das sociedades em que estavam inseridos. Temos a chamada Geração de 1837, que Echeverría estava inserido. Esta geração contava com nomes como Juan Batista Alberdi (1810-1884), Juan María Gutiérrez (1809-1878), Vicente Fidel López (1815-1903), além do próprio Esteban Echeverría. Foram perseguidos pelo governo de Rosas, mas atuaram de forma intensa por mais de 40 anos, ajudando a debater projetos para a sociedade argentina.

Temos que trazer outros nomes importantes para a literatura argentina como do próprio Sarmiento, tem sua obra como uma das fontes deste trabalho. Temos Estanislao do Campo (1834-1880) que escreve Fausto (1866), que conta a maneira de viver e a linguagem do gaúcho. Podemos trazer também o nome de José Hernández (1834-1886), que escreveu a obra "O gaúcho Martín Fierro" (1872), sendo tomada até mesmo como um exemplo de

“argentinidade”. Temos na construção literária romântica da Argentina do século XIX, uma discussão sobre a identidade nacional e do ser nacional. Em que os grupos debatiam os projetos e apresentavam a sua noção de civilização para a nação em seus projetos coletivos.

Devemos destacar a importância de compreender que a civilização que se baseava nesse grupo era a europeia. O desenvolvimento e modelo deveria ser o europeu. Tanto para a formação de conhecimento, saber, cultura, economia e política. “Havia a aspiração de reproduzir práticas e hábitos do Velho Mundo na América Latina.” (Santos, 2019 p. 4).

Para tanto, colocou em prática o plano de levar melhorias para a comunicação e transportes no país. Isso se dava por conta da ideia de unificação e homogeneização do pensamento sócio cultural no país. Assim buscava uma identidade cultural, que estava baseada na questão étnica, valorizando os brancos e buscando integrar a Argentina mais com Europa e menos com América Latina. Vemos isso em seus escritos, onde o binômio civilização x Barbárie aparece sempre com o intuito de demonstrar que a civilização moderna estava fora da América Latina, e que para alcançar ela, deveria tornar a nação mais próxima daquilo que era o seu modelo.

Sendo assim, vemos que ele adota postura em prol de raças puras, observando a mestiçagem como a responsável pelo atraso latinoamericano. Para ele a estabilidade em uma nação era ligada à falta de mestiços e a maior parte da população, ou sua totalidade possuírem a mesma origem étnica.

Para tanto, buscava reproduzir a Europa e seu modelo civilizatório, impedindo a existência de outras epistemologias, e utilizando a força se necessário para alcançar seu objetivo. Ele entendia que os povos indígenas eram inferiores culturalmente, que suas práticas deveriam ser negadas e superadas para o progresso atingir a região.

Prado (1999), nos traz a reflexão que Sarmiento busca uma definição de que indivíduos como Facundo, seriam produtos naturais da sociedade argentina. Estes seriam tipos primitivos, exemplos do barbarismo, para Sarmiento, que apresentariam uma proximidade com animais selvagens. Seriam produtos do campo, que não teriam associação ou espírito público. Para tanto era necessário, para Sarmiento, a modernização, a possibilidade de um novo governo.

Prado (1999) nos apresenta que Sarmiento tinha ideias de que um novo governo iria estabelecer fronteiras com os nativos no sul, iria incentivar a imigração, povoando o interior do “deserto” e que tornaria livres os rios de Buenos Aires. A província de Buenos Aires seria declarada propriedade nacional, com a utilização da educação pública para civilizar a nação.

Para Sarmiento seria importante para esse desenvolvimento da nação a imprensa livre, com mais acesso a jornais e livros. O programa de Sarmiento era calcado na doutrina liberal.

Sarmiento era um dos maiores incentivadores para este processo que buscava trazer a modernidade com moldes europeus, juntando o conhecimento científico à política. Desta forma o domínio e unificação territorial era fundamental. Temos aqui o intenso movimento que conhecemos como “Campanhas do Deserto” ou “Conquista do Deserto”, que tratam de conquistar as terras dos pampas úmidos que eram muito cobiçadas. Com isso temos Sarmiento como um dos incentivadores do extermínio dos povos indígenas que viviam naquelas terras.

Este extermínio tem ligação direta com a ideia de que a mestiçagem era um dos motivos para os males e atraso no desenvolvimento da Argentina.

“Imaginava-se portanto um esboço de nacionalidade, cuja origem remontava à formação de um império econômico próspero e na verdade uma cobrança pelos erros cometidos no passado espanhol. Atribuía-se corriqueiramente, por exemplo, que a mestiçagem era um dos principais fatores responsáveis pela decadência da colonização espanhola em comparação com a prosperidade da formação colonial anglo-saxônica. Passa-se assim a conceber os europeus (sobretudo os ingleses) como modelos de sociabilidade ideal para a nova Argentina pós-1880: regimes democráticos, estabilidade institucional e prosperidade econômica. Sarmiento defendia que o cientificismo das sociedades anglo-saxônicas ao arcaísmo das civilizações latino-americanas. Buscava-se assim construir-se um modelo social civilizatório, cuja origem se imaginava independente e com peculiaridade na sociedade branca argentina, mas que possuía origem nas sociedades europeias e norte-americanas daquele momento.” (Santos, 2019 p. 5).

Negros e indígenas eram vistos como figuras do atraso social que se colocava na Argentina, o que seria resultado direto da colonização espanhola. Para Sarmiento os modelos que deveriam ser seguidos eram os Anglo-Saxões. Para ele, essas sociedades não promoveram a mestiçagem, e mantiveram suas raças puras. Essa afirmação era importante para Sarmiento, pois era a partir disso que buscava ligar os negros indígenas ao atraso social, econômico, cultural e de desestabilização política. Para ele Negros e indígenas eram opostos a civilização, ao processo educacional e ao progresso econômico. Portanto deveriam ser tratados como selvagens e ser superados. Portanto, segue este sendo o um dos argumentos centrais de seus escritos, para o combater a diversidade na sociedade, seja de etnia, religião ou saber.

Sarmiento buscou realizar um estudo para dar força histórica a suas ideias. Ele ajudou a formar todo um ideário que colocaria, principalmente, o argumento de homogeneizar a

sociedade como um dos pontos centrais para a formação nacional argentina. Podemos observar a força da unidade nacional em torno da unidade racial. Segundo Santos(2019), Sarmiento passa aqui por um momento em que o conceito de raça influencia muito a formação da identidade nacional na Argentina.

Para Sarmiento, determinadas raças não poderiam ser civilizadas, sendo inseguro para a nação a aproximação ou inclusão. Portanto, o extermínio dessas raças e povos deveria ser um ponto fundamental para o progresso da nação. Assim como o combate ao caudilhismo e a busca pelas liberdades individuais liberais. Esses seriam pontos centrais de importância para o pensamento de Sarmiento.

Para isso, era muito importante importar a raça pura. A imigração europeia foi muito estimulada por Sarmiento, pois ele compreende isso como um dos “remédios” para os problemas da Argentina. A ideia era retirar povos "atrasados" e colocar em seu lugar, europeus brancos "civilizados”, pois assim seria possível garantir algum desenvolvimento para a nação em formação. A busca da identidade cultural/ nacional de Sarmiento é um dos pontos de mais importância de seu pensamento, pois é feito baseado nas questões relacionadas a raça, e a como a origem étnica poderia ser responsabilizada pelos males encontrados em seu território.

O programa de governo buscava uma centralidade de papéis para o que foram exilados, que estavam em concordância com as ideias liberais. As cidades deveriam patrocinar a vitória da civilização contra a barbárie. Prado (1999) nos apresenta que Sarmiento teria a noção de que as massas rurais teriam colocado o país nas “trevas”

A obra sobre Facundo nos apresenta muito bem isso, no que chamamos de binômio civilização x barbárie, onde a barbárie seria ligada a essas populações negras, indígenas e mestiços. Se nega uma identidade com características Argentinas, que se relacionem com a questão da origem, de ser nativo a identidade que se busca é a de bases europeias, buscando a raça branca pura com o modelo civilizatório europeu.

“A perspectiva de que as fontes para o conhecimento moderno deviam ser buscadas na Europa, tornou imprescindível para Sarmiento a leitura de autores europeus. Tal visão pode ser acompanhada na conferência lida na Faculdade de Filosofia e Humanidades de Santiago do Chile em 1843, em que enumerar os grandes homens-todos europeus, com absoluta predominância dos franceses- cujos conhecimentos contribuíram para a “extraordinária civilização” do mundo. Entre eles estavam três naturalistas - Buffon, Cuvier e Saint- Hilaire- ao lado de filósofos e escritores como Montesquieu, Cousin, Villemain, Hugo, Dumas. Se houvesse organizado uma listagem dos sul-americanos, sua imodéstia lhe teria, provavelmente, reservado o primeiro lugar.” (Prado, 1999, pag 165)

Segundo Prado (1999), Sarmiento tentava traduzir o espírito europeu para o sul-americano. ele se inspirava em historiadores franceses para montar interpretações sobre a sociedade argentina. Para Sarmiento o desvendamento da vida política sul-americana ganhava legitimidade na medida em que é entendida e apreciada pelos europeus. Sarmiento e letrados da geração de 1837 tinham clareza da importância escrita da história para a nacionalidade. Ele escreveu sobre duas Argentinas, uma das trevas, representada por Rosas e a das luzes, representada pelos liberais.

Segundo Prado (1999), Sarmiento fez a leitura de iluministas europeus, que fizeram com que ele criasse uma associação de civilização com espaço urbano. Com a cidade sendo o centro da liberdade, da razão, da utopia liberal. Com isso o campo, a região rural, a oposição da cidade, seria o lugar estático, sem inovações, um local do obscurantismo.

“Enfim, com Facundo, Domingos faustino Sarmiento buscou construir seu lugar no cenário político argentino. Lugar anunciado, tecido e conquistado por este e outros escritos nos quais tomou partido do acreditava ser a modernidade, a ciência, o progresso e a civilização. Obteve êxito em sua carreira política porque coincidentemente viveu num momento da história do país em que esses foram os lemas e as bandeiras vitoriosos. Os derrotados ou esquecidos -Gaúchos, índios, montoneros, federalistas, mulheres, imigrantes pobres- não puderam celebrar em igualdade de condições as conquistas dos novos tempos” (Prado, 1999, pag 175-176)

Neste projeto de Sarmiento o branqueamento da nação é essencial para que a modernização possa ocorrer, pois segundo o seu pensamento não é possível conseguir desenvolvimento econômico, político e estabilidade social com uma população que tenha mistura de raças, que tenha a presença de povos negros, indígenas e mestiços. Gauzelli (2008) noa apresenta que Sarmiento tinha uma noção de inferioridade das raças na América. Onde os homens seriam selvagens e ociosos, e virtualmente irredutíveis à civilização. Para o desenvolvimento chegar era preciso antes solucionar este problema, e para isso o branqueamento da nação era importante, portanto estimular a imigração europeia foi uma das principais ações de Sarmiento e de sua geração.

“Composto de três eixos principais — uma descrição histórica e geográfica da Argentina, uma compilação das proezas de Facundo Quiroga e um libelo político anti-rosista —, o livro associa a civilização a um modelo de desenvolvimento inspirado principalmente nos Estados Unidos. Civilizar o país, para Sarmiento, seria povoá-lo com imigrantes brancos, desenvolvê-lo com industrialização e ferrocarril, domar a imensidão vazia dos pampas. Seu conceito de barbárie, encarnado no

“selvagem inculto dos pampas”, não está isento de racismo. O programa de Sarmiento para a Argentina não é somente modernizador. Trata-se também de um projeto de branqueamento. O ideário republicano e laicizante de Sarmiento gerou uma nova forma de concepção das relações sociais na Argentina. Seus estudos sobre individualismo, dentro de um contexto darwinista positivista, seriam o embrião de uma formação nacionalista argentina que seria aprofundada ainda mais a partir da década de 1930. Domingo Faustino Sarmiento fez uma importante contribuição ao conhecimento graças a sua contribuição como promotor do progresso científico e sua constante ação e pregação em favor do ensino e criação de instituições científicas e culturais. A ação de Sarmiento na difusão das ciências ocidentais, num país periférico no mundo da ciência como era a Argentina, foi consolidar um sistema científico independente, enriquecendo-o com as contribuições da ciência europeia mais moderna. Considerado “o maior cérebro da História da Argentina”, sua morte em 1888 gerou uma grande comoção entre os argentinos. Sarmiento fora cultuado em seu país nas gerações seguintes, sendo homenageado com inúmeros monumentos públicos. Sua influência na mentalidade política e social latino-americana, sobretudo na Argentina, é inquestionável até os dias atuais.” (Santos, 2019 p. 7).

A importância da observação da formação de Sarmiento, de seu lugar social, de suas aspirações e de sua ligação direta com a política e os projetos de nação para a Argentina, se dá na questão fundamental da construção da obra literária, que é a relação entre autor, obra e meio. Esta questão se faz interessante para a observação das possibilidades dos autores e de suas obras em pesquisas historiográficas, a fim de utilizar conceitos e metodologias de pesquisa da forma mais assertiva possível, sem forçar e enquadrar interpretações e análises onde não há “espaço” para tanto.

Cabe agora uma pequena reflexão sobre os estudos Pós-coloniais e buscar algumas possibilidades e limites de sua utilização para observação da obra *Facundo*, tendo em vista os objetivos de seu autor, sua formação, seu lugar social e os projetos nacionais que estavam envolvidos e aparecem na obra.

6.1.2 Pequena reflexão sobre os Estudos Pós coloniais e sua aplicação para análise da obra ‘Facundo; Civilização e Barbárie’ como fonte de pesquisa.

Para estudar obras literárias que se ligam a tempo e espaço específico, com as influências mútuas de meio e autoria, necessitamos de cautela em nossa reflexão. Devemos analisar que não são todas as metodologias e conceitos que podemos utilizar para fazer este tipo de estudo. Para tanto, devemos estudar e refletir sobre a figura do autor da obra, seu lugar na sociedade em que escreve e que sociedade era essa em que escrevi.

No caso de Sarmiento e da obra “Facundo; civilização e Barbárie”, temos, como dito anteriormente, o pensamento do autor que busca ligar o a mestiçagem, a presença de negros e indígenas com o atraso econômico da Argentina. Desta forma, ele estimula o branqueamento da nação Argentina, através da eliminação das raças não puras e da imigração branca europeia. Sendo assim, busca trazer o modelo civilizatório ocidental europeu para a Argentina, o que leva à negação das epistemologias diversas que estavam presentes no cotidiano, principalmente, dos povos nativos.

Para isso é interessante observar e refletir sobre a utilização de alguns dos chamados estudos Pós-coloniais para análise da obra sobre Facundo, identificando as possibilidades de aplicação dos conceitos e metodologias propostas na observação do pensamento de Sarmiento presente nesta obra.

O termo Pós-colonial é utilizado pela autora Spivak, intelectual nascida na Índia em 1942, que tem muita importância para os estudos Pós-coloniais, ela ajuda a incorporar muitos estudos teóricos que surgem nos Estados Unidos e Inglaterra, a partir dos anos de 1980. Esses estudos buscam observar o colonialismo como relações de opressão, que tem diversas faces, desde concepções raciais, de gênero e étnicas. Desta forma, os estudos Pós-coloniais buscam descentralizar as narrativas, descentralizar o pensamento, o saber e a criação de discursos sociais e culturais. Temos uma busca por uma crítica à hegemonia do saber, do pensamento, onde outras tantas formas de saber e ver o mundo são negadas por narrativas oficiais que se ligam a modelos pré-estabelecidos e que muitas vezes não têm ligação originária com os espaços que ocupam. Devemos buscar uma crítica à colonialidade do saber e do poder. Ballestrini (2013) afirma que devemos superar as relações de colonização, colonialismo e colonialidade.

Isso se liga às ideias de Spivak (2010), em sua obra “Pode o Subalterno falar?”. Esta questão se faz muito importante no ponto que se refere às mais baixas camadas da população,

refletindo sobre as ferramentas de exclusão que as sociedades aplicam nos sujeitos subalternos, que na visão de Spivak (2010), são sujeitos diversos, plurais.

Esses subalternos, segundo a autora, não falam por si, não apresentam sua voz, seus interesses e narrativas, tem sempre intermediários criando narrativas por eles. Mesmo que sejam narrativas de resistência, não são apresentadas pelos mais interessados. A questão da tutela fica evidente para a autora. Os protagonistas reais acabam se tornando objetos de pesquisas realizadas, sendo silenciados, com discursos que sempre apresentam o melhor para o subalterno.

A reflexão aqui fica em relação vai em direção a América e a sua colonização, que nos apresenta os conquistados e os conquistadores, os colonizados e os colonizadores. Temos afirmações de inferioridade natural, sendo este um dos pontos mais importantes da dominação dos europeus sobre o continente americano. A Europa se torna central e a concepção de raça é criada para afirmar esta dominação e centralidade histórica da Europa perante o mundo colonizado.

Para Quijano (2005) o eurocentrismo é propagado como o único meio, o único caminho a seguir. Com a classificação em raças, temos uma imposição do domínio europeu e de seu modo de saber, de pensar, de construir conhecimento, dos seus ritos religiosos, o que oprimiu e exterminou os outros saberes existentes no continente americano. A busca pela diferença de raça se faz fundamental para o domínio social. A Europa branca ficava em primeiro lugar na construção do conhecimento. A produção cultural não passava pelos colonizados, eles estavam fora do saber e fora do poder.

Estas concepções permaneceram nas sociedades após a independência. Nas formações das nações independentes do continente americano, como no nosso caso a Argentina, temos forte influência das concepções europeias do saber. Isso afeta fortemente os povos indígenas, por exemplo, que têm seu saber negado. Por conta disso, temos visões e imaginários criados sobre os povos nativos que os colocam sempre em condição de inferioridade, de barbárie e selvageria.

Essas visões ficam muito marcadas nas obras literárias, como no caso de Facundo, onde todo esse imaginário criado a respeito dos povos nativos foi utilizado para justificar e legitimar projetos de nação e expansão de territórios. Em Facundo temos o uso da obra literária e da ciência para justificar a dominação territorial. Assim como a condição de inferioridade dada aos povos nativos retira toda e qualquer possibilidade de igualdade, tendo a Europa como eixo central de mentalidade, mesmo no pós independência. Deste modo,

devemos observar que Argentina, que é nosso exemplo de análise, foi construída como nação tendo como modelo as bases da mentalidade europeia.

Sobre os povos nativos, temos em geral, uma visão totalizante sobre eles. Uma visão que não leva em consideração as diferenças entre eles, diferenças culturais, de territórios, entre outras tantas diferenças. Na Argentina temos ações violentas baseadas na visão eurocentrada do conhecimento, as conhecidas “Campanhas do Deserto” que tinham como objetivo final exterminar os povos nativos das regiões dos Pampas. As teorias totalizantes, hegemônicas podem causar ações como essa, e portanto devemos observar com cautela a forma como construímos nossos saberes.

A partir dessa pequena reflexão sobre os estudos Pós-coloniais, devemos observar a sua aplicação no estudo da obra sobre Facundo de Sarmiento. Quais os limites para o seu uso, e quais as possibilidades de análise desta obra a partir do pensamento Pós-colonial. Vamos buscar levantar algumas questões que podem ser utilizadas para refletir as possibilidades dos caminhos interpretativos em relação a esta obra e os estudos Pós-coloniais.

Quando analisamos Facundo de Sarmiento nos deparamos com uma obra que vai nos apresentar a visão de mundo do autor e do grupo ao qual ele faz parte. Esta obra pode ser entendida como parte das ações de legitimação e disseminação do pensamento de Sarmiento e de sua geração, com os objetivos de implantar o projeto de nação liberal na Argentina. O que de fato ocorreu. Desta forma, se torna muito difícil, talvez impossível observar através desta obra a narrativa, visão de mundo, os saberes e interesses daqueles que são entendidos como inimigos deste projeto, dos que deveriam ser eliminados para que a nação pudesse alcançar o seu desenvolvimento civilizatório de modelo europeu.

Podemos utilizar os povos nativos como um exemplo para esta questão. Se optarmos pela utilização da narrativa do subalterno, como nos apresenta Spivak (2010), não vamos conseguir observar nessa fonte, a obra de Sarmiento sobre Facundo, a visão de mundo e os interesses dos povos nativos. Isto é importante para sinalizar que se optarmos por isso, não vamos conseguir encaixar essa metodologia e os conceitos, pois não podem ser enquadrados com a utilização desta fonte. Para tanto, devemos buscar observar outras fontes do mesmo período, a fim de fazer um comparativo com o que a narrativa de Sarmiento nos apresenta.

Um exemplo sobre as fontes que podem ser utilizadas para este período são os tratados que o Governo argentino fazia com vários povos indígenas. Apesar de serem documentos oficiais, redigidos pelos políticos argentinos, podemos tentar observar neles a força pela busca de sobrevivência e da manutenção do modo de vida dos povos nativos. Pois através, dos

tratados podemos talvez observar os interesses desses povos, e a sua resistência ao avanço dos Brancos sobre suas terras, o que causava a destruição do seu modo de vida.

Neste ponto, podemos argumentar que não vamos observar uma narrativa construída diretamente por estes povos nativos, mas podemos refletir comparativamente o ideário apresentado em Facundo sobre o território e seus habitantes, com o estabelecido em alguns tratados.

Sarmiento nos apresenta que o território, que se torna o deserto, estaria ligado à escuridão, às trevas, à falta de vida, à morte. Chamar de deserto já demonstra isso, criando o imaginário de ser uma região inóspita, quase sem vida, com perigo real de morte para todo aquele que tentasse se aventurar a atravessar essa região. Desta forma, temos uma região ligada ao atraso, a selvageria, que seria habitada por seres que estariam intimamente ligados a isso. Os seus habitantes, os povos indígenas, seriam tratados e compreendidos nesta construção narrativa como seres selvagens, bárbaros, incivilizados, violentos, incultos, incapazes, na maioria das vezes de ser integrados socialmente e de serem civilizados. No caso em que isto poderia acontecer deveriam ser tutelados para a submissão dentro do projeto nacional, pois não seriam capazes de tomar as melhores decisões para o seu maior desenvolvimento.

Compreendemos que o simples fato de se colocar como parte de um tratado, já pode ser observado como uma tomada de parte, onde há pressão e disputas de força. O que estabelece interesses que são vistos e atendidos, ou não, de ambas as partes. Com os tratados, podemos observar que os povos nativos tinham interesses próprios, que se ligavam a sua resistência para a manutenção do seu modo de vida, não sendo, como apresentados por Sarmiento, incapazes de tomar as melhores decisões e escolhas, tendo que necessariamente ser tutelados por outros.

Aqui não temos a narrativa, a visão de mundo dos povos nativos apresentada por eles. Mas podemos observar que a visão de Sarmiento não pode ser propagada, que o imaginário sobre os povos nativos necessariamente deve ser quebrado e que devemos buscar a voz que a eles pertence. A voz do subalterno, como nos apresenta Spivak (2010), não aparece, é oprimida para dar continuidade ao colonialismo do poder que se liga diretamente ao colonialismo do saber, como Quijano (2005) afirma. O modelo civilizatório europeu é o objetivo de Sarmiento para a Nação Argentina, sendo assim os povos que apresentassem saberes diversos deveriam ser totalmente submetidos ou exterminados, como no caso dos povos indígenas da Argentina.

Sarmiento estava ligado a um projeto de nação, a um objetivo que seguia o modelo civilizatório europeu, afirmando seus valores, seus saberes e a sua questão de raça. Ele acreditava na raça pura, privilegiando o homem branco de origem européia, com o foco no branqueamento da nação, até não existir mais mestiços, negros e indígenas, que representariam o atraso. A modernidade era vinculada ao homem branco e ao saber ocidental com a Europa no centro, como um eixo que deveria guiar o mundo civilizado, sendo superior intelectualmente, culturalmente e socialmente. Desta forma, com Sarmiento estando diretamente ligado ao que Quijano (2005) chama de colonialismo do poder, e também do saber, se torna impossível observar a voz do subalterno, do oprimido, do indesejado em seus escritos. Pois essa voz não é visualizada como tendo lugar para a nova sociedade que se deseja construir, e portanto vai ser negada e eliminada. Sendo assim, os imaginários criados sobre os povos indígenas são importantes para Sarmiento, tendo em vista de negar a possibilidade de existência do modo de vida desses povos, dos seus saberes e de suas etnias.

...porque o saber é riqueza, e um povo que vegeta na ignorância é pobre e bárbaro, como o são os da costa da África ou os selvagens de nossos pampas.(SARMIENTO, 1996-p., 322)

Aqui temos a hegemonia de um saber, de uma visão de mundo, de um modo de produzir conhecimento, de se tratar do sagrado que se impõe sobre qualquer outro. Os povos da Costa da África e dos Pampas Argentinos, não eram ignorantes, estavam muito longe disso. Eram apenas povos que possuíam epistemologias diversas, que contrastavam com aquelas de seus colonizadores. Esta noção do saber do colonizador continuou mesmo após as independências como no caso de Sarmiento, que reforça muito a questão da raça e do branqueamento da nação, levando seu ideário a estar presente nas narrativas historiográficas oficiais, e até a atualidade em falas como a do presidente da Argentina Alberto Fernández, que em 2021 fez a seguinte afirmação “os mexicanos saíram dos índios, os brasileiros da selva, mas os argentinos chegaram nos barcos que vieram da Europa”⁴⁵. Esta afirmação é carregada da noção de que foi disseminada por Sarmiento que coloca a origem européia como superior, desvalorizando outras origens e negando, de certa forma, a participação dos povos indígenas na formação da sociedade argentina. Além disso, apresenta como a visão preconceituosa ainda está presente na sociedade Argentina. Portanto é vital que possamos

⁴⁵Consultar

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/12/apos-dizer-que-brasileiros-vieram-da-selva-argentinos-da-europa-fernandez-manda-carta-a-instituto-destacando-origem-miscigenada-de-seu-pais.ghtml>

analisar os modos de disseminação desses discursos e de sua manutenção, para podermos refletir sobre os modos de superar este tipo de discurso e apresentar as vozes negadas historicamente.

6.2 James Fernimore Cooper e The Last of The Mohicans

A mesma reflexão deve ser feita com o autor James Fernimore Cooper, que escreveu a obra “The Last of The Mohicans”, publicada originalmente em 1826. Devemos observar como este autor se integra em sua sociedade, que estava em pleno desenvolvimento econômico, político, social, cultural e territorial. Desta forma, podemos observar como ele apresenta os valores na obra literária e como ela atua como uma face daquela sociedade, que integra, de alguma forma, projetos nacionais e visões de mundo. Para tanto, é necessário observar quem é o autor, a sua formação e seu lugar social.

6.2.1 James Fernimore Cooper

James Fernimore Cooper foi um homem que viveu no século XIX nos Estados Unidos. Ele assumiu posição de influência por conta de suas obras e procurou se posicionar em relação às suas reflexões sobre a democracia dos Estados Unidos. Ele foi um escritor que, como outros de sua geração, exaltava o chamado espírito democrático dos Estados Unidos e do povo que se desenvolvia neste território.

Cooper nasceu em 1789 em Burlington, em Nova Jersey. Mas cresceu em Cooperstown junto de 4 irmãos e 2 irmãs. Esta cidade foi fundada por seu pai, que adquiriu as terras próximas de Otsego Lake. Durante sua infância e adolescência teve uma vida tranquila em relação a questões financeiras, vivendo com bastante luxo. Estudou na Cooperstown Academy e teve uma trajetória para ser advogado. Seu pai ofereceu uma educação para que o filho pudesse integrar a aristocracia e ser um possível homem de negócios. Segundo a sua trajetória, ele foi expulso da Universidade de Yale e depois ingressou na marinha mercante dos Estados Unidos.

É importante para este trabalho observar como Cooper passou a infância e juventude. Ele teve uma vida confortável em relação a questões financeiras, o que permitiu que tivesse uma boa formação educacional, fazendo parte de instituições renomadas e de alto nível educacional, como a Universidade de Yale. Outra questão importante a mencionar é o seu ingresso na Marinha Mercante dos Estados Unidos. Isto o leva a conhecer outros lugares e culturas, o que pode ajudar a direcionar a sua narrativa literária futura.

Após a morte de seus irmãos, Cooper teve que assumir o controle das terras da família e teve de vendê-las para sanar dívidas familiares. Deste modo, viu na literatura uma maneira de ganhar dinheiro. Ele se tornou famoso e entre 1826 e 1833 viajou pela Europa, conheceu outros escritores e acabou tendo cargo de cônsul dos Estados Unidos na cidade de Lyon, na França. Podemos abrir um espaço para destacar que possivelmente neste período Cooper e Sarmiento se encontraram e trocaram influências, o que afeta muito a obra de Sarmiento sobre Facundo.

Retornando à vida de Cooper, devemos entender que em sua juventude ela foi parte da classe dos grandes proprietários de terras, que influenciam muito na direção que o país tomava. Desta maneira, Cooper teve contato com nativos de diferentes etnias e como desbravadores que foram essenciais para o alargamento da fronteira de colonização em direção ao Oeste. Os seus “Leatherstocking tales” foram muito influenciados por estes contatos que ele pode ter em sua juventude. Além disso, todo o processo de perder as riquezas

da família que ele passou, foram também importantes para a construção de suas obras, assim como afirma Junqueira (2003). Outra questão fundamental para a escrita de Cooper, e de qualquer autor, é o meio em que está inserido, o meio social, cultural, e neste caso o meio literário, é importante observar resumidamente o meio literário dos Estados Unidos no século XIX, para observar como isso também fazia parte da escrita de nosso autor.

O contexto que a literatura dos Estados Unidos se encontra no século XIX, é o período do Romantismo. Temos uma busca por um tipo de identidade do ser estadunidense, uma identidade própria, que entendemos ter relação quase que direta com o processo de desenvolvimento nacional que passa pela expansão territorial durante este período. Temos autores importantes do período que ajudam no desenvolvimento da literatura dos Estados Unidos, alguns deles podemos citar para exemplificar melhor o período.

Começamos citando Edgar Allan Poe (1809-1849), que é considerado um dos mais importantes escritores dos Estados Unidos, ele foi crítico, poeta e literário; Temos Nathaniel Hawthorne (1804-1864) sendo outro grande escritor americano. É o autor da obra conhecida como *The Scarlet Letter* (1850); Temos na poesia Walt Whitman (1819-1892), que escreve sobre temas importantes para o período, escrevendo poemas que traziam questões de exaltação da nação, com ideais democráticos e do futuro da nação; Temos Herman Melville (1819-1891) que escreveu o romance *Moby-Dick* (1851) se deve ao fato de esse autor ressaltar a questão da identidade numa época (século XIX) de reafirmação da História Americana.

O século XIX, está marcado pelos valores estéticos do Romantismo. Os Estados Unidos são uma república ainda com base voltada para as questões agrárias, que se desenvolve para o industrialismo. Essa nação queria se afirmar no cenário internacional, buscar uma/sua identidade, o seu self, seu próprio ser. Cooper está inserido neste momento, neste ambiente, onde troca com esse meio e se alimenta e alimenta ele. Cooper se encaixa nesse contexto, nesse ambiente literário como o primeiro grande romancista dos Estados Unidos, criador da figura do herói genuíno, que busca os valores próprios da nação e do ser nacional. Cabe observar que ele faz parte deste meio e uma das figuras mais importantes para a literatura dos Estados Unidos no século XIX. Sendo assim cabe a observação das suas obras e seus lançamentos.

O autor publicou a obra “*The Precaution*” em 1820, sendo seu primeiro romance publicado. Em 1821 publicou a obra “*The Spy*”, que foi a obra que deu grande sucesso ao autor. Neste momento ele passa a ser aclamado como o primeiro escritor dos Estados Unidos,

pois até então as obras de autores europeus eram muito mais consumidas no país. Em 1823 ele publica o livro “The Pioneers” que seria o primeiro da série “Leatherstocking Tales” que possui cinco livros no total – The Pioneers (1823), The Last of the Mohicans (1826), The Prairie (1827) The Pathfinder (1840) e The Deerslayer (1841) - e que observa a trajetória do personagem Nathaniel Bumppo em fases diversas de sua vida.

Essas obras se tornam grandes sucessos no período, em que retratam o ambiente da fronteira de colonização. Essas obras estão ligadas ao processo de colonização, pois apresentam imaginários da fronteira e de seus habitantes. Assim, podem ser observadas como uma espécie de ferramenta cultural que auxiliou na difusão do ideário sobre a fronteira de colonização oeste e serviu também para apresentar valores da nação que estava em pleno desenvolvimento durante o século XIX.

Para nós a reflexão fica em torno da obra “The Last of the Mohicans” de 1826. Esta obra trata do período da chamada “Guerra dos sete anos” (1756-1763), onde monarquias européias travaram disputas territoriais tanto na Europa, quanto na América. No caso da América temos França, Inglaterra e Espanha em disputas territoriais. Na obra de Cooper vemos a disputa entre Ingleses, juntamente com seus colonos, enfrentaram os franceses em território americano. Com isso, os imaginários desenvolvidos nos personagens presentes na obra são parte do período em que o autor escreveu, onde a expansão da fronteira de colonização estava em desenvolvimento. Apesar de se tratar de um período anterior, a obra “The Last of the Mohicans” foi a obra prima de Cooper, e teve muita repercussão, inclusive internacional, sendo traduzida em vários idiomas. Sendo assim, ela ajuda a implantar imaginários a respeito de territórios que estariam no caminho da expansão que estava ocorrendo no século XIX, e não somente dos territórios, mas também de seus habitantes nativos, que são retratados nesta obra.

A obra de Cooper nos traz um teor heróico, com muita ação e aventura, sendo a primeira obra mencionada como espécie de fundação do romantismo dos Estados Unidos da América. Esta obra retrata o período da chamada Guerra dos Sete Anos e os povos envolvidos no conflito.

A obra de Cooper apresenta dois nativos – Uncas e Chingachgook – que acompanham o protagonista Hawk-eye. Eles estão em um momento de caça quando encontram Cora e Alice, acompanhadas pelo oficial britânico, Heyward e o nativo Maguá. Este último prepara uma armadilha e tenta matar a todos, a partir disso a história se desenrola, onde os nativos e o protagonista protegem a todos, até mesmo com suas vidas.

Temos nesta obra o nativo idealizado em dois pontos. O primeiro seria o aliado, que seria nobre e teria virtudes. Já o segundo tipo se liga ao inimigo, ou seja, o nativo que se aliava aos franceses na guerra, que eram retratados como vilões. Temos aqui a construção de imagens que nos ajudam a ver algumas questões até mesmo do nacionalismo em suas imagens e representações, para a importante apresentação do ideário nacional dos Estados Unidos. Essas concepções são importantes para o caminho que a obra vai tomar e narrativa que vai ser construída por ela.

Podemos encontrar nesta obra algumas características que nos apresentam uma espécie de olhar positivo em relação aos nativos, aos nativos aliados, em que estes são colocados em posição de serem atingidos pela invasão de suas terras pelos europeus, que são vistos como os inimigos. Temos uma narrativa que constrói uma realidade e imaginários que se ligam aos projetos nacionais, onde a condição de se Americano é fundamental em oposição ao ser europeu. Uma diferença interessante em relação à experiência da Argentina, onde o modelo a ser seguido era o modelo europeu. Mas isso não quer dizer que os valores fundamentais vão passar pela cultura dos povos nativos, mas sim pela construção cultural do homem branco dos Estados Unidos que está se impondo e criando a sua própria cultura e hegemonia social.

Cooper nos traz as mudanças que foram sofridas pela introdução cultural dos brancos na vida dos nativos. Temos pontos que são fundamentais, devemos lembrar do que foi dito anteriormente sobre o álcool e o personagem Magua. Além do álcool, temos a introdução do cristianismo, dos cavalos, das armas de fogo e da miscigenação. Entendemos todos esses fatores como importantes para uma avaliação sobre as possibilidades da aplicação da ótica Pós-colonial/ Decolonial com a utilização desta obra e do autor. Sendo assim é interessante observar as mudanças que a introdução da cultura dos Brancos levou na vida dos nativos, que nos é apresentada de forma interessante na obra de Cooper.

O cavalo foi introduzido no continente Americano pelos espanhóis e aqui deixado, onde se reproduziu e passou também a ser utilizado pelos nativos. Os cavalos não tinham uma função muito boa para o uso dentro das matas fechadas, mas poderiam ser muito bem utilizados em planícies e em situações para carga. O cavalo tem possibilidades positivas e negativas na vida dos nativos, visto que poderia ser utilizado para acelerar o processo de imigração para novas áreas, acelerando o processo de fragmentação de culturas, além de poder ser um aspecto que modificaria a cultura agrícola dos nativos. Estes animais eram muito utilizados nos combates e nas guerras, sendo parte da vida cotidiana de muitas tribos.

“Uncas was bold enough to say that the beasts ridden by the gentle ones,” continued Hawk-eye, glancing his eyes, not without curious interest, on the fillies of the ladies, “planted the legs of one side on the ground at the same time, which is contrary to the movements of all trotting four-footed animals of my knowledge, except the bear. And yet here are the horses that always journey in this manner, as my own eyes have seen, and as their trail has shown for twenty long miles”(COOPER, 1994, p. 142)⁴⁶

Temos aqui uma citação de como os nativos personagens da obra, neste caso Uncas, já estariam integrados com o cavalo, e poderiam perceber bem os seus rastros em meio a mata nativa.

Outro ponto forte para a mudança na cultura dos nativos foi a introdução das armas de fogo. Estas aparecem com muita intensidade na obra, assim sendo uma das figuras identitárias mais fundamentais para a formação da nação que se projetava e do cidadão desta nação. A introdução das armas na cultura dos nativos atingiu a sua vida e seu modo de ver e trabalhar. Passaram a utilizar para combates e para caça, além de que ter uma arma de fogo gerava o sentimento simbólico de maior poder. Com essas armas poderiam também caçar uma quantidade maior de animais, o que levava a ter excedente, que era utilizado para negociações, porém isto afetava o seu modo de vida, pois diminuía o número daquilo que era necessário para a sua sobrevivência em relação a alimentação e vestimenta, causando impacto no seu modo de vida e na sua própria existência.

A religião cristã também foi um dos fatores que mais causou interferência na vida e cultura dos povos nativos. Temos discussões que apresentam as questões que chamamos de religiosas dos povos nativos como pecaminosas. Muitas etnias nativas eram politeístas, cultuavam diferentes entidades, seres, e sempre com um foco no meio natural ao seu redor. Os seus símbolos e práticas eram vistos como errados pelos puritanos que chegavam no território e avançavam sobre ele. Na obra de Cooper temos um personagem que constrói bem esta narrativa cristã em oposição às práticas religiosas dos povos nativos. O personagem David, que é uma espécie de pregador que acompanha os protagonistas, tem uma narrativa que passa por Deus, o homem e a natureza chamada divina, nos apresentando sempre o caráter fundamental dos calvinistas.

⁴⁶ Uncas foi bastante corajoso ao dizer que as bestas montadas pelos gentios”, continuou Olho-de-falcão, olhando, não sem interesse curioso, as éguas das senhoras, “plantavam as patas de um lado no chão ao mesmo tempo, que é o contrário dos movimentos normais de trote de todos os quadrúpedes que eu conheço, exceto o urso. E mesmo assim aqui estão os cavalos que sempre viajam dessa maneira, como viram meus próprios olhos e como o rastro deles mostrou por longas vinte milhas”(Tradução livre Hugo Farias de Sousa)

“you have captured the true spirit of Christianity. And he who is destined to be saved will be saved and he who is destined to be condemned will be condemned. This is the doctrine of the truth that comforts and refreshes the true believer (COOPER, 1994, p.136)⁴⁷

Temos nesta parte uma demonstração dos preceitos cristãos, que não apresentam a possibilidade de diversidade. Temos em um momento uma discussão com os protagonistas onde o herói Hawk-eye apresenta um discurso em defesa dos povos nativos, os quais ele tinha muita proximidade pelo seu modo de vida, onde nos apresenta a forma de resistência e críticas da religião cristã. “It is clear before your eyes,' retorted the scout; is that who owns it is not stingy in its use. I heard that there are men who read books to convince yourself that there is a God (COOPER, 1994 p. 137)⁴⁸

Temos uma discussão na obra de Cooper que pode nos apresentar um pouco do lado dos povos nativos e como eles eram afetados pelo avanço dos colonos sobre suas terras e no caso específico do tema da obra, das guerras e disputas que envolviam duas nações e os colonos e afetam diretamente a vida dos nativos. A religião aqui tem um poder muito grande na mudança dos comportamentos, práticas, idiomas, histórias e de várias culturas, que acabavam por desaparecer, temos uma imposição de religião, o que se fez desastroso para os povos nativos.

Temos nesta obra um foco em questões de aventura e batalhas, mas a questão ideológica e a construção de um discurso e uma realidade que apresenta os povos nativos, está presente na obra. Temos a apresentação de nativos que assimilaram traços da religiosidade cristã, que foi imposta por aqueles que teriam o “destino manifesto” sobre as terras por direito divino. É importante salientar como a religiosidade passa também na construção do discurso literário na obra de Cooper.

Outra interessante introdução na vida dos nativos segundo a obra de Cooper é o álcool. Já vimos anteriormente essa questão, mas vale a pena citar novamente, mesmo que de forma mais resumida. Ela se relaciona ao personagem Maguá, que nos apresenta como esse elemento modificou atitudes, trouxe vícios e o levou a ser expulso de sua tribo. Segundo Sola

⁴⁷ “captou o verdadeiro espírito do Cristianismo. Aquele que é destinado a ser salvo será salvo e aquele destinado a ser condenado será condenado. Esta é a doutrina da verdade que consola o verdadeiro crente (Tradução livre Hugo Farias de Sousa)

⁴⁸ “Fica claro em frente aos seus olhos’, retrucou o batedor; e aquele que o possui não é mesquinho no seu uso. Eu já ouvi que existem homens que leem livros para se convencer de que há um Deus”(Tradução livre Hugo Farias de Sousa)

(1995) o álcool levou a determinada e rápida degeneração entre muitos indivíduos dos povos nativos, por conta da dependência, o que pode ter auxiliado até mesmo na crescente violência dentro das tribos.

"Justice," repeated the Indian, as he slanted a look of the fiercest expression to her inflexible countenance. "I am justice to do evil and so Am I punished for this?" Magua was not himself; it was the hot water that acted for he! But Munro didn't buy it. The Huron chief was bound before all the warriors palefaced and whipped like a dog"(Cooper, 1994, p.120)⁴⁹

⁴⁹ "Justiça", repetiu o índio, enquanto lançava um olhar da mais feroz expressão para o semblante inflexível dela. "Eu sou a justiça para fazer o mal e então sou punido por isso?" Magua não era ele mesmo; era a água ardente que agia por ele! Mas Munro não acreditou. O chefe Huron foi amarrado diante de todos os guerreiros com o rosto pálido e chicoteado como um cachorro"(Tradução livre hugo Farias de Sousa)

6.2.2 Pequena reflexão sobre os Estudos Pós coloniais e sua aplicação para análise da obra ‘The Last of the Mohicans’ como fonte de pesquisa.

A obra e o autor observados nos apresentam questões muito interessantes sobre o contato, as trocas, efeitos, sobre o encontro. Todavia devemos observar o lugar em que se encontra o autor para a sua escrita. Já observamos e analisamos sua formação, seu grupo social e seu lugar dentro de um projeto nacional em construção nos Estados Unidos do século XIX. Desta forma fica interessante observar como temos nesta obra algo mais relativo aos povos nativos e a determinadas consequências da colonização de suas terras, porém a todo momento esses nativos estão em posição inferior aos outros personagens, sendo liderados por exemplo. O protagonista, que é filho de pais brancos, mas que cresceu junto de nativos e se torna um guerreiro muito habilidoso, um ótimo caçador. Ele não é um nativo, mas um homem branco que se fez na fronteira, se formou nos limites da civilização, onde poderíamos encontrar a formação do cidadão dos Estados Unidos, de seus valores fundamentais. Ele, apesar de não ser um nativo, se torna melhor e mais habilidoso que eles, a ponto de liderar em caçadas.

Esse aspecto é fundamental para nossa interpretação, pois apesar de apresentar pontos de modificação da vida dos nativos e pontos negativos para a sua vida com a chegada do homem branco e com o processo de colonização, não temos de fato a voz do nativo, não temos este apresentando seu ponto de vista. Assim como Spivak (2010) nos apresenta, que os sujeitos tidos como subalternos não falam por si, não apresentam suas narrativas. No caso da obra de Cooper temos este autor branco e pertencente aos valores de formação nacional estadunidense no século XIX, escrevendo determinadas questões do ponto de vista dos nativos, esses últimos sendo sempre objeto de uma criação narrativa que leva à criação de realidades, mesmo que imaginadas, que podem acarretar em consequências na realidade concreta, fazendo com que a visão sobre esses povos seja definida e legitimada em prol do projeto e valores que se visa implantar na sociedade em construção.

As estruturas fundamentais das sociedades nativas foram muito afetadas com a colonização, a imposição de novas práticas, a sua expulsão de territórios originários. Segundo Sola (1995) temos a questão da migração para a sobrevivência, assim como na experiência argentina vista anteriormente. Temos uma modificação de práticas, de territórios originários, e um constante e novo contato com culturas diversas, o que poderia gerar e trazer um ponto de interpretação em relação a questões de construção identitária

“My tribe is the grandfather of nations, but I am an unmixed man. The blood of bosses is in my veins, where it will remain forever. the dutch they landed and gave my people the cachaça; they drank until the heavens and the earth seemed to meet, and they foolishly thought that they had found the Great Spirit. So they separated from the land. Foot by foot, they were driven from the coast, until I, that is, a Sagamore chief, saw no more the sun to shine through the trees and no longer visit the graves of my country” (COOPER , 1994 p.36)⁵⁰

Temos uma demonstração de questões de mudanças apresentadas pelo personagem Chingachgook sobre a distância de sua terra de origem causada pela chegada dos europeus e pelo processo de colonização. Processo esse que durante o século XIX ocorria de forma intensa em direção aos territórios do oeste, na busca pela formação do projeto nacional dos Estados Unidos. Com essas mudanças de territórios e contatos impostos, que levam a mudanças na estrutura social e na própria existência de várias tribos, podemos tentar observar algumas questões relacionadas ao Hibridismo. Se observarmos as ideias de Garcia-Canclini (2003), podemos perceber alguns processos de hibridização de ações onde práticas que eram de existência separada se misturam e formam novas. Porém temos que observar que essa mistura pode gerar construções identitárias positivas ou negativas, assim como nos apresenta Hall (2006), pois determinadas práticas podem ser vistas como ruins, negativas e serem eliminadas neste processo. No caso dos povos nativos dos Estados Unidos temos essas práticas sendo eliminadas de forma imposta, há uma nova cultura hegemônica se fazendo presente e que necessita retirar de forma física inclusive, toda e qualquer outra que se coloque de forma diversa aquela que está em construção.

O autor Cooper está incluído dentro desta perspectiva de não observar de fato a diversidade, tanto narrativa com vozes diferentes tendo a oportunidade de se expressar e de construção de valores. O homem americano que se constrói na fronteira se torna o cidadão que carrega os valores genuínos e que comanda a transição do que era antes primitivo para a civilização que virá e se colocará em seu lugar.

Não temos neste processo algum tipo de diálogo, tolerância, mas sim uma hierarquização e recriminação de práticas. Nativos tratados como inferiores, que faziam parte

⁵⁰ Minha tribo é o pai das nações, mas eu sou um homem puro. O sangue dos chefes está em minhas veias, onde fica para sempre. Os holandeses aportaram e deram para meu povo o álcool; Beberam até que os céus e a terra parecessem se juntar, e pensaram tolamente que tinham encontrado o Grande Espírito. Então eles se separaram da terra. Ficaram longe da costa, até que eu um chefe Sagamore, não mais vi o sol brilhar através das árvores e não mais visitei a sepultura de meus pais. (Tradução livre Hugo Farias de Sousa)

de culturas não cristãs, e, portanto, que eram contra o processo e valores empregados na construção nacional dos Estados Unidos do século XIX.

Podemos ter uma interpretação de que o protagonista da obra *Hawkeye* é um sujeito desse hibridismo forçoso que foi imposto eliminando muitas práticas nativas. Ele é dotado de valores e princípios que são dados ao homem estadunidense, em que Frederick Jackson Turner afirma ser a fronteira o lugar de mais rápido americanização, de se tornar este verdadeiro homem americano que domina a natureza, lidera e combate os nativos, e toma pelo “Destino Manifesto” as terras prometidas divinamente para este povo.

Na obra de Cooper podemos fazer um pouco de uma análise em relação ao hibridismo e como ele teve consequências para os povos nativos. Se pensar o híbrido como García-Canclini (2003), podemos observar o desaparecimento como algo importante a ser refletido. Os personagens entram em determinados conflitos que apresentam seus pontos divergentes sobre visões de mundo, onde temos muitas renúncias e principalmente consequências negativas para os nativos na imagem dos moicanos, onde tradições são abandonadas. A autora Smith (2006) nos fala que podemos interpretar e utilizar de maneira cautelosa a obra de Cooper para tratar de alguns aspectos do hibridismo cultural, por conta do assunto que ele trata em sua obra. “I had seen many regions and had shed much blood in different lands, before duty calls me to the islands of West India. There it was my destiny to form a bond with someone who in time became mine Cora's wife and mother” (COOPER, 1994 p. 187)⁵¹. Neste trecho podemos observar uma fala do Coronel Munro sobre sua filha Cora, e temos a visão de que ela provavelmente é filha de um afrodescendente, não sendo escocesa pura com sua irmã Alice. Na obra temos até mesmo a diferença que a mestiçagem poderia causar, Cora é mais aventureira, apaixonada, livre, enquanto sua irmã é apresentada como mais recatada, mais voltada para questões domésticas. Este ponto nos apresenta bem alguns valores interessantes que podem ser transmitidos para o leitor, com talvez finalidades próprias de alguma defesa de valores ideais.

Observando o protagonista podemos interpretar que a possibilidade de analisar as mesclas culturais no romance de Cooper, podem nos sugerir uma interpretação da criação do novo ser, que é híbrido em alguns aspectos, mas leva à condição da criação do que seria o povo estadunidense em construção, uma identidade americana, ou nos apresenta e utiliza a

⁵¹ “Vi muitas regiões e derramei muito sangue em diferentes terras, antes que o dever me chamasse para as ilhas da Índia Ocidental. Lá estava meu destino formar um vínculo com alguém que com o tempo se tornou minha esposa e mãe de Cora” (Tradução Hugo Farias de Sousa)

obra literária como uma ferramenta para disseminar os valores do que seria essa identidade americana.

Hawkeye é o protagonista, aparece com um herói, salvador, grande caçador e atirador. Ele é entendido como um típico e puro herói estadunidense desse período romântico. Assim como Daniel Boone, ele tem os mais nobres valores, cheio de boas virtudes, Ele tem vários simbolismos que exaltam sua figura em frente a dos outros. Podemos refletir aqui no ponto em que ele é esse ser americano que surge e deve ser valorizado, para a construção da nação, para o projeto de cidadania.

“The white man's appearance, judging from the parts not hidden by his clothes, looked like that of one who has had sufferings and trials from his youth. His appearance, though muscular, was muted rather than full; but every nerve and muscle seemed strong and hardened with overexposure and overwork. He wore a forest-green hunting shirt edged with faded yellow and a summer cap of furs that had been shorn. He also wore a knife at his belt, like those used to tie up the meager clothing of the natives, but no hatchet. His moccasins were trimmed in the gay fashion of the natives, while the only underwear that showed beneath the hunting tunic was a pair of suede leggings laced at the sides and secured to the knees with deer sinews. A pouch and horn completed his personal attire, though a rifle of great length, which the most ingenious whites' theory had taught him to be the most dangerous of all firearms, was propped on a nearby tree branch.”(COOPER, 1994 p.33)⁵²

Ele é apresentado como muito habilidoso, lida com o que de mais perigoso existe e se sobressai. Na história ele está escoltando o grupo e liderando os nativos pelas florestas e lidando com os perigos e protegendo a todos. Temos um simbolismo deste homem estadunidense, que se faz na fronteira, que se molda e desenvolve o caráter do cidadão que se deseja para aquela nação em construção. Temos que observar a diferença da apresentação de personagens nativos como o feito com Magua. Além disso, temos descrição dos aliados moicanos como Chingachgook, que é apresentado de uma forma diferente, com impressões

⁵² “A aparência do homem branco, a julgar pelas partes não escondidas pelas roupas, aparentava como a de alguém que teve sofrimentos e provações desde a mocidade. A aparência dele, embora muscular, era mais atenuada que plena; mas cada nervo e músculo pareciam fortes e endurecidos pelo excesso de exposição e trabalho. Ele usava uma camisa de caça verde-floresta, com bordas de amarelo enfraquecido, e um boné de verão de peles que tinham sido tosquiadas. Ele também usava uma faca na cinta, como as que costumam amarrar o escasso vestuário dos indígenas, mas nenhuma machadinha. Os mocassins dele eram ornamentados à moda alegre dos nativos, enquanto a única peça íntima que aparecia debaixo da túnica de caça era um par de pernas de camurça amarradas nos lados e presas aos joelhos com tendões de cervo. Uma bolsa e um chifre completavam seus atavios pessoais, embora um rifle de grande comprimento, que a teoria dos brancos mais engenhosos tinha lhe ensinado como a mais perigosa de todas as armas de fogo, estivesse apoiado em um galho de árvore próximo”(Tradução Hugo Farias de Sousa)

dadas em outras questões, focando em uma narrativa diversa, apesar de ser um nativo aliado na obra.

“His body, almost naked, bore a terrible emblem of death, drawn with mixed colors of white and black. The nearly shaved head, where not there was no hair except the famous warrior topknot, it was without ornament none, with the exception of a single eagle's feather that crossed his crown and hung over his left shoulder. A hatchet and a scalping knife, English manufacture, were in his strap; while an army short rifle, of the kind used by white cops to arm their savage allies, lay down carelessly on his bare, muscled knee. The distended chest, well-formed limbs and the serious countenance of this warrior denoted that he had reached the vigor of its days, though no signs of decay still seemed to have weakened his masculinity” (COOPER, 1994 p.32)⁵³

Aqui temos uma apresentação do corpo, do vigor físico, de questões relacionadas a um tipo de marca da morte que ele carregava, dando uma impressão de que era um portador de algo perigoso se não fosse controlado, tutelado e guiado. Seu vigor físico é valorizado na descrição, o que nos pode levar a refletir sobre as questões do homem primitivo, do homem natural, que se aproxima dos animais e que utiliza mais a força bruta do que a inteligência e racionalidade. Estas deveriam ser levadas pelo homem branco que os liderava, que os guiava e apresentaria a civilização a eles.

O personagem Hawkeye é compreendido aqui como o ser estadunidense ideal. Ele pode apresentar algumas mesclas interessantes, foi criado juntamente com os nativos, mas é filho de pais brancos e é um homem branco. Desta forma ele domina a fronteira, domina o território, se torna melhor do que os nativos que estavam à sua volta. Esta criação narrativa apresenta bem a construção de uma realidade ficcional que leva a disseminar ideais de que o homem branco americano é superior em qualquer situação, tem uma força e sabedoria que o faz imbatível perante os desafios apresentados, isso tudo em prol da construção da identidade nacional e do projeto de nação que se fazia nos Estados Unidos no século XIX.

⁵³ “Seu corpo, quase nu, apresentava um emblema terrível de morte, desenhado com cores misturadas de branco e preto. A cabeça quase raspada, onde não havia cabelo algum exceto o topete famoso e guerreiro, estava sem ornamento algum, com a exceção de uma única pena de águia que cruzava a sua coroa e pendia sobre o ombro esquerdo. Uma machadinha e uma faca de escalpe, de fabricação inglesa, estavam em sua cinta; enquanto um rifle curto do exército, do tipo usado pelos policiais brancos para armar seus aliados selvagens, deitava-se descuidadamente sobre seu joelho nu e musculoso. O tórax dilatado, membros bem formados e o semblante sério desse guerreiro denotavam que ele tinha alcançado o vigor dos seus dias, embora nenhum sintoma de decadência parecesse ainda ter debilitado a sua masculinidade” (Tradução Hugo Farias de Sousa)

Na obra de Cooper podemos ter algumas possibilidades de observação de aspectos relacionados aos povos nativos, à mestiçagem e às consequências da colonização e avanço territorial e até uma ótica relacionada ao hibridismo, todavia, assim como na obra de Sarmiento, não podemos observar a voz desses grupos atingidos, somente representações carregadas dos imaginários criados sobre esses grupos subalternizados. Isso nos leva a entender que os limites apresentados podem ser utilizados para uma reflexão que nos leve a compreender que essas obras poderiam sim ser ferramentas intencionais ou não na construção cultural hegemônica das nações em análise, e que ajudaram a criar ações na realidade concreta para o avanço territorial.

7 DESDOBRAMENTOS COMPARATIVOS DAS DUAS EXPERIÊNCIAS

Diante do que foi exposto, buscamos realizar uma reflexão e chegamos a alguns resultados interpretativos interessantes para a nossa pesquisa. A nossa questão geral era entender as possibilidades de se observar a literatura como umas das ferramentas para disseminação de valores e culturas, com finalidades específicas. No nosso caso tivemos as experiências de expansão territorial da Argentina e dos Estados Unidos durante o século XIX, utilizando as obras “Facundo; Civilização e barbárie” de Sarmiento e “O último dos Moicanos” de Cooper como fontes para fazer esta reflexão. Isto tudo com uma análise mais focada na experiência com o contato com os povos nativos.

Nesta análise tivemos a opção de analisar a obra literária como uma ferramenta para algo. Nos casos acima citados, para disseminar valores fundamentais para a construção e aplicação de projetos nacionais tanto nos Estados Unidos, quanto na Argentina. Entendemos que a obra literária pode ser entendida como um meio de disseminação, de justificação, legitimação, de ideais, valores, projetos, imaginários e realidades narrativas. Esta foi nossa opção de análise, nessa simples observação das duas experiências em nações distintas em um período de tempo similar. Fizemos a opção de observar estas experiências utilizando duas obras literárias para a análise da criação de imaginários e das possibilidades de usos da obra literária de forma intencional ou não para a aplicação dos projetos em voga.

É importante salientar que existem muitas formas de análise de obras literárias. Temos a reflexão da literatura como um espaço plural, como afirma Blanchot (1987), onde a obra abdicaria da verdade previamente estabelecida no meio social, para criar uma ambiguidade em seu espaço discursivo. Isso traria a literatura para o ponto de se tornar um espaço autossuficiente, espaço onde as regras devem ser diferentes das regras aplicadas no mundo em que vivemos. Segundo esta visão a literatura não serve para algo, ela não seria um reflexo do mundo, ou não seria apenas uma expressão do meio social.

“A obra — a obra de arte, a obra literária — não é acabada nem inacabada: ela é. O que ela nos diz é exclusivamente isso: que é — e nada mais. Fora disso, não é nada. Quem quer fazê-la exprimir algo mais, nada encontra, descobre que ela nada exprime.” (BLANCHOT, 1987, P. 12)

Esta citação de Blanchot mostra bem esta maneira de observar e entender a obra literária, e cabe a nós chamar a atenção para isso e não buscar definir o que fazemos como algo imutável ou único em modo a se relacionar com a fonte de pesquisa. Entretanto, como foi dito anteriormente, não foi esta a opção de análise que tomamos. Buscamos observar a obra como uma ferramenta para a disseminação de ideias e valores, e buscamos trazer análises para tentar apresentar essa possibilidade dentro da obra de Sarmiento e da obra de Cooper.

Podemos observar que a narrativa literária pode ter força muito grande dentro de um meio social. Ela pode criar realidades narrativas que são transferidas para ações da realidade concreta, pode criar verdades, e veicular imaginários e definições de espaços, comportamentos e valores. Nos casos observados podemos entender que os autores de forma mais ou menos intensa faziam parte de grupos interessados nos projetos nacionais em aplicação que levavam ao avanço territorial nas duas nações durante o século XIX, desta forma, fazendo com que as suas obras tenham mais força de importância e peso ao se refletir as ideias e os temas que tratavam.

Essas obras tratam também dos encontros ocasionados pelos avanços territoriais, ou pelos interesses nesses avanços, pela vontade de ocupar territórios antes não pertencentes às nações em estudo. Com isso temos as nações nativas de ambas as experiências sendo tratadas e observadas. Elas estavam no caminho do avanço territorial, estavam em seus territórios nativos, de origem, que eram territórios desejados para a colonização e o acesso a recursos naturais. Estes povos são apresentados como já vimos antes, com imagens estereotipadas, degradantes, inferiorizadas. Suas culturas não eram tratadas com respeito, mas sim como práticas que deveriam ser superadas.

No caso da Argentina temos a busca pelo branqueamento da nação, temos as chamadas Campanhas do Deserto, temos os nativos sendo apresentados como seres inferiores, seu território como um lugar que necessita de civilização, de vida, pois é apresentado como um ambiente de morte e de perigo.

No caso dos Estados Unidos temos a busca pela retirada dos povos de suas terras, um exemplo é a chamada Trilha das Lágrimas, que levou muitos povos nativos para reservas de maneira forçada, o que acabou com suas culturas e a própria existência de muitas etnias. Os povos nativos também eram apresentados como inferiores, o território como um ambiente perigoso, e que levaria à necessidade de se encontrar com a civilização.



Figura 01 - “American Progress” John Gast (1872). Óleo sobre tela com moldura de madeira dourada 11 ½ in x 15 ¾ in. A pintura é uma alegoria do “Destino Manifesto”, foi amplamente reproduzida e está hoje no Autry Museum of the American West em Los Angeles.

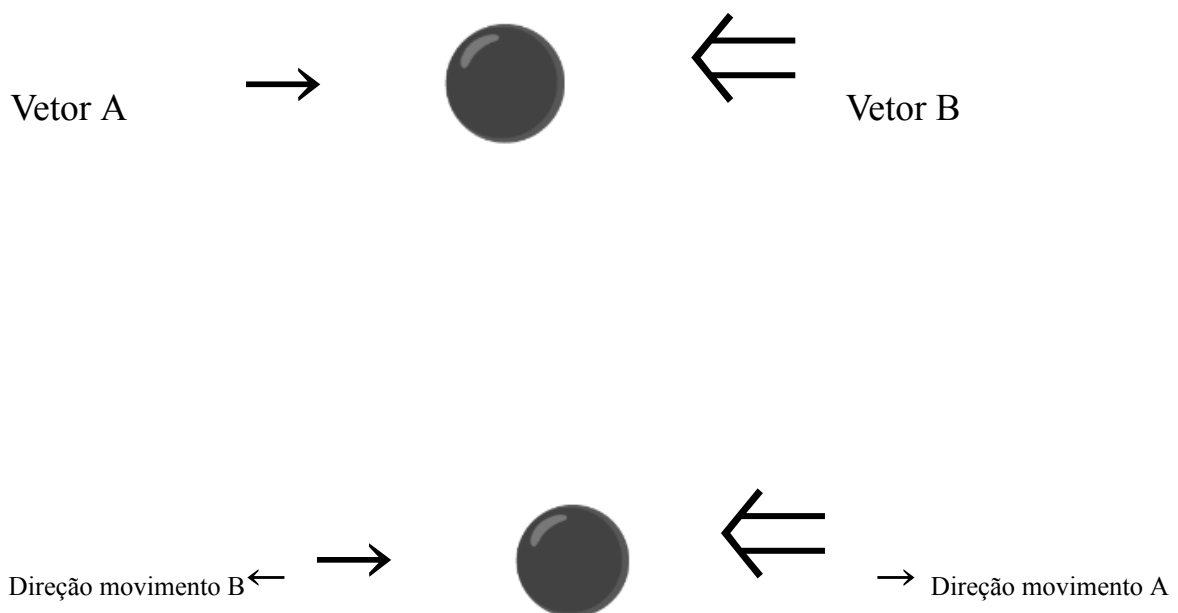
Fonte - <http://theautry.org/research-collections/collections>

Acima temos a pintura de John Gast (1872) chamada o “Progresso Americano”, onde temos a imagem de uma mulher branca de vestes brancas, carregando um livro escolar em uma mão e na outra um fio de telégrafo. Ela avança em direção às terras do Oeste, que seriam terras selvagens, vamos que na frente dela, na direção em que ela avança temos nativos e animais fugindo, enquanto com ela chegam colonos brancos, com ferramentas agrícolas e armas, plantações e ao fundo o trem. Ou seja, temos uma representação gráfica da ideia principal de colonização, que é a destruição de culturas e povos e a aplicação de outra no lugar, para a construção da nação.

Estas representações são importantes para pensarmos como as ideias, os imaginários e os valores estavam sendo disseminados na sociedade dos Estados Unidos do século XIX. Assim, como também na Argentina. Entendemos que as obras artísticas, como a literatura que foi utilizada como fonte de análise nesta pesquisa, foi um dos meios para se atingir a finalidade dos projetos nacionais em disputa.

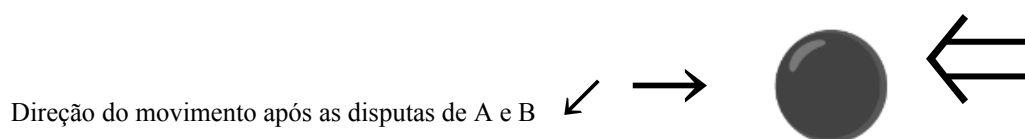
Neste processo cabe a nós salientar que o encontro foi algo inevitável. O embate de culturas se enfrentando, se chocando e disputando espaços muitas vezes por pura sobrevivência. Aqui pretendemos buscar as possibilidades futuras de traçar um estudo para a conceituação do encontro nesses casos.

A reflexão vai ser dada a partir do entendimento do encontro como uma articulação, onde forças distintas de diferentes direções se chocam em um embate para direcionar um novo caminho. Um exemplo seriam dois vetores de força que vem de direções distintas e se direcionam para caminhos diferentes, eles se chocam neste momento de encontro e buscam uma disputa de forças para os novos caminhos que serão tomados. Devemos lembrar que esses vetores nem sempre são iguais, têm força diferente, tamanhos diferentes, vantagens uns sobre os outros, mas isso não significa que sua vontade de direção seja completamente feita, pois vamos nos deparar com resistência neste encontro. Sendo assim, apesar do vetor de força maior conseguir ter muito mais influência no direcionamento do movimento futuro, não será totalmente livre da presença da vontade de direção do vetor mais fraco. Sendo assim, o movimento futuro será em uma direção diferente, mesmo que mais influenciada pelo vetor maior forte.





Ponto de Encontro (Disputas de força, tensão, negociação, ação, criação)



Estes encontros podem ser vistos também com vários vetores de força, que disputam o direcionamento do movimento nestes pontos de articulação dos movimentos. Podemos trazer isso para nossa interpretação das disputas de poder, de memória, de culturas, práticas, religiosidades e existência.

Nestes pontos de articulação, onde os movimentos são definidos, podemos buscar entender que as culturas se encontram, se defrontam, que são os lugares onde são criadas muitas categorias. Nestes locais os imaginários são descarregados, as narrativas são discutidas e difundidas para se criar condições de implantação da direção desejada pelos vetores.

No nosso caso poderíamos refletir o texto literário como sendo umas das ferramentas utilizadas nestes momentos de encontro, onde ações são estabelecidas, onde realidades são criadas por narrativas que influenciam ações no mundo concreto. Estes textos seriam

ferramentas para auxiliar a aplicação das direções estabelecidas, nos casos refletidos nessa pesquisa tivemos os projetos de Argentina e Estados Unidos. As obras literárias podem nos apresentar a força de criação de realidades, de disseminação dessas realidades narrativas criadas e que se colocam muito próximas daquele que faz a leitura. A literatura tem a força de estar presente de forma muita próxima, individual, quase íntima de seu leitor, lhe apresentando mundos, discursos, imaginários, narrativas e tendo influência direta em tomadas de ações que podem modificar a realidade concreta.

Ela pode apresentar discursos narrativos onde indivíduos e suas práticas são tomadas como perigosas, perniciosas, primitivas, que trazem atraso e malefício para que uma sociedade se desenvolva em direção a um objetivo traçado. Desta forma, o leitor é inundado com valores e ideias, que já estão circulando no meio em que vive, mas que são reforçados e afirmados ou justificados nas obras. Elas apresentam de forma mais ou menos intensa, mais ou menos clara, as visões estabelecidas sobre determinadas coisas, grupos, territórios ou indivíduos.

O papel que um texto literário pode ter em uma sociedade nos apresenta variadas possibilidades de lidar com o que chamamos de verdade. Temos disputas ocorrendo na escrita literária, disputas culturais, onde verdades são postas em foco, onde realidades ficcionais são transportadas para o concreto. Isto gera uma reflexão interessante para se pensar o papel do escritor, em como ele pode ser fundamental e ter mais relevância em determinadas experiências pelo alcance de sua narrativa, como aquele que leva ideias para o nosso íntimo, o dentro do que cada indivíduo carrega e leva para o meio ao qual faz parte.

Sendo assim, observar e refletir sobre o papel das obras literárias nas experiências de expansão territorial dos Estados Unidos e da Argentina durante o século XIX, nos apresentou inúmeras possibilidades de temáticas para aprofundamento de estudos. Assim como nos proporcionou entender que os textos literários podem ser ferramentas para a legitimação de valores hegemônicos e aplicação de ações práticas para construção de sociedades e destruição de culturas e povos.

Algo fundamental em nossa pesquisa é também analisar as influências mútuas que as experiências podem ter em reflexões comparadas. Por exemplo, Sarmiento era possivelmente um leitor de Cooper e um admirador da nação em formação Estados Unidos, assim como dos valores desta nação. Ele acaba cruzando com o ideário da formação social dos Estados Unidos e possivelmente com valores formadores daquela sociedade. Sendo assim, temos influências

na maneira como vai interpretar um caminho de desenvolvimento para a sociedade argentina que almeja. Isso vai estar presente em sua obra literária, para auxiliar na afirmação daquilo que é necessário, em sua visão para o desenvolvimento nacional argentino. Desta maneira, temos uma influência de uma experiência sobre a outra, o que pode nos trazer reflexões interessantes para serem analisadas em pesquisas futuras.

O estudo dessas experiências nos traz aspectos importantes para a legitimação de discursos, de práticas e de projetos nacionais. Se pensarmos nas influências que um pode ter na outra, podemos refletir sobre quais aspectos podem ser direta ou indiretamente ligados aos valores de uma sobre a outra

A escrita literária tem papel importante também nessa influência de uma experiência para com a outra. Se Sarmiento foi um leitor e admirador de Cooper, ela pode ter sido influenciada diretamente pelas obras e os valores estabelecidos ali. Assim como a visão do território, dos habitantes daquele território, das figuras ligadas ao passado e ao que representaria o futuro e o desenvolvimento daquele território e dos processos civilizatórios.

Desta maneira podemos refletir sobre possibilidades de estudos que trabalhem as trocas que os próprios textos podem fazer, em apresentar imaginários que talvez tenham mais uma visão pré estabelecida e até mesmo externa, do que uma visão construída com base na própria experiência vivida naquele território.

Um exemplo para isso, são os imaginários a respeito dos nativos, que são muito próximos daqueles encontrados nas obras de Cooper. Podemos tentar analisar como as duas obras se ligam, ou se houve influências em relação a estes imaginários. Temos possibilidades de observar outras obras e experiências, com a finalidade de tentar perceber se há alguma ligação em aspectos da narrativa que possa estabelecer ligações entre elas. Além disso, temos que observar se os imaginários são distribuídos por influência de uma experiência para com a outra, ou se são imaginários que acabam tendo uma mesma origem em comum, portanto podem apresentar caminhos parecidos em relação a construção narrativa de ambos.

A reflexão que tende a observar a construção de imaginários, que levam a uma construção de realidades a partir de narrativas literárias, deve ter em sua ótica a possibilidade de ampliação de horizontes, onde devemos incluir as tentativas de interpretação. A possibilidade de observar as construções de realidades pelos povos atingidos no real concreto pelo avanço territorial, por exemplo, como vimos anteriormente, não vamos conseguir

observar estas visões, mas podemos entender que elas existem e que aqueles são afetados pelas concepções criadas a partir das narrativas literárias que funcionam como ferramentas para projetos de nação.

Os imaginários disseminados por essas narrativas, podem nos remontar a ideias e visões, que são anteriores às experiências relatadas. Visões dos nativos como as que observamos podem estar presentes já no processo de colonização do continente americano, remontando à Idade Moderna. Desta forma, podemos entender que temos visões que fogem da questão prática muitas vezes, que se ligam somente a pré concepções e ideias de superioridade, que se fazem muito ativas para um processo de dominação e civilização imposto para os territórios em voga.

Nas duas experiências analisadas, temos visões dos habitantes nativos como selvagens, primitivos, incivilizados. Desta forma, podemos inferir que ambas se utilizam desta narrativa para justificar a ocupação territorial, o uso da força, a violência, a destruição de superação cultural. Para tanto, é necessário criar, em ambas, uma imagem que circule socialmente de que as práticas e modo de vida daqueles que antes ocupavam aqueles territórios é perigosa a noção de civilidade e progresso humano. Sendo assim, nos dois processos podemos encontrar visões pejorativas e uma criação de uma realidade, através da narrativa literária, sobre os povos nativos.

Sendo assim, montou-se uma realidade, criou-se um norte a ser seguido, que traria liberdade, civilidade, progresso e colocaria os valores nacionais em prática. Todavia, é importante salientar que nos dois processos não temos nos projetos nacionais em disputa a presença de interesses dos povos nativos, mas sim a busca pela sua eliminação, assim como visto nas chamadas “Campanhas do Deserto”. Nos Estados Unidos temos um exemplo com a retirada dos nativos de suas terras de origem para reservas, que ficam conhecidas como “Trilha das Lágrimas”. São dois exemplos interessantes para refletir sobre realidades criadas a partir de intenções apresentadas na literatura, que pode ser observada como uma ferramenta para a legitimação e disseminação de valores para a justificação de ações políticas diretas contra povos e territórios de interesse.

Comparar experiências como estas nos traz inúmeras possibilidades de pesquisas. A questão da criação da narrativa literária é uma delas. Pesquisar sobre o ambiente literário de cada nação é interessante para fazer uma reflexão sobre as tradições a que cada uma se ligava, onde estavam suas influências, que tipo de temática cada uma trata com maior intensidade.

Nos casos analisados podemos perceber certa influência e uma ligação forte com a construção da literatura nacional de cada Estado. Temos os heróis nacionais sendo estabelecidos, os inimigos sendo apresentados, a cultura hegemônica ou não sendo tratada nos textos, sendo disseminada, trazendo configurações culturais importantes para a formação nacional. A literatura aqui, teve um papel essencial, pois as duas nações estavam em plena formação social, cultural, econômica e territorial durante o século XIX, temos na comparação das duas experiências a percepção da importância do texto, da narrativa, na criação de realidades, imaginários, homogeneidades, padrões de pensamento, que são essenciais para a formação e aplicação de projetos nacionais.

O nativo como selvagem, primitivo, não civilizado, desligado e afastados das luzes das letras, em ambas as experiências nos apresenta os interesses muitas vezes não escondidos, mas claro em letras de leis como as das “Campanhas do Deserto”, onde era mais importante exterminar fisicamente, culturalmente, epistemologicamente, do que agregar, do que buscar o plural. Era mais importante a destruição de modo de vida e se necessário a destruição daqueles que mantinham determinados modos de vida, do que a sua integração social. Na Argentina temos quase que total extermínio dos povos nativos, principalmente daqueles que viviam nas regiões pampeanas. Se buscava um interesse no branqueamento nacional, na presença e influência cultural do modelo europeu, trazendo imigrantes europeus para colonizar as terras que eram dos nativos.

Neste caso podemos perceber algumas diferenças em relação aos Estados Unidos, onde não necessariamente se buscava abrir espaço para a presença e o modelo europeu, mas para a criação da nação que teria o “Destino Manifesto” de estar e tomar aqueles territórios. Entretanto, de uma jeito ou de outro, a literatura criou espécies de realidades que foram ferramentas para ações concretas.

O texto literário nas duas experiências ajudou a disseminar o pensamento hegemônico de construção nacional, com o trabalho de pesquisa utilizando a comparação podemos experimentar e observar as similaridades, influências, trocas mútuas, entre tantas outras possibilidades das duas nações e do uso da literatura para auxiliar a construção do projeto nacional.

Uma das questões que o processo de pesquisa comparativo, por nos permitir diversas possibilidades de experimentação, o que acreditamos ser de grande importância para o trabalho de pesquisa, nos traz é a possibilidade de observar e tentar conceituar o encontro. Da

forma como foi exposta anteriormente: Uma disputa de forças que direciona um movimento, uma construção. Com a nossa observação um pouco mais focada no encontro com os povos nativos dos territórios, podemos experimentar entender como as narrativas literárias estavam trabalhando em favor de apresentar esses encontros.

Embates culturais travados em realidades criadas e imaginários disseminados para a transformação de territórios, de quem habitava aqueles territórios, do que seria valorizado, das religiosidades e conhecimentos. O mundo civilizado branco se encontra com o que ele definiu que não era civilizado, e que necessitaria ser ultrapassado, ser dominado e exterminado se necessário. O momento do encontro pode nos apresentar a força da permanência, da resistência, da sobrevivência, que o texto literário dos autores trabalhados não vai nos apresentar, pois eles estão ligados a um lado das forças desses encontros. Aquilo que se perdeu em epistemologias que ficaram enterradas no extermínio de seus detentores, não tem retorno, não tem volta, forças que modificaram direções, caminhos e culturas.

A obra literária trabalha nas experiências observadas auxiliando nas transformações que os encontram proporcionam, apresentando mundos, aventuras, perigos, inimigos, o que deveria ser aceito e o que não deveria ser mais tolerado. A criação da verdade se faz nas narrativas e auxilia na direção em que as sociedades estavam seguindo, a escrita tem um poder nos projetos que se fizeram presentes, que construíram as nações e moldaram seus futuros. Deixamos aqui as reflexões de como a narrativa sobre algo é muito importante para determinar verdades e o real concreto. A obra de arte tem um poder de atingir intimamente aquele que está consumindo. Portanto, pode ser utilizada como uma ferramenta para algo maior.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o texto literário nas experiências analisadas teve papel importante para a criação de imagens que serviriam de base para a criação de ou justificação de políticas, na criação de leis e na visão que validava a imposição cultural, em uma afirmação de hierarquia entre homens, onde os nativos presentes nos territórios desejados para a expansão territorial, eram tratados e vistos como inferiores, tanto de forma clara, como de forma mais velada, na apresentação de personagens que eram sempre liderados, levados a abandonar seus costumes, suas práticas e suas culturas. Temos também a visão da falta de compatibilidade das culturas nativas com os projetos que seriam implantados nas nações em construção, sendo assim a sua retirada, ou até mesmo o seu extermínio poderia ser justificado, tendo em vista a sua falta de aplicação naquilo que seria o padrão social e cultural.

Desta forma, entendemos que a reflexão comparada de obras literárias para a observação de visões e culturas em experiência como as analisadas é algo que podemos e devemos explorar nas pesquisas historiográficas. Temos a possibilidade de experimentar e observar e chegar a conclusões interessantes, que podem trazer contribuições e reflexões para a historiografia sobre a História da América e sobre o estudo de fontes para pesquisa histórica.

Além disso, cabe refletir sobre como devemos olhar para a história vista por outros olhos, por outras narrativas, pelos povos atingidos pela expansão territorial por exemplo, e ter cada vez mais possibilidades de diversidades narrativas e construção de discursos diversificados. Mas acreditamos que, para isso, se faz essencial refletir sobre os imaginários e as narrativas oficializadas que geraram silenciamento e preconceitos que se fazem presentes até hoje em nossos meios, e criar esforços para cada vez mais ouvir outras vozes e fontes de análises e experimentar, para ter a oportunidade de descobrir e ter mais diversidade epistemológica.

REFERÊNCIAS

FONTES.

COOPER, J. F. **The last of the Mohicans**. London: Penguin Books, 1994.

COOPER, J. F. **The Last of the Mohicans**. New York: Barnes & Noble Classics, 2004.

COOPER, J. F. **The Pioneers**. Penguin Group, 1988.

SARMIENTO, Domingos Faustino. **Facundo civilización y barbarie**. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.

SARMIENTO, Domingos Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996.

AGN - <https://www.argentina.gob.ar/interior/archivo-general-de-la-nacion>

AHC- <https://cultura.cba.gov.ar/archivo-historico-de-la-provincia-de-cordoba/>

Referências Bibliográficas.

ALTAMIRANO, Carlos, SARLO, Beatriz. **Ensayos Argentinos.** (Sobretudo cap 3) De Sarmiento a La vanguardia. Ariel, 1997.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism.** Verso:2016.

AVILA, Arthur Lima .**Da história da fronteira à história do Oeste: fragmentação e crise na *Western history* norte-americana no século XX** .From the history of the frontier to the history of the West: Fragmentation and crisis in American Western history in the 20th century. História Unissinos .

ALTO, Romulo Monte.**A literatura nas fronteiras do imaginário moderno latino-americano.** Tese de doutorado em Literatura Comparada UFMG:

BALESTRIN, Luciana. **América Latina e giro decolonial.** Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago., 2013.

BARROS, José D' Assunção. **Os usos da temporalidade na escrita da História.** Saeculum. Revista de História. João Pessoa. 2005.

BHABHA, Homi.**O Local da Cultura.** ED. UFMG, Belo Horizonte, 2005.

BLENGINO, Vanni. **La zanja de la Patagonia.**2005.

BORGES,Valdeci Rezende.**História e Literatura:Algumas considerações.**Revista de teoria da História.Ano 1, Número 3, Junho/2010 UFG.

BURCHEL, R.A. e GRAY,R.J. **Introdução aos estudos americanos.Capítulo 5 :A Fronteira de colonização oeste.**RJ.Forense universitária.1981.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes.– São Paulo: Unesp 1992

CANDIDO,Antonio. **Literatura e Sociedade.**Rio de Janeiro.Ouro sobre Azul.2006.

CANSANELLO, Oreste Carlos. **“Ciudadano/vecino”.** In: GOLDMAN, Noemí (ed).Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. Buenos Aires: Prometeo, 2008.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Quarteto Editora. Coimbra, 1ªed., 2001.

CERTEAU, Michael de. **A escrita da História.** Forense universitária, Rio de Janeiro.

CHARTIER, Roger, **A História Cultural entre Práticas e Representações**. 2ed. Rio de Janeiro:2002.

CHARTIER,Roger.Debate;**Literatura e História**.Divulgado na revista TOPOI. 05 novembro de 1999.

COUTINHO,Afrânio.**Conceito de Literatura brasileira**.1ª edição.Livraria acadêmica,RJ .1960.

DELRIO, Walter Mario. **Memorias de expropiación: sometimiento e incorporación indígena en la Patagonia(1872-1943)**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2005,

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**.4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo – história de uma polêmica**. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GONZÁLEZ BERNALDO DE QUIRÓS, Pilar. **Civilidad y política en los orígenes de la nación argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862**. Buenos Aires: FCE, 2001.

GUERRA, François Xavier. **Inventando La nación. Siglo XIX**.Fondo de cultura econômica México, 2003.

GUAZZELLI,Cesar Augusto Barcellos.**Representações em conflito:A construção literária dos fronteiriços nos EUA e no Rio da Prata durante o século dezenove.Pioneiros; Da Lousiana às montanhas rochosas**.Textos de História,Volume 16, nº 2, 2008.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismo**. Gradiva: Lisboa,1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IVANO,Rogério.**Crônica de Fronteira;Imagens e imaginário de uma terra conquistada**.USP.

JUNQUEIRA,Mary Anne.**Estados Unidos; A consolidação da nação**.São Paulo.Contexto.2001.

KARNAL, Leandro.**História dos Estados Unidos;Das origens ao século XXI.**São Paulo.Editora Contexto.2007.

KNAUSS,Paulo(org). **Quatro ensaios sobre a História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner.**Niterói.EDUFF.2004.

LEVAGGI, Abelardo. **Paz en la frontera. Historia de las relaciones diplomáticas con las comunidades indígenas en la Argentina (siglos XVI – XIX).** Buenos Aires: Universidad del Museo Social Argentino, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Editora Unicamp. São Paulo, 1990.

LIMERICK,Patricia Nelson.**The Legacy of the conquest; the unbroken past of the american west,**Norton edition.2006.

LENS,Sidney.**A formação do império americano, da revolução ao Vietnã; Uma história do imperialismo dos EUA.**Rio de Janeiro.Civilização brasileir.2006.

LUZ, Nícia Villela. F. J. **Turner e a tese da Fronteira Americana: a propósito de The Frontier in Perspective** de *revista USP*, 1962.

MASES, Enrique. **Estado y cuentión indígena. El destino final de los indios sometidos en el sur del territorio (1878-1910).** Buenos Aires: Prometeo, 2002

MARTINS, Maria Antonia Dias.**Literatura Portuguesa de Resistência; A mulher, a guerra e o intelectual como armas de luta contra o Salazarismo.**USP.2006.

NASCIMENTO,Ayrton Matheus da Silva Nascimento; SANTANA, Pedro Abelardo de. **Decolonialidade: Contribuições para (Re)Pensar a História.**Revista de Ciências Humanas CAETÉ 2020. V2. Nº3, p. 167-178.

NOGUEIRA, Sheila Lima. **Repensando a aula de História; decolonialidade, resistência e protagonismo.**Dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História – Mestrado Profissional de Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020

OLIVA,Anderson Ribeiro.**Lições sobre África; Diálogo entre representações dos africanos no imaginário ocidental.**Programa de pós graduação da UNB.2007.

PASSETTI, Gabriel. **Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885).** Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH, USP, São Paulo, 2005.

PAMPLONA, Marco A.; MÄDER, Maria Elisa (org). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: região do Prata e Chile**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo, Mundo Nuevos Debates, 2006.

PRADO, Maria Lígia. **América Latina no século XIX: tramas telas e textos**. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

PURDY, Robert Sean .**A história comparada e o desafio da transnacionalidade**. VII Encontro Internacional da ANPHLAC (Anais). Campinas, 2007.

REICHEL, Heloisa Jochims. **A participação dos indígenas na construção do Estado argentino (1810-1852)**. Projeto História, São Paulo, vol. 31, 2005.

_____. **Contribuição para o estudo da formação social capitalista na América Latina: o caso da Campanha de Buenos Aires – 1830-1840**. Tese (Doutorado em História Social). FFLCH, USP, São Paulo, 1989.

_____. **Personagens fronteiriços em tempos de guerra – a região platina (1811-1820)**. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia R. C.; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.) **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**.

Franca: Unesp; São Paulo: Olho d'água, 2003.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Editora Clacso. 2005

ROGIN, Michael Paul. **Fathers and Children: Andrew Jackson and the subjugation of the American Indian**. Alfred A. Knopf, New York, 1975.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão; Tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo. Editora Brasiliense. 4ª edi. 1995.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da(org). **Uma nação com alma de igreja; Religiosidades e políticas públicas nos EUA**. São Paulo. Paz e Terra. 2009.

SMITH, Henry Nash. *Virgin Land; The American west as symbol and myth*. Harvard university press. Cambridge 1950.

SMITH, Anthony. **Etno-symbolism and Nationalism: a cultural approach**. Routledge: Oxon/New York, 2009.

SMITH, L. C. **Cross-Cultural Hybridity in James Fenimore Cooper's The last of the Mohicans**. American Transcendental Quarterly, v. 20, n. 3, p. 527-552, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOLA, J. A. **Os índios norte-americanos: cinco séculos de luta e opressão**. São Paulo: Moderna, 1995.

TRACHTENBERG, Alan. **The incorporation of America**. Nova York. Hill and Wang. 1997.

TOTA, Antonio Pedro. **O Americanos**. Editora contexto.

TERNAVASIO, Marcela. **La Revolución del voto. Política y elecciones en Buenos Aires, 1810-1850**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **As Morais da História**. Editora Europa América. 1991.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Editora Unesp, São Paulo. 2011.

WIMMER, Andreas & FEINSTEIN, Yuval. **The Rise of the Natio-State across the World, 1816 to 2001**. In: American Sociological Review. No 75(5). Oct, 2010.